



Filomena Paiva Silvano

# MOBILIDADE E ENRAIZAMENTO: AS TRANSFORMAÇÕES DA IDENTIDADE

Um estudo das representações do espaço  
em Guimarães, Vizela e Santa Eulália

Universidade Nova de Lisboa

Filomena Paiva Silvano

**MOBILIDADE E ENRAIZAMENTO : AS TRANSFORMAÇÕES DA  
IDENTIDADE**

**Um estudo das representações do espaço em Guimarães, Vizela e Santa  
Eulália**



Dissertação de Doutoramento em Antropologia

Especialidade Antropologia Cultural e Social

Orientador : Professor Doutor Augusto Guilherme Mesquitela Lima

Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Antropologia

1994

41723

---

## ÍNDICE

<b>Apresentação</b>	<b>8</b>
 <b>Introdução</b>	
<b>MOBILIDADE E RECOMPOSIÇÃO IDENTITÁRIA ORDENAR O HETEROGÉNEO</b>	<b>14</b>
Reconfigurar os pormenores	22
Gerir as distâncias	27
Espacialidades desajustadas	33
Um espaço "melting pot"	37
 <b>Escalas de representação do espaço</b>	<b>41</b>
Escala local e escala regional	41
A presença do ausente	46
 <b>Diversidade urbana e exclusão territorial</b>	<b>51</b>
Uma sociedade horizontal	51
  <b>Primeira parte</b>	
<b>O OBJECTO DE ESTUDO REPRESENTAR O ESPAÇO</b>	<b>61</b>
<b>Pontos de partida para a análise e interpretação     das representações do espaço</b>	<b>67</b>
Ponto de partida nº1	67
Ponto de partida nº2	68

Ponto de partida nº3	69
Ponto de partida nº4	69
<b>MÉTODO</b>	
<b>ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO</b>	71
<i>Observar o quê?</i>	72
<i>Observar como?</i>	74
Os topónimos	78
Os temas	82
Os modos de espacialização	84
A codificação	85
Ficheiro e tratamento de dados	86
Registo fotográfico	88
<i>Observar em Quem?</i>	89
Os resultados	89
O nosso trabalho	91
 <b>A CONSTRUÇÃO DE UMA PROBLEMÁTICA</b>	
<b>DINÂMICAS ESPACIAIS E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL</b>	107
Do espaço local ao espaço regional : uma transformação pacífica	108
O lugar da cidade na construção do espaço local	112
O espaço local como factor de bloqueamento	117
<i>Representação do espaço e Mito de fundação</i>	122
Espaços administrativo, social e simbólico : ajustes e desajustes	122
 <b>Segunda parte</b>	
 <b>O TERRENO</b>	
<b>UMA PERIFERIA DE UM PAÍS SEMIPERIFÉRICO</b>	130
O vale do Ave	133
O concelho de Guimarães	135
Uma cidade, uma vila e uma aldeia	139
Uma problemática administrativa	145



<b>O TERRENO</b>	
<b>UM TERRITÓRIO EM COMPOSIÇÃO</b>	156
Entre a memória e a mudança - um espaço dinâmico	158
Entre o rural e o urbano - um espaço revalorizado	162
Entre o mecânico e o orgânico - um espaço diferenciado	164
Entre território e rede - um espaço percorrido	170
Entre inclusões e exclusões - um espaço negociado	176
Entre enraizamento e cosmopolitismo - um espaço vivido	178
<b>Especificidades territoriais</b>	181
Guimarães e Vizela - um espaço político	182
Vizela e Santa Eulália - um espaço social	183
Vizela - uma vila homogénea?	185
 <b>Terceira parte</b>	
 <b>CIDADE DE GUIMARÃES</b>	
<b>UM ESPAÇO EM RISCO DE FRAGMENTAÇÃO</b>	209
Um espaço económico orgânico	214
 <b>CIDADE DE GUIMARÃES</b>	
<b>UM TERRITÓRIO DIFÍCIL</b>	230
<i>Um território em risco</i>	234
Um espaço de inclusão simbólica	234
Dois projectos de espaço	249
Vizela - um exemplo a evitar	262
<i>Um território em perspectiva</i>	267
A hipótese de ser capital	267
Novos géneros de vida e revalorização do rural	274
<i>Guimarães - ainda uma cidade tradicional e já uma cidade moderna</i>	279
 <b>VILA DE VIZELA</b>	
<b>UM NOVO ESPAÇO DE INCLUSÃO</b>	286
Vizela - uma vila heterogénea ?	287
Nem inclusão nem exclusão, antes um novo espaço (o efeito <i>double bind</i> )	289
Formas e sentidos para a centralidade vizelense	296

<b>VILA DE VIZELA</b>	
<b>TERRITÓRIO E CONTESTAÇÃO - SER CONTRA OS OUTROS</b>	327
Território e memória	334
<i>Composição de um território</i>	336
Uma paisagem	336
Um lugar de fundação	343
Um vale e um rio	344
<i>Organização de um território</i>	349
Uma centralidade tradicional	349
Uma centralidade ritual	352
Descendência e autonomia	356
Violência e orgulho	364
Um espaço hostil e uma posição subvalorizada	367
A reivindicação de uma centralidade	370
<i>Mobilidade e auto centração</i>	372
<i>Exclusão territorial e mobilização afectiva</i>	377
 <b>ALDEIA DE SANTA EULÁLIA</b>	
<b>SANTA EULÁLIA E VIZELA : UMA REPRESENTAÇÃO CONJUNTA</b>	384
Mobilidade e transformação do espaço	387
Um espaço económico mecânico	391
 <b>ALDEIA DE SANTA EULÁLIA</b>	
<b>GÉNEROS DE VIDA E TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO</b>	405
<i>Santa Eulália e Vizela - uma interacção territorial</i>	410
<i>Um espaço de mobilidade organizado em espiral</i>	419
A partir do centro : uma aldeia em expansão	422
<i>O espaço tradicional envolvente</i>	429
Novas práticas laborais	432
Novas relações familiares	435
<i>O espaço urbano1</i>	438
Novas formas de sociabilidade festiva	440
Novas formas de estar em público	443
<i>O espaço urbano2</i>	445

**Quarta parte**

**O TERRENO**

**UMA ABORDAGEM INTEGRADA 452**

Guimarães e Vizela - duas representações incompatíveis 457

Vizela e Santa Eulália - duas representações compatíveis 463

**A Região 465**

Dinâmica e diversidade 465

Hierarquia e exclusão 468

Complexidade e transformação 471

Novos espaços identitários 474

**Conclusão**

**ENTRE O LOCAL E O GLOBAL 480**  
**"A ADIÇÃO DO DIVERSO"**

**BIBLIOGRAFIA 488**

---

## APRESENTAÇÃO

No início do ano lectivo de 1982/1983 fui contactada, tal como outros recém-licenciados em Antropologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, para uma reunião com o Professor Doutor Augusto Guilherme Mesquitela Lima e o Professor Doutor Pierre Pellegrino - directores nacional e internacional, respectivamente, do projecto PNUD/POR/81/003/A/01/13 "Spatial Development" - com vista à escolha de dois assistentes para integrarem a equipa de investigação do referido projecto. Após a selecção iniciei, em conjunto com o Dr João Neves, um percurso de investigação que, por estar na base do trabalho que agora apresento, me merece aqui uma atenção particular.

A investigação teve início no projecto "Spatial Development", que foi co-financiado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (em colaboração com a Organização das Nações Unidas para a Ciência e a Cultura (UNESCO)) e pelo Governo português. O financiamento português foi feito através do Ministério do Planeamento e Ordenamento do Território (por intermédio do Gabinete para a Cooperação Económica

Externa e do Instituto de Análise da Conjuntura e Estudos de Planeamento) e do Ministério da Educação (por intermédio do Centro de Estudos de Sociologia (CES) da Universidade Nova de Lisboa, integrado no então Instituto Nacional para a Investigação Científica).

As instituições acima referidas permitiram que surgisse em Portugal um projecto de investigação filiado num trabalho científico anterior, desenvolvido em França e na Suíça pelo Centre d'Architecture et Architecturologie (CRAAL), centro de investigação da Universidade de Genebra dirigido pelo Professor Doutor Pierre Pellegrino. O projecto "Spatial Development" trouxe nesta circunstância para Portugal uma metodologia específica e testada, baseada numa abordagem inovadora e original dos problemas relacionados com os processos de regionalização.

Ao longo de dez anos de trabalho conjunto com uma equipa interdisciplinar (inicialmente como assistente do Projecto e posteriormente como bolseira da UNESCO e da Federação Helvética, no quadro do Conselho da Europa) tive oportunidade de aprender a abordar um objecto de estudo novo para mim (*as representações do espaço*). Como o período de colaboração foi longo, permitiu-me também fazer a integração desse saber no campo disciplinar que era, por formação, o meu - o da antropologia, hoje mais especificamente o da antropologia do espaço.

O trabalho agora realizado resulta de um processo individual de integração dos conhecimentos, marcado por alguns momentos de produção científica, tanto colectiva como individual. Entre eles destacaria a obra colectiva "Espace et développement, Développement spatial et identités régionales au Portugal" (Pellegrino 1986a) e as teses de mestrado de três

colaboradores (João Neves (1988), Paulo Silva Santos (1987) e Filomena Silvano (1988)), sem no entanto deixar de referir os trabalhos realizados posteriormente por uma nova geração de antropólogos, também influenciados pelas relações científicas e institucionais que surgiram na continuidade do projecto iniciado há dez anos.

A investigação que integra esta tese utiliza a metodologia inicial do projecto "Spatial Development", aplicada a um terreno inquirido no seu início mas que até aqui não havia sido analisado (o terreno Norte/Litoral, constituído por Guimarães, São João de Vizela, São Miguel de Vizela e Santa Eulália). Trata-se pois de uma investigação que deve muito ao processo que lhe deu origem, e consequentemente a todos os seus intervenientes, mas que no entanto é, principalmente nos seus pontos fracos, da minha inteira responsabilidade.

\*\*\*

O trabalho que aqui se apresenta surge na continuidade de um longo percurso de investigação e, por isso, envolveu muitas pessoas e instituições a quem estou grata. Gostaria no entanto de agradecer às pessoas directamente implicadas no trabalho de investigação que realizei, com o objectivo de escrever uma tese de doutoramento, nestes últimos três anos.

Ao Professor Doutor Mesquitela Lima, meu orientador, agradeço o apoio teórico e metodológico, assim como a confiança que depositou, desde o início, no meu projecto de tese de doutoramento; ao Professor Doutor Pierre Pellegrino o apoio científico e a disponibilidade com que me recebeu

nas minhas estadas em Genebra; ao João Neves, a amizade que permitiu que trabalhássemos em conjunto num projecto que já é longo. Ao Professor Doutor Yañez Casal e ao Professor Doutor Bracinha Vieira em particular, mas também a todos os colegas do Departamento de Antropologia da F.C.S.H., as conversas informais e a troca de informação bibliográfica relativa ao tema do meu trabalho

Fico ainda grata pelo apoio das instituições que criaram as condições materiais indispensáveis à realização do projecto de trabalho inicial : à Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Antropologia, agradeço a concessão de três anos de dispensa de serviço docente; à Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica a concessão de uma bolsa de Doutoramento e o financiamento de uma parte da recolha e tratamento de dados no quadro do projecto "Ser português em Portugal - estudo multidimensional das identidades nacional, regionais e locais"; à Fundação Gulbenkian o financiamento de viagens para participar em reuniões científicas.

Agradeço também ao Professor Doutor Valente de Oliveira, actual Ministro do Plano, ao Presidente da Câmara de Guimarães e aos Presidentes das Juntas de Freguesia de São João de Vizela, São Miguel de Vizela e Santa Eulália a disponibilidade e o apoio que nos concederam durante os períodos de realização dos inquéritos, agradecimento que estendo a todos os outros entrevistados.

Finalmente, gostaria de agradecer à Maria Teresa Martins, à Ana Barquina e à minha mãe a infinita paciência de ler e corrigir o manuscrito; ao Alexandre Melo, à Ana Toscano Rico, ao Carlos Jorge, à Catarina Lobo,

à Isabel Guerra, ao João Leal, ao José Manuel Cavaleiro, ao José Portugal, ao Luís Rocha, à Maria dos Anjos, à Maria José Fazenda, ao Nuno Távora, ao Orlando Carvalho, ao Octávio Gameiro, à Rosa Carvalho, à Rosário Germano e à Tereza Coelho, a resposta pronta aos pedidos de ajuda que lhes dirigi ao longo do trabalho; à Isabelle Excoffier a hospitalidade com que me recebeu nas minhas estadas em Genebra.

Este trabalho é dedicado aos meus pais.



---

## INTRODUÇÃO

## **MOBILIDADE E RECOMPOSIÇÃO IDENTITÁRIA**

---

### **ORDENAR O HETEROGÊNEO<sup>1</sup>**

"Le mouvement est la transition  
d'une attitude à une autre"

Rodin

Num texto que pretende pensar a relação entre a produção artística e a cultura do início do século, Simmel (1990) defende que a escultura de Rodin criou uma nova *forma*, um estilo que significou uma outra possibilidade de expressão. Ao colocar a *mobilidade* do corpo no centro da sua representação Rodin deu, segundo Simmel, forma plástica a uma consciência cultural emergente : "*cette tendance à la mobilité est la relation la plus profonde de l'art moderne en général au réalisme ; la mobilité croissante de la vie réelle ne se manifeste pas seulement dans la mobilité identique de l'art, mais le style de la vie et celui de l'art proviennent tous les deux de la même racine profonde*" (supra : 126). Se assim era em 1923, é-o hoje de forma ainda mais evidente.

---

<sup>1</sup> Retomo aqui algumas das ideias do texto : Silvano (1994) "*Gerir as distâncias : mobilidade e recomposição identitária*", in : Antropologia Portuguesa, Vol.12.

Colocar a noção de *mobilidade* no centro da reflexão sobre a sociedade contemporânea parece-nos um bom ponto de partida. Por isso propomos que o objecto central deste trabalho - as *identidades culturais* - seja pensado a partir dessa noção. O nosso raciocínio desenvolve-se a partir de duas ideias que apesar de interligadas podem, para fins analíticos, ser isoladas : 1. considera a *identidade* como um dos conteúdos enformados pela *mobilidade* <sup>2</sup>, 2. considera que na sociedade contemporânea a *identidade* está associada à *mobilidade espacial* (real ou simulada) dos sujeitos.

Começemos pela questão da *forma movente* da identidade. Tal como afirma Lévi-Strauss (1983), as sociedades não parece terem, enquanto dado adquirido, uma identidade substancial. Pelo contrário, fragmentam-na e manifestam alguma dificuldade em produzir uma síntese desse património heterogéneo. A esse respeito, Lévi-Strauss apresenta o exemplo de algumas sociedades indonésias que crêem na existência de inúmeras almas alojadas em cada membro, órgão ou elo de ligação do corpo de um indivíduo. Para essas culturas, o problema da constituição da identidade está na necessidade de evitar a tendência constante que essas mesmas almas têm para a dispersão. A questão é assim colocada na multiplicidade e na variabilidade e não, como poderíamos esperar, na unidade e na estabilidade <sup>3</sup>. Trata-se de uma concepção da *identidade* que Lévi-Strauss

---

<sup>2</sup> Na filiação de Simmel, Maffesoli (1985) propõe a ideia da "*forma formante*", para dar conta do carácter generativo, processual, dinâmico e contraditório do social. A nossa proposta aproxima-se desse ponto de vista.

<sup>3</sup> Quando trabalha a questão da forma e do sentido na sociedade, Raymond Ledrut coloca a desordem do lado da homogeneidade e a ordem do lado da gestão do heterogéneo "(...) le concept de désordre (...) renvoie à tout ce qui est réduction de différence et de complexité, homogénéisation, c'est-à-dire unification

classifica de "estatística" ; portanto de uma realidade sujeita às leis dos grandes números e, por conseguinte, a uma instabilidade produtora de movimento.

No fim do texto Lévi-Strauss abre caminho a posições muito mais radicais, ao mesmo tempo que inviabiliza qualquer hipótese de manter concepções estáticas e unitárias da identidade : *"A supposer que l'identité ait elle aussi ses relations d'incertitude, la foi que nous mettons encore en elle pourrait n'être que le reflet d'un état de civilisation dont la durée aura été limitée à quelques siècles. Mais alors, la fameuse crise de l'identité dont on nous rebat les oreilles acquerrait une tout autre signification. Elle apparaîtrait comme un indice attendrissant et puéril que nos petites personnes approchent du point où chacune doit renoncer à se prendre pour l'essentiel : fonction instable et non réalité substantielle, lieu et moment, parreillement éphémères, de concours, d'échanges et de conflits auxquels participent seules, et dans une mesure chaque fois infinitésimale, les forces de la nature et de l'histoire suprêmement indifférentes à notre autisme"* (Supra :11).

Textos posteriores desenvolvem, a partir de diferentes pontos de vista, raciocínios do mesmo tipo. A ideia de que a identidade (tanto individual como colectiva <sup>4</sup>) não é um dado, mas antes uma realidade contextual e em constante transformação, é hoje quase consensual <sup>5</sup> ;

---

*identitaire (celle de la logique ou rationalité de l'identité) (...) Un ordre a donc, par rapport à un désordre (...) une fonction différenciante et hétérogénéisante beaucoup plus qu'unitaire (...)"* (Ledrut 1984 : 145).

<sup>4</sup> Pensamos, tal como Marc Augé, que os estudos antropológicos sobre as representações da alteridade íntima interditam *"de dissocier la question de l'identité collective de celle de l'identité individuelle"* (Augé 1992 : 30-31).

<sup>5</sup> Ao longo dos estudos de caso que constituem o núcleo central deste trabalho reenviaremos, sempre que nos pareça útil, para trabalhos que abordam, sobretudo

alguns autores discutem mesmo a pertinência do conceito e propõem novas formulações, mais adaptadas às suas formas de abordar a problemática.

Michel Maffesoli (1990), por exemplo, propõe que se abandone o conceito de *identidade* - "*il peut être par contre fort utile de montrer que cela même qui sert de support à l'individualisme, la logique de l'identité, est quelque chose de tout à fait relatif (...) et que l'on peut donc envisager qu'elle prenne une autre forme*" (Supra : 241) -, para o substituir pela ideia de "*identificações múltiplas*" (Maffesoli 1992) que, por recusar a concepção unitária do sujeito, não comporta o imperativo da coerência. Os indivíduos identificam-se com uma multiplicidade de figuras e compõem, dessa forma, uma *constelação identitária* que é pessoal e, nesse sentido, única, movente e não necessariamente coerente.

Do ponto de vista social, e referindo-se à mesma *labilidade*, Maffesoli fala "*de l'éclectisme idéologique, de la versatilité politique, ou du métissage des modes de vie*" (Supra : 242), que apresenta como manifestações que indiciam uma nova forma de constituição do social. A relatividade da identidade condiciona, segundo ele, as formas de *ligação* do todo social e o princípio da identificação (embora múltiplo) levará a uma revalorização das manifestações sociais baseadas no sentimento de "*estar junto*" : "*dans quelque domaine que ce soit, affect, économie, religion, la vie commune va être privilégiée*" (Supra : 246). Maffesoli propõe uma abordagem sociológica que dá conta dos fenómenos de participação associados a *consciências colectivas* (e portanto a *identidades colectivas*) fortes. Aproxima-se assim das abordagens clássicas das sociedades tradicionais, mas a alteração do

---

em terrenos europeus, a questão da *identidade* a partir de pontos de vista próximos daquele que tentamos aqui enunciar.

contexto social em que os fenómenos de identificação se desenvolvem introduz variações significativas na análise, tanto do processo de identificação como do seu resultado final (as *constelações identitárias*). A sociedade deixa de ser concebida como um todo unitário e coerente para passar a ser pensada a partir dos múltiplos núcleos que a constituem, e as semelhanças com os mecanismos tradicionais estão, justamente, no tipo de relação que os indivíduos estabelecem com essas novas unidades/comunidades sociais. O imperativo deixa de ser moral para passar a ser ético, mas o *mecanismo de participação* mantém-se e é ele que produz o efeito de ligação entre os indivíduos.

Quando estuda, no contexto daquilo a que chama "*modernidade tardia*", a produção da "*auto-identidade*", Anthony Giddens (1994) situa-se no interior da mesma problemática. Mantém, no entanto, a ideia da existência de um fio condutor que sustenta a estabilidade das auto-identidades : "*a postura é fortemente influenciada pela pluralização de meios. Não só o indivíduo deve estar preparado para interagir com outros em locais públicos, onde o comportamento deve ater-se a certos critérios generalizados de competência quotidiana, como ele ou ela deve ser capaz de manter um comportamento apropriado numa variedade de cenários locais. Naturalmente, os indivíduos ajustam de algum modo tanto a aparência como o comportamento, de acordo com as exigências percebidas do cenário em causa. Por isso é que alguns autores pensaram que o "self" se tornou em algo de essencialmente quebrado - que os indivíduos tendem a desenvolver múltiplos "selves", sem núcleo interno de auto-identidade. Porém, sem dúvida, e como muitos estudos da auto-*

*identidade o demonstram, não é de modo algum esse o caso. A manutenção de constantes da postura através de vários cenários de interação é um dos principais meios através dos quais é normalmente preservada a coerência da auto-identidade"* (Supra : 89). Esse fundo de coerência é, no entanto, obtido a partir de um difícil trabalho de auto-reflexão, que é exigido pela multiplicidade dos modelos de identificação que a sociedade contemporânea coloca à disposição dos seus membros.

Uma perspectiva mais radical (que permite retomar o ponto de vista de Lévi-Stauss) afirmará a não-existência desse fundo de coerência. Jeffrey Deitch (1992), num texto em que introduz a noção de "*Post-Human*", estabelece, a partir de fenómenos contemporâneos, um percurso evolutivo que culminará com a possibilidade "pós-humana" de uma autoprodução conceptual da identidade <sup>6</sup>. Numa primeira fase as técnicas "pós-humanas" permitem planejar e produzir novos corpos. O corpo "pós-humano" deriva directamente da concepção do *corpo-máquina* (Le Breton 1990), uma realidade a que não precisamos de nos sujeitar mas que podemos, sobretudo, modificar. Cirurgia plástica, reconstrução genética e implantes cerebrais de microprocessadores são algumas das técnicas responsáveis por aquilo a que Deitch não hesita chamar "*a new stage to Darwinian human evolution*" (Deitch 1992 : 15). A consciência de que podemos agir sobre o nosso corpo, a nossa psicologia e a nossa imagem social leva-nos a conceber a possibilidade da constante reinvenção de nós próprios. É o segundo momento dessa evolução, em que tanto o corpo como o eu se

---

<sup>6</sup> Retomo aqui algumas das ideias do texto : Silvano, "*Post-Human : corpos e identidades, os novos objectos do Plano*", apresentado no seminário "Pensar o ordenamento territorial (ideias, planos, estratégias)", organizado pelo Departamento de História das Ideias da FCSH-UNL, Lisboa 1993.

transformam em realidades conceptuais. Jane Fonda foi precursora dessa nova forma de constituição da identidade e Madonna, Michael Jackson ou Jeff Koons são o resultado, uma geração depois, da mesma dinâmica. Segundo Deitch, estes são apenas os modelos de uma lógica de reinvenção do corpo e da identidade que se vai tornando vulgar.

As alterações da construção da identidade relacionam-se com outras transformações importantes, observáveis em vários níveis das sociedades contemporâneas. As que dizem respeito aos sistemas de parentesco são particularmente significativas : as novas configurações familiares são diversas (família monoparental, pais divorciados, casais de homossexuais) e muito pouco estáveis. Associadas às novas formas de comunicação, resultam na elaboração de processos de identificação abertos que não dependem da família ou da comunidade restrita. Nalguns casos, podem referir-se a personagens mediáticas, reais ou mesmo de ficção.

Para resumir, podemos dizer que todas as sociedades se debatem com o problema da multiplicidade dos componentes passíveis de constituírem as identidades, tanto individuais como colectivas <sup>7</sup>. No entanto, a sociedade contemporânea parece ter criado novas possibilidades, que podemos sistematizar da seguinte forma : 1. a

---

<sup>7</sup> Baseando-se sobretudo em trabalhos realizados em contexto africano, Balandier propunha, já em 1971, uma reformulação das concepções do social que se inseria na mesma problemática geral : *"la société ne peut plus être appréhendée comme un donné qui parvient à soumettre tous les acteurs sociaux à ses déterminations, qui fonctionne sans "ratés" et s'inscrit simplement dans la continuité. Elle n'est plus reconnue comme un ensemble (un tout) unifié qui se définit simplement par un type sociologique (au sens du "type idéal" de M. Weber), ou un régime (selon les qualifications des politologues et des économistes), ou un mode de production (à la manière du marxisme aplati). Elle apparaît davantage hétérogène, plurale, mouvante. Sa définition doit se formuler sur le mode problématique ; et c'est en ce sens qu'il convient de placer quelques jalons"* (Balandier 1986 : 292).



sociedade organiza-se em múltiplas unidades/comunidades e em múltiplos quadros de valores, 2. há uma margem para a escolha individual das comunidades a integrar e dos quadros de valores a assumir, 3. as identificações não estão sujeitas a uma concepção unitária e coerente, nem do indivíduo nem do social, 4. os indivíduos podem autoproduzir as suas constelações identitárias.

Essa variabilidade, determinada ao nível da "oferta" das comunidades de integração e das figuras da identificação (grupos religiosos, grupos desportivos, associações humanitárias, associações de malfeitores, regiões, nações, figuras públicas), constitui, para as ciências sociais, um novo objecto. Devemos poder determinar quais são essas comunidades/unidades e a que níveis é que elas exercem a sua função de identificadores.

## RECONFIGURAR OS PORMENORES <sup>8</sup>

"La sécheresse intérieure, le surprenant mélange de sensibilité aux détails et d'insouciance devant l'ensemble, l'extraordinaire solitude de l'homme dans un désert de détails (...)"

Musil

A condição do homem moderno é, segundo Musil (1956), uma extraordinária solidão vivida num deserto de pormenores. As reflexões mais recentes sobre a identidade apontam, de algum modo, para enquadramentos do tipo daquele que produziu "*o homem sem qualidades*" : *"Pour lui, rien n'est stable. Tout est susceptible de changement, tout n'est qu'élément d'un ensemble, ou d'innombrables ensembles, eux-mêmes faisant probablement partie d'un super-ensemble dont cependant il ne sait rien. De sorte que chacune de ses réponses n'est qu'un fragment de réponse, chacun de ses sentiments un point de vue, et que ce qui importe pour lui dans une chose, ce n'est pas ce qu'elle est, mais une manière d'être accessoire, une quelconque addition"* (Supra : 76-77). O carácter movente da *identidade* pode conduzir à ausência de um quadro de conjunto que dê sentido à vida dos indivíduos e das comunidades e, finalmente, à "*dissolução interior*" de que fala Musil.

---

<sup>8</sup> Retomo aqui algumas das ideias dos textos : Silvano (1993), "*Sobre o "efeito de composição" da mobilidade*", in : *Práticas Artísticas na Modernidade*, Antropologia Portuguesa, Vol.11; Silvano, "*Gérer la distance : les sauts d'échelle dans les relations sociales*", in : *Espaces et Sociétés* (no prelo).

É uma perspectiva possível, mas também podemos pensar que com os detalhes se recompõem novos universos, e nesse caso a solidão do homem moderno passa a figurar-se menos dramática.

Com "Paris capital do século XIX - o livro das passagens" Walter Benjamin (1989) realizou uma das primeiras abordagens produtivas do carácter fragmentado da cultura contemporânea. A sua representação de Paris é multifacetada, móvel como o *passeante*, o personagem autobiográfico que escolheu para figura central do seu ensaio sobre o século XIX. Esta *mobilidade* do sujeito conduz a uma multiplicação das escalas de abordagem. Em consequência, o texto salta da escala global para escalas mais reduzidas, acabando na valorização epistemológica do pormenor : "*découvrir dans l'analyse du petit moment singulier le cristal de l'événement total*" (supra : 12).

Benjamin concede à arquitectura um papel muito especial : o de testemunha da mitologia latente de uma determinada época. Elegeu as *passagens* como a arquitectura mais importante do século XIX e por isso considerou-as reveladoras do espírito da época. Acertou em cheio quando associou os primeiros centros comerciais de luxo à figura do *passeante* e tentou, a partir daí, encontrar alguns pontos de definição da modernidade. No seguimento do trabalho de Simmel, Benjamin tenta encontrar na cidade, no seu espaço e nas suas práticas sociais, uma especificidade. Encontra-a no carácter transitório, efémero e movente das práticas sociais que percorrem as *passagens*, no papel sedutor e mágico da mercadoria exposta

(tornada mais atraente pela recente iluminação a gás), na moda como afirmação moderna do mito do eterno retorno <sup>9</sup>.

Quando trabalha a partir da obra de Baudelaire, Benjamin (1979) isola outro elemento essencial para o entendimento das modalidades de construção da identidade : a *multidão* que percorre o espaço público das grandes cidades. Paris do século XIX criou essa nova forma social e Baudelaire deu conta do estado de espírito que a percorre : o *passeante* ama a solidão, mas quer vivê-la no meio de desconhecidos. É uma nova figura, cuja "*constituição moral*" Benjamin, precedendo Foucault, vai encontrar definida num relatório da polícia datado de 1789 : "*il est presque impossible de rappeler et de maintenir les bonnes moeurs dans une population amoncelée où chaque individu, pour ainsi dire, inconnu à tous les autres, se cache dans la foule et n'a à rougir devant les yeux de personne*" (Benjamin 1989 : 435). Sennett (1979), na linha directa de Simmel e Benjamin, definiu a cidade como "*un milieu humain dans lequel des inconnus se rencontrent*" (Supra : 42). Desse confronto nasce uma nova constituição do sujeito, uma forma de produzir a identidade que parte do contacto com

---

<sup>9</sup> Ao trabalhar, nos anos 20, o fenómeno da *moda*, Simmel (1989) isola algumas das características que hoje se revelam fundamentais para a compreensão da sociedade contemporânea : "(...) *la mode est une forme sociale ; elle est la structure sociale identique au travers de la multiplicité des modes particulières (...)* *La mode est forme sociale en tant qu'elle manifeste un type de compromis particulier entre la tendance à la dissociation individualiste et la tendance à la cohésion universaliste, qui sont les deux grandes composantes de la vie*" (Supra : 51 ; introdução de Jean-Louis Vieillard-Baron). Nos anos 80 Lipovetsky (1987) retoma o tema, para encontrar mais uma vez na *moda* o fio condutor para a análise da especificidade da sociedade contemporânea.

uma realidade social heterogênea (apreendida sob a forma do fragmento) para depois a reconfigurar em universos pessoais <sup>10</sup>.

A produção antropológica oferece-nos alguns textos que permitem pensar, a partir de outros contextos e de outros objectos, a questão das formas de reconfigurar o fragmentado. Em 1962 Lévi-Strauss propunha a imagem do "caleidoscópio" para ilustrar a lógica de composição dos mitos. Em 1983 demonstrou, num texto intitulado "*Cosmopolitisme et schizophrénie*", que os índios Chinook recriaram um novo mito, através da organização sintagmática de fragmentos oriundos das mitologias de populações com que mantinham contactos intensos. O cosmopolitismo dos Chinook permitiu-lhes pensar um mundo sujeito a clivagens económicas, sociais e culturais. O ecletismo reconfigurou-o, conferiu-lhe estabilidade e ao mesmo tempo manteve-o aberto a novas clivagens. Em 1991 ("*Histoire de Lynx*") retoma a mesma temática e demonstra que a mitologia ameríndia contém fragmentos de contos populares franceses que, uma vez chegados ao Novo Continente, foram integrados nas narrativas preexistentes. O fenómeno da difusão cultural é enfrentado através de uma análise rigorosa

---

<sup>10</sup> Pierre-Yves Pétilion situa nos Estados Unidos da América a origem de algumas das componentes que associamos à constituição da *identidade* contemporânea : "(...) d'avoir défini l'identité américaine en termes de "dynamique", de trajectoire, de transit : une "identité" finalement indexée (...) non sur une mémoire ou des racines, mais sur un "là-bas" et un "pas-encore" ; sur l'attente et l'anticipation : sur le projet essentiellement inachevé, et pour cette raison sans cesse relancé. (...) Être "Américain" n'est pas quelque chose dont on hérite, mais un projet à réaliser. Il faut se souvenir de cette définition dynamique de l'identité nationale pour comprendre comment - pour l'École de Chicago dans les années vingt - ce qu'on appellerait ailleurs fragmentation, dislocation, désarroi anémique, se voit affecté d'un signe positif" (Pétilion 1991 : 139).

da mitologia ameríndia e dos processos de recomposição que permitem, a partir de fragmentos, construir configurações culturais (neste caso mitos) estruturadas.

Apesar de estudar contextos culturais não-ocidentais, a obra de Lévi-Strauss pode guiar-nos na abordagem dos movimentos que modalizam a vida contemporânea. Tal como o autor propõe, quando há *mobilidade* espacial há *mobilidade* de informação (o termo informação é aqui tomado num sentido lato) e, conseqüentemente, há transformação cultural. A constituição das identidades culturais encontra-se, hoje mais do que nunca, associada a processos de transformação que decorrem da *mobilidade* espacial. Percorrer o espaço (mesmo que sob a forma do simulacro) obriga a estabelecer partições, a identificar diferenças e semelhanças, a definir limites, em resumo, a organizar uma realidade não homogênea. A heterogeneidade é, obviamente, também cultural. Por isso podemos afirmar que a *mobilidade* dos indivíduos se traduz numa fragmentação geral da cultura. Esse universo fragmentado está sujeito a múltiplas reconfigurações; se quisermos ser radicais, a tantas quantos os indivíduos de uma dada sociedade. Tal como os mitos se podem reorganizar para integrar os fragmentos oriundos de mitologias diversas, também a identidade se pode reconfigurar a partir de fragmentos de diferentes universos culturais <sup>11</sup>. Em

---

<sup>11</sup> A nossa problemática integra também as reflexões que, tendo a sociedade contemporânea por objecto, conduziram à categoria de *neobarroco* : no capítulo intitulado "*Uma geometria não euclidiana da cultura*" Calabrese enuncia dois princípios fundamentais da "*idade neobarroca*" : "*O primeiro : a "nova ciência" convida-nos a não produzir modelos exageradamente unificados e simplificados. O universo, tanto o físico como o humano, não é um múltiplo reduzível ao uno. O universo é um múltiplo fragmentário, em que muitos modelos se confrontam e competem entre si. Também o mundo da cultura "criativa" está a suscitar o mesmo fenómeno. São, porém, ainda poucos os cultores de ciências humanas que perceberam a mutação. O segundo : a maioria dos fenómenos do*

termos estatísticos (mantemos a formulação de Lévi-Strauss) podemos falar da constituição de um núcleo central de frequências, correspondente à *identidade* cultural de um grupo social delimitado, mas esse núcleo pressupõe sempre um fundo de variabilidade.

## **GERIR AS DISTÂNCIAS**

Partimos do princípio de que a dinâmica social está intimamente associada à dinâmica espacial e, por isso, organizámos a nossa problemática (e o nosso objecto de estudo) em torno da questão dos movimentos que configuram o espaço. A *identidade* cultural, que como vimos é para nós uma realidade complexa que integra o movimento e a transformação, será trabalhada a partir da relação que as comunidades (e os indivíduos) estabelecem com o espaço.

Para sermos mais explícitos, poderíamos falar de *identidade espacial*; não o fazemos porque pensamos que a relação *espaço/sociedade* é universal e, nesse sentido, não podemos trabalhar a questão da identidade de uma comunidade sem trabalhar a relação que esta estabelece com o espaço : "*la relation à l'espace est ainsi, pourrait-on dire, universellement garante de la particularité des identités*" (Paul-Lévy e Segaud 1983 : 30).

---

*universo não é atribuível a modelos estáveis, mas antes à instabilidade derivada do facto de que são mais numerosos os sistemas complexos do que os lineares*" (Calabrese 1988 : 185-186).

A este propósito podemos também citar Marc Augé : *"l'organisation de l'espace et la constitution de lieux sont, à l'intérieur d'un même groupe social, l'un des enjeux et l'une des modalités des pratiques collectives et individuelles. Les collectivités (ou ceux qui les dirigent), comme les individus qui s'y rattachent, ont besoin simultanément de penser l'identité et la relation, et, pour ce faire, de symboliser les constituants de l'identité partagée (par l'ensemble d'un groupe), de l'identité particulière (de tel groupe ou de tel individu par rapport aux autres) et de l'identité singulière (de l'individu ou du groupe d'individus en tant qu'ils ne sont semblables à aucun autre). Le traitement de l'espace est l'un des moyens de cette entreprise" (...)* (Augé 1992 : 67 - sublinhado nosso). Embora admitindo que a relação espaço/sociedade não é a única a integrar a dinâmica de constituição das identidades, privilegiámo-la na constituição da nossa problemática e constituímos-la em objecto do nosso trabalho. Por isso, quando falamos em identidade cultural falamos sempre, "por defeito", na componente relação espaço/sociedade.

A arquitectura do território está hoje profundamente ligada à mobilidade crescente. Alguns autores consideram-na mesmo um factor estruturante. É o caso de Jean Remy (1988), que propõe a noção de "espaço rede" para dar conta das transformações produzidas pela mobilidade. Surge por oposição ao "espaço território", que o precede historicamente. *"O espaço território está, de certa forma, ligado a uma vida social que se organiza com muito pouca mobilidade espacial. É um espaço em que o lugar de trabalho e o lugar de lazer se estruturam a partir do lugar*



*de habitação. O bairro aparece assim como uma comunidade relativamente envolvente, de defesa e de controlo recíprocos. Em articulação com este bairro (...) desenvolveram-se zonas com funções de centralidade. Eram zonas em que não era necessário habitar para nos sentirmos "em casa", espaços onde nos sentíamos em território comum (...). Progressivamente a mobilidade veio transformar esta situação e encontramos cada vez mais pessoas que habitam num bairro, trabalham noutro e vão ainda distrair-se num outro. (...) Chamei processo de urbanização a esta nova realidade, em que a mobilidade espacial vem estruturar a vida de todos os dias (Supra : 16). Quando o espaço deixa de ser prioritariamente organizado por relações de territorialidade, as relações sociais surgem organizadas por novas formas : são as redes que decorrem das relações estabelecidas entre indivíduos espacialmente móveis. Esta nova espacialidade facilita a individuação, dado que enfraquece as formas tradicionais de controlo social (organizadas em torno de relações de co-presença).*

Deslocamento real ou simulacro (Virilio 1984), *mobilidade* real ou imaginária, pouco importa, ambos os casos resultam em novas configurações do espaço e em novas maneiras de o viver. A difusão, e consequente recomposição, de formas espaciais de origem cultural diversa é talvez o fenómeno mais significativo destas novas modalidades de organização do espaço.

Do ponto de vista daqueles que a vivem (os seus actores) a *mobilidade* produz efeitos paradoxais : para eles os lugares passam a poder encontrar-se, em simultâneo, demasiado perto e demasiado longe. Um emigrante de retorno, por exemplo, pode organizar o seu *espaço de acção*

(aquele que materialmente se encontra perto) tendo por referência o espaço do país em que esteve emigrado (ou seja, aquele que materialmente se encontra distante). No fundo, ele encontra-se demasiado distante do espaço e da cultura que lhe são materialmente próximos (visto que os organiza a partir de referências ausentes) e demasiado próximo (visto que os elege como modelos referenciais) do espaço e da cultura que se encontram materialmente distantes. Pode concluir-se que a proximidade material do *espaço de referência* <sup>12</sup> é irrelevante ; mesmo longínquo ele organiza as práticas dos indivíduos e, consequentemente, estrutura a sua acção. A *identidade* passa então a ser o resultado de transferências várias entre os valores presentes e os valores ausentes. A *mobilidade* dos actores traduz-se na *mobilidade* das referências e esse processo resulta, dada a lógica de reconfiguração das múltiplas referências, na produção de novos *géneros de vida* <sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> A noção de *espaço de referência* está associada à noção de *espaço de pertença* e ambas foram desenvolvidas pela equipa do CRAAL : "Un sujet présent dans un lieu a tendance à en faire son espace d'appartenance, espace qui résulte de l'ensemble des découpages du territoire qui spécifient la position d'un acteur social par l'inscription de son groupe d'appartenance en un lieu. (...) L'ici est spécifié par le recours à des espaces de référence, espaces des modalisations positives ou négatives, espaces des valorisations et dévalorisations de l'espace d'appartenance, de l'ici auquel l'on s'identifie dans la connaissance que l'on en a; l'espace de référence est rapport de l'ici à l'ailleurs" (Pellegrino 1983a : 18)

<sup>13</sup> Os efeitos desta dinâmica foram por nós estudados a partir de objectos de análise precisos : as casas dos emigrantes de retorno e as práticas sociais que lhes estão associadas. A este respeito, cft. : Silvano, (1988) "Os discursos da emigração", in : Jornal de Letras (15.8.88) ; Silvano, (1990) "L'émigration en tant que processus de déplacement et de récomposition de l'habitat", in : Portugal Enjeux Sociaux et Transformation du Territoire, Revista Sociedade e Território, Porto, Afrontamento ; Silvano (1994), "Mobilités : projets de vie et projets d'espace", in : Figures architecturales formes urbaines, Anthropos, Paris.

No fundo, trata-se de um problema de multiplicidade de escalas de representação do espaço. O actor móvel move-se entre espaços que se organizam a escalas diferentes e por isso o seu território não é homogéneo. A passagem do espaço local ao espaço supra-regional pode ser lida em Km2 mas é muito mais do que isso : é sobretudo um crescendo de diferenças culturais.

Uma análise escalonada permite uma abordagem espacialmente delimitada da diversidade de lógicas que organizam a sociedade contemporânea : trata-se de definir, para cada objecto, a escala de observação mais pertinente. Essa metodologia, que seguimos desde o início do nosso trabalho, permite uma abordagem simultânea e integrada das múltiplas configurações culturais em presença. A questão da identidade deixa assim de ser limitada ao espaço da comunidade em estudo (*o lugar*), para passar a integrar as interacções que este estabelece com os espaços exteriores. De facto, pensamos que dadas as características da sociedade contemporânea, essa metodologia se torna quase imperativa. De contrário enfrentamos a impossibilidade de trabalhar a presença, no espaço (e na comunidade) que definimos como unidade de análise, dos espaços (e das comunidades) que lhe são exteriores : *"la première difficulté d'une ethnologie de "l'ici", c'est qu'elle a toujours affaire à de "l'ailleurs", sans que le statut de cet "ailleurs" puisse être constitué en objet singulier et distinct (exotique)"* (Augé 1992 : 137). Trata-se de dar conta de um dos efeitos da *mobilidade* (nomeadamente da *mobilidade* simulada), que se traduz na intervenção, no quotidiano, de formas diversas de representação de realidades ausentes. A questão será : como é que o *espaço de referência* se pode organizar a partir

de imagens (memória, imagens televisivas, cinematográficas ou literárias) e quais são as articulações possíveis entre essas imagens e a ação dos indivíduos. Que relação existe entre o que vemos e o que fazemos?

Outros autores propõem, face à necessidade de a antropologia rever, para dar conta dos fenómenos contemporâneos, as suas estratégias metodológicas, aproximações que se enquadram naquilo que tem sido o nosso quadro de trabalho : *"On peut également être conduit à se demander si la localité ne joue pas dans la pratique comme un leurre scientifique, introduit par l'absence de prise en compte de la notion d'échelle dans la construction de l'objet, sur laquelle insistent les lectures "architecturales" de l'espace social. Cette notion d'échelle, à laquelle l'ethnologue n'est peut-être pas suffisamment sensibilisé, permettrait sans doute de mieux articuler, plutôt que d'opposer sommairement, local et global, centre et périphérie"* (Bromberger, Centlivres e Collomb 1989 : 144).

A questão das *identidades* culturais não pode hoje ser abordada no exterior de uma reflexão sobre as novas formas de organização do *território*. Sobretudo porque assistimos a uma coexistência de formas diversas : as lógicas tradicionais permanecem, coexistem e, mais do que isso, articulam-se, com as lógicas modernas. É por isso importante não só identificar as formas espaciais mas também compreender as articulações e os desajustes produtores de movimento.

## ESPACIALIDADES DESAJUSTADAS

"Notre chambre parisienne, entre ses quatre murs, est une espèce de lieu géométrique, un trou conventionnel que nous meublons d'images, de bibelots et d'armoires dans une armoire."

Paul Claudel

Bachelard (1957) cita o comentário de Paul Claudel que reproduzimos, depois de afirmar que em Paris não há casas. Ambos os autores dão conta da existência de um desajuste entre a casa imaginada e a casa vivida. Se considerarmos, como Raymond Ledrut (1979, 1990), que um "*modo de espacialização*" se situa no cruzamento antropológico entre o modo concreto dominante das práticas sociais, o modo dominante das representações colectivas e o modo dominante da realização do desejo, podemos falar da existência de um desajuste no interior das nossas espacialidades colectivas. As três modalidades de constituição do espaço - as práticas, as representações e a realização do desejo - não parece estarem adaptadas entre si <sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Partindo de outros três níveis de análise - a *morfologia*, as *práticas* e as *representações colectivas* - Durkheim (1960) concedeu um papel particular ao espaço : o de fazer a mediação entre os três níveis citados. Ao estudar as transformações sociais associadas ao aparecimento das grandes cidades (passagem de uma *solidariedade mecânica* a uma *solidariedade orgânica*) concebeu também a possibilidade de desajustes conjunturais. Referindo-se ao pensamento de Durkheim, Remy comenta, a esse propósito : "*En revanche, l'augmentation de la mobilité diminue les possibilités de fermeture. Lorsque la porosité des limites grandit, les comparaisons réciproques se multiplient et le contrôle social antérieur devient caduc. On entre alors dans une situation*

Desde o início do século que assistimos a transformações radicais das técnicas de concepção e produção do espaço. Os novos sistemas político/económicos (concentração dos capitais), as novas condições da vida urbana (aumento da densidade populacional), as novas utopias sociais (sociedades igualitárias e unificadas) e os novos materiais e técnicas de construção (vidro e cimento armado) conduziram à criação de novas formas do habitat. Essas transformações, que podemos identificar tanto ao nível do projecto como ao nível do espaço construído, raramente foram acompanhadas de transformações compatíveis dos imaginários individuais e não foram acompanhadas por transformações globais do imaginário colectivo. Quando afirma que em Paris não há casas, Bachelard refere-se a um modelo de casa que deriva directamente das características antropológicas do abrigo. Não é um modelo universal, mas manifestou-se na longa duração e ainda hoje se mantém actuante. Organiza-se em torno de três componentes que são, segundo Ledrut, o interior, a verticalidade e a concentração. Por isso se pode dizer que a casa imaginada era como "*un monde dans le monde, et comme un nouveau corps*" (Ledrut 1990 : 94).

Os desajustes que observamos no modo de espacialização contemporâneo permitem duas leituras : a primeira considera que o desequilíbrio resulta do facto de existirem velocidades de transformação distintas - os modos de conceber e construir terão sofrido um processo de transformação mais rápido do que os modos de viver e de desejar -, enquanto a segunda considera que se verificam evoluções múltiplas e distintas dos modos de conceber, construir, viver e desejar o espaço. A

---

*anémique où progressivement se réinvente une autre forme de solidarité*" (Remy 1991 : 41).

primeira leitura prevê um reajuste que ultrapasse a ruptura entre as imagens e o espaço construído - nos termos de Ledrut, poderemos ultrapassar a *"espacialidade esquizóide"* e voltar a observar uma espacialidade *"completa e unificada"* -, enquanto a segunda nos força a conceber a existência de uma espacialidade complexa, que comporta a coexistência de múltiplas modalidades de espaço concebido, construído, vivido e desejado. Nesta segunda perspectiva encontraremos sempre coincidências e não-coincidências entre as várias modalidades, que terão de ser avaliadas para cada grupo social ou mesmo para cada indivíduo, sendo as conclusões difíceis de generalizar. A observação da sociedade contemporânea aponta mais para uma realidade deste tipo - *fragmentada e não unificada* - do que para uma realidade *"completa e unificada"*. Uma sumária observação empírica, baseada em alguns trabalhos sobre Lisboa, permite essa conclusão.

É evidente que se pode falar de uma exterioridade das imagens relativamente ao espaço construído - a observação de muitos bairros modernos revela essa ruptura - mas não se pode afirmar que se trata de um fenómeno generalizado. O facto de na "Pantera-Cor-de-Rosa" <sup>15</sup> existir dissociação entre espaço desejado e espaço praticado (Cavaleiro 1991) não significa que também exista em Telheiras (Fonseca Ferreira 1990). O que muda não é tanto a forma física do habitat, mas o grupo social que o ocupa. Em Telheiras, as novas lógicas de concepção do espaço coincidiram com novas formas de o habitar, facto que não se terá verificado em Chelas. Por outro lado, e ao contrário da ideia corrente, a dissociação pode também

---

<sup>15</sup> Designação autóctone do edifício de Gonçalo Byrne e Reis Cabrita, construído no bairro social de Chelas.

encontrar-se nos espaços urbanos tradicionais. O fenómeno da "*gentrification*" (Rodrigues 1990) observou-se na década de 80 e consistiu no retorno de grupos sociais privilegiados (quadros, artistas e intelectuais) aos centros históricos de algumas cidades. Revelou duas dinâmicas distintas, ambas reveladoras de transformações significativas nos modos de espacialização dos grupos sociais que as desenvolveram. Os habitantes tradicionais dos bairros antigos (Alfama ou Bairro Alto) preferem frequentemente abandoná-los para viver em tranquilas cidades satélites, construídas a partir de modelos completamente estranhos àqueles que organizaram o espaço tradicional em que passaram uma grande parte das suas vidas. Pelo seu lado, os novos habitantes dos bairros antigos provocam alterações significativas na espacialização tradicional do habitat. Por detrás das fachadas preservadas a reabilitação pode transformar a forma do espaço (dimensão das divisões e sistema de relações entre elas) e transforma invariavelmente a relação entre a forma e o conteúdo, dado que os *géneros de vida* (que comportam o imaginário e as práticas sociais) dos jovens que protagonizaram estes processos são substancialmente diferentes dos *géneros de vida* dos antigos habitantes dos centros históricos. Já para não falar nas imagens que permitem investir em espaços de armazéns, fábricas ou padarias para os transformar em casas vividas e desejadas. Nestes casos a alteração da relação forma/contéudo é ainda mais radical.

Evitar a metáfora de Ledrut relativa ao "*espaço esquizóide*" parece-nos (apesar de lhe reconhecemos pertinência) um ponto de partida



saudável. Em contraponto, propomos a imagem do "*espaço melting pot*"<sup>16</sup> : um espaço que se organiza a partir da coexistência e da interacção entre diferentes *modos de espacialização*. Perceber essa coexistência será, antes de mais, identificar os modos de espacialização presentes. Depois será necessário determinar uma metodologia que permita estudar as modalidades interactivas (como já dissemos, a abordagem escalonada parece-nos a mais indicada). Mas comecemos pelas espacializações co-presentes.

## **UM ESPAÇO "MELTING POT"**

Em "*La révolution cachée*" Ledrut (1979) afirma que o *modo de espacialização* contemporâneo engendra um espaço infinito, contínuo, homogéneo, fechado e formal. Estas categorias traduzem-se numa prática social radicalmente diferente das práticas das sociedades tradicionais : o espaço é tratado como uma matéria neutra, passível de sofrer todas as modificações desejadas. Pensamos o espaço como qualquer coisa a que devemos dar forma, e as nossas práticas sociais orientam-se nesse sentido. Num espaço homogéneo pode-se fazer qualquer coisa em qualquer lugar. É essa a lógica do plano de gabinete, que opera com o apoio de mapas, instrumento de homogeneização por excelência.

---

<sup>16</sup> Fazemos aqui uma analogia com a proposta de Le Breton (1990) que, para caracterizar o corpo contemporâneo, fala de "*corpo melting pot*".

O espaço tradicional não era assim : era não-homogêneo e estabelecia com a comunidade um laço indissociável. Uma casa, um templo ou uma fonte possuíam os seus lugares próprios. Trocá-los seria interferir com a estrutura da própria comunidade. O plano de uma aldeia estava sujeito a constrangimentos profundos que se relacionavam com a representação do cosmos, da sociedade e do espaço ; realidades interpenetráveis que não podiam ser pensadas isoladamente. Essa relação define outra das suas características ; tal como a comunidade, o espaço era fechado e, portanto, finito.

No espaço contemporâneo (pelo menos no espaço das acções técnicas) as coisas estabelecem entre si relações de exterioridade e é por isso que deslocar um templo nunca pode ser sinónimo de uma catástrofe. O modo de espacialização actual (das civilizações técnicas) "*symbolise la puissance de l'homme, est le signe et l'instrument de ses capacités infinies, donc forme de l'action et non matière*" (Ledrut 1990 : 113). Trata-se de um espaço infinito que pressupõe uma lógica de acção infinita, ou seja, pressupõe a ausência de limites teóricos para essa mesma acção <sup>17</sup>. Segundo Ledrut, este modo de espacialização é dominante na sociedade contemporânea. Não é no entanto o único. Como dissemos, vivemos num espaço *melting pot*, semelhante às colagens surrealistas ou ao trabalho do

---

<sup>17</sup> O mesmo se passa, em termos individuais, em relação ao corpo (e, como vimos, em relação à identidade). O facto de o corpo ser, teoricamente, infinitamente manipulável, transforma-o num objecto privilegiado das nossas possibilidades de acção individual. Digamos que se trata das características dominantes da concepção ocidental do corpo. Mas não são as únicas. O cidadão comum possui, segundo Le Breton, um corpo *melting-pot* que resulta da coexistência entre concepções tradicionais e concepções modernas. Entre a aeróbica, os antibióticos, os medicamentos homeopáticos e as cirurgias plásticas constrói-se o corpo possível.

*bricoleur* referido por Lévi-Strauss. Nele coexistem múltiplas imagens e múltiplos espaços exteriores. Já não são raras as pessoas que vivem entre o aeroporto, o quarto de hotel, o apartamento numa cidade satélite e a casa de campo. É provável que encontrem em todos estes lugares uma televisão, um telefone e um fax. Estes objectos conectam os lugares distantes e dão forma à unidade possível. O método é o mesmo das colagens : criar contiguidades entre fragmentos de universos distintos. A novidade está no facto de se tratar de contiguidades virtuais. Os espaços co-presentes estão, na realidade, ausentes. A este respeito Marc Augé (1992) fala de excesso de espaço. A velocidade permite a aproximação de lugares distantes e os múltiplos "écrans" realizam o velho sonho da ubiquidade. É um paradoxo, mas o mundo expande-se e retrai-se ao mesmo tempo.

No campo disciplinar estrito da antropologia não foram muitos os autores que, recentemente, deram ao espaço o estatuto de objecto privilegiado. Entre eles destaca-se Marc Augé (supra) que, num pequeno livro, questiona a antropologia contemporânea e, ao mesmo tempo, propõe linhas de abordagem compatíveis com aquilo que considera ser um novo objecto para a investigação antropológica : a "*sobremodernidade*" e os lugares que a caracterizam. Chama-lhes "*não-lugares*", por oposição aos lugares tradicionais, a que chama "*lugares antropológicos*". Estes últimos definem-se por três características : são geradores de identidade, relacionais e históricos. Isto significa que são lugares que produzem nos seus habitantes um efeito de identificação de si próprios (eu sou de...), e que esse efeito decorre, por um lado, do facto de se estabelecerem relações sociais entre os habitantes de um lugar e, por outro, do facto de existir uma

*memória colectiva* do lugar que se actualiza através de narrativas e rituais. Os "*não-lugares*" são o contrário de tudo isso. Não são geradores de identidade, nem relacionais, nem históricos. São os lugares da individualidade solitária, da passagem e do efémero : aeroportos, auto-estradas e supermercados. O viajante (não o *passeante* de Baudelaire e Benjamin, que Augé classifica de moderno, e que, ao contrário do viajante sobremoderno, articula o espaço antigo e o espaço moderno num todo produtor de sentido) é a figura humana dessa nova configuração espacial. Viaja solitário em espaços que não são nem dele nem dos outros, mas onde, Augé concede, se sente livre. De quê? Dos constrangimentos da relação com os outros e da identificação com o grupo (ou seja, do *lugar antropológico*).

Supomos que Marc Augé nunca visitou um hipermercado português : se o fizer terá de modificar um pouco a sua teoria. Face ao espectáculo da comunhão consumista das famílias portuguesas pensará seguramente que um hipermercado até pode ser um *lugar antropológico*. Mas a originalidade portuguesa serve exactamente para demonstrar o que defendemos : no mundo contemporâneo os *lugares antropológicos* coexistem com os *não-lugares* e as sociedades sujeitas a desenvolvimentos acelerados e temporalmente desconexos podem mesmo transformar *não-lugares* em *lugares antropológicos*, apenas porque as estruturas tradicionais ainda têm força para o fazer (Neves e Silvano 1990).

Diríamos, para concluir, que provavelmente não estamos face a uma nova espacialidade dominante, mas antes face a uma nova modalidade de articular espacialidades que, quando estudadas isoladamente, revelam

estruturas autónomas e distintas (*modo de espacialização arcaico/modo de espacialização moderno* (Ledrut), *espaço território/espaço rede* (Remy), *lugar antropológico/não-lugar* (Augé) são algumas das oposições possíveis para dar conta dessa variabilidade). Se há uma espacialidade dominante ela definir-se-á pelo facto de articular os diferentes componentes que a constituem numa modalidade que se caracteriza pelo dinamismo decorrente da *mobilidade*. Se admitirmos que à multiplicidade de espaços corresponde uma variabilidade de práticas, de representações e de realizações do desejo (mantemos o conceito de *modo de espacialização* de Ledrut), teremos de considerar que ao indivíduo que os percorre (de forma real ou simulada) corresponde uma variabilidade psicológica, afectiva e social. O método da colagem não se aplica só ao espaço, aplica-se também à constituição do sujeito e, necessariamente, à identidade.

## **ESCALAS DE REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO**

### **ESCALA LOCAL E ESCALA REGIONAL**

Estudar as identidades colectivas (na sua ligação com os modos de espacialização) consiste, sobretudo, em detectar diferentes formas de reconfigurar o território. Pensamos que a análise deve partir de um ponto de vista, o do lugar - já agora, o do *lugar antropológico* - para depois se alargar de forma a compreender outras extensões espaciais. Nos nossos trabalhos, temos vindo a propor uma metodologia que considera várias *escalas de*

*representação do espaço*. Verificámos que essa metodologia nos permite abordar satisfatoriamente a questão da multiplicidade das lógicas que organizam a sociedade contemporânea : trata-se de definir, para cada objecto, a escala de observação mais pertinente <sup>18</sup>.

Na pesquisa realizada na Região Centro de Portugal, no quadro do projecto PNUD/UNESCO "Spatial development", estudámos as *representações do espaço* dos habitantes de algumas localidades <sup>19</sup>. Isolámos as problemáticas centrais de cada localidade e elaborámos as configurações espaciais correspondentes. A comparação dos resultados permite algumas conclusões gerais.

Nas pequenas localidades rurais verificámos que o espaço se organiza, num primeiro momento, a duas escalas. A *escala local* e a *escala regional*. Nas localidades sujeitas a um desenvolvimento lento e progressivo o espaço local mantém ainda uma organização tradicional e simbólica. O grupo controla uma justaposição de espaços agrícolas, que se estende para lá do perímetro habitacional da aldeia e que é apropriado segundo a mesma modalidade do espaço doméstico : uma familiaridade que se enraíza no

---

<sup>18</sup> A metodologia escalonada foi aplicada pela equipa do CRAAL em diferentes estudos de caso realizados em contexto suíço : *"il est important de reconnaître que l'appréhension d'un territoire ne saurait se réduire aux seules échelles institutionnalisées des pratiques de l'aménagement de l'espace. Il n'y a pas qu'une échelle territoriale spécifique d'un niveau national ou régional, qu'une échelle qui définirait l'espace urbain et qu'une échelle propre à l'objet architectural, mais une multiplicité d'échelles qui se structurent selon des modalités qui ne sont pas seulement des rapports de hiérarchisation et d'englobement progressif, mais aussi d'interférence, de superposition, d'intersection, d'exclusion réciproque"* (Pellegrino 1983a : 8).

<sup>19</sup> Posteriormente faremos um resumo mais detalhado dos estudos de caso por nós realizados, relativos à Região de Coimbra (Pellegrino 1986a; Silvano 1988).

passado. As comunidades rurais mantêm entre si relações de vizinhança e de troca, através de uma vida social ritualizada que tem por função perpetuar as configurações preexistentes. Uma classificação simbólica dá forma ao espaço : os semelhantes são aliados e os diferentes são inimigos. Esta marcação, semelhantes/aliados vs diferentes/inimigos, começa por organizar o interior do espaço da aldeia. Outros trabalhos realizados na Região Centro (Fraga 1991) verificaram, tal como o nosso, que a *identidade colectiva* se estrutura a partir de uma clivagem formalmente marcada : o alto opõe-se ao baixo, permitindo estabelecer claramente, no interior de um espaço global - a aldeia -, uma partição que permite definir o "nós" por confronto com outros enquanto partes diferentes, no interior de uma totalidade englobante. O jogo de escalas permite manter, ao mesmo tempo, a unidade da aldeia e a sua diversificação : a *identidade inclusiva* refere-se ao todo, mas a uma escala menor estabelece-se uma partição interna que define dois grupos de identificação definidos um por oposição ao outro (*identidade inclusiva vs identidade exclusiva*) <sup>20</sup>. As festas de Verão são sempre os momentos privilegiados para afirmar e negociar este sistema, mais geral, de organização do espaço. O espaço envolvente é organizado a partir de uma lógica análoga, que estabelece oposições formais entre

---

<sup>20</sup> As noções de "*identidade inclusiva*" e de "*identidade exclusiva*" foram desenvolvidas pela equipa do CRAAL no seguimento de trabalhos de investigação em contexto suíço : "(...) à la pensée d'un ensemble régional valant par l'agrégation et l'interférence de proche en proche des parties qui le constituent, correspond une prépondérance de l'identité inclusive, à savoir : l'identification d'un "nous" par rapport à d'autres en tant que différenciation d'une partie par rapport à d'autres parties d'une totalité (...); à la pensée d'un ensemble régional valant globalement de manière homogène, correspond une prépondérance de l'identité exclusive, à savoir : l'identification d'un "nous" par rapport à d'autres en tant que différenciation d'une totalité par rapport à d'autres totalités" (Pellegrino 1983a : 100).

localidades aliadas e localidades inimigas. Essas oposições manifestam-se em situações rituais, antigamente os bailes e hoje, sobretudo, o futebol (Pellegrino e Silvano 1986).

As transformações do mundo rural poderão ser entendidas, num primeiro momento, se nos colocarmos a uma *escala regional*. A relação com as cidades, escalonadas segundo a importância destas, organiza-se em torno da *mobilidade* diária, semanal ou mais esporádica. Os migrantes pendulares são importantes veículos de transformação da sociabilidade aldeã. Participam de dois mundos que lhes concedem margens de liberdade de actuação e de inovação completamente diferentes : na aldeia mantêm relações interpessoais "quentes", que resultam do facto de toda a comunidade manter um elevado grau de conhecimento sobre cada indivíduo, enquanto na cidade desenvolvem práticas contratuais e relações formais, sendo o grau de conhecimento sobre os indivíduos muito fraco <sup>21</sup>.

A nossa capacidade de inovação aumenta quando o conhecimento dos outros sobre nós próprios diminui (Ansay e Schoonbrodt 1989). A cidade revela-se, por isso, mais vocacionada para a mudança do que a

---

<sup>21</sup> Durkheim (tal como Weber e Simmel) iniciou a reflexão sobre as diferenças significativas entre os meios rurais e urbanos : *"Enfin, à mesure que la société s'étend et se concentre, elle enveloppe de moins près l'individu et par conséquent peut moins bien contenir les tendances divergentes qui se font jour. Il suffit pour se convaincre de comparer les grandes villes aux petites. (...) Plus un groupe est étendu et dense, plus l'attention collective, dispersée sur une large surface, est incapable de suivre les mouvements de chaque individu (...) Comme cette mutuelle indifférence a pour effet de relâcher la surveillance collective, la sphère de l'action libre de chaque individu s'étend en fait et, peu à peu, le fait devient un droit (...) Mais de plus, à mesure que la densité morale de la société s'élève [la société] devient elle-même semblable à une grande cité qui contiendrait dans ses murs le peuple tout entier"* (Durkheim 1960 : 283-286).



aldeia. O migrante é assim obrigado a gerir ritmos diferentes de transformação do real : na cidade vive, e por vezes produz, a mudança, enquanto na aldeia vive e reproduz a continuidade. Mas os curto-circuitos são inevitáveis e, por isso, o migrante leva sempre alguma da diferença da cidade para a aldeia. Não transporta todos os valores - o que conduziria a uma ruptura com os quadros preexistentes - mas apenas aqueles que pode negociar com a comunidade envolvente. Ou seja, os valores assimiláveis. O migrante tem de manter a ambivalência que decorre do balancear entre quadros de referência diferentes. Se assim não fizer, pode confrontar-se com um processo de *exclusão* social que inviabiliza a deslocação de valores de um mundo para o outro.

A passagem para uma escala superior opera frequentemente um salto de nível. Ou seja, os entrevistados passam directamente da *escala local* ou *regional* para a *escala internacional*, sem que a *escala nacional* revele qualquer pertinência. O espaço nacional mantém pertinência administrativa e simbólica, mas a relação com o exterior do País pensa-se sem a sua intervenção enquanto espaço mediador. Da pequena aldeia passa-se para a grande cidade, que pode ser Paris, Berlim ou Zurique, sem que Lisboa ou Porto existam como figura de mediação.

A existência de um forte fluxo emigratório pode justificar este posicionamento, mas o inverso pode também ser verdadeiro : emigra-se facilmente porque se concebe o salto de escala. Entre a aldeia e o estrangeiro não há espaços intransponíveis, do ponto de vista das representações existe uma contiguidade possível.

## **A PRESENÇA DO AUSENTE**

A relação com o estrangeiro coloca questões relacionadas com o "interface" com lugares ausentes. Podem conceber-se duas formas de "interface" : uma que resulta da *mobilidade espacial real* e outra da *mobilidade simulada*. No primeiro caso observam-se os efeitos da emigração de retorno e no segundo os efeitos dos meios de comunicação de massas, principalmente a televisão.

Os emigrantes de retorno actuam num contexto rural, frequentemente isolado. Fixam-se na sua comunidade de origem mas têm também uma cultura estrangeira por referência ; nos seus *géneros de vida* adaptam códigos tradicionais a códigos modernos, fazem exercícios de acoplagem de elementos de origem diversa, criam novas linguagens e instauram novas formas de sociabilidade. As suas vidas revelam outras práticas e outros valores, que se difundem e se tornam referência para o resto da comunidade.

As casas que constroem na aldeia de origem são exemplo da capacidade de recriar novas realidades a partir de universos fragmentados. Lévi-Strauss (1962) explicou, através da sugestiva imagem do "*bricoleur*", a lógica de composição simbólica que preside a estes processos. No caso das casas de emigrantes observamos citações que apelam para espaços ausentes (os telhados inclinados, as torres e as ameias) e excessos de respostas para uma mesma função, que preservam vários saberes e várias práticas sociais (duplas cozinhas ou duplas salas de jantar). Como o *bricoleur*, os emigrantes constroem objectos com "restos" de outros objectos

- neste caso casas com "restos" de outras casas - compatibilizando universos distantes e heterogêneos.

Podemos dar um exemplo. Apesar de a cozinha continuar a ser o centro da vida social doméstica, nas casas dos emigrantes aparecem outras alternativas, que são as várias salas, concebidas para dar forma a uma nova hospitalidade. A sala de visitas é sempre o lugar de encenação dos novos *gêneros de vida*. Os objectos decorativos são muitos e os funcionais são frequentemente redundantes (por exemplo vários lustres todos diferentes), misturam-se com televisões, vídeos e aparelhagens estereofónicas.

A sala (ou várias salas) não são concebidas apenas a pensar nos habitantes da aldeia. Os emigrantes conheceram outras pessoas e criaram novas relações. O seu *capital social* aumentou, ao mesmo tempo que se alargou geograficamente. Por isso desenvolveram um outro conceito de hospitalidade : já não se trata apenas de receber o semelhante (hospitalidade tradicional aldeã) mas o diferente, mesmo o bastante diferente. As novas salas de estar têm por referente modelos de hospitalidade burgueses, por vezes até aristocráticos. As referências são mais cinematográficas do que reais (se alguma vez foram vividas foi numa situação excepcional) e por isso o resultado final produz, pelo menos para os outros, um poderoso efeito de simulacro. São mobiladas, decoradas e depois fechadas. Ficam assim, sempre preciosamente limpas e arrumadas, à espera das visitas vindas de longe.

O segundo tipo de "interface" está relacionado com a *mobilidade* simulada. Esta resulta da intervenção, no quotidiano rural, de

representações mediáticas de outras realidades. A questão será : em que medida é que as imagens dos outros - longínquos e diferentes - transformam a imagem que fazemos de nós próprios e nos conduzem a transformar o real que vivemos? No caso português esta problemática é particularmente importante, visto o isolamento de uma parte do País, ligado ao exterior sobretudo através da televisão. O fenómeno recente, e massivo, de instalação de antenas parabólicas veio acentuar ainda mais a importância da televisão enquanto forma privilegiada de relação com outros *géneros de vida*. É evidente que os efeitos deste "interface" são muitos e distribuem-se pelos vários temas da vida pública e privada. Mas existe um caso paradigmático, polémico porque actuante. São as telenovelas brasileiras. Invadiram as aldeias portuguesas e são hoje responsáveis por muitas transformações. Os efeitos são múltiplos e dependem dos grupos observados. Para simplificar referimos apenas uma clivagem que podemos considerar geracional : para os velhos as novelas são como os contos, histórias que se passam num mundo que não é real e que por isso não serve de referência para a vida. O facto de na novela haver jovens que vão a discotecas ou mulheres solteiras que vivem sós não interfere em nada com a vida da aldeia. Nada daquilo é real, porque aquele mundo não existe. Para os mais jovens já não é assim. Tudo aquilo é possível, passa-se num mundo hiper-real que é preciso reproduzir porque é a felicidade possível. O mundo da novela passa assim a ser um *espaço de referência* catalisador da acção. Os resultados são hoje visíveis : a linguagem mudou, tal como a maneira de vestir e as posturas corporais. As discotecas abriram e estão cheias. Os valores é claro que também se alteraram. As novelas brasileiras

são provavelmente as grandes responsáveis pela difusão de alguns dos valores modernos que hoje modalizam a vida rural.

Para fugir ao desespero do homem moderno - o que está perdido no meio dos pormenores - resolvemos propor o homem *bricoleur*. Aquele que, apesar de saber que o mundo não é coisa organizada, lá vai organizando se não o mundo pelo menos a sua vida. Como pode, aproveitando o velho e o novo, compondo e recompondo. Parece-nos que os fenómenos contemporâneos de recomposição dos *gêneros de vida* não se distanciam muito da lógica do *bricoleur* : a partir de universos fragmentados (de valores, hábitos ou representações) o cidadão contemporâneo recria o seu próprio universo idiossincrásico.

Todo este processo se encontra intimamente ligado à questão da *mobilidade* espacial. Quanto mais mudamos de sítio mais o mundo se fragmenta. É normal, porque quando mudamos de sítio o mundo fica diferente : se mudamos muitas vezes ele fica muitas vezes diferente e acaba por se fragmentar. Como hoje não é preciso mudar fisicamente de sítio para mudar realmente de lugar - a televisão encarrega-se de nos levar aos outros sítios - o mundo é, necessariamente, fragmentado para toda a gente. Já não é o tempo que traz a mudança, são os homens, quando se deslocam no espaço.

Para perceber o processo de recomposição dos *gêneros de vida* é, por isso, necessário encontrar uma forma de abordar a questão da heterogeneidade espacial. Uma análise que diferencie as *escalas de representação* permite abordar espaços colocados em justaposição e em

interacção, de forma a entender as pertinências dos espaços locais, regionais, nacionais e internacionais, tomados isoladamente e nas suas interdependências relativas. É quanto a nós uma metodologia operante quando pretendemos estudar a heterogeneidade da sociedade contemporânea. Permite-nos, quando atendemos ao conceito de *mobilidade*, abordar os movimentos dos actores sociais, que ao percorrerem vários espaços percorrem também a diversidade cultural.

As transformações do espaço integram-se na questão mais geral da urbanização do território, questão que quando trabalhada do ponto de vista das diferentes escalas de representação se revela complexa, dada a interdependência que estas mantêm entre si. No estudo de caso relativo à região de Coimbra verificámos que uma dada estrutura do espaço local pode determinar uma dada organização do espaço regional (cidade de Coimbra) e que, ao contrário, a cidade, embora materialmente ausente, pode organizar o espaço local (aldeia de Souselas) (Silvano 1987, 1988).

A oposição tradicional entre Rural e Urbano pode ser operante em certos contextos, mas deve ser entendida não só ao nível da justaposição de dois mundos que possuem características diversas mas também ao nível das múltiplas formas de interacção apresentadas pela realidade social contemporânea. A análise dos mecanismos de interacção coloca-nos em presença da variabilidade das formas da transformação do território e das suas consequências. Uma delas é a exclusão territorial das comunidades que, por razões de vária ordem, acabam por ficar "de fora". São os excluídos de um processo de transformação que apesar de ser global não é homogeneizante. Como refere Balandier, "*les sociétés différentes sont aussi*

*des sociétés inégales ; et non seulement elles le demeurent, mais l'écart de puissance s'élargit entre elles"* (Balandier 1986 : 289).

## **DIVERSIDADE URBANA E EXCLUSÃO TERRITORIAL UMA SOCIEDADE HORIZONTAL <sup>22</sup>**

"Eu pensava que lá por viver na Europa era europeu. Só que o meu bilhete de identidade, que é português, não significa grande coisa. A minha identidade está noutro sítio. Está no meu sangue, que me dá este sentimento de ser negro. Não sou racista, só quero paz e amor, quero que haja integração, que haja assimilação. Mas não quero a parte da cultura ocidental que me é impingida, quero ser eu a escolher o que me agradar."

General D

São declarações de um jovem Rapper português, mas, se cortássemos a parte da Europa e a parte do BI, podiam ser de um negro americano, francês ou inglês. A data também é irrelevante. Tanto podia ser 1993 como 1923. No segundo caso era mais provável que o seu autor fosse americano ; podia muito bem ser um excerto de uma entrevista realizada no quadro de um estudo dirigido, nos anos 20, pela Universidade de Chicago.

---

<sup>22</sup> Retomo aqui algumas das ideias do texto : Silvano (1994), "*Exclusão territorial*", in: *Coexistência e exclusão urbanas*, Revista Mediterrâneo, Lisboa.

É inevitável, quando falamos em exclusão territorial, pensar na "Escola de Chicago" e nos trabalhos pioneiros realizados por Ezra Park e seus discípulos. Tiveram o mérito de conjugar uma reflexão teórica profunda e esclarecida com múltiplas investigações de terreno. Viram aquilo que na Europa ainda não se podia ou não se queria ver : que a cidade possui atributos que se traduzem num modo de vida que lhe é próprio. Ao contrário da maioria dos pensadores europeus, que prolongaram por mais algumas décadas o discurso negativo sobre a cidade <sup>23</sup>, os sociólogos de Chicago souberam encontrar nela - com a ajuda do pensamento de Simmel, um dos primeiros europeus a compreender que o anonimato é uma condição fundamental para a emergência do indivíduo - as condições "ecológicas" indispensáveis ao aparecimento da modernidade. A questão era perceber que tipo de relações a heterogeneidade fomenta ; como é que os indivíduos gerem, em simultâneo, a relação com o semelhante e o confronto com o diferente. Numa obra que, partindo do estudo do Ghetto de Chicago, acabou por transformar o gueto num conceito aplicável a todas as situações em que uma minoria étnica habita numa zona delimitada da cidade. Louis Wirth, ele próprio judeu de origem europeia, descreveu o movimento que conduz as minorias de uma situação de *acomodação* a uma situação de *integração* e *assimilação*. Ou seja, o movimento que vai da coexistência funcional à interação funcional, social e simbólica. O gueto protege a comunidade da agressão exterior - muitos judeus nunca chegaram a conhecer Chicago mas

---

<sup>23</sup> Apesar do seu optimismo ser "moderado", Durkheim colocou a possibilidade de a *densidade dinâmica* (própria da cidade) engendrar uma nova *densidade morale*, capaz de inventar e de instituir regras morais adaptadas a um novo tipo de *solidariedade colectiva* (Remy : 1991). Poderia ter sido um bom princípio, mas a sociologia francesa manteve uma abordagem negativa da cidade, atenta sobretudo ao fenómeno da *anomia* e às suas consequências.



não se sentiram mal por isso pois viveram entre os seus - enquanto o anonimato facilita, aos que procuram abandonar o gueto, a procura de outros modos de vida e a integração na comunidade mais alargada. *Acomodação, integração e assimilação* são as modalidades positivas de uma realidade que também comporta uma modalidade negativa. A exclusão é a outra face da mesma moeda. Diz respeito àqueles que não se integraram socialmente, não foram assimilados culturalmente e por vezes estão fartos de se "acomodar" a uma sociedade que os rejeita. Nalguns casos podem tornar a sua exclusão activa e passam a agir violentamente contra uma sociedade que de facto não é a deles. Outros não chegam a agir. Definham nas reservas, nos guetos ou debaixo das pontes, mesmo no centro das cidades. A América conhece tudo isto desde o princípio do século. Na Europa ainda não é bem assim. Resta-nos saber como irá ser.

Os trabalhos que referimos foram pioneiros, mas quando tentamos, hoje, entender os fenómenos europeus, e mais particularmente os fenómenos portugueses, de coexistência e exclusão urbanas, convém que nos distanciemos um pouco de modelos que tiveram a sua origem num lugar e num tempo precisos. Como refere Alain Touraine, ainda podemos, não sem algumas "nuances", falar de um modelo de cidade americana, mas não podemos falar de um modelo de cidade europeia (Touraine 1991). Na Europa a situação das cidades é incerta e, na opinião do autor, torna-se mais prudente falar em *urbano*. No caso português as incertezas são tantas que o melhor é não falar em *urbano* (conceito que se aplica a uma parte diminuta do território) mas em *urbanização* : uma realidade processual que

manifesta múltiplas facetas. Nos países industrializados o processo de urbanização criou uma realidade que alguns autores definem como a extensão à totalidade do território dos modos de vida urbanos. Esse processo depende mais do acréscimo de *mobilidade* resultante dos avanços tecnológicos do que da industrialização. Pode dizer-se que é pós-industrial. Nessa perspectiva, Jean Remy define a urbanidade como "*l'art de communiquer dans la distance*" (Remy 1990 : 85) : numa situação urbana, a cidade passa a ter a função de dar suporte a esse modo de coexistência entre entidades que não se misturam espacialmente, pelo menos relativamente a todos os aspectos da sua vida colectiva. Resta saber, para cada estudo de caso, a que escalas é que a cidade exerce a sua função. Que território organiza? Apenas a própria cidade, os seus bairros, praças e ruas, ou também as pequenas localidades envolventes ou outras ainda mais distantes?

No caso português, a urbanidade encontra-se ainda em construção mas manifesta já características claramente diferentes dos países industrializados. O território português é uma espécie de "patchwork" que conjuga o rural, o industrial não-urbano e o urbano. A importância crescente dos meios de comunicação criou um desfasamento temporal: a *mobilidade* faz com que os modos de vida urbanos se difundam antes da existência das condições materiais que noutros países acompanharam o seu aparecimento. Alguns fins-de-semana a percorrer quilómetros para visitar as imensas discotecas que povoam a nossa província chegam para perceber que a MTV (e consequentemente as capitais que centralizam a produção cultural juvenil do Ocidente) é mais organizadora da sociabilidade

adolescente do que a produção cultural de Lisboa ou Porto. Mas também se observa que o mercado nacional não oferece aos jovens portugueses os produtos de consumo propostos pela MTV. As camisas de riscas e os jeans imperam e percebe-se que não é só uma questão de gosto : é mais porque não há mais nada para escolher. Mas como não se vive só de comunicação à distância é de prever que uma outra sociabilidade, esta de origem local e tradicional, organize a sociedade portuguesa. Para nos mantermos no campo do ritual podemos propor, como exemplo de manutenção e reabilitação da sociabilidade aldeã, uma passagem pelas festas e casamentos que preenchem os fins-de-semana de Verão na província.

Alain Touraine considera que a situação actual comporta outra originalidade : *"nous vivons en ce moment le passage d'une société verticale, que nous avons pris l'habitude d'appeler une société de classes avec des gens en haut et des gens en bas, à une société horizontale, où l'important est de savoir si on est au centre ou à la périphérie"* (Touraine 1991 : 166). Deixámos de viver numa sociedade que alguns queriam transformar para passarmos a viver numa sociedade em que todos querem entrar. A questão já não é estar *"up or down"* mas *"in or out"*. Os movimentos sociais já não reclamam transformações, reclamam o direito de inclusão dos excluídos. Mas, e tal facto deve-se à *mobilidade* que faz com que o cidadão percorra lugares socialmente heterogéneos, a exclusão pode ter muitas gradações. Depende do factor que tomemos em conta para a análise. Há uns que são mais excluídos do que outros e até pode dar-se o caso de alguns se encontrarem simultaneamente no centro e na periferia.

Esse duplo posicionamento coloca-os numa situação privilegiada para liderarem "lobbys" de minorias. É o caso, nos EUA, dos negros, gays, lésbicas e seropositivos famosos. A visibilidade que lhes dá o centro - estão lá pelo facto de serem famosos, e o facto de já lá estarem dá-lhes o direito de lá permanecerem, mesmo que se torne público que também fazem parte de uma minoria excluída - pode ser utilizada com o objectivo de deslocar, da periferia para o centro, grupos minoritários destituídos de visibilidade. Por arrastamento, o grupo minoritário a que pertencem acaba por se colocar mais perto do centro : as tomadas de posição públicas (mesmo quando não chegaram a ser tomadas em vida) de Maplethorpe, Rock Hudson, *Magic Johnson* e *Freddy Mercury* foram mais eficazes no combate à discriminação dos seropositivos do que muitas campanhas oficiais juntas.

A situação é complexa e o jogo social que vai colocando indivíduos e grupos no centro ou na periferia, ou melhor dizendo nos vários centros ou nas várias periferias, não é de todo evidente. O certo é que estamos face a novas formas sociais e as ciências sociais ainda não conseguiram descrevê-las e muito menos explicá-las. Também parece certo que o futuro se joga em torno delas.

O caso português revela-se, neste contexto, particularmente rico. A nossa pluralidade não deriva só da coexistência étnica ou da existência de minorias mas também do desfasamento temporal que coloca lado a lado configurações económicas, sociais e culturais excessivamente díspares (Sousa Santos : 1994). A sociedade portuguesa vive uma reorganização *acelerada* cujas consequências são ainda imprevisíveis. São de prever alguns fenómenos de exclusão social, sendo que esta noção terá de ser

extensiva às localidades não urbanas que o processo de urbanização acabará por excluir. A excessiva concentração em torno das duas metrópoles portuguesas e o desenvolvimento do Litoral, correlativo da desertificação do Interior, são uma realidade que faz prever uma situação futura em que uma parte significativa do território viverá uma real situação de exclusão. Além disso, como afirma A. Touraine, na Europa os centros "fazem barreira". Em Portugal, Lisboa e Porto são claramente duas cidades que desenvolvem dinâmicas económicas, sociais e culturais próprias, que excluem as localidades que lhes são exteriores.

Paralelamente, o processo de urbanização, que apesar de tudo se vai efectuando, tanto no Interior como no Litoral, conduz a uma reorganização do território e a uma modificação das posições relativas das localidades. O jogo que coloca nas várias escalas de organização do território os centros e as respectivas periferias implica sempre algumas exclusões, ou pelo menos alguns sentimentos colectivos de exclusão social. Pensamos que no caso português os problemas de exclusão se colocam mais neste contexto do que no contexto do desenvolvimento de Lisboa e Porto, os únicos pólos urbanos que manifestam uma estrutura que poderá aproximar-se das cidades americanas e das capitais europeias. Não pretendemos com isto, evidentemente, subvalorizar os fenómenos de exclusão étnica ou económica que já se manifestam nessas cidades. Apenas nos parece útil deslocar o ângulo de análise para o processo de urbanização que diz respeito ao resto do País.

Quando se fala em exclusão, tanto no campo académico quanto no jornalístico e no político, utilizam-se formulações topológicas - fala-se de centro, de periferia, de dentro, de fora, de união, de separação, de inclusão e de exclusão - mas na maioria dos casos essa topologia não tem correspondência espacial. Diz-se que as vedetas estão no centro mas não se sabe muito bem onde fica o centro. No fundo, quando utilizamos formulações topológicas estamos a procurar encontrar uma forma que descreva os fenómenos de que falamos. Foi o que fez Edward Shils, em 1961 num artigo pioneiro intitulado "*Centro e periferia*" (Shils 1992). Quando fala em centro e periferia Shils utiliza apenas uma metáfora espacial: embora alguns fenómenos sejam localizáveis no espaço não é isso que o ocupa, o importante é saber que a relação centro/periferia parece explicar o fenómeno de formação de consensos. O facto é que os centros e as periferias existem, mesmo que não se saiba onde ; e o mais importante é que centro e periferia não só não são a mesma coisa como estabelecem entre si vários tipos de relações. Por vezes, mas nem sempre, são relações de exclusão.

Podemos colocar a hipótese de que a utilização de uma linguagem topológica indicia a pertinência do espaço na observação da sociedade contemporânea. Se aceitarmos a proposição de que a Europa caminha para uma sociedade de tipo horizontal, teremos também de aceitar a hipótese de o espaço se tornar estruturante. De facto é nele que se fazem as sínteses possíveis, se negociam as incompatibilidades, se determinam os limites, se definem as inclusões e as exclusões. A guerra na ex-

Jugoslávia é apenas um exemplo extremo. Os conflitos interétnicos, a degradação dos bairros periféricos e a desvitalização dos centros das cidades são os exemplos mais comuns dessa pertinência.

É evidente que ao concedermos ao espaço um papel organizador não pretendemos autonomizá-lo relativamente aos outros níveis de análise do social. Como propõe Remy, é necessário articular uma sociologia (nós diremos uma antropologia) da forma com uma antropologia das interações e uma antropologia das representações. No nosso caso - como veremos na apresentação do "objecto de estudo e dos pontos de partida para a análise" - trabalhamos no interior do campo genérico da antropologia do espaço, sendo que o tipo de abordagem que desenvolvemos se integra numa antropologia das representações.

---

**PRIMEIRA PARTE**



## O OBJECTO DE ESTUDO

---

### REPRESENTAR O ESPAÇO

Estudar as *identidades* locais e regionais - modalidades da *identidade cultural* que se relacionam com o espaço - coloca à partida uma questão : como articular as noções de local, regional e nacional com a noção de *cultura*, no interior da problemática da *identidade* ?

As primeiras noções (*identidade* local e regional) reenviam para uma necessária delimitação espacial, sendo que essa delimitação depende dos parâmetros escolhidos para a definir ; *região-homogénea* da geografia, *região-polarizada* ou *região-plano* da economia e do planeamento, para dar alguns exemplos. Pelo seu lado, a noção de *cultura* permite-nos caracterizar colectividades morfologicamente delimitadas no espaço (sedentárias), mas também permite caracterizar colectividades cuja inserção espacial não corresponde a limites precisos (nómadas). Podemos por isso estudar a cultura duma colectividade localmente situada, assim como a cultura de grupos cuja *identidade* não passa, pelo menos num primeiro nível, pela relação com um espaço claramente delimitado (Duvignaud 1977). Definir

um grupo do ponto de vista cultural não nos conduz, consequentemente, a uma delimitação espacial imediata.

Para estudar as modalidades espaciais da *identidade cultural* poderíamos definir, "a priori", uma divisão espacial (dum ponto de vista geográfico, económico, administrativo ou outro), no interior da qual estudaríamos os fenómenos culturais. Uma tal divisão não poderia, no entanto, ser pensada como decorrente de um processo de identificação cultural. Inversamente, poderíamos circunscrever espacialmente a área de extensão de uma cultura. Mas uma tal delimitação espacial não poderia, sem mais, ser assimilada ao *território* de uma colectividade, porque dela estariam ausentes as *representações* que permitem a uma colectividade reconhecer o seu *território*.

A constituição do nosso objecto de estudo partiu da problemática aqui enunciada e privilegiou, para o estudo das formas de *identidade* mais directamente ligadas ao espaço, o factor *representação do espaço*. No seguimento do pensamento de Durkheim, partimos do princípio de que o espaço é, tal como o tempo, uma "*catégorie de l'entendement*", ou seja, ambos são "(...) *des représentations collectives qui expriment des réalités collectives (...) des choses sociales, des produits de la pensée collective*" (Durkheim 1979 : 13) .

Assim determinada a abordagem resta saber o que é que esse ponto de vista implica. Ou seja, quando falamos de *representação colectiva do espaço* de que é que falamos? Também aqui a filiação durkheimiana nos parece produtiva : "*Comme l'a démontré Hamelin, l'espace n'est pas ce milieu vague et indéterminé qu'avait imaginé Kant : purement et absolument*

*homogène, il ne servirait à rien et n'offrirait même pas de prise à la pensée. La représentation spatiale consiste essentiellement dans une première coordination introduite entre les données de l'expérience sensible. Mais cette coordination serait impossible si les parties de l'espace s'équivalaient qualitativement, si elles étaient réellement substituables les unes aux autres. Pour pouvoir disposer spatialement les choses, il faut pouvoir les situer différemment : mettre les unes à droite, les autres à gauche, celles-ci en haut, celles-là en bas, au nord ou au sud, à l'est ou à l'ouest, etc. etc., (...)"*

Representar o espaço é, no essencial, ordenadar o heterogêneo ou, dito de outro modo, produzir, espacialmente falando, sentido. Mas Durkheim continua o seu raciocínio com uma interrogação : *"(...) ces divisions, qui lui [ao espaço] sont essentielles, d'où lui viennent-elles ? Par lui-même, il n'a ni droite ni gauche, ni haut ni bas, ni nord ni sud, etc. Toutes ces distinctions viennent évidemment de ce que des valeurs affectives différentes ont été attribuées aux régions. Et comme tous les hommes d'une même civilisation se représentent l'espace de la même manière, il faut évidemment que ces valeurs affectives et les distinctions qui en dépendent leur soient également communes ; ce qui implique presque nécessairement qu'elles sont d'origine sociale"* (Supra : 15-16).

Como sabemos, para responder à questão da origem social do espaço Durkheim, e no seu seguimento Mauss e Halbwachs, propôs uma correspondência entre organização social e organização espacial : *"Ainsi, l'organisation sociale a été le modèle de l'organisation spatiale qui est comme un décalque de la première"* (Supra : 17). A mesma ideia é desenvolvida, mais adiante no mesmo texto, por Durkheim *"(...) si, comme*

*nous le pensons, les catégories [entre as quais o espaço] sont des représentations essentiellement collectives, elles traduisent avant tout des états de la collectivité : elles dépendent de la manière dont celle-ci est constituée et organisée, de sa morphologie, de ses institutions religieuses, morales, économiques, etc"* (Supra : 22).

A questão das transformações da *morfologia social* (do plano objectivo ou material) levaram, no entanto, os autores acima citados a complexificar a questão. O que acontece às representações quando a materialidade muda? Mudam automaticamente ou poderá haver desfasamentos que fazem com que uma comunidade represente o espaço a partir de uma forma que já não tem materialidade ? Todas essas questões levaram, como vimos no texto anterior (Durkheim 1960, 1979; Ledrut 1979, 1990), a posteriores desenvolvimentos da noção de *modo de espacialização*, que integra as várias componentes da espacialidade de uma comunidade e que permite abordar os desajustes que estas possam manifestar entre si.

A linha de investigação que afirma a existência de uma relação estreita entre a *morfologia social* (no sentido da materialidade espacial do social) e a *identidade colectiva* encontra, no interior do campo estritamente antropológico, obras que de algum modo podem ser consideradas fundadoras. Referimo-nos a "*Tristes Tropiques*" de Claude Lévi-Strauss (1955) e a "*La paix blanche*" de Robert Jaulin (1970). Em ambas se denunciam os processos de desestruturação social (no primeiro caso nas comunidades *Bororo* e no segundo nas comunidades *Yukpos*) resultantes de uma transformação, violenta e premeditada pelos colonizadores, da

organização material do espaço. Os dois trabalhos citados levam-nos a concluir que, se não podemos afirmar que estrutura social e estrutura espacial se correspondem nas suas organizações internas, podemos pelo menos observar que existe um laço estreito entre ambas, pois a primeira resulta fragilizada quando se actua sobre a segunda.

A obra de Lévi-Strauss coloca, além disso, a questão da heterogeneidade das *representações colectivas*. Tal como afirma Durkheim, a unidade do social depende de uma conformidade nas representações : "*(...) la société ne peut-elle abandonner les catégories au libre arbitre des particuliers sans s'abandonner elle-même. Pour pouvoir vivre, elle n'a pas seulement besoin d'un suffisant conformisme moral ; il y a un minimum de conformisme logique dont elle ne peut davantage se passer*" (Supra : 24). No entanto, as sociedades, mesmo as tradicionais, não são homogêneas. Diferenciam-se a partir de vários factores de definição de subgrupos e Lévi-Strauss mostrou que a essa diferenciação social corresponde uma diferenciação das *representações do espaço*. Em "*Tristes Tropiques*" descreveu a aldeia Bororo e mostrou que a sua estrutura física correspondia à estrutura dualista (*Cera* vs *Tugaré*) da sociedade em questão. Permitia também a inscrição de outras oposições, como masculino vs feminino e sagrado vs profano. Posteriormente, num texto incluído na "*Anthropologie structurale*" ("*Les organisations dualistes existent-elles?*"), parte de um reparo de Paul Radin sobre as aldeias *Winnebago*, relativo à discordância entre as representações dos seus informadores mais velhos relativas ao espaço das antigas aldeias (que levavam Radin a não saber quais correspondiam à verdadeira estrutura das aldeias) para formular a hipótese

da existência de representações diversas : *"Je voudrais montrer ici qu'il ne s'agit pas nécessairement d'une alternative : les formes décrites ne concernent pas obligatoirement deux dispositions différentes. Elles peuvent aussi correspondre à deux manières de décrire une organisation trop complexe pour la formaliser au moyen d'un modèle unique. si bien que, selon leur position dans la structure sociale, les membres de chaque moitié auraient tendance à la conceptualiser tantôt d'une façon et tantôt d'une autre"* (Lévi-Strauss 1974: 149-159).

A noção de *distância estrutural* (por contra-ponto com a noção de *distância ecológica*) avançada por Evans-Pritchard na sua monografia sobre os *Nuer* surge, mais uma vez no interior do campo estrito da antropologia, na mesma linha de pensamento dos autores que temos vindo a citar : demonstra que a *representação do espaço* está ligada a factores que se prendem com a organização da própria sociedade. *"Par distance structurale, nous entendons (...) la distance qui sépare des groupements de personnes dans un système social, et qui s'exprime en valeurs. La nature du pays détermine la distribution des villages, et par conséquent la distance d'un village à l'autre, tandis que les valeurs limitent et définissent la distribution sur le plan structural et créent une série différente de distance. Un village nuer peut être équidistant de deux autres villages, mais si l'un de ces derniers appartient à une tribu différente et l'autre à la même tribu, l'une des deux distances sera structuralement plus longue"* (Evans-Pritchard 1968 : 134).

A constituição do nosso objecto surge na filiação directa dos autores

referidos : consideramos o espaço como um fenómeno cultural <sup>1</sup> resultante das representações elaboradas pelas colectividades que nele vivem <sup>2</sup>. Em função dos trabalhos já realizados organizámos alguns pontos de partida para a análise e interpretação das *representações colectivas do espaço*.

## ***PONTOS DE PARTIDA PARA A ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO***

### **PONTO DE PARTIDA Nº1**

O estudo das *representações colectivas* de uma comunidade revela que as divisões do espaço são fenómenos culturais e que por isso fazem parte da *identidade* que a colectividade reconhece a si própria.

O espaço pode no entanto ser pensado a partir de duas dinâmicas diversas (Piaget 1977) : **1.** o *pensamento representativo* (pensamento socio-cêntrico e estável que fixa, através da memória colectiva e por vezes do ritual, os conflitos e as alianças) permite que as comunidades se situem num espaço de ancoragem estável, **2.** o *pensamento operativo* é susceptível de integrar e coordenar a diversidade das actividades

---

<sup>1</sup> "Nous entendons ici par "culture" l'ensemble des attitudes, des visions du monde et des traits spécifiques qui confèrent à une population sa place original dans un espace socialement construit" (Pellegrino 1986a : 25)

<sup>2</sup> Retomamos e completamos parte do capítulo "Objecto de estudo e hipóteses de partida" da nossa tese de mestrado, que retomava as hipóteses do projecto PNUD-UNESCO "Développement spatial et identités régionales au Portugal" (Pellegrino 1986a, Silvano 1988).

individuais numa *representação projectiva do território* e por isso permite que as comunidades pensem e realizem as suas transformações (endógenas e exógenas).

## **PONTO DE PARTIDA Nº2**

As representações constroem o *território* a partir de duas dinâmicas :  
1. os actores sociais concebem a pertença da sua colectividade a um *território* específico, representando os limites e as divisões que especificam e fundam o lugar em que vive o grupo social a que pertencem, 2. os actores sociais concebem a sua inscrição num lugar através da construção de uma relação coerente entre diferentes divisões espaciais, pensando assim a sua pertença a um *território* mais vasto.

As representações operam através de uma *centração* sobre o local (e de uma *descentração* em relação a outros locais), que permite a cada localidade justapor-se a outras e, através de aberturas sucessivos do espaço, relacionar-se com elas num *espaço de conjunto* unitário onde, no entanto, cada localidade se mantém como parte distinta.

Os movimentos de abertura do espaço traduzem-se na existência de diferentes escalas de *representação do espaço* ; esse procedimento permite a integração progressiva dos espaços exteriores e, em termos de lógica da *identidade*, a integração progressiva da alteridade.



### **PONTO DE PARTIDA Nº3**

Os lugares relacionam-se uns com os outros enquanto partes integrantes de espaços mais vastos. O sentimento de *pertença* a um espaço específico é, deste modo, reforçado pela *referência* a outros espaços. *Espaço de pertença* e *espaço de referência* são duas das modalidades através das quais uma comunidade constrói o seu *território*. São normalmente espaços distintos, mas pode conceber-se uma coincidência entre ambos. Nesse caso, estamos perante uma comunidade autoreferenciada de tendência autista. No caso da não coincidência estamos face a aberturas múltiplas que permitem articular o *aqui* e o *além* numa dinâmica espacial produtora de mudança. Os espaços globais organizam-se em múltiplas modalidades (são fragmentados, hierarquizados, polarizados, englobados) e é na relação com estes que os espaços locais constroem as suas especificidades.

A relação *espaço de pertença/espaço de referência* (frequentemente organizada a partir da mobilidade espacial) é central para a compreensão das transformações das *representações do espaço*.

### **PONTO DE PARTIDA Nº4**

Dois grupos de actores sociais inscritos em espaços diferentes podem valorizar os seus próprios *territórios* através da *representação do território* do outro. Realizam assim uma valorização (positiva ou negativa) que será objecto de negociações mútuas. Podem surgir várias figuras

espaciais, resultantes de lógicas distintas. Por exemplo : **1.** cada grupo valoriza o seu próprio *território*, **2.** a área de inscrição espacial valorizada é comum, **3.** um dos grupos, embora reconhecendo a sua pertença a um lugar distinto, tem o lugar do outro como referência valorizada.

## ***MÉTODO***

---

### **ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO**

#### **NOTA PRÉVIA**

A metodologia que passamos a apresentar foi elaborada pela equipa do **CRAAL** - Centro de Investigação da Universidade de Genebra -, dirigido pelo Professor Pierre Pellegrino, e foi descrita pormenorizadamente na obra colectiva *"Espace et développement, tome I, développement spatial et identités régionales au Portugal; espaces en interaction, transformations régionales et structures locales"* (Pellegrino 1986a). Reenviamos para a referida obra os leitores que pretendam uma informação mais detalhada do que aquela que vamos fornecer. Esta apresentação, que decorre, obviamente, da nossa própria utilização dessa metodologia (elaborada e utilizada por uma equipa multidisciplinar), situa a sua utilização no interior dos quadros epistemológicos da antropologia:

1. Pretende mostrar como uma **equipa multidisciplinar** criou uma estratégia de investigação adaptada a um objecto antropológico - as **representações do espaço** - e como a possibilidade de utilizar **métodos quantitativos** determinou, desde o início, a estratégia de investigação.

2. Defende a ideia de que, apesar de os **métodos quantitativos** permitirem criar objectos de investigação específicos que não teriam existência se deles prescindíssemos, não são incompatíveis com os **métodos qualitativos**, e que ambos podem surgir, embora em momentos diferentes, numa mesma estratégia de investigação.

3. Conclui que a **especificidade de uma disciplina** (neste caso a antropologia) se pode construir no diálogo com outras disciplinas.

A apresentação metodológica de uma investigação costuma responder a três questões: Observar o quê? Como? Em quem? Começemos pela primeira.

## **OBSERVAR O QUÊ?**

As **representações colectivas do espaço** (Durkheim 1979). Um objecto a situar no interior de um objecto mais lato, as representações sociais da realidade (Berger e Luckmann 1976), e, na continuidade do objecto tradicional da antropologia, a cultura considerada como um sistema colectivo de significações, produzido e reproduzido no interior de processos de comunicação. Interessa-nos observar não só as formas e os conteúdos das representações mas também o dinamismo resultante dos processos de comunicação que lhes dão existência ao mesmo tempo que as transformam (Hannerz 1983).

Quando se fala em representações colectivas, pressupõe-se que os membros de uma determinada colectividade possuem repertórios semelhantes de significações, que são reconhecidos como fazendo parte da existência da colectividade. No que diz respeito ao espaço, isso significa que existe um princípio de atribuição de significações ao território que é comum aos membros de uma dada colectividade. Através das representações do espaço, os indivíduos conferem uma especificidade ao seu território e reconhecem uma identidade à sua colectividade. O que significa que se estabelece um laço indissociável entre o sentimento de pertença a uma colectividade e o sentimento de pertença a um território. Por isso é necessário estudar, nas representações observadas, a forma como a colectividade é pensada enquanto entidade particular - idêntica a uns e diferente de outros - e a forma como ela é investida num território que lhe é próprio, e que, por isso, é distinto do território dos outros. Trata-se, finalmente, de elaborar o objecto da investigação, de forma a que o território seja estudado do ponto de vista da antropologia do espaço e da antropologia do simbólico. Para a antropologia, o território é uma forma de a cultura estruturar a sua relação com os objectos (com a materialidade) e as representações do espaço são, enquanto configuração simbólica, um dos meios de constituição desse mesmo território.

Uma vez feita uma definição geral do objecto, colocam-se algumas questões suplementares. A primeira diz respeito à delimitação do colectivo que pretendemos observar. No nosso caso particular, delimitamos terrenos constituídos por localidades de nível hierárquico distinto : uma cidade e

duas ou três periferias. É evidente, mesmo sem fornecermos mais dados sobre os colectivos que nos propusemos estudar, que se nos colocou o problema mais geral do estudo da cultura nas sociedades urbanas. Ou seja, no interior de comunidades que se caracterizam por um grau de diversidade social e cultural superior àquele que define as sociedades tradicionais e onde, consequentemente, os níveis de interacção/comunicação são quantitativamente e qualitativamente superiores. Face a essa diversidade, é necessário criar técnicas de observação que delimitem o objecto : por um lado criando uma população representativa e, por outro, definindo uma estratégia de observação do objecto que pretendemos estudar. Passemos à estratégia de observação.

## **OBSERVAR COMO?**

O que acabámos de dizer implica, do ponto de vista da antropologia, a reformulação da concepção clássica de *trabalho de campo*: as sociedades complexas tornam difícil a utilização, enquanto técnica exclusiva, da *observação participante*. A investigação em antropologia urbana, campo disciplinar em que de algum modo nos incluimos, resultou de uma negociação metodológica (e não só) entre a antropologia clássica e a sociologia, que levou as duas disciplinas a reverem as suas próprias técnicas de observação. Se a antropologia cedeu ao utilizar técnicas de investigação mais formais, que permitem abordar um maior número de

actores sociais e fazer um tratamento quantitativo da informação recolhida, a sociologia, pelo seu lado, cedeu ao verificar que as abordagens qualitativas eram mais adequadas ao estudo de alguns aspectos da vida social, nomeadamente as representações.

No nosso trabalho partimos do princípio de que existe um discurso, *uma palavra sobre o espaço*, que possui firmeza suficiente para que, de um discurso ao outro, possamos encontrar as constantes que nos permitem chegar a modelos que consideramos próximos das **representações colectivas do espaço** (Raymond 1984). Adiantamos desde já que, no que diz respeito à recolha de dados, e em função do referido princípio, a nossa investigação optou pela realização de entrevistas **semidirectivas**. Mas antes de descrevermos a forma como estas foram preparadas, realizadas e analisadas, queremos fazer referência à nossa experiência anterior de investigação, realizada segundo os moldes clássicos da antropologia (Silvano e Zacarias 1982). O treino adquirido nessa investigação (realizada, em conjunto com Ana Paula Zacarias e sob a direcção dos Professores Rosa Maria Perez e João Leal, numa aldeia transmontana) foi fundamental para a realização das entrevistas em profundidade. A relação com os informadores principais ensinou-nos o objectivo a atingir: "(...) *créer les conditions de l'apparition d'un discours extra-ordinaire, qui aurait pu ne jamais être tenu, et qui, pourtant, était déjà là, attendant ses conditions d'actualisation*" (Bourdieu 1993: 914). A criação de situações de comunicação que conduzam ao objectivo definido por Bourdieu é essencial para todas as pesquisas que tenham por objecto as **representações colectivas**, seja qual for a técnica de observação utilizada.

Como já dissemos, a primeira resposta à questão *Como investigar?* foi : fazendo entrevistas **semidirectivas**. Já tínhamos o domínio técnico da situação de comunicação, mas faltava-nos o domínio de outras técnicas. Nomeadamente de tratamento informático e estatístico dos dados. A estratégia de investigação que passamos a descrever só foi possível no quadro do trabalho de equipa realizado no CRAAL, em que participaram, além de antropólogos, arquitectos, sociólogos, geógrafos e matemáticos (nunca é de mais dizê-lo, porque todos temos a tentação de esquecer a importância das outras disciplinas para a nossa própria investigação).

As entrevistas **semidirectivas**, com uma duração média de 2 horas, foram realizadas com o apoio de um **guia de entrevistas**. É óbvio, depois do que foi dito sobre as **representações do espaço**, que as entrevistas deviam contemplar, por um lado, a observação das representações da realidade social e, por outro, a observação das representações do território. Nesse sentido, o **guia de entrevistas** orienta o trabalho do entrevistador, de forma a que o discurso do entrevistado, que deve ter o espaço como referente, cubra diferentes áreas da vida social. As questões que propõe estão organizadas em dois grandes blocos : o primeiro diz respeito a questões que têm o espaço como objecto explícito e o segundo a questões que, embora se refiram, implicitamente, ao espaço, têm a vida social como objecto explícito. Na prática, as questões que dizem directamente respeito ao espaço devem ser sistematicamente dobradas por outras, que dizem respeito à apreensão de elementos constitutivos da vida social, e vice-versa. Só assim se consegue fazer a interacção entre as características reconhecidas, e projectadas, do espaço e os factores sociais que lhe dão



sentido. As entrevistas foram gravadas e posteriormente dactilografadas em folhas especialmente concebidas para realizar a análise de conteúdo (cft. extracto de entrevista - fim do capítulo). Cada entrevista corresponde a uma média de 30 páginas, de 35 linhas.

A literatura antropológica fornece-nos exemplos etnográficos que demonstram, através de oposições, que existem correspondências entre determinados recortes espaciais e determinadas práticas sociais : espaços sagrados e espaços profanos, espaços femininos e espaços masculinos, espaços públicos e espaços privados. Esse tipo de descrição não nos conduz, no entanto, ao entendimento das geometrias que estão na base da construção do nosso objecto de estudo. A tentativa de as entender fez com que a nossa metodologia de análise tivesse sido elaborada de forma a encontrar as relações existentes entre os espaços, os conteúdos que lhes são afectados e as formas que lhes são dadas. Apoiada numa tripla classificação **topológica** e em duas grelhas de codificação, uma **temática** e outra **espacial**, a metodologia surge na continuidade de algumas abordagens teóricas do nosso objecto de investigação, feitas por autores de diferentes disciplinas. Ao longo da apresentação, vamos referir os autores que nos parecem fundamentais para a compreensão das grelhas de análise utilizadas.

## OS TOPÓNIMOS

Alguns trabalhos de antropólogos mostraram que existe uma relação directa entre a organização social de uma aldeia, a organização material do seu espaço e a representação desse mesmo espaço. Correndo o risco de simplificar demasiado, podemos dizer que, do ponto de vista das representações, o *aqui* da aldeia se opõe ao *além*, que pode ser o espaço de outras aldeias, o espaço selvagem ou ainda o espaço dos deuses. O jogo entre o *aqui* e o *além* articula a relação com os outros ; marca as clivagens que organizam as **identidades inclusiva e exclusiva** (Pellegrino 1983a). Mas a significação pode complexificar-se. Basta multiplicarmos os pontos de vista. Nesse caso, os grupos sociais diversificam-se e passam a reconhecer **espaços de pertença** diferentes. Por exemplo, para os Bororos (Lévi-Strauss 1974, 1979), organizados em duas metades exogâmicas - para ficarmos no nível mais simples - existem, pelo menos, duas configurações de *representação do espaço* da aldeia : a dos Ceras e a dos Tugarés. Para cada um dos grupos, o *aqui* é a sua metade e o *além* a metade do outro. Lévi-Strauss demonstra que a aldeia é representada de forma diferente conforme a metade de origem do sujeito. Este tipo de trabalhos indica três coisas: **1.** a relação que um sujeito estabelece com os outros implica o reconhecimento de recortes territoriais distintos, **2.** a relação estabelecida com esses recortes não é sempre do mesmo tipo, **3.** podemos, pelo menos, referir dois tipos de relações : com o *aqui* e com o *além*.

Para continuar o nosso raciocínio, é útil destacar outra das

abordagens teóricas que serviram de suporte à criação da grelha de análise das entrevistas : a semiótica de Greimas. Num texto intitulado "*Pour une sémiotique topologique*", Greimas retoma a oposição *étendue* vs *espace*, para introduzir a questão de um conhecimento espacial do mundo. "*L'étendue (...) peut être considérée comme la substance qui, une fois informée et transformée par l'homme, devient l'espace, c'est-à-dire la forme susceptible, du fait de ses articulations, de servir en vue de signification*" (Greimas 1976 : 129). O espaço é a forma de uma construção que escolhe, para significar, apenas algumas das propriedades dos objectos "reais".

Até aqui encontramos-nos no interior do nosso ponto de partida teórico, que considera o espaço como uma construção simbólica. Mas a proposta de criação de uma *semiótica topológica* contém, além disso, algumas pistas de abordagem que foram fundamentais para a nossa metodologia. Passamos, por essa razão, a resumi-las : o espaço não pode ser representado se não se operarem disjunções, que opõem o *aqui* ao *além*, ou, numa modalidade mais volumétrica, o *englobado* ao *englobante*. Esta relação, que Greimas faz corresponder à relação mais geral que opõe uma *topia* a uma *heterotopia*, encontra-se, segundo ele, na base de todas as construções espaciais. A distinção entre as duas categorias espaciais referidas - *aqui/além*, *topia/heterotopia* - é fundamental para a compreensão da génese do espaço representado. Uma vez este dado adquirido, todo o trabalho de investigação consiste em observar as múltiplas actualizações dessa oposição fundamental. Trata-se de trabalhar as formas da relação com o *além*, o que significa, frequentemente, estudar as formas de relação com o *outro*.

Para colocar o sujeito no interior dessa relação, Greimas fala de apropriação de uma *topia* : um discurso sobre o território não se instaura se não houver uma identificação do sujeito do discurso com um lugar que se opõe a um outro lugar. Trata-se do fenómeno de *focalização*, que consiste na determinação de um ponto de vista. Nenhuma *topia* é construída independentemente do ponto de vista do sujeito que a representa, o que significa, em termos semióticos, que é necessário distinguir o *lugar da enunciação* e o *lugar do enunciado*. Conclusão : não há território sem posicionamento prévio, e há tantos lugares quantos os pontos de vista. Consequentemente, um *aqui* pode sempre tornar-se um *além*, basta mudar de ponto de vista.

Posto isto, parece evidente que uma das primeiras operações a realizar, aquando da análise de conteúdo, seja a distinção dos lugares segundo a oposição de base *topia vs heterotopia*. Para entender a relação entre o sujeito produtor do discurso e o território representado (sempre considerado como uma relação entre diferentes recortes espaciais), socorremo-nos das noções de **espaço de pertença**, **espaço objecto** e **espaço de referência**. Elas correspondem a três modalidades da relação sujeito/território, a destacar na análise.

O **espaço de pertença** corresponde ao lugar de identificação do entrevistado ; a utilização de pronomes pessoais como "eu" ou nós", por oposição a "ele" ou "eles", de pronomes possessivos como "minha" ou "meu", por oposição a "deles", ou de advérbios como "aqui", por oposição a "lá" ou "além", indicam a relação de pertença. O **espaço objecto** e o **espaço de referência** dobram a oposição de base proposta por Greimas : o

primeiro corresponde ao espaço de actuação do indivíduo, é o *objecto da sua acção*, o "aqui", e o segundo ao espaço que lhe serve de referência, o "além". Frequentemente, o **espaço objecto** é também **espaço de pertença**, mas esta sobreposição não é sistemática.

Em termos de codificação, os **topónimos** são destacados da seguinte maneira:

xxxxx espaço de pertença  
xxxxx espaço objecto  
[xxxxx] espaço de referência

A relação entre **espaço objecto** e **espaço de referência** pode tomar várias formas, dependendo dos **modos de espacialização** utilizados. Algumas indicações suplementares ajudam a precisar a codificação dos **topónimos**. Quando se opera a distinção entre parte e todo, o todo fica entre parênteses. No caso de uma reunião, se o todo não é especificado, todos os topónimos ficam entre parênteses. Nos outros casos, colocam-se entre parênteses os **topónimos** em relação aos quais o **espaço objecto** é apreendido, por diferença, semelhança, relação funcional ou formal (no caso de se tratar de uma codificação de fluxos, o espaço de chegada fica entre parênteses).

No que diz respeito aos **topónimos**, cada unidade de texto destacada apresenta obrigatoriamente três campos. Podem estar ou não todos preenchidos, pode acontecer que os três **topónimos** sejam todos diferentes, ou que o mesmo **topónimo** ocupe simultaneamente as três posições.

Podemos propor uma **frase modelo**, que vamos codificar, como

exemplo, ao longo da apresentação da técnica de análise das entrevistas:

"As pessoas aqui de Santa Eulália vão todos os dias para Vizela. É lá que estão as fábricas, não é? E há muitos que trabalham nas fábricas. Foi bom, essa coisa das fábricas."

Codificação dos topónimos:

SEulália

SEulália.

[Vizela]

## OS TEMAS

Os actores representam os factos da vida social a partir de um certo ponto de vista, socialmente construído, reduzindo-os na sua complexidade e focalizando-os em dimensões particulares. Essas dimensões podem ser tematizadas. Para tal agrupámo-las em **cinco grandes temas**, correspondentes a cinco campos de análise dos factos sociais : a **população**, a **sociedade**, a **economia**, a **história** e a **política**. No nosso modelo de análise estes cinco **temas** são especificados (cft. grelha de análise temática - fim do capítulo). Vamos deter-nos na apresentação do **tema história**, porque a sua construção retoma algumas categorias de análise propostas por outros autores, nomeadamente Propp e Greimas.

As atitudes sociais face ao espaço são, por um lado, de carácter conservador - cada colectividade reproduz e preserva uma *memória*

*colectiva* - e, por outro, de carácter prospectivo - cada colectividade opera no sentido da transformação do seu território (Halbwachs 1968; Connerton 1993). Ambas podem ser sujeitas a valorizações simbólicas, positivas ou negativas. Para entendermos os processos que articulam as diferentes situações temporais, socorremo-nos de uma tipologia analítica que retoma algumas proposições da semiótica (Propp 1978; Greimas 1976, 1979): colocámos em relação os espaços de permanência (**memória**), que podem ser pensados negativamente (**permanência da falta**), com os espaços das transformações imaginadas (**projectos**) e, ainda, com os espaços das transformações ocorridas, valorizados positivamente (**liquidação da falta**) e negativamente (**criação da falta**). Esta codificação ajudou-nos a compreender os modos de representar as transformações do território, dando-nos acesso à diacronia das representações do espaço. Revelou-se particularmente útil na análise dos espaços dos percursos dos actores migrantes. Nesses casos, a aproximação aos modelos de análise propostos por Propp e Greimas foi bastante operante (Silvano 1988, 1990a )

**Frase modelo :**

"As pessoas aqui de Santa Eulália vão todos os dias para Vizela. É lá que estão as fábricas, não é? E há muitos que trabalham nas fábricas. Foi bom, essa coisa das fábricas."

**Codificação dos temas:**

população residente (112), deslocações diárias (131), liquidação da falta (440), produção secundário (320)

## OS MODOS DE ESPACIALIZAÇÃO

Nas suas representações, os factos da vida social não são só focalizados e reduzidos em certas dimensões **temáticas** mas são também **especializados** segundo certas **modalidades**. Estas **modalidades** descrevem o jogo das posições sociais no território, a forma como os actores e os grupos se dispõem uns face aos outros e se impõem certas relações no espaço. Os **modos de especialização** dão forma às dimensões **temáticas**, organizando assim as configurações territoriais. A **grelha de análise espacial** distingue três níveis, sendo cada um deles constituído por um par que opõe dois grandes **modos de especialização** : os factos são colocados no espaço em conjunto (**inclusão**) ou separados (**exclusão**), a propósito de **semelhanças** ou de **diferenças**, através de **relações funcionais** ou **formais**. Os **modos de especialização** são especificados (cft. **grelha de análise espacial** - fim do capítulo). Cabe aqui uma nota, relativa à importância do trabalho de Jean Piaget, "*La représentation de l'espace chez l'enfant*", para a construção da **grelha de análise** (Piaget 1981). Piaget mostrou que a **representação do espaço** começa por reproduzir *relações topológicas* elementares - que se baseiam em correspondências qualitativas bicontínuas, que fazem apelo a conceitos de separação, inclusão, ordem, vizinhança, etc - para só depois se tornar *projectivo e euclidiano*. A **grelha de análise espacial** procura dar conta da *competência topológica*, visto ser ela que organiza, em grande parte, as **representações colectivas do espaço**.



**Frase modelo:**

"As pessoas aqui de Santa Eulália vão todos os dias para Vizela. É lá que estão as fábricas, não é? E há muitos que trabalham nas fábricas. Foi bom, essa coisa das fábricas."

Codificação espacial:

Flux (50), orientação (60)

## **A CODIFICAÇÃO**

Como vimos, os textos resultantes das entrevistas são codificados com o apoio de duas grelhas, relativas, respectivamente, aos temas da vida social e às modalidades espaciais. São ainda destacados os espaços tidos como objectos e referências do discurso, assim como os espaços de pertença dos sujeitos entrevistados.

O **texto** é dividido em **segmentos**, definidos pela pertinência interna dos três níveis de codificação : a **relação topónimos/modos de espacialização/temas** deve ser recíproca. Assim, desde que os **topónimos** mudem, ou um **modo de espacialização** deixe de ser pertinente, relativamente ao conjunto de **temas** que lhe está associado, ou vice-versa, fecha-se uma unidade de texto e abre-se uma outra. Cada unidade de texto é composta por um conjunto de lugares, espacializados de uma certa forma em relação a certos temas. Compreende **sete campos codificados** : **três campos de topónimos (relativos aos espaços de pertença, objecto e**

referência), um campo de modos de espacialização e um campo de temas, aos quais se acrescentam dois campos de reenvio para as entrevistas, que indicam, respectivamente, a página e a linha em que se inicia o texto. Os campos são separados por pontos e, no interior dos campos, os códigos são separados por vírgulas (cft. extracto de ficheiro - fim do capítulo). O **ficheiro de uma entrevista** é constituído pelos segmentos relativos a todos os blocos de texto codificados.

**Codificação completa:**

pág,linha.modos.temas.objecto.referência.pertença.

1,1.50,60.112,131,440,320.SEulália.Vizela.SEulália.

## **FICHEIRO E TRATAMENTO DE DADOS**

Uma vez constituídos, os **ficheiros são testados** por um programa que controla, para cada **segmento**, a coerência dos **campos** apresentados, assim como a validade dos **códigos** utilizados. O programa localiza os erros, fornecendo informação relativa à página, linha e entrevista onde se encontram. Além disso, assinala-os com mensagens como : *código desconhecido, falta de uma campo de topónimos, demasiados campos*. Fornece ainda uma lista de **topónimos**, o que permite corrigir eventuais desvios ortográficos (cft. extracto de uma saída do programa de controlo -

fim do capítulo). Uma vez corrigidos, os ficheiros são integrados num ficheiro único (cft. extracto do ficheiro de conjunto - fim do capítulo).

A equipa do CRAAL pretendia utilizar o *SPSS* (*Statistical Package for the Social Sciences*), pelo que criou um programa que, a partir do ficheiro de dados acima descrito (*input*), gera um ficheiro que pode ser submetido ao *SPSS*.

O programa de criação do ficheiro **SPSS** determina o número máximo de valores encontrados num mesmo segmento para cada campo e, a partir daí, gera um ficheiro de formato fixo. Para cada segmento de codificação o programa cria um novo campo, cujo valor identifica a entrevista a que pertence. Além disso, associa a cada topónimo um código numérico e constrói um ficheiro de "*labels*" para esses códigos. O *output* é constituído por dois ficheiros e uma mensagem : 1. ficheiro em formato fixo para o *SPSS*, 2. ficheiro dos "*labels*" relativos aos topónimos, 3. informações sobre o número máximo, por segmento, de operações, temas, lugares sem parênteses, lugares entre parênteses e lugares sublinhados, e, ainda, a informação do número de segmentos encontrados (cft. *esquema 1* - fim do capítulo).

O ficheiro **SPSS** arquiva a informação da seguinte forma : 1. cada entrevista corresponde a um subficheiro, 2. cada segmento corresponde a uma "entidade", 3. cada código corresponde a uma variável.

Uma vez esse ficheiro criado, podem obter-se, através de uma manipulação simples do *SPSS*, **vários tipos de cruzamentos entre as variáveis espaço, modo de espacialização e tema** (cft. exemplo de "programa" - fim do capítulo). Os cálculos podem ser efectuados a partir dos

dados relativos à totalidade dos **terrenos** estudados, relativos a cada terreno, relativos a cada localidade ou, ainda, relativos a um grupo de entrevistados. Podem, por isso, ser estabelecidas diversas comparações relacionadas com as diferentes hipóteses a testar (cft. quadros de cruzamentos, quadros de **CHI<sup>2</sup>**, análise de *Cluster*, cartas topológicas - fim do capítulo).

## **REGISTO FOTOGRÁFICO**

Durante as entrevistas foram postas à disposição dos entrevistados três cartas topográficas das regiões em estudo (1:250.000, 1:50.000 e 1:25.000), montadas numa placa fixa e cobertas por acetatos. Em alguns momentos, foi-lhes pedido que desenhassem sobre o acetato as delimitações territoriais de que falavam. Ao mesmo tempo, foi feito um registo fotográfico dos desenhos e da sua evolução. Este registo permite-nos reconstituir o percurso gráfico dos entrevistados e associá-lo ao texto das entrevistas.

## **OBSERVAR EM QUEM ?**

A metodologia foi aplicada a seis **terrenos**, escolhidos em função das disparidades de desenvolvimento apresentadas. Cada **terreno** é constituído por quatro localidades : uma cidade e três periferias. As regiões inquiridas situam-se na proximidade das seguintes cidades : Guimarães e Mirandela no Norte, Coimbra e Covilhã no Centro, Setúbal e Évora no Sul. Em cada uma das localidades inquiridas, foram realizadas quatro **entrevistas**, que obedeceram aos seguintes critérios de selecção : **1.** o presidente da Câmara Municipal ou Junta de Freguesia, **2.** o opositor nas últimas eleições, **3.** um emigrante de retorno, **4.** um habitante da localidade. Além disso foram ainda entrevistados os presidentes das CCRs (Comissões de Coordenação Regionais) das Regiões onde os terrenos se incluem. Cada entrevista corresponde a uma média de 30 páginas de 35 linhas e cada localidade a uma média de 120 páginas. O terreno de Guimarães, por exemplo, corresponde a um total de 825 páginas de entrevistas e constitui um ficheiro de 1813 segmentos.

## **OS RESULTADOS**

O primeiro problema que se coloca a um antropólogo que pretende estudar as **representações colectivas do espaço** é o da metodologia a utilizar. No nosso caso, socorremo-nos de uma metodologia elaborada, e

testada, por uma equipa de investigação interdisciplinar. Essa metodologia permitiu-nos codificar os discursos dos entrevistados - situando-os nos seus referentes espaciais, em articulação com os temas que lhes estão associados e com as modalidades utilizadas para os figurar - e fazer o tratamento informático dos dados assim obtidos. Uma vez os dados analisados, é possível isolar **articulações significativas** que colocam **espaços, temas e modos de espacialização**. A possibilidade de realizar esta tripla articulação é, quanto a nós, a característica mais inovadora desta metodologia. De facto, só ela nos permite trabalhar no sentido de definir, conjuntamente, as articulações lógicas que presidem às **representações do espaço** e as relações que as formas espaciais daí resultantes estabelecem com os conteúdos da vida colectiva. Não se trata, portanto, apenas de uma procura relativa à lógica de construção das formas espaciais, mas, mais do que isso, de uma tentativa de pensar a relação forma/conteúdo como uma relação reveladora da especificidade do espaço humano. Será que os diferentes níveis da vida social (económico, religioso, político, etc) se desenrolam em *territórios* cujas representações são, nas suas lógicas internas, idênticas? Ou, pelo contrário, será que existem formas espaciais que se ligam preferencialmente a algumas destas áreas da vida social? Nesse caso, não teremos um espaço para cada colectividade, mas uma **multiplicidade de configurações** que se contrapõem, se sobrepõem e se articulam, para formar uma realidade complexa que é, exactamente, o nosso objecto de estudo. A codificação de vários tipos de **temporalidade** permite ainda colocar um outro tipo de questões. Quais são as formas e os conteúdos dos espaços actuais, dos espaços da memória e dos espaços

projectivos que conduzem a uma abordagem dinâmica das *representações do espaço*?

## O NOSSO TRABALHO

Como já dissemos, utilizámos a metodologia que acabámos de apresentar no trabalho realizado no quadro do projecto PNUD/UNESCO "*Développement spatial et identités régionales au Portugal*". Esse projecto esteve na base de uma tese apresentada com vista à obtenção do grau de mestre em antropologia cultural e social e sociologia da cultura, e está também, na base do presente trabalho. Para a tese de mestrado estudámos o terreno constituído por Coimbra, Portunhos, Souselas e Barcouço, ao qual acrescentamos agora o terreno constituído por Guimarães, São João de Vizela, São Miguel de Vizela e Santa Eulália.

Embora a metodologia de base seja a mesma, o aproveitamento das suas potencialidades foi, nos dois casos, um pouco diverso. O primeiro estudo de caso, desenvolvido na publicação colectiva "*Espace et développement*" (Pellegrino 1986a) e no trabalho "*Identidades regionais e representações colectivas do espaço*" (Silvano 1988) foi sujeito a um tratamento dos dados que permitiu a criação de cartas topológicas (cft. exemplo de carta topológica - fim do capítulo), enquanto o segundo estudo de caso não foi sujeito a esse tipo de análise. No presente trabalho faremos um comentário aos resultados obtidos no primeiro estudo de caso, o que

nos permitirá avançar para o segundo, que é inédito, com algumas ideias adquiridas. Visto que o terreno relativo à região de Guimarães constitui o núcleo deste trabalho, fazemos aqui uma pequena apresentação das etapas que organizaram a investigação que se lhe refere:

1. Feita a análise das entrevistas e constituídos os ficheiros iniciámos os cruzamentos de dados. Uma análise detalhada dos quadros daí resultantes permitiu-nos definir as grandes linhas organizadoras das representações do espaço, por um lado do terreno considerado no seu conjunto e, por outro lado, das localidades consideradas individualmente. Esta primeira etapa permitiu também a comparação entre as localidades e a definição das respectivas especificidades. Organizámos um conjunto de textos introdutórios, que resultam deste primeiro momento da investigação e que definem as componentes estruturais das representações do espaço em estudo. São apresentados, respectivamente, no início do estudo do terreno, e no início do estudo de caso de cada uma das localidades.

2. Num segundo momento retomámos as entrevistas, desta vez orientados pela análise quantitativa, que permitiu seleccionar as passagens mais significativas. Iniciámos então um trabalho de interpretação dos textos dos inquiridos, que terminou com a elaboração de textos (interpretação descritiva) que pretendem traduzir, embora não dando conta de toda a sua complexidade, as representações do espaço dos membros das colectividades em estudo.



3. Por fim fizemos um estudo interactivo, que analisa as compatibilidades e as incompatibilidades entre as diferentes representações em presença.

### EXTRACTO DE UMA ENTREVISTA ANALISADA

[illegible]

# GRELHA DE ANÁLISE TEMÁTICA

THEMES	OBJET
<u>100 Morphologie sociale</u>	
110 Composition de la population	(114) âges, (111) professions (112) résidents, (113) étrangers (115) sexes
120 Taille de la population	(124) seuils, (121) fluctuations positives (122) fluctuations négatives (123) densités
130 Déplacements de la population	(131) journaliers, (132) hebdomadaires (133) saisonniers (134) réguliers autres (135) occasionnels (136) migration définitive
<u>200 Société</u>	
210 Relation(faire)	(214) collaboration (211) communauté d'intérêts mis en oeuvre (212) divergence, (213) conflits
220 Intégration (devenir)	(226) par l'éducation (221) par l'information (222) par le rituel (223) par la participation (activités politiques) ( vie associative) (de ... renvoi à ... composition ou et coexistence)
230 Coexistence (être)	(236) de mentalités (231) d'inter-connaissances ou groupes (232) de cultures, (233) de religions (234) de clans ou lignage (235) de classes
<u>300 Economie</u>	
310 Production-primaire	(310) cultures, (311) terres (312) propriétés, (313) élevage (314) infrastructures (315) instruments de production
320 Production-secondaire	(326) industrie extraction (321) industrie transformation (322) industrie de machines outils (323) industrie des biens de consommation (324) entreprise du bâtiment (325) artisanat et autres petites entreprises
330 Distribution-tertiaire	(331) services privés (334) service publiques (332) distribution (333) infrastructures
340 Reproduction-tertiaire	(346) services hôteliers et touristi- ques (341) équipements culturels (342) équipements sportifs (343) logements (344) équipements de formation et santé (345) paysage
350 Structure et conjoncture	(354) structure des activités (351) dynamique économique (352) taille des entreprises (353) revenus
<u>400 Histoire</u>	
410 Permanence-mémoire	(416) mythe fondateur (411) haut fait singulier (412) coutume, tradition (413) vestige (414) monument (415) document
420 Permanence - manque	(Renvoi aux autres numéros)
430 Transformation/création du manque	(Renvoi aux autres numéros)
440 Transformation/liquidation du manque	(Renvoi aux autres numéros)
450 Transformation/projet	(Renvoi aux autres numéros)
<u>500 Politique</u>	
510 Administration	(Renvoi aux autres numéros)
520 Planification	(Renvoi aux autres numéros)
<u>600 Biographie du sujet</u>	(Renvoi aux numéros du talon sociolo- gique et éventuellement renvoi à d'autres thèmes puis des spatialités associées)

## GRELHA DE ANÁLISE ESPACIAL

1.1	Autres lieux qui font ensemble avec le lieu de l'interviewé	(10) Réunion, (11) inclusion, (12) emboîtement, (13) intersection (14) partition, (15) extension, (16) diminution, (17) continuation (par exemple, par rapport à un axe), (18) ouverture, (19) fermeture
1.1.1	Lieu de l'interviewé qui fait ensemble à lui tout seul	
1.2	Autres lieux qui font ensemble entre eux	
1.2.1	Autre lieu qui fait ensemble à lui tout seul	
11.1.1	Lieux de l'interviewé qui ne font pas partie de la région de l'interviewé (cas de mobilité)	
11.1.2	Autre région qui n'inclut pas les lieux de l'interviewé	(20) exclusion, (21) enclavement, (22) séparation (2 ensembles) (23) éclatement
11.2.1	Autre région qui n'inclut pas d'autres lieux	
111.1	Autres lieux par ressemblance auxquels le lieu de l'interviewé est caractérisé	
111.1.1	Lieu de l'interviewé qui ressemble à lui-même (permanence)	(30) caractérisation, (31) analogie (32) homologie, (33) équivalence (34) emblématisation
111.2	Autres lieux qui se ressemblent entre eux	
111.2.1	Autre lieu qui ressemble à lui-même	
IV.1	Autres lieux par différence auxquels le lieu de l'interviewé est caractérisé	
IV.1.1	Lieu de l'interviewé qui diffère de lui-même (transformation)	(41) distinction, (42) particularisation (43) hiérarchisation (au moins 2 termes) (44) réduction (1 seul terme ou un seul ensemble de termes)
IV.2	Autres lieux qui diffèrent entre eux	
IV.2.1	Autre lieu qui diffère de lui-même	
V.1	Autres lieux avec lesquels le lieu de l'interviewé est en relation fonctionnelle	
V.1.1	Lieu de l'interviewé qui est en relation fonctionnelle avec lui-même (autarcie)	(50) flux, (51) polarisation (52) complémentarité, (53) association (54) mélange, (55) équilibration (56) diffusion, (57) esprit de clocher
V.2	Autres lieux qui sont en relation fonctionnelle entre eux	
V.2.1	Autre lieu qui est en relation fonctionnelle avec lui-même	
VI.1	Autres lieux qui sont en relation formelle avec le lieu de l'interviewé	
VI.1.1	Lieu de l'interviewé qui est en relation formelle avec lui-même (qui a une figure)	(60) orientation, (61) connexion (liaison) (62) voisinage (proximité), (63) mise à distance (64) contiguïté (contact), (65) intercalation (66) positionnement au centre
VI.2	Autres lieux qui sont en relation formelle entre eux	
VI.2.1	Autre lieu qui est en relation formelle avec lui-même	

## EXTRACTO DO FICHEIRO DE UMA ENTREVISTA (GUIMARÃES1)

1,4.30,15,34.416.guimaraes.portugal.guimaraes.  
1,13.30.416,414.guimaraes.guimaraes.guimaraes.  
1,29.30.430,412,343,324.villes.villes.guimaraes.  
2,12.54.430,230,320,330,343.guimaraes.guimaraes.guimaraes.  
2,35.30,14.440,414,510.guimaraes.guimaraes.guimaraes.  
3,24.31.414.scompostela.guimaraes.guimaraes.  
4,6.30.440,414.guimaraes.guimaraes.guimaraes.  
4,18.14,30.330,340.vizela,taipas,peridem,storcato.concelhguima.concelh  
5,8.42.414.localite.guimaraes.guimaraes.  
5,24.15,61.130,345.lordelo.moreiconegos.guimaraes.  
6,4.60,66.320.peridem.rondar,candons,smartinho,roufe.guimaraes.  
6,25.14,11.510.taipas,storcato,vizela,peridems,jorcelo,lourdolo.concel  
6,35.30.510.concelhguima.concelhguima.concelhguima.  
7,19.15,14.510,324,343,220,412.concelhguima.concelhguima.concelhguima.  
8,9.51.430,520,324,343.freguesias.guimaraes.guimaraes.  
8,33.14,42.420,353,343,341,344.freguesias.concelhguima.concelhguima.  
9,16.51,41.430,520,324,343.freguesias.guimaraes.guimaraes.  
10,8.30.310.creixomil.creixomil.concelhguima.  
10,22.30.321,323.vizela,peridem.vizela,peridem.concelhguima.  
10,35.30.321,323.taipas.taipas.concelhguima.  
11,18.15,56.324.concelhguima.concelhguima.concelhguima.  
11,36.57.345.vizela.vizela.concelhguima.  
12,15.54,15.430,351,320.guimaraes.guimaraes.guimaraes.  
12,35.30.320.vizela.vizela.concelhguima.  
13,26.30,42.520,353,341,342,344,343,333,430,414.concelhguima.concelhgu  
14,16.14,56.412,222.freguesias.concelhguima.concelhguima.  
14,35.42.412,222.guimaraes.concelhguima.concelhguima.  
15,19.41.412,222.vizela.guimaraes.concelhguima.  
15,35.15.416,412,222.guimaraes.portugal.guimaraes.  
16,26.62.412,222,313.commune.concelhguima.concelhguima.  
17,13.15,43.412,222.serzelo.portugal.concelhguima.  
17,19.11.510,214,231.guimaraes,stirso,famalicao.valeave.valeave.  
17,35.50.135,412,222.guimaraes.guimaraes.guimaraes.  
18,25.42,14.412,222,223.fermentoes.concelhguima.concelhguima.  
19,3.53.510,214,223,341,344.fermentoes.pays.concelhguima.  
19,26.30,54.111,320,310.freguesias.freguesias.concelhguima.  
20,5.62.420,341,412,222.guimaraes.guimaraes.guimaraes.  
20,26.50,15.133,412,222.altominho.trasmontes.guimaraes.  
21,18.43.412,222.guimaraes.portugal.guimaraes.  
22,14.30.114,111,222,412.guimaraes.guimaraes.guimaraes.  
22,29.50.134.guimaraes.braga.guimaraes.  
23,12.14,56.222,412,332.vizela,peridem,guimaraes.concelhguima.concelhgu  
23,35.30.420,334.guimaraes.guimaraes.guimaraes.  
24,26.50.420,510,213,331,131.concelhguima.concelhguima.concelhguima.  
25,6.63.410,332,334,130.fermentoes.fermentoes.fermentoes.  
25,26.63.420,130,334,332,341.fermentoes.localites.guimaraes.guimaraes.

## EXTRACTO DO FICHEIRO DO CONJUNTO DAS ENTREVISTAS DO TERRENO DE GUIMARÃES

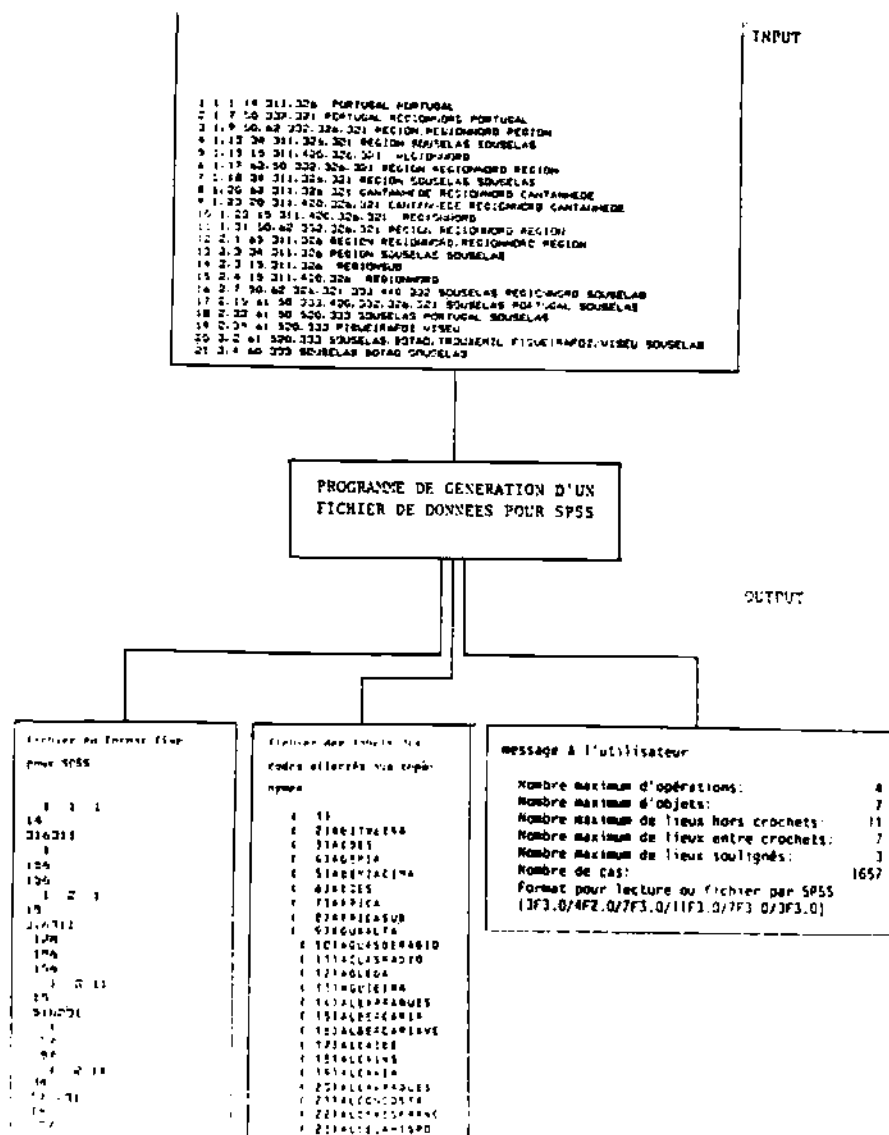
16  
99  
104  
93  
101  
85  
188  
154  
187  
77  
109  
127  
62  
115  
105  
105  
102  
1,4.30,15,34.416.guimaraes.portugal.guimaraes.  
1,13.30.416,414.guimaraes.guimaraes.guimaraes.  
1,29.30.430,412,343,324.cidades.cidades.guimaraes.  
2,12.54.430,230,320,330,343.guimaraes.guimaraes.guimaraes.  
2,35.30,14.440,414,510.guimaraes.guimaraes.guimaraes.  
3,24.31.414.santiagocomp.guimaraes.guimaraes.  
4,6.30.440,414.guimaraes.guimaraes.guimaraes.  
4,18.14,30.330,340.vizela,taipas,pevidem,storcato.concguimarae.concguimarae.  
5,8.42.414.localidade.guimaraes.guimaraes.  
5,24.15,61.130,345.lordelo.morconegos.guimaraes.  
6,4.60,66.320.pevidem.rondar,candons,smartinho,ronfe.guimaraes.  
6,25.14,11.510.taipas,storcato,vizela,pevidem,lordelo,lordelo.concguimarae.concguimarae.  
6,35.30.510.concguimarae.concguimarae.concguimarae.  
7,19.15,14.510,324,343,220,412.concguimarae.concguimarae.concguimarae.  
8,9.51.430,520,324,343.freguesias.guimaraes.guimaraes.  
8,33.14,42.420,353,343,341,344.freguesias.concguimarae.concguimarae.  
9,16.51,41.430,520,324,343.freguesias.guimaraes.guimaraes.  
10,8.30.310.creixomil.creixomil.concguimarae.  
10,22.30.321,323.vizela,pevidem.vizela,pevidem.concguimarae.  
10,35.30.321,323.taipas.taipas.concguimarae.  
11,18.15,56.324.concguimarae.concguimarae.concguimarae.  
11,36.57.345.vizela.vizela.concguimarae.  
12,15.54,15.430,351,320.guimaraes.guimaraes.guimaraes.  
12,35.30.320.vizela.vizela.concguimarae.  
13,26.30,42.520,353,341,342,344,343,333,430,414.concguimarae.concguimarae.  
14,16.14,56.412,222.freguesias.concguimarae.concguimarae.  
14,35.42.412,222.guimaraes.concguimarae.concguimarae.  
15,19.41.412,222.vizela.guimaraes.concguimarae.  
15,35.15.416,412,222.guimaraes.portugal.guimaraes.

# EXTRACTO DE UMA SAÍDA DO PROGRAMA DE CONTROLO

Extraits de sorties du programme de contrôle des données :

( 1 20)	CODE INCONNU :	68	FICHER SANS ERREUR
( 1 20)	CODE INCONNU :	311	195 SEGMENTS
( 1 23)	CODE INCONNU :	420	ALFARELOS
( 1 23)	CODE INCONNU :	326	ANADIA
( 1 23)	CODE INCONNU :	321	AVEIRO
			BATRO
( 7 11)	MANQUE UN CHAMP TOPOONYMES		BOTAO
			BRAGANCA
( 13 6)	CODE INCONNU :	331	BRASFEMES
( 13 6)	CODE INCONNU :	333	CANTANHEDE
( 13 6)	CODE INCONNU :	131	COIMBRA
( 13 6)	CODE INCONNU :	326	CONDEIXA
( 13 6)	CODE INCONNU :	321	COVILHA
			ESPAGNE
( 13 2)	CODE INCONNU :	346	FIGUEIRAFOZ
( 13 2)	CODE INCONNU :	332	LAMAS
			LEIRIA
( 22 26)	MANQUE UN CHAMP TOPOONYMES		LISSOA
			LOCALITE
( 29 34)	TROP DE CHAMPS		LOUSA
			LUSA
			LUSO
			MAIA
ALFARELOS			MALAPOSTA
ANADIA			MARMELEIRA
AVEIRO			MARMELEIRA
BATRO			REALHADA
BOTAO			MINHO
BRAGANCA			MONTENOR
BRASFEMES			OLIVEIRABAIR
CANTANHEDE			PAMPILHOSA
COIMBRA			PAYS
CONDEIXA			PENACOVA
COVILHA			PIAREES
ESPAGNE			PORTO
FIGUEIRAFOZ			PORTUGAL
LAMAS			REGION
LEIRIA			REGIONNORD
LISSOA			REGIONSUD
LOCALITE			SABUGAL
LOUSA			SANCALHOS
LUSA			SARGENTONOR
LUSO			SENHORASERRA
MAIA			SOURCE
MALAPOSTA			SOURCE
MARMELEIRA			SOUSELAS
MARMELEIRA			TROUXEMIL
REALHADA			VALMONDEGO
MINHO			WISEU
MONTENOR			ZUPARRIA
OLIVEIRABAIR			
PAMPILHOSA			
PAYS			
PENACOVA			
PIAREES			
PORTO			
PORTUGAL			
REGION			

### ESQUEMA 1.





**"PROGRAMA" RELATIVO AO CRUZAMENTO MODOS DE  
ESPACIALIZAÇÃO/TEMAS (PARA A TOTALIDADE DO TERRENO  
DE GUIMARÃES)**

```

TITLE 'CROISEMENT espaces - themes'.
GET FILE='\\mena2\\minhoca.sps'.
RECODE          V4 TO V10(10 THRU 19=10)
                (20 THRU 29=20)
                (30 THRU 39=30)
                (40 THRU 49=40)
                (50 THRU 59=50)
                (60 THRU 69=60)
                (70 THRU 99=0).
RECODE          V24 TO V30(10 THRU 99=0)
                (100 THRU 129=100)
                (130 THRU 139=0)
                (200 THRU 239=200)
                (300 THRU 359=300)
                (400 THRU 459=400)
                (500 THRU 529=500)
                (530 THRU 600=0).
VALUE LABELS    V4 TO V10 10 'ENSEMBLE'
                20 'EXCLUSION'
                30 'RESSEMBLANCE'
                40 'DIFFERENCE'
                50 'REL FONCTION'
                60 'REL FORMEL'/
                V24 TO V30 100 'MORPHOLOGIE'
                200 'SOCIETE'
                300 'ECONOMIE'
                400 'HISTOIRE'
                500 'POLITIQUE'.
MISSING VALUES V4 TO V10(0).
MISSING VALUES V24 TO V30(0).
TABLES FORMAT=BOX CWIDTH(15,12)
/MISSING=EXCLUDE
/FTOTAL=CTOTAL 'total colonne' RTOTAL 'total ligne'
/MRGROUP=SPATIAL 'modes' V4 TO V10
/MRGROUP=THEMAT 'themes' V24 TO V30
/GBASE=RESPONSES
/TABLE=SPATIAL + CTOTAL BY THEMAT + RTOTAL
/STATISTICS=RESPONSES(SPATIAL' ') RPCT(SPATIAL' ':SPATIAL)
RPCT(SPATIAL' ':THEMAT)
/CONTINUED=LEFT.

```

QUADRO N°1 (CRUZAMENTO)

TRÊS LOCALIDADE - Totalidade dos temas (em bloco)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

The SPSS/PC+ system file is read from  
file \mena2\minhoca.sps  
The file was created on 5/21/93 at 18:30:39  
and is titled labels des variables  
The SPSS/PC+ system file contains  
1813 cases, each consisting of  
41 variables (including system variables).  
41 variables will be used in this session.

Região (três localid.)	cruzamento : temas/modos de espacialização			
	POPULATION	SOCIETE	ECONOMIE	HISTOIRE
INCLUSION	65 6.1% 10.1%	215 20.2% 16.7%	344 32.4% 14.2%	247 23.2% 15.2%
EXCLUSION	11 3.5% 1.7%	71 22.9% 5.5%	83 26.8% 3.4%	92 29.7% 5.7%
RESSEMBLANCE	157 9.5% 24.5%	276 16.7% 21.4%	666 40.3% 27.5%	441 26.7% 27.2%
DIFFERENCE	72 7.7% 11.2%	159 16.9% 12.3%	421 44.7% 17.4%	220 23.4% 13.6%
REL FONCTION	283 14.7% 44.1%	416 21.6% 32.3%	638 33.2% 26.3%	432 22.5% 26.7%
REL FORMEL	54 7.0% 8.4%	152 19.7% 11.8%	274 35.4% 11.3%	189 24.5% 11.7%
total colonne	642 9.6% 100.0%	1289 19.3% 100.0%	2426 36.4% 100.0%	1621 24.3% 100.0%

(continued)

Região (três localid.)		total ligne
	POLITIQUE	
INCLUSION	192 18.1% 28.1%	1063 100.0% 16.0%
EXCLUSION	53 17.1% 7.7%	310 100.0% 4.7%
RESSEMBLANCE	111 6.7% 16.2%	1651 100.0% 24.8%
DIFFERENCE	69 7.3% 10.1%	941 100.0% 14.1%
REL FONCTION	155 8.1% 22.7%	1924 100.0% 28.9%
REL FORMEL	104 13.5% 15.2%	773 100.0% 11.6%
total colonne	684 10.3% 100.0%	6662 100.0% 100.0%

QUADRO N°1 (CHI2)

TRÊS LOCALIDADES - Totalidade dos temas (em bloco)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	65	215	344	247	192
exclusion	11	71	83	92	53
ressemblan	157	276	666	441	111
difference	72	159	421	220	69
rel foncti	283	416	638	432	155
rel formel	54	152	274	189	104

TABLEAU DES ECARTS

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	(-) 13.68	(+) 0.42	(-) 4.80	(-) 0.52	(+) 62.91
exclusion	(-) 11.92	(+) 2.02	(-) 7.91	(+) 3.64	(+) 14.08
ressemblan	(-) 0.03	(-) 5.91	(+) 6.98	(+) 3.84	(-) 20.20
difference	(-) 3.85	(-) 2.92	(+) 17.91	(-) 0.35	(-) 7.89
rel foncti	(+) 51.36	(+) 5.14	(-) 5.60	(-) 2.79	(-) 9.16
rel formel	(-) 5.64	(+) 0.04	(-) 0.20	(+) 0.00	(+) 7.65

CHI2 = 279.38

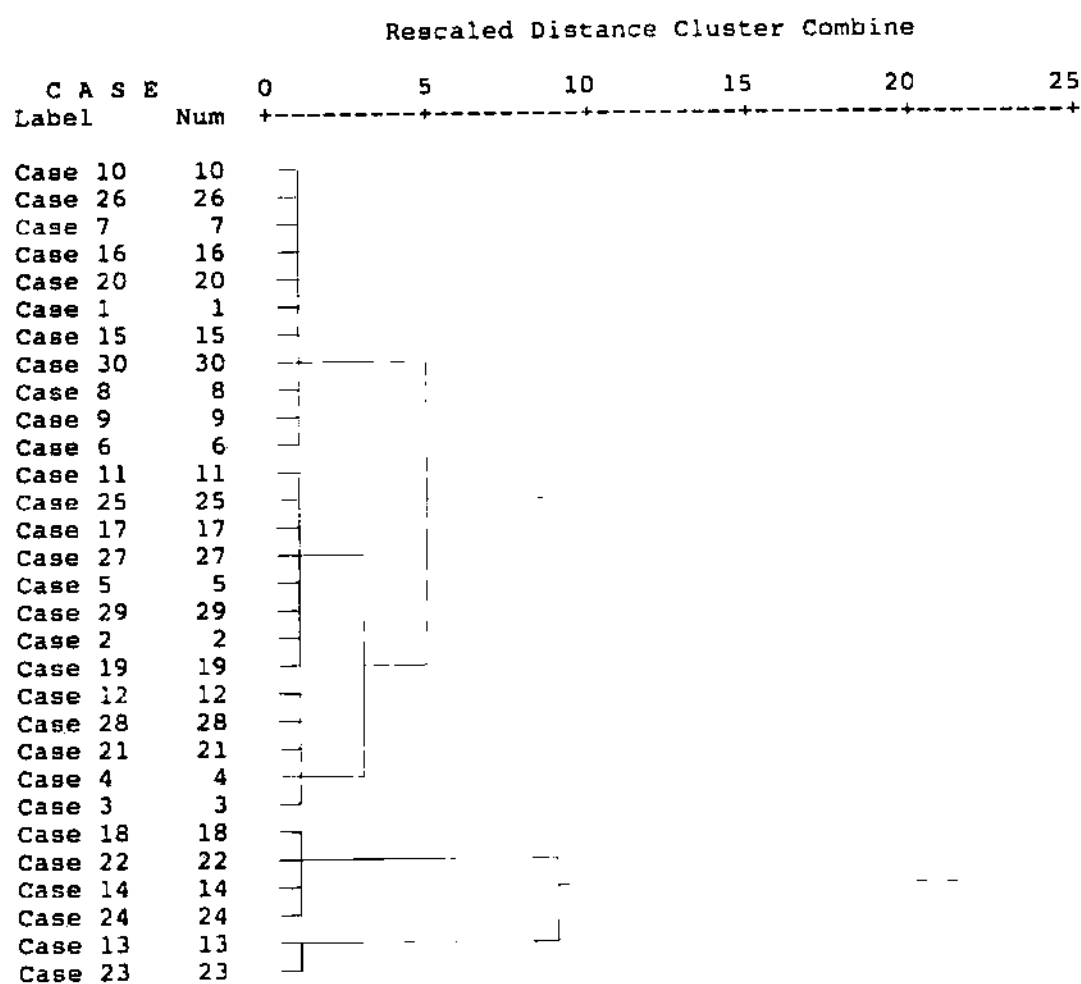
**CLUSTER (TOTALIDADE DO TERRENO DE GUIMARÃES)**

01 Jan 91 SPSS for MS WINDOWS Release 5.0

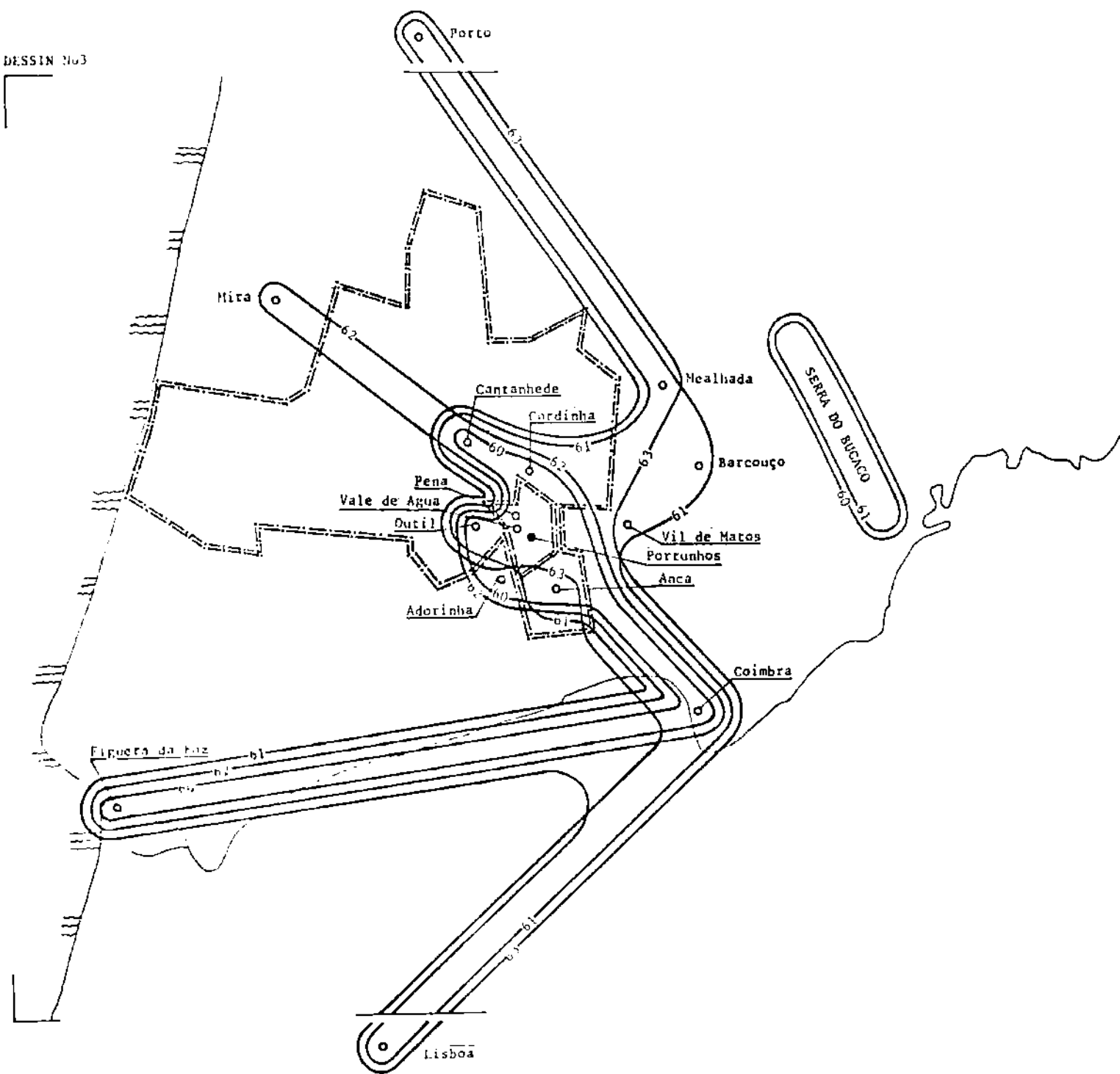
Page 7

\* \* \* \* \* H I E R A R C H I C A L C L U S T E R A N A L Y S I S \* \* \* \* \*

Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)



CARTA TOPOLÓGICA : PORTUNHOS (ESPAÇO DE REFERÊNCIA  
DAS RELAÇÕES FORMAIS)



## A CONSTRUÇÃO DE UMA PROBLEMÁTICA <sup>1</sup>

### DINÂMICAS ESPACIAIS E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

O trabalho que fomos realizando ao longo dos últimos dez anos permitiu-nos, a partir de alguns estudos empíricos, construir uma problemática de trabalho que estando centrada na questão da *identidade cultural* se ocupa também da questão das transformações do espaço e da sociedade. A investigação que agora apresentamos foi realizada tendo em conta cinco pontos de partida : **1.** as *identidades colectivas* encontram-se directamente relacionadas com as *representações do espaço*, **2.** as *representações do espaço* organizam-se a diferentes escalas, **3.** esse procedimento permite a integração progressiva dos espaços exteriores e, em termos de lógica da *identidade*, a integração progressiva da alteridade. **4.** as *representações do espaço*, tal como a *identidade*, são uma realidade

---

<sup>1</sup> Apresentamos aqui um resumo comentado dos estudos de casos que constituíram a base da nossa tese de mestrado; Silvano (1988) capítulos 3.1.3., 3.2.3. e 3.4.3.. A partir desse primeiro trabalho foi possível desenvolver a problemática inicial e partir para o estudo de um novo terreno com uma base de observação empírica e de construção teórica mais complexa.

diacrónica e dinâmica, 5. esse dinamismo deve-se, em parte, ao processo de comunicação que envolve as representações de localidades socialmente relacionadas.

A apresentação que se segue pretende, através do resumo de quatro estudos de caso, demonstrar as afirmações que constituem os pontos de partida deste trabalho, permitindo assim ao leitor o acesso ao percurso de investigação que as precedeu.

## **DO ESPAÇO LOCAL AO ESPAÇO REGIONAL : UMA TRANSFORMAÇÃO PACÍFICA**

"Portunhos é uma aldeia essencialmente agrícola. Essencialmente agrícola, porque a maioria da população concentra-se na agricultura."

(Portunhos 4)

"O ganha-pão da população ? Tudo o azeite e as pedreiras."

(Portunhos 1)

O estudo de caso de Portunhos permite observar um processo de urbanização equilibrado, que opera por transformação gradual da configuração espacial inicial. Nesse processo estão envolvidas várias *escalas de representação do espaço*, e é na passagem do *espaço local* para o *espaço regional* que encontramos os mecanismos que conduzem à



transformação do *território*.

Dado o carácter "evolutivo" do modelo de transformação do espaço que pode construir-se a partir da observação do caso de Portunhos, propomos aproximá-lo da noção de *sistema de transformações* avançada por Lévi-Strauss (1962)

Portunhos situa-se numa zona ligada ao sector primário e à indústria de extracção. A indústria de extracção reveste-se de particular importância pois é ela, através da denominada "*pedra de Ançã*", que emblematiza o *espaço local* ; a imagem exterior da região está, segundo os seus habitantes, associada à boa qualidade da sua pedra.

As *representações do espaço* manifestam um posicionamento que corresponde a duas *escalas de centração* : escala local e escala regional. Estas duas escalas possuem significados diversos, que podemos sintetizar nas oposições tradição/modernidade e ruralidade/urbanidade. Ao nível local, estrutura-se um espaço de reprodução simbólica que é garante da reprodução da *memória colectiva*. Trata-se de um espaço cuja estruturação interna determina relações entre diferentes localidades, através de uma classificação que distingue relações sociais positivas e relações sociais negativas.

"Havia uma rivalidade (...) os de Pena vêm aqui, pessoal novo, e a malta de outra idade, (...) dizem assim, Cuidado que esses tipos são da Pena e são isto e são aquilo. E se os daqui vão lá, eles dizem a mesma coisa, ou talvez pior (...). Nós damo-nos bem, sempre nos demos bem

com Ançã (...). Sempre foi uma maravilha." (Portunhos 3)

No centro das configurações que organizam o *espaço local* encontra-se uma oposição, elaborada a partir do ponto de vista de Portunhos, que coloca duas localidades : Ançã, com quem Portunhos estabelece relações preferenciais positivas, e Pena, com quem Portunhos estabelece relações preferenciais negativas. Esta oposição permite definir um eixo, que vai de Pena a Ançã, passando por Portunhos, que se encontra no centro de todas as configurações que dão forma ao *espaço local*. Este organiza-se em torno de um núcleo central, onde a *identidade colectiva* se forma utilizando uma lógica tradicional, que isola dois espaços, constitutivos de um *Nós* (e da *identidade inclusiva*) e de um *Outro* (e da *identidade exclusiva*).

A escala regional coloca nas configurações espaciais localidades urbanas (Cantanhede e Coimbra) e articula-as com o mundo rural através de *relações funcionais e formais*, tematizadas pela *economia* e as *deslocações da população*. A esta escala o espaço rural torna-se homogéneo, constitutivo de um *Nós*, por oposição ao mundo urbano, concebido como *alteridade*.

A oposição entre *espaço local* e *espaço regional* é mediatizada por Cantanhede, localidade que, estando presente nos dois espaços, neutraliza a oposição entre as duas *escalas de centração*, permitindo assim uma articulação entre elas e, conseqüentemente, uma estruturação do espaço transformadora da oposição rural/urbano. É ao nível da articulação das duas *escalas de centração* - que são duas escalas de representação da sociedade - que podemos observar a dinâmica do espaço (nos factos

sociais que o povoam), resultante de uma simultaneidade, de uma justaposição e de uma interacção de sistemas representativos.

A articulação entre o *espaço local* e o *espaço regional* permite conjugar as análises sincrónica e diacrónica, num modelo explicativo da interacção dos sistemas coexistentes. Poderemos assim observar o processo de transformação operado por Portunhos, que através de um encadeamento da escala local na escala regional modifica a *escala de centração*, por alargamento do *território* e deslocamento do *centro*, permitindo a emergência dos valores urbanos, no seio de uma sociedade tradicional.

Todas as configurações observadas (relativas aos *modos de espacialização* e aos *temas*) seguem uma mesma estrutura de organização do espaço, que tem por base um eixo central constituído por Cantanhede, Pena, Portunhos, Ançã e Coimbra. Este eixo serve de suporte aos sistemas de representação relativos ao *espaço local* (Pena, Portunhos e Ançã) e ao *espaço regional* (Coimbra), comportando ainda a localidade que possibilita a sua mediação (Cantanhede). A passagem da escala local à escala regional faz-se por transposição dos limites espaciais, sem que as posições relativas das localidades se alterem : é o eixo organizador do *espaço local* que se prolonga para servir de suporte ao *espaço regional*.

Esta configuração permite uma dinâmica de abertura do espaço muito particular : o *aqui* e o *além* correspondem-se, ao nível da estrutura que os organiza, sendo o *além* sempre um alargamento do *aqui*; o que pressupõe, ao nível do posicionamento dos indivíduos, movimentos de *centração/descentração* que permitem que o *espaço objecto da acção* se

torne *espaço de referência*, e vice-versa. É a reciprocidade, resultante das centrações e descentrações do sujeito, que permite que o *aqui* e o *além* se correspondam, de tal forma que o *Nós* e o *Outro* sejam intermutáveis. A *representação do espaço* demonstra assim uma capacidade de integração de novos espaços nas configurações já existentes. Esta capacidade para estabelecer relações com os outros manifesta-se no processo de modernização da localidade. Este põe em relação uma estrutura local sociologicamente forte e uma estrutura regional introdutora de transformações, sem que a comunidade manifeste indícios de desestruturação.

Neste processo, os actores sociais mais activos são os representantes da mobilidade interna e externa, que num movimento constante entre o mundo rural e o mundo urbano veiculam os novos valores, que introduzem na comunidade ao nível da vivência social e das práticas económicas.

## **O LUGAR DA CIDADE NA TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO LOCAL**

"A fábrica modificou toda a imagem ... portanto, basta chegar lá abaixo à serra do Alhastro, por exemplo. Aquilo era tudo terras de cultivo, e hoje não é nada, eles arrasaram tudo. Inclusivamente o rio, ele não passava por onde ele passa agora. foram eles que o desviaram (...) A agricultura agora está muito abandonada (...) primeiro o povo

desinteressou-se muito por causa da poluição (...) uma parte deste povo empregou-se na fábrica e a agricultura está muito abandonada .(...)"

"...Os meus pais estão enterrados neste cemitério. Eu tenho lá uma campá que está toda negra, toda negra ... se a menina a visse diria A senhora tem razão, nem só de pão vive o homem. Isto é um flagelo."  
(Souselas 4)

O estudo de caso de Souselas coloca-nos face a uma situação completamente diversa daquela que observámos em Portunhos. Neste caso, estamos frente a uma situação de transformação repentina e abrupta, que levou à destruição do modelo territorial existente (propomos aproximá-la da noção de catástrofe (Thom 1981, Perrin 1986) e ao aparecimento de um projecto de construção de uma nova configuração espacial.

A implantação de uma fábrica de cimento produziu uma ruptura na organização do *espaço local* : repentinamente, Souselas transformou-se numa localidade industrial isolada no interior de um espaço que continuou rural. Resultado : a par de uma desestruturação interna a aldeia foi sujeita a um isolamento socioespacial, que resultou na anulação da posição que ocupava, antes de se transformar, no interior do *espaço local*. Este isolamento resultou numa contracção do espaço, que hoje se organiza a uma escala de representação reduzida. O espaço de acção social compreende apenas localidades situadas nas proximidades imediatas, sendo as relações sociais que o povoam frequentemente referidas como

relações difíceis, resultantes de divergências interlocais.

Face à inexistência de uma modalidade relacional que lhe confira uma posição no interior do *espaço local*, Souselas pretende encontrar uma nova posição espacial, que lhe permita reorganizar o espaço em função das suas novas características socioeconómicas. A dinâmica de reorganização do espaço actua a diferentes escalas de representação. Vejamos o espaço local : à ausência de reciprocidade nas relações interlocais, Souselas responde afirmando um movimento espacial unívoco, dirigido para si própria, representando-se assim como um lugar central, polarizador dos movimentos pendulares das populações das localidades situadas na sua proximidade.

"Souselas é que é, é o celeiro dessa gente toda aqui: não só das freguesias limitrofes...

P.- De onde, mais ou menos, é que eles costumam vir?

R.- É de todo o lado..." (Souselas 4)

Paralelamente, a aldeia reorganiza a representação do *espaço regional*, de forma a encontrar nestas relações que lhe confirmem uma *identidade* urbana legitimadora da sua nova posição (que no entanto se define no interior do espaço rural).

No caso de Souselas, o processo de modernização operou por invasão do espaço tradicional : a modernidade veio implantar-se no interior do mundo tradicional, obrigando este, sob pena de isolamento, a deslocar-se, para através de uma mobilidade (física e mental) portadora de

diferenças, iniciar o processo de transformação do meio envolvente, necessário à sua própria integração socioespacial. Em simultâneo com a contracção observada nas representações do *espaço local*, observamos uma expansão dos *espaços de referência* regionais e nacionais, efectuada pelos percursos e pelas posições e tematizada pela economia e pela mobilidade da população. Face a uma sociedade de agricultores que se reproduz, na sua própria semelhança, através de um modelo espacial fechado, os operários de Souselas produzem-se nas suas diferenças, através de uma *representação do território* que corresponde a um modelo espacial aberto, orientado para *centros* situados a diferentes escalas (Coimbra, Aveiro, Porto, Lisboa). Este modelo permite-lhe pensar relações de complementaridade com o mundo urbano, substitutivas das anteriores relações com o mundo rural e legitimadoras da sua nova posição no interior deste. As relações com as cidades, particularmente com a cidade de Coimbra, emanam desse projecto de construção de uma nova *identidade colectiva*, baseada na representação de uma posição única, no interior do *espaço local*. As relações com Coimbra (especializadas por relações de funcionalidade e semelhança e tematizadas pelo sector secundário da economia e pelas deslocações da população) vêm reforçar essa representação. As relações privilegiadas com a cidade marcam a singularidade da posição : Souselas reivindica para si própria a diferença que lhe é conferida pela presença da fábrica e valoriza-a positivamente, pela afirmação de uma proximidade, de uma semelhança e mesmo de uma identificação, com o mundo urbano. É a cidade de Coimbra (convertida em emblema da urbanidade) que, pelas relações que Souselas pensa manter

com ela, lhe confere a nova *identidade*, permitindo-lhe operar com vista à reorganização do *espaço local*. Só assim Souselas poderá reocupar uma posição reconhecida pelas outras localidades. Esta posição funda-se na existência de relações sociais de complementaridade estabelecidas entre o mundo rural e o mundo urbano, através da mediação de Souselas, localidade situada numa posição privilegiada por possuir características de ambos os mundos. Trata-se de responder à perda de uma posição espacial pela organização de um novo espaço, no seio do qual se pretende ocupar uma posição estratégica.

O êxito da aposta depende da adequação entre as relações reais e as relações representadas e, neste caso, da resposta dada por Coimbra às solicitações de Souselas, relativas à constituição de um modelo identitário baseado na actividade industrial comum. Ora, a presença da indústria é desvalorizada, e mesmo recusada, pelos habitantes de Coimbra, sendo Souselas tida como um caso excepcional numa região que se quer agrícola ; Souselas interpela Coimbra em função de uma imagem de cidade que esta recusa, não podendo por isso conceder-lhe a solidariedade desejada. Se existe comunicação entre as duas localidades, esta só pode realizar-se para lá das imagens desencontradas, através de uma funcionalidade que tem origem na mobilidade da população. Através dessa mobilidade, Souselas procura referências em espaços urbanos situados no exterior da região de Coimbra, facto que resulta numa progressiva linearização e abertura do espaço e na criação de uma relativa autonomia face ao espaço tradicional envolvente. Os seus habitantes são actores sociais com referências identitárias situadas em pólos urbanos organizadores de múltiplas escalas



de representação do espaço.

## **O ESPAÇO LOCAL COMO FACTOR DE BLOQUEAMENTO**

"P.- Acha que a população de Coimbra é homogénea ?

R. - Bem, há os intelectuais, isso há. E há outros, a outra, as outras pessoas, portanto, medianamente intelectuais. E há efectivamente a zona do campo, acho que sim, acho que se podem definir essas três. (...)Toda a região de Coimbra vive da agricultura, para fornecer o mercado de Coimbra".(Coimbra 3)

"Eu acho que a resposta para Coimbra está precisamente no desenvolvimento dessas ... do aproveitamento, do aproveitamento do rio; do aproveitamento do rio e portanto das suas potencialidades em termos de agricultura. Eu não estou a ver aqui Coimbra transformado num centro industrial, não sou capaz de ver isso" (Coimbra 2)

À escala local, Coimbra organiza um espaço reduzido, que compreende a cidade e as localidades situadas no espaço envolvente. Trata-se de um espaço organizado por *relações funcionais* e por posições formais de proximidade. Os *deslocamentos da população*, uma economia fortemente ligada ao *sector primário*, a *sociedade* e a *história* tematizam esta configuração, no interior da qual a cidade ocupa uma posição central. A

colocação ao *centro* é reforçada por uma forte *centração* do grupo sobre a cidade - relativa a uma imagem identitária muito forte e à eficácia simbólica de um mito de fundação - que liga indissoluvelmente a imagem da cidade à universidade. Do confronto entre a percepção do *espaço local* (na sua forma de colocação ao *centro* e no seu conteúdo tradicional) com o espaço real ressalta um desvio, devido ao anacronismo da imagem veiculada pelos habitantes da cidade.

O desenvolvimento de pequenos *centros* urbanos situados no Litoral põe em questão a posição de *centro regional* que Coimbra tenta salvaguardar. Pelas suas dinâmicas funcionais eles põem em causa a sua posição hierárquica superior. A análise das configurações espaciais implícitas nos discursos dos habitantes de Coimbra permite-nos ilustrar o que acabámos de afirmar : o espaço objecto da hierarquização integra as quatro cidades mais importantes da Região Centro (Aveiro, Figueira da Foz, Leiria e Coimbra). Confrontada com uma nova hierarquia de *centros regionais*, Coimbra mostra-se inoperante, quanto a um reposicionamento necessário. Em parte, isto deve-se ao facto de a imagem que Coimbra faz de si própria não corresponder à sua dinâmica funcional real e, também, à excessiva *centração* sobre si própria.

A configuração que a cidade constrói para o *espaço local* impede a representação operatória de um dinamismo espacial integrador da alteridade e, portanto, dos novos *centros*. Para isso seria necessário que Coimbra se integrasse num espaço de transformação, o que pressupunha que as unidades que o constituem reestruturassem as suas posições e renegociassem as suas relações. Coisa que o pensamento representativo é

incapaz de fazer, porque ele procura reproduzir à escala regional a configuração do *espaço local*. Esta transposição de configurações supõe que a cidade de Coimbra ocupe duas posições análogas, no interior das duas escalas de representação. Ora, essa correspondência é incompatível com o *espaço regional* real, um espaço de transformação que exige de Coimbra uma capacidade de negociação, indispensável a um reequilíbrio da sua posição no interior de um espaço transformado.

As configurações analisadas mostram que as preocupações dos entrevistados se confinam ao interior de um *território* cujos limites correspondem à Região Centro. Os dois pólos urbanos situados no exterior deste (Lisboa e Porto) são espacializados num espaço de relações formais, como referências relativas à orientação e à colocação-à-distância. A impossibilidade de manter, com as duas capitais das regiões contíguas da Região Centro, relações baseadas numa equivalência dos papéis de cada uma, no interior da sua própria região, faz com que Coimbra as represente numa modalidade de colocação-à-distância.

As representações espaciais das localidades situadas na *periferia* de Coimbra não são equivalentes àquelas que os habitantes da cidade elaboram. As localidades por nós estudadas pensam *espaços de referência* onde são colocados *centros* urbanos situados no exterior da Região Centro, através de modalidades outras, que não a colocação à distância. A partir de uma *centração* sobre o local, essas localidades (principalmente Souselas) associam-se a múltiplos lugares centrais, representados como *espaços de referência*.

Da comparação das configurações dos *espaços de referência* da

cidade e das configurações dos *espaços de referência* das aldeias ressalta o atrofiamento das primeiras relativamente às segundas, o que parece paradoxal, porque a cidade deveria colocar as suas referências em espaços mais alargados que as aldeias.

Observamos que Coimbra não investe no *espaço nacional*, colocando à distância os *centros* que o organizam. Para o estruturar de outra forma, seria necessário que ela se confrontasse com Lisboa e Porto, o que, devido às relações económicas e sociais reais, poderia desviar Coimbra do papel de *centro* para o papel de *periferia*.

Uma estrutura espacial de conjunto, que colocasse nas suas interações os sistemas relativos às diferentes escalas de representação, deveria gerir o facto de Coimbra ocupar, a escalas diferentes, as duas posições da relação estrutural elementar : a de *centro* e a de *não-centro* (mesmo de *periferia*). A partir de um mesmo *espaço de centração*, a *representação do espaço* deveria pensar a relação *centro/periferia* nas suas duas orientações. Isto implicaria uma relatividade dos pontos de vista, que exigiria o funcionamento do pensamento operatório (entendimento da reversibilidade das posições). A lógica espacial que preside à organização do *espaço local* é diferente daquela que poderia organizar configurações dos *espaços regional* e *nacional* compatíveis com o espaço real. Como Coimbra utiliza o pensamento representativo para organizar o *espaço regional*, ela mostra-se incapaz de gerir - e, por encadeamento, ela recusa-se a organizar - o *espaço nacional*, através de modalidades que ponham em relação recortes espaciais significativos, definidos no interior e no exterior da Região Centro.

Se a Região Centro se quiser afirmar por intermédio de uma dinâmica interna equivalente às que caracterizam as Regiões Norte e Sul, é também através do *centro* que ela deve fazê-lo. Isto não poderá ser feito enquanto Coimbra não se colocar ao nível de Lisboa e Porto. É, portanto, necessário que Coimbra represente estas duas cidades através de modalidades relacionais que possam instaurar as reciprocidades funcionais necessárias, em vez de modalidades formais de colocação-à-distância.

A análise das inter-relações entre as três escalas de representação do espaço permite-nos concluir que estas mantêm entre si relações de dependência. Os problemas representados à escala regional e nacional têm as suas origens na escala local, aparentemente ausente mas determinante. A dificuldade que Coimbra manifesta em se colocar no interior do *espaço regional* deve-se ao facto de se manter fechada no interior de um espaço onde pretende continuar a ocupar o *centro*. A incapacidade para se posicionar, de uma forma análoga, no interior do *espaço regional* reflecte-se na representação do *espaço nacional* : a ambiguidade que Coimbra não é capaz de resolver, relativa ao seu papel na Região Centro, impede-a de se afirmar frente ao conjunto do País. Trata-se de um bloqueamento que opera ao nível da passagem da escala local à escala regional. As transformações do *espaço regional* e do papel da cidade no seu interior não podem, consequentemente, ser efectuadas sem que o *espaço local* seja transformado. Só alterações no modelo do *espaço de centração* podem introduzir os valores actuais, que pressupõem os valores necessários às transformações dos *espaços de referência*, organizadores das escalas regional e nacional.

## **REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO E MITO DE FUNDAÇÃO**

### **ESPAÇOS ADMINISTRATIVO, SOCIAL E SIMBÓLICO : AJUSTES E DESAJUSTES**

"Antigamente Barcouço pertencia à freguesia de Ançã (...) Ançã pertence a Cantanhede e Barcouço pertence à Mealhada (...) isso deveu-se a um castigo : a população de Ançã devia ... quando a rainha passou aqui, na estrada nacional, a população devia ir prestar vassalagem à rainha. Quando eles chegaram, aqui era um caminho de cabras, quando eles chegaram, a rainha já tinha passado. Como castigo o concelho foi suprimido." (Barcouço 2)

O estudo de caso de Barcouço colocou uma questão de outro tipo. Põe em destaque : 1. a relação entre narrativas populares e *representação do espaço* pode ser central para a constituição da *identidade colectiva*, 2. a negação de uma determinada divisão administrativa pode conduzir a uma clara dissociação entre os espaços de integração administrativa, social e simbólica <sup>2</sup>.

Barcouço pertence ao concelho da Mealhada e ao distrito de Aveiro; esta inclusão administrativa resultou de um acontecimento histórico que foi retido pela *memória colectiva*, que o perpetuou através de narrativas sucessivas, transformando-o no *mito de fundação* da aldeia : este afirma uma inclusão administrativa resultante de uma injustiça cometida pela

---

<sup>2</sup> Como veremos no estudo de caso de Vizela, a configuração espacial que resulta dos dois pontos referidos pode repetir-se em diferentes contextos.

rainha.

"Não se compreende. Barcouço está tão próximo de Coimbra e pertence ao distrito de Aveiro. Barcouço deveria pertencer ao concelho de Coimbra e não ao concelho da Mealhada e ao distrito de Aveiro, que se situa a 50km (...) Eu já fui a Aveiro e as pessoas não conhecem Barcouço, isso é mau. Porque é que não pertencemos ao distrito de Coimbra?" (Barcouço 1)

Os *espaços de referência* de Barcouço organizam-se segundo uma configuração presente, na sua actualização mais depurada, no *espaço de referência da exclusão*. Trata-se de uma configuração cujo equilíbrio resulta de uma simetria, relativa a um eixo constituído por Aveiro, Barcouço e Coimbra. Barcouço pertence ao distrito de Aveiro, mas recusa essa inclusão e deseja uma exclusão. Simetricamente, Barcouço está excluído do distrito de Coimbra e deseja uma inclusão.

O espaço encontra-se estruturado a partir de uma *dupla exclusão*, que especifica Barcouço como localidade marginal, relativamente aos espaços administrativos. Nesta configuração, Barcouço representa-se como localidade incluída em "*parte nenhuma*". A mesma configuração organiza o *espaço de referência da inclusão*; Barcouço está administrativamente incluído no distrito de Aveiro e simbolicamente incluído no distrito de Coimbra. É então uma localidade excluída de "*parte nenhuma*". A classificação das *relações de inclusão* e de *exclusão* retira a ambiguidade resultante do confronto das duas configurações, tornando coerente o

sistema de representação dos *espaços de referência*. Relativamente ao distrito de Aveiro a *inclusão* é negativa e a *exclusão* é positiva e, inversamente, a *inclusão* no distrito de Coimbra é positiva e a *exclusão* é negativa. As espacializações positivas são imaginárias e desejadas e as espacializações negativas são reais, mas recusadas.

COIMBRA	AVEIRO
INCLUSÃO (+) imag	INCLUSÃO (-) real
EXCLUSÃO (-) real	EXCLUSÃO (+) imag

As duas cidades (e respectivos distritos) são espacializados pelas mesmas modalidades, estando estas espacializações sujeitas a uma classificação que lhes confere um significado distinto. A classificação faz-se através de dois pares opostos (valorizado/não-valorizado vs imaginário/real), estando cada *modo de espacialização* afectado a um ou outro termo de cada par, conforme a cidade em questão. Desta representação resulta uma oposição binária, relativa às duas cidades e respectivos distritos, elaborada através de uma inversão dos termos de classificação correspondentes. Barcouço situa-se no centro desta inversão, numa posição que se define em função de dois espaços administrativos que se respondem.

À escala local organiza-se um espaço rural, no interior do qual Barcouço pretende afirmar uma integração social que legitime a *inclusão*



*administrativa* desejada. O *espaço objecto da acção social* é disso exemplo : organiza-se evitando o concelho de Aveiro e afirmando uma integração social relativa a localidades situadas no interior do concelho de Coimbra. O *espaço da integração social* estende-se até Coimbra, organizando o *espaço regional* numa continuidade da afirmação social do desejo. Verificamos que a lógica de organização do *espaço local* é função daquela que organiza o *espaço regional*; isto porque é à escala regional que se desenham as configurações decorrentes do *mito de fundação*. Não é apenas porque a narrativa diz as origens da aldeia que ela a funda, é também, e sobretudo, a sua presença a um nível mais profundo que lhe confere o estatuto de *mito de fundação*. As correspondências estruturais de todos os espaços analisados (relativos aos *modos de espacialização* e aos *temas*) demonstram que o espaço, nas suas formas, é um espaço estruturado pelo mito. Nas suas múltiplas dimensões, a vida da comunidade desenrola-se em espaços cuja organização tem origem num mito que se funda numa *criação de uma falta* (o espaço administrativo suprimido pela rainha) e que se perpetua numa *falta* relativa ao espaço administrativo presente, mas recusado, e ao espaço administrativo ausente, mas desejado. São os dois espaços administrativos e as cidades que os emblematizam que são colocados numa dupla articulação, de forma a estruturar um espaço que é garante da *identidade* da aldeia. Trata-se de uma *identidade* que se funda na criação e na institucionalização de uma *falta* e no *projecto* da sua *liquidação* ; dois tempos que se encadeiam num percurso narrativo que organiza um mito continuamente aberto, porque a narrativa pára num tempo projectivo sem que a realização do projecto se efectue. Organizam-se assim

configurações espaciais estáveis, mas afectadas a um mito aparentemente inacabado.

O espaço constitutivo da *identidade* é um espaço que a colectividade afirma querer transformar. Se esta reivindicação se realizar, o mito não será mais um mito projectivo (ele fechar-se-á pela *liquidação da sua falta*) e o espaço que lhe corresponde não terá mais pertinência. A aldeia será então obrigada a reestruturar o seu espaço e a sua *identidade*, através de um processo de transformação que pode ser um processo de perda de *identidade*, por apagamento de tudo o que a constituía :o que era recusado e o que era desejado.

Os quatro estudos de caso aqui resumidos demonstram que a partir da compreensão da dinâmica de cada localidade se desenha um espaço de conjunto, constituído pelas representações colectivas de localidades colocadas numa situação de comunicação. Num texto intitulado "*espace et communication : deux formes de pregnance de l'espace dans la communication sociale, la mobilité et l'échange d'images*" (Pellegrino 1986 : 398) tentámos, partindo do princípio de que existe uma comunicação inter-localidades, confrontar as imagens recíprocas de Coimbra e das três aldeias que lhe são periféricas. Concluímos que se equivalem, mas apenas parcialmente. O caso da relação Souselas/Coimbra é, desse ponto de vista, particularmente revelador. Como vimos, Souselas sustenta a construção da sua nova *identidade* industrial, num projecto de espaço que privilegia as relações com o urbano. As relações com Coimbra (*espacializadas* por relações de funcionalidade e semelhança, e *tematizadas* pelo sector

secundário da economia e pelas deslocações da população) integram-se nessa representação. No entanto, quando comparamos essa representação com aquela que Coimbra faz da sua região concluímos que são diferentes.

O estudo de caso de Souselas alertou-nos para o problema da coincidência, ou da não-coincidência, das imagens veiculadas pelas *representações do espaço* das várias localidades. Entre Souselas e Coimbra a coincidência é apenas relativa : Souselas transforma Coimbra num emblema de *urbanidade*, mas o conceito de urbanidade das duas localidades envolvidas não é coincidente. Para Souselas, urbano é igual a industrial, enquanto que para Coimbra essa equivalência não só não é verdadeira como até deve evitar-se. Conclui-se que a Região se constrói a partir de representações que nem sempre se correspondem, mas que, no entanto, interagem no interior de um processo de comunicação de conjunto.

---

**SEGUNDA PARTE**



Escaia 1:50.000

## ***O TERRENO***

---

### **UMA PERIFERIA DE UM PAÍS SEMIPERIFÉRICO**

#### **NOTA PRÉVIA**

Passamos a apresentar os *estudos de caso* relativos ao *terreno* constituído por Guimarães, São João de Vizela, São Miguel de Vizela e Santa Eulália. Como já referimos, a amostragem foi constituída em 1981/1982 no quadro do projecto PNUD/UNESCO "*Spatial Development*", e foi completada (fizeram-se mais quatro entrevistas) em 1993, no quadro do projecto JNICT "*Portugal : identidades nacional, regionais e locais*".

No quadro do projecto PNUD/UNESCO foram inquiridos 6 terrenos (três no Litoral e três no Interior), todos eles constituídos por uma cidade e três localidades situadas na sua proximidade. Pretendeu-se, num contexto de urbanização em curso, fazer um estudo comparativo das inter-relações entre *centros* e *periferias*. No caso do terreno norte-litoral foram escolhidas as localidades de Guimarães, Vizela (na qual se incluem as freguesias de São João de Vizela e de São Miguel de Vizela) e Santa Eulália, por constituírem, tanto consideradas isoladamente como em conjunto, estudos

de caso interessantes, ligados a uma mesma problemática central.

O terreno integra a sub-região do Vale do Ave <sup>1</sup>, o que o coloca numa situação que podemos designar, se tivermos Portugal por referente, de periférica. Se considerarmos que Portugal é um país *semiperiférico*, diremos que o nosso estudo tem por objecto *uma região periférica de um país semiperiférico*. A problemática do terreno pode, por isso, ser definida a partir das características que definem a condição subperiférica. Para o fazer, privilegiaremos a ideia, associada à referida condição, da *heterogeneidade* resultante da coexistência de modelos que são, pelo menos nas suas formulações abstractas, distintos : *"Por via do tipo e da historicidade do seu nível de desenvolvimento intermédio, a sociedade portuguesa é muito heterogénea. Caracteriza-se por articulações complexas entre práticas sociais e universos simbólicos discrepantes, que permitem a construção social, tanto de representações do centro, como de representações da periferia"* (Santos 1994 : 59). Na linha de pensamento de Boaventura Sousa Santos, pensamos que essa *heterogeneidade* não deverá ser pensada como uma condição passageira mas antes como um factor de caracterização a ter em conta : *"a coexistência (...) da modernidade, da pré-modernidade e da pós-modernidade na sociedade portuguesa, uma coexistência dinâmica e aparentemente duradoura, é talvez o factor mais determinante da nossa especificidade a merecer uma análise sociológica*

---

<sup>1</sup> Santa Eulália é uma freguesia do concelho de Lousada e, por esse facto, não integra o espaço definido pela Associação de Municípios do Vale do Ave. No entanto, as suas relações funcionais, sociais e simbólicas privilegiam o concelho de Guimarães, pelo que, para fins analíticos, podemos considerar Santa Eulália integrada no mesmo complexo territorial.

*cuidada (...)" (Supra : 61)*

A organização territorial da região resulta, em grande parte, do processo de *industrialização difusa* (Reis 1987), que pontua o território rural de pequenas unidades industriais não dando forma a núcleos urbanos demograficamente muito significativos. A indústria coexiste com a agricultura num sistema produtivo misto, que resulta numa configuração social particular, caracterizada justamente pela coexistência de diversos modelos económicos, sociais, culturais e simbólicos.

A problemática geral do terreno coloca-se no interior dessa diversidade e dos mecanismos que a constituem. A ela se associa uma problemática mais específica, relativa às delimitações das malhas administrativas. Num contexto de transformação social surgem projectos de novos limites administrativos (Vizela reivindica a restauração do seu concelho), e esses projectos integram-se numa dinâmica em que, mais uma vez, a tradição (na forma de *memória colectiva*) se articula com a modernidade (a industrialização recente sustenta a vontade de emancipação) com vista à transformação do espaço.

Nesta primeira apresentação forneceremos alguma da informação existente sobre as localidades em estudo. Seguiremos uma lógica espacial escalonada, que começará pelo Vale do Ave, passará pelo concelho de Guimarães e terminará nas três localidades.



## **O VALE DO AVE <sup>2</sup>**

O denominado *Vale do Ave* corresponde actualmente a uma associação de oito municípios (AMAVE) atravessados pelo rio que lhe dá o nome : Fafe, Guimarães, Póvoa do Lanhoso, Póvoa de Varzim, Santo Tirso, Vieira do Minho, Vila do Conde e Vila Nova de Famalicão. Compreende uma área total de 1.469 Km<sup>2</sup> e uma população de 579.297 habitantes, o que corresponde a uma densidade de 394 hab/Km<sup>2</sup>, valor superior à densidade média da Região Norte (163 hab/km<sup>2</sup>) (AMAVE 1993 : 15; INE censo1991).

*"O seu modelo territorial caracteriza-se fundamentalmente pela dispersão da habitação e do emprego, localizando-se estes ao longo das vias de comunicação e dos cursos de água, com concentrações nas sedes de concelho e noutros pólos urbanos de recente crescimento"* (Supra : 15). Apesar de o *modelo territorial* apelar à mobilidade de pessoas e bens, a Associação de Municípios diagnostica dificuldades de *"atravessamento da região"*, que se manifestam tanto na ligação dos principais núcleos urbanos internos como na ligação desses com o exterior (a ligação Guimarães/Vizela é apontada por manifestar graves deficiências (Supra : 40)).

A diversidade da região permite, ainda segundo a AMAVE, a definição de três problemáticas distintas : 1. Póvoa do Lanhoso, Vieira do Minho e parte do concelho de Fafe apresentam uma problemática de desenvolvimento rural, 2. Guimarães, Santo Tirso, Vila Nova de Famalicão e

---

<sup>2</sup> As fontes dos dados relativos ao Vale do Ave são as seguintes : INE - Direcção Regional do Norte (1993), Censos 91; AMAVE (1993), Plano estratégico - Vale do Ave; CCRN (1991a), Vale do Ave - Números-chave; CCRN (1991b), Vale do Ave - Guia de localização industrial para novos investimentos.

a parte ocidental de Fafe apresentam uma problemática associada à modernização da indústria têxtil, do vestuário e confecção e à diversificação do tecido produtivo, 3. Póvoa de Varzim e Vila do Conde apresentam uma problemática de aproximação à Área Metropolitana do Porto (Supra : 16).

Situemo-nos então, no grupo de concelhos onde Guimarães se integra (Cft. mapa - fim do capítulo). Na última década tiveram um crescimento demográfico superior a 4%, estando mais de 70% dos activos que neles habitam ligados ao sector secundário (no seu interior, Guimarães destaca-se com a seguinte distribuição : sector primário 7.7%, sector secundário 72.2% e sector terciário 20.2% (Supra : 16-17; INE 1981)). A população jovem é superior ao resto da Região Norte e a taxa de actividade é elevada, verificando-se uma participação significativa dos jovens e das mulheres no mercado de trabalho, correlativa de um baixo nível de instrução e de escolarização (Supra : 31).

As indústrias têxtil, de vestuário e de calçado são claramente maioritárias, sendo, no que lhes diz respeito, o diagnóstico da situação actual formulado da seguinte forma : *"Verifica-se o agudizar da situação económica e financeira de empresas pertencentes aos sectores dominantes, particularmente do sector têxtil, dificuldades expressas quer pelo aumento do número de despedimentos, quer pelo encerramento de unidades, quer ainda pela dificuldade crescente em responder a compromissos financeiros assumidos junto das instituições de crédito* (Supra : 23).

### **O CONCELHO DE GUIMARÃES <sup>3</sup>**

As características básicas do *modelo territorial* do Vale do Ave (dispersão da habitação e do emprego) estão também presentes no espaço que integra o concelho de Guimarães, podendo ser consideradas como dois importantes factores de composição do território. A compreensão da lógica de constituição de um território exige, no entanto, que se integre a presença de outros factores. *"A produção de um território onde a dispersão é a nota dominante não se poderá entender senão na sequência de um modelo, historicamente construído e que é explicável pelas vicissitudes de uma indústria que surgiu na continuidade de um artesanato disseminado pelas explorações agrícolas. A dinâmica recente da industrialização difusa e da pluralidade tem profundas raízes na forma como a produção industrial se foi organizando. A indústria Têxtil/Vestuário está fortemente representada no Vale do Ave, com raízes históricas que remontam a um artesanato ligado ao linho e à implantação do Têxtil do algodão a partir de meados do século XIX"* (Marques 1988 : 56).

No seguimento desta proposta, Teresa Sá Marques faz uma delimitação temporal do processo de industrialização do concelho, associando-a às respectivas composições territoriais. Esse faseamento temporal permite, em parte, compreender a complexidade do modelo actual, que de alguma forma articula fragmentos das composições territoriais correspondentes aos modelos de industrialização que se vão sucedendo.

---

<sup>3</sup> Para a apresentação do Concelho de Guimarães tomamos por referência principal o trabalho de Álvaro Domingues e Teresa Sá Marques sobre a região : Domingues e Marques (1987); Marques (1988)

Desde o princípio da Monarquia que é conhecida, no concelho, a indústria de fiação e tecelagem do linho. As diferentes fases do processo industrial encontravam-se então dispersas pelo território, sendo uma boa parte do trabalho feita nas zonas rurais, ao domicílio.

A reorganização da produção artesanal e doméstica do linho só acontece durante a segunda metade do séc. XIX e início do séc. XX. No mesmo período, e a par da introdução do algodão, surge a "indústria mecânica". Devido ao facto de a água ser indispensável nas diversas fases do processo produtivo, esta nova técnica industrial condiciona a localização das unidades fabris nas margens dos rios (Selha, Vizela e Ave). A necessidade de transportar matérias-primas e produtos finais traduz-se numa outra condicionante : as unidades fabris devem situar-se na proximidade do caminho-de-ferro e da rede rodoviária. Nesta fase do desenvolvimento industrial, os eixos estruturadores da implantação industrial são os cursos de água e as vias de comunicação.

Nos anos 50 e 60 dá-se a verticalização dos processos produtivos e consolidam-se as "*dinastias industriais*" da região. O desenvolvimento das técnicas industriais vai permitindo uma maior independência relativamente aos cursos de água e, ao mesmo tempo, vai-se desenhando um novo critério de localização : a proximidade das vias de comunicação. Estamos "*indiscutivelmente na época de maior tendência para a concentração em termos produtivos e espaciais*" (Supra : 102).

Os anos 80 caracterizam-se pela desverticalização produtiva e pela multiplicação das unidades industriais. O concelho foi sujeito, desde 1974, a uma dinâmica industrial "*vertiginosa*" (mais de 60% das indústrias foram

criadas nos últimos anos), que resultou na composição de um território com características específicas : pequena indústria dispersa num espaço onde a mobilidade é muito significativa.

A nova configuração territorial do concelho tem obviamente de ser pensada a partir da compreensão da estrutura produtiva existente, uma vez que são as relações que a indústria mantém com o tecido agrícola envolvente que permitem obter uma visão de conjunto do modelo territorial.

O sistema produtivo industrial organiza-se numa estrutura em árvore, em que uma empresa contratante subcontrata outras empresas, menores e com capacidade de decisão reduzida. Esta estrutura impõe três princípios de organização espacial : 1. existência de múltiplos núcleos produtivos disseminados, 2. proximidade funcional desses mesmo núcleos, 3. existência de uma rede viária densa. Acrescente-se, além disso, que a maioria das empresas se organiza em torno de núcleos familiares (que asseguram o investimento e a sua gestão) e que o trabalho ao domicílio é ainda significativo. Estes dois factos têm também uma tradução espacial : *"a habitação, mesmo a do grande empresário, e a indústria misturam-se no território"* (supra : 76). Com a indústria e a habitação misturam-se ainda os campos agrícolas, trabalhados nas horas pós-laborais, nos períodos de desemprego ou pelos membros mais velhos da família.

O sistema apresenta, quando analisado na sua globalidade, uma série de factores estruturais comumente apresentados como características de *semiperiferia* : *"A existência de mão-de-obra feminina jovem, a não inscrição dos trabalhadores na segurança social, a ausência de contratos ou a importância dos contratos a prazo parecem associar-se,*

*em algumas empresas, a um forte peso dos aprendizes, com reflexos imediatos na diminuição do custo de trabalho e no aumento da flexibilidade de utilização desta força de trabalho"* (supra : 95) A região de Guimarães é um exemplo perfeito daquilo a que Boaventura Sousa Santos chamou o *Estado paralelo* : "*(...) a configuração política de uma disjunção ou discrepância no modo de regulação social, nos termos da qual às leis e às instituições do modo de regulação fordista não corresponde, na prática, uma relação salarial fordista. É também uma forma política muito instável porque depende de circunstâncias que não podem reproduzir-se de maneira estável. Ela resulta de uma situação política em que, por um lado, o capital é demasiado fraco para impor a recusa de uma legislação fordista, mas suficientemente forte para evitar que ela seja efectivamente posta em prática, e em que, por outro lado, os trabalhadores são suficientemente fortes para impedir a rejeição dessas leis, mas demasiado fracos para impor a sua aplicação*" (Santos 1993 : 32).

O resultado final, como veremos ao longo do estudo de caso, é uma *sociedade heterogénea* particularmente dinâmica, em que vemos aparecer, sobretudo se observarmos os *géneros de vida*, algumas práticas sociais modernas cuja origem se localiza nos países centrais, em paralelo com outras, de tipo tradicional e de origem local, que não só se reproduzem como até se revitalizam. O facto de as entrevistas terem sido realizadas no início dos anos 80 permite-nos observar parte das transformações que se iniciaram com o aparecimento de uma oferta de trabalho dirigida, preferencialmente, às camadas mais jovens da população e às mulheres. Nessa conjuntura, os hábitos de consumo alteraram-se, facto que marcou

profundamente as práticas sociais, as identificações simbólicas e as relações familiares. A reflexão de Boaventura Sousa Santos vai, mais uma vez, ao encontro do nosso estudo de caso : "*(...) uma das características centrais da sociedade portuguesa é a discrepância, ou descoincidência, entre a produção capitalista e a reprodução social ou entre o padrão dominante de produção e o padrão dominante de consumo : o padrão de produção capitalista encontra-se menos desenvolvido do que o padrão de consumo, estando, por isso, este último mais próximo dos padrões dos países centrais do que o primeiro. Isto resulta de uma relação salário/rendimento muito particular, na qual os rendimentos não salariais desempenham um importante papel na composição do rendimento do agregado familiar dos trabalhadores, um fenómeno que directa ou indirectamente se relaciona com a presença da pequena agricultura*" (supra : 42).

## **UMA CIDADE, UMA VILA E UMA ALDEIA**

Apresentadas as características englobantes do terreno passemos a uma abordagem mais detalhada de cada uma das três localidades, que correspondem a três situações *tipo* detectadas no interior da região : 1. áreas urbano-industriais onde a agricultura está ausente e que correspondem a aglomerados urbanos históricos (Guimarães-cidade), 2. áreas urbano-industriais que têm vindo a crescer rapidamente desde a

industrialização do século XIX (Vizela) (Domingues e Marques 1987). 3. áreas agrícolas não industrializadas mas com uma importante população de operários migrantes, que se dirigem quer para os pólos industriais quer para as áreas de *industrialização rural difusa* (Santa Eulália).

**Guimarães**, apesar de ser a cidade mais importante da Região do Vale do Ave e de possuir um importante parque industrial, manteve algumas das características tradicionais de um pequeno burgo medieval : ainda hoje, as suas feiras e mercados organizam o sistema de trocas com as localidades rurais situadas na sua periferia. A *identidade* da cidade organiza-se em torno de duas referências (a *fundação da nacionalidade* e a *indústria*) que apelam para essa capacidade de articular a tradição e a modernidade. Já em 1884, ano em que se realizou a Exposição Industrial de Guimarães, Alberto Sampaio escrevia, no relatório da mesma : "Se o *concelho de Guimarães* foi o "*berço*" da *monarquia*, também o tem sido de muitas e variadas *indústrias*. Todos conhecem a *celebridade de Guimarães*, na *fabricação de tecidos de linho*, em *curtumes e cutelaria*" (Sampaio 1884 : 254-55, citado por Marques 1988 : 57).

O foral de Guimarães é o mais antigo da região de Entre Douro e Minho e o mais antigo do Condado Portucalense ; no parecer de Alexandre Herculano, anterior a 1096. Segundo António Matos Reis, "*o foral de Guimarães* teve como *objectivo incrementar o desenvolvimento de um "burgo", que já então se haveria instalado nesta localidade*" (Reis 1991 : 81). Confirmado em 1128 por D. Afonso Henriques, "*com o fim de agradecer aos burgueses vimaranenses o apoio que lhe dispensaram*, o foral *introduz*



*algumas inovações, de molde a incrementar a afluência de novos moradores, tornando mais atraente a fixação em Guimarães" (Supra : 83). Em 22 de Junho de 1853 Guimarães passa a ser, oficialmente, uma cidade.*

No que diz respeito à população, e comparativamente com as outras cidades do País, a importância de Guimarães decresceu entre 1527 (em que, segundo Teresa Barata Salgueiro (1992), ocupava o 7º lugar) e 1981 (em que era uma cidade de 21.947 habitantes e ocupava o 26º lugar). No entanto, a população do concelho aumentou significativamente nas três últimas décadas : em 1970 rondava os 120.000, em 1980 ultrapassava os 140.000 e em 1991 aproximava-se dos 160.000 (AMAVE 1993 : 17). Nesse ano, Guimarães era a capital de um concelho dividido em 73 freguesias e habitado por 157.589 habitantes, estando entre eles 79.164 empregados e 2.904 desempregados. A taxa de actividade era de 52,1% e a taxa de desemprego de 3,5%. A distribuição por sectores de actividade da população residente (com 12 ou mais anos e empregada) era a seguinte : sector primário, 2.170 habitantes ; sector secundário, 58.401 habitantes ; sector terciário 18.593 habitantes. A taxa de analfabetismo era de 9,2%. (INE censo 1991)

A cidade responde a algumas funções centrais, facto que lhe concede, no interior da Região do Vale do Ave, uma posição de destaque : tem um hospital (hierarquicamente situado entre o hospital central e o hospital regional), ensino superior e vários equipamentos culturais (três museus, dois centros culturais e um cinema) (AMAVE 1993 : 33).

**Vizela** é atravessada pelo rio do mesmo nome, responsável em

grande parte pelo seu desenvolvimento industrial e urbano. Enquadrada pelas formações montanhosas que constituem o prolongamento da serra da Cabreira para sudoeste, a vila relaciona-se com o vale do Ave através do vale do Vizela. O rio e o seu vale constituem, por isso, o espaço de relação com o exterior. Pequeno pólo urbano marcadamente industrial, a vila estende a sua área de influência (económica e social) às freguesias que integram o vale de Vizela.

O desenvolvimento industrial de Vizela faz-se no fim do século XIX, período em que as actividades industriais do concelho exteriores ao núcleo urbano de Guimarães se localizaram preferencialmente nas freguesias rurais situadas a sudoeste, por estas apresentarem melhor acessibilidade e beneficiarem da presença de cursos de água (nelas se incluem São Miguel de Vizela e São João de Vizela). No entanto, o aparecimento da indústria já se tinha dado na primeira década do século, com a implantação de três unidades, duas de papel e uma de tinturaria (Prata e Carvalho 1986).

As águas termais são outro elemento central para o desenvolvimento do núcleo urbano. De origem romana ou pré-romana, as termas são melhoradas no último quartel do século XVIII, altura em que se constroem os denominados "banhos". Em 1874 é assinado o contrato de cedência das águas termais à Companhia, e em 1881 inicia-se o funcionamento do primeiro edifício. Entre 1885 e 1886 é plantado o Parque, espaço público concebido para apoiar os veraneantes durante a sua estada.

O núcleo urbano da vila estende-se pelas freguesias de São Miguel de Vizela e de São João de Vizela. Este núcleo corresponde a uma população de 9.351 habitantes (São João 3.799 e São Miguel 5.552) e

situa-se integralmente no interior do concelho de Guimarães (INE censo 1991). Em termos populacionais corresponde a cerca de 6% do concelho e em termos de superfície a 3.1%. Apresenta um crescimento demográfico significativo que, em 1981, correspondia, relativamente ao censo anterior, a uma taxa de crescimento de 27% (Costa Lobo 1982 : 17).

O crescimento da vila revela o tipo de relação que esta estabelece com a sua área de influência : no centro do núcleo urbano a construção adensou-se e cresceu em altura. Ao mesmo tempo, expandiu-se ao longo das vias de comunicação para as zonas rurais limítrofes, num movimento de desdensificação mas de clara ocupação urbana, embora dispersa, do tecido rural. O tipo de ocupação habitacional não difere muito do tipo de ocupação industrial que, como vimos, é, em todo o concelho de Guimarães, também disperso e situado na proximidade das habitações.

**Santa Eulália** é uma das freguesias situadas na área de influência da vila de Vizela. Integra o concelho de Lousada, onde reside uma população de 42.502 habitantes, dos quais 4.289 pertencem à freguesia de Santa Eulália. O concelho de Lousada possui uma população residente empregada (com 12 ou mais anos) de 20.321 pessoas, distribuídas, por sectores económicos, da seguinte forma : primário, 1.160 habitantes ; secundário, 14.512 habitantes ; terciário, 4.649 habitantes.

Como se pode verificar pela distribuição por sectores da população do concelho de Lousada, Santa Eulália está situada numa zona em que o sector secundário se mantém predominante. A aldeia apresenta um movimento pendular significativo dirigido para São Miguel (mais de 50

trabalhadores) e para São João (11 a 50 trabalhadores), facto que revela a influência da vila de Vizela sobre a aldeia (cft. mapa das deslocações - fim do capítulo). Além disso, a freguesia tem fixado populações que trabalham quer na vila quer no vale de Vizela. Segundo Carlos Prata e Henrique de Carvalho a tendência para a fixação nesta área pode explicar-se pelo facto de aí existirem *"terrenos mais baratos e com área suficiente para o desenvolvimento do tipo casa-quintal (o cultivo de produtos hortícolas constitui, cada vez mais, participação importante do rendimento global familiar) ; a própria fixação da população no seu local de origem (não sujeita aos fenómenos migratórios resultantes da atracção do sector secundário); e a tradicional forma de habitat disperso do Noroeste Português"* (Prata e Carvalho 1986 : 33).

Como já referimos, Santa Eulália pertence ao concelho de Lousada, um concelho cuja capital não tem força centrípeta suficiente para atrair as suas freguesias. Foi pelo facto de a aldeia integrar a área de influência de Vizela - apesar de não pertencer ao concelho de Guimarães - que a seleccionámos para constituir o nosso estudo de caso. Além disso, é uma das freguesias propostas para pertencer ao novo concelho de Vizela, o que a associa à problemática específica do nosso terreno : a da negociação da malha administrativa existente.

## **UMA PROBLEMÁTICA ADMINISTRATIVA**

Podemos centrar-nos na problemática específica de Vizela, para depois descrevermos a forma como as outras duas localidades se relacionam com ela : Vizela rejeita a sua inclusão administrativa e pretende ser a sede de um novo concelho. Guimarães é a sede do concelho recusado e Santa Eulália uma das freguesias propostas para integrar o futuro concelho. Resumindo : existe uma situação de recusa da divisão administrativa existente, associada a um projecto de mudança, e as três localidades estão envolvidas, com diferentes posições, no processo de mudança proposto. Uma conjuntura deste tipo - de transformação das posições relativas das localidades que constituem o terreno - é interessante, em termos de investigação, porque permite observar os processos de negociação que cada localidade desenvolve com vista a obter, no espaço que se desenha, a melhor posição possível.

Do ponto de vista histórico, Vizela baseia o seu pedido de restauração do concelho no facto de este já ter existido, como se comprova pela "*sentença sobre jurisdição no concelho das Caldas de Riba Vizela*", presente numa carta editada em 1367 pelo infante D. João, filho do rei D. Pedro (Pacheco 1984 : 53). Trata-se por isso de uma reivindicação antiga, que se tem repetido em diferentes períodos da História do País : 1869, 1905, 1914, 1926, 1931, 1964 e 1977 são algumas das datas em que a vila formulou pedidos de restauração do concelho. Entre 1981 e 1983 a questão foi debatida na Assembleia da República, tendo sido apresentadas várias

propostas de lei destinadas à criação do novo concelho. Os partidos que apresentaram as referidas propostas foram os seguintes : P.P.M. (Partido Popular Monárquico), P.C.P. (Partido Comunista Português), U.E.D.S. (União de Esquerda para a Democracia Socialista) e P.S. (Partido Socialista). O novo concelho deveria integrar nove freguesias (São Miguel das Caldas de Vizela, São João das Caldas de Vizela, Santa Eulália de Barrosas, Santo Adrião de Vizela, Santa Maria de Infias, Santa Comba de Regilde, São Salvador de Tagilde, São Paio de Vizela e Santo Estêvão de Barrosas), pertencentes aos concelhos de Guimarães, Lousada, Felgueiras e Santo Tirso.

No decurso deste processo, a Câmara Municipal de Guimarães solicitou ao CESUR (Centro de Sistemas Urbanos e Regionais da Universidade Técnica de Lisboa) que elaborasse um parecer relativo à proposta de criação do concelho de Vizela. Publicado em 1982, o referido parecer não formula uma resposta definitiva para a questão, mas apresenta alguns dados que ajudam ao seu entendimento.

A ser criado com as delimitações propostas, o concelho teria uma área total de 29.5 km<sup>2</sup> e uma população total de 19.111 habitantes, o que corresponderia a uma densidade de 647 hab/km<sup>2</sup>. No entender do CESUR "*constituiria um concelho excessivamente pequeno e não muito bem conformado*" (Costa Lobo 1982 : 11). No entanto, e ponderando outros dados, que integram, nomeadamente, as taxas de crescimento demográfico da região envolvente, o relatório propõe outras delimitações para o futuro concelho. Se ajustada a escala (o que implicaria a inclusão de outras freguesias), o concelho passaria a ser tecnicamente viável : englobaria

cerca de 55.000 habitantes, com uma taxa de crescimento de cerca de 20% (supra : 20). Esta hipótese colocaria, a nível nacional, o novo concelho na 37ª posição. Os resultados sobre os concelhos afectados pela perda de freguesias seriam os seguintes : Guimarães passaria de 8º para 14º lugar, Famalicão manter-se-ia na 16ª posição, Santo Tirso passaria do 20º lugar para o 25º lugar, Felgueiras passaria do 47º lugar para o 59º e Lousada do 65º lugar para o 81º lugar (supra : 25). Esta proposta estava sujeita, em 1982, a uma condição prévia : a criação de uma estrutura de nível sub-regional que cobrisse os pólos urbanos de Guimarães, Santo Tirso, Famalicão, Aves e Vizela (supra : 22).

Como se sabe, a proposta de lei não foi aprovada pela Assembleia da República e Vizela continua integrada no concelho de Guimarães. A estrutura sub-regional foi criada e integra o grupo de concelhos do Vale do Ave. As entrevistas realizadas em 1992 demonstram (como veremos no estudo da localidade) que Vizela não abandonou as suas pretensões à autonomia concelhia.

Embora a questão administrativa focalize as negociações entre as três localidades que integram o nosso terreno, o que é facto é que o processo é global e se insere na dinâmica de urbanização da Região. Para lá de razões de carácter histórico, Vizela argumenta com o recente desenvolvimento económico para reivindicar a autonomia desejada. A fixação de indústrias tornou-a num centro urbano que polariza um espaço periférico administrativamente fragmentado. É esse o espaço que Vizela pretende centralizar e unificar através da criação do novo concelho. Existe entre Vizela e Guimarães uma disputa relativa aos respectivos níveis

hierárquicos : Guimarães pretende manter o nível superior, e para isso deve continuar a ser a única sede de concelho e, conseqüentemente, impedir a criação do concelho de Vizela. Por sua vez, Santa Eulália encontra-se hesitante entre a aderência ao projecto de um novo concelho e a manutenção da inclusão administrativa actual. Lousada, o concelho a que pertence, é menos industrial do que o projectado concelho de Vizela e os laços económicos e sociais com Vizela são mais significativos. A opção é difícil e traduz, no fundo, a ambivalência de uma localidade colocada entre um passado rural em decadência e um futuro urbano incerto.

Para concluir, podemos dizer que a problemática do estudo de caso se enquadra no tema geral da urbanização do território e dos movimentos de transformação da arquitectura do espaço que lhe estão associados. Neste caso, toda a dinâmica se encontra ligada ao tema particular da exclusão/inclusão territorial, que se manifesta, quando tratada politicamente, associada à dialéctica entre ordem e violência. Como afirmam Remy e Voyé (1981), a ordem estabelecida tem um duplo inverso : a nova ordem a estabelecer (neste caso o projectado concelho de Vizela) e o caos causado pela violência (as mobilizações colectivas de 1982 que resultaram em alguns actos de destruição do espaço público - levantamento das linhas de caminho-de-ferro, por exemplo).

Os textos relativos às três localidades estão organizados em torno da problemática geral, mas dando especial atenção à problemática específica de cada localidade, sendo, por isso, substancialmente diferentes, tanto esperamos, quanto o são as representações colectivas do espaço das

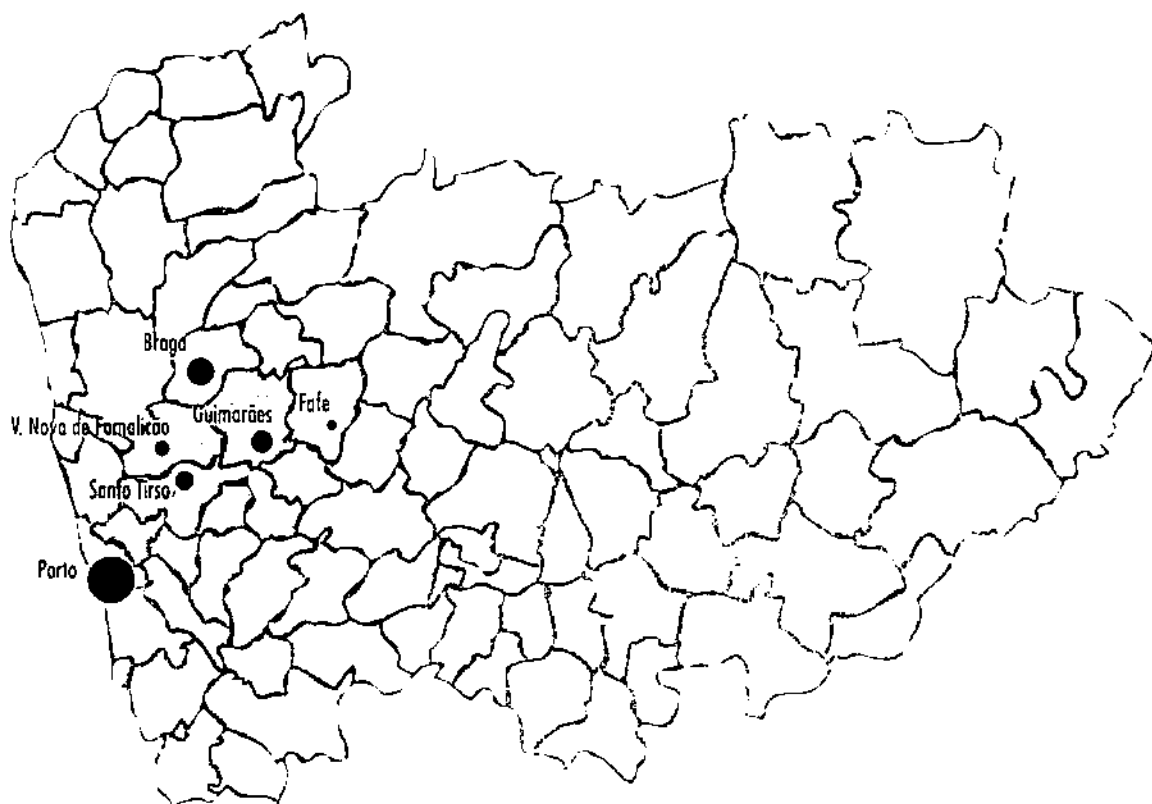


respectivas comunidades. Assim, o texto de Guimarães centra-se na problemática da gestão administrativa e trabalha uma escala territorial mais alargada que os outros dois textos. Enquanto sede de concelho, a cidade assume o seu território e procura representá-lo na sua totalidade. O texto de Vizela centra-se na questão da recusa da inclusão administrativa, associada ao projecto de constituição de um novo concelho. A identidade colectiva da comunidade organiza-se em torno dessa problemática, sempre presente, em qualquer entrevista e sobre qualquer temática. O texto de Santa Eulália é muito mais atento à fala dos entrevistados, porque se trata de uma fala descritiva, longa e dispersa nas suas temáticas. É a localidade em que os entrevistados revelam um maior conhecimento empírico do espaço envolvente. Ao contrário de Guimarães e Vizela, que representam o espaço a partir de problemáticas específicas, socorrendo-se de um significativo grau de abstracção, Santa Eulália revela uma representação sempre colada ao quotidiano e à sua memória.

Nos dois tipos de representação que as localidades revelam podemos reconhecer a clivagem entre o rural e o urbano e, a partir daí, tentar perceber o que é que muda, justamente, quando a sociedade passa de um modelo rural para um modelo de urbanização que poderemos classificar de *semiperiférico*, visto que este conceito comporta a possibilidade de pensar a articulação dos modelos mais tradicionalmente pensados em oposição.

A apresentação que se segue fará a análise do tratamento dos dados relativos à codificação do conjunto das entrevistas. Servirá de introdução aos textos que trabalham, isoladamente, cada uma das localidades.

## CONCELHOS DO VALE DO AVE ASSOCIADOS À PROBLEMÁTICA DA MODERNIZAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL



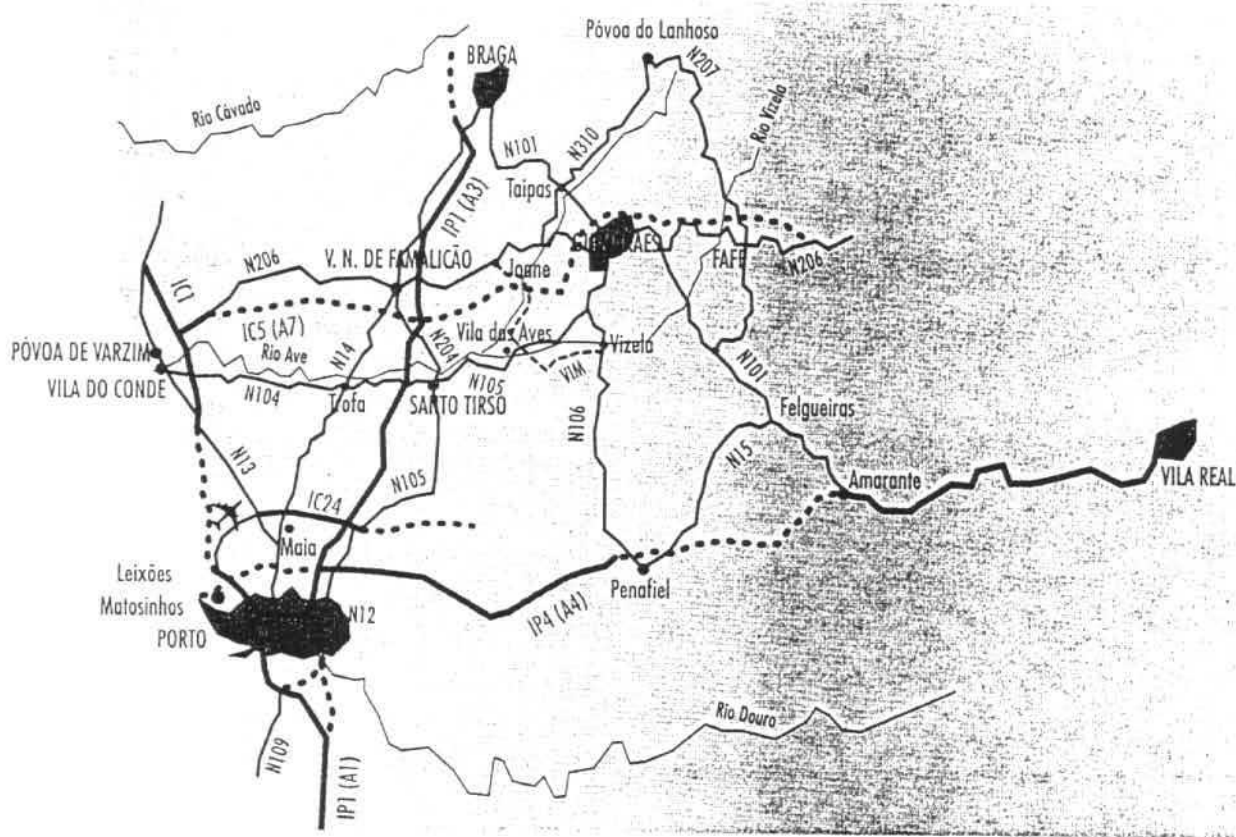
FONTE : Vale do Ave, "Guia de localização industrial para novos investimentos", Outubro, 1991.

## MAPA : REDE HIDROGRÁFICA



FONTE Vale do Ave, "Plano estratégico", 1993

## MAPA : REDE VIÁRIA



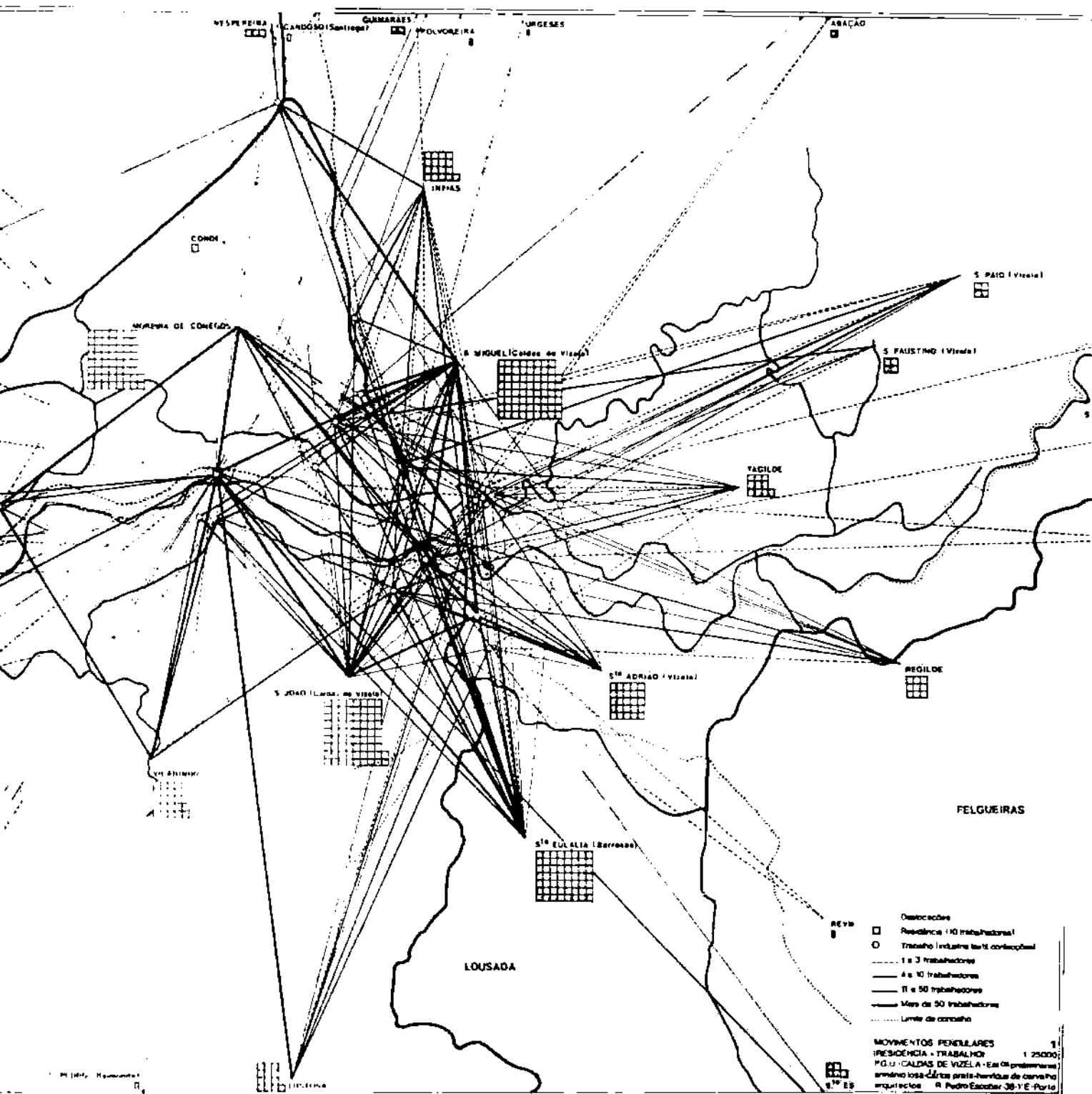
FONTE : Vale do Ave, "Números - Chave", Setembro 1991.

## MAPA : ÍNDICES DAS ÁREAS DE LOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL



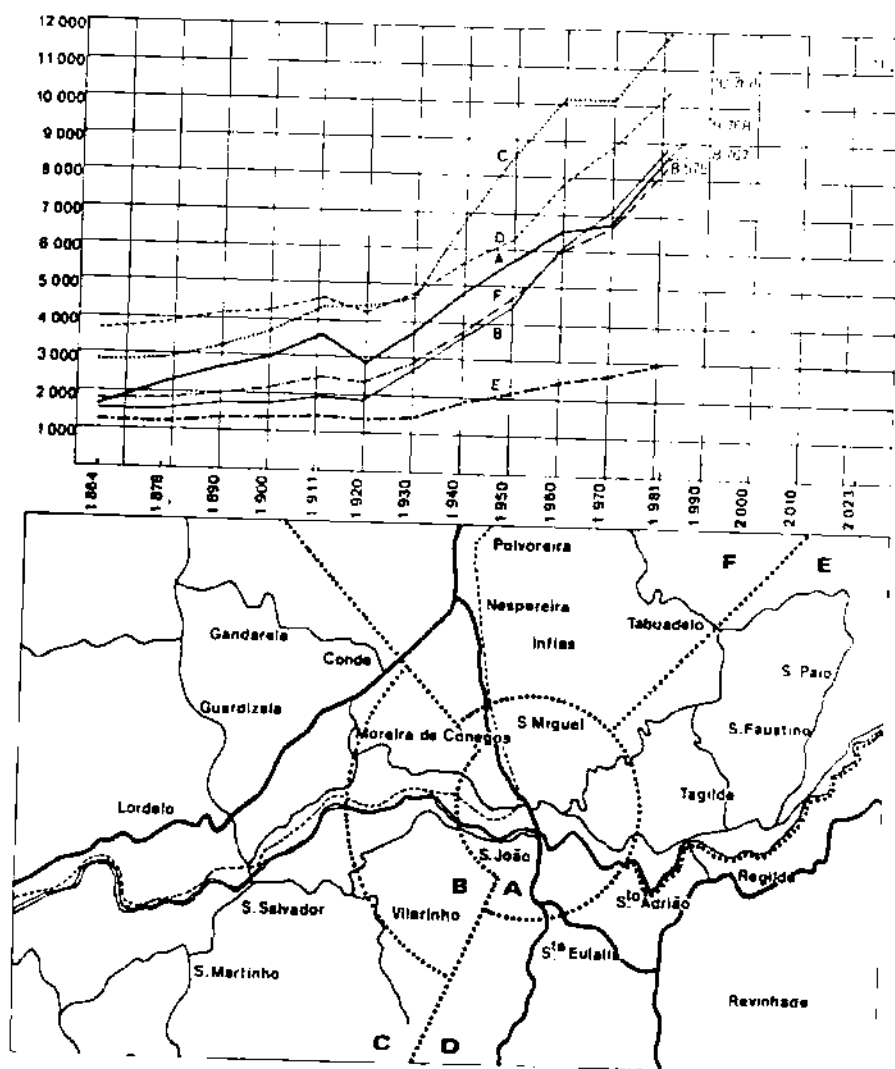
FONTE : Vale do Ave, "Guia de localização industrial para novos investimentos", Outubro, 1991

## MOVIMENTOS PENDULARES (RESIDÊNCIA-TRABALHO)



FONTE: Carlos Prata e Henrique Carvalho, "Plano geral de urbanização de Vizela", in: Planos sem poder/poder sem planos, revista Sociedade e Território, ano 2, Maio, 1986.

## EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO POR ZONAS (ZONA DE INFLUÊNCIA DE VIZELA)



FONTE : Carlos Prata e Henrique Carvalho, "Plano geral de urbanização de Vizela", in: Planos sem poder/poder sem planos, revista Sociedade e Território, ano2, Maio,1986.

## ***O TERRENO***

---

### **UM TERRITÓRIO EM RECOMPOSIÇÃO**

#### **NOTA PRÉVIA:**

Este capítulo resulta da análise de dezoito quadros e um *cluster* (cft. fim do capítulo), relativos à totalidade das localidades que constituem o terreno (Guimarães, Vizela - composta pelas freguesias de São João de Vizela e de São Miguel de Vizela - e Santa Eulália). Os cruzamentos efectuados são os seguintes: quadros **nº1** (cruzamento e **chi2**), totalidade dos **temas**, em bloco, e totalidade dos **modos de espacialização**, em bloco. Quadros **nº2** (cruzamento e **chi2**), totalidade dos **temas**, em detalhe, e totalidade dos **modos de espacialização**, em bloco. Quadro **nº3** (cruzamento) **relações funcionais**, em detalhe, e **deslocamentos da população**, em detalhe. Quadros **nº4** (cruzamento e **chi2**), **temas**, em bloco, e **três localidades** (Guimarães, Vizela - composta pelas freguesias de São João de Vizela e de São Miguel de Vizela - e Santa Eulália). Quadros **nº4.1.** (cruzamento e **chi2**), **temas**, em bloco, e **quatro localidades** (Guimarães, São João de Vizela, São Miguel de Vizela e Santa



Eulália). Quadros **nº5** (cruzamento e **chi2**), **modos de espacialização**, em bloco, e **três localidades** (Guimarães, Vizela - composta pelas freguesias de São João de Vizela e de São Miguel de Vizela - e Santa Eulália). Quadros **nº5.1.** (cruzamento e **chi2**), **modos de espacialização**, em bloco, e **quatro localidades** (Guimarães, São João de Vizela, São Miguel de Vizela e Santa Eulália). Quadros **nº6** (cruzamento e **chi2**), **totalidade dos temas**, em bloco, e **totalidade dos modos de espacialização**, em bloco, excluindo São João de Vizela. Quadros **nº7** (cruzamento e **chi2**), **totalidade dos temas**, em bloco, e **totalidade dos modos de espacialização**, em bloco, excluindo São Miguel de Vizela. Quadro **nº8** (cruzamento e **chi2**), **totalidade dos temas**, em bloco, e **totalidade dos modos de espacialização**, em bloco, dois terrenos portugueses e dois terrenos suíços. O *Cluster nº1* refere-se ao quadro **nº1**. Nota : Os quadros **nº4.1.**, **nº5.1.**, **nº6** e **nº7** trabalham as duas freguesias inquiridas na vila de Vizela em separado.

A primeira parte da análise, relativa aos quadros de conjunto, seguiu o seguinte percurso metodológico : primeiro, análise do quadro dos cruzamentos **nº1**, realizada em dois momentos diferentes : 1. análise dos números absolutos, completada pela percentagem de citação, relativa à **totalidade dos temas** e à **totalidade dos modos de espacialização**, respectivamente (indica os **temas** e os **modos de espacialização** mais utilizados), 2. análise dos cruzamentos, orientada pelo *cluster nº1* (hierarquiza os cruzamentos). Segundo, análise do quadro dos desvios/**chi2 nº1**(indica os cruzamentos mais significativos). Terceiro, análise dos

quadros *nº3* e *nº4* (detalham alguns temas e operações). A análise de conjunto surge como resultado final das etapas metodológicas apresentadas.

O texto que se segue é o resultado de uma elaboração conceptual posterior. Pretende evitar a descrição exaustiva dos quadros, não deixando, no entanto, de lhes fazer referência, sempre que esse procedimento for necessário.

## **ENTRE A MEMÓRIA E A MUDANÇA - UM ESPAÇO DINÂMICO**

Uma sociedade em mudança confronta-se, mais do que qualquer outra, com a questão da heterogeneidade. Gerir, em simultâneo, o que resta da tradição e o que a modernidade trouxe de novo corresponde a representar uma temporalidade complexa, por vezes aparentemente contraditória. Guimarães, Vizela e Santa Eulália são, como já dissemos, localidades caracterizadas por uma significativa heterogeneidade. Gerem-na, através de uma concepção global do espaço que utiliza a memória (e o seu peso histórico) para negociar a mudança. Pensamos ser esta a componente estrutural mais englobante das *representações do espaço* das localidades em estudo. É complexa, por um lado porque apresenta múltiplas modelações, que integram diferentes concepções da temporalidade, e por outro porque se associa a várias *temáticas*. A *economia* é o tema global que permite articular o discurso da mudança. Associam-se-lhe as dimensões

sociais e simbólicas, sobretudo quando se trata de valorizar o passado, para negociar o futuro.

A análise global das entrevistas revela que o *tema história* é o segundo mais utilizado (quadro dos cruzamentos *nº1* : 1621 citações, correspondentes a **36,4%** da totalidade das citações temáticas). Dada a técnica de codificação utilizada - que permite a associação do *tema* a outras *temáticas*, quando estas são claramente colocadas no eixo da temporalidade - podemos afirmar que a *história* tem um papel organizador das representações. Relembramos ainda que a nossa grelha de codificação considera diferentes formas de temporalidade : os *subtemas* do *tema história* permitem codificar dois tipos de temporalidade, estática e dinâmica, e dois tipos de valorização - positiva e negativa. Por isso, o *tema* dá conta de diferentes modelações temporais, que só a análise detalhada permite distinguir. Vamos avançar com alguns comentários gerais, relativos à importância do *tema história* no nosso estudo de caso, e depois passaremos a uma análise mais detalhada.

Como vimos anteriormente, as localidades que o integram encontram-se numa situação instável, de transformação recente e de negociação das transformações futuras. A utilização do *tema história* está seguramente relacionada com essa instabilidade, mas a hipótese de conexão entre as transformações reais das localidades em estudo e as representações organizadas pela temporalidade, embora evidente, não esgota a questão colocada pela presença massiva do *tema história*. A problemática da modelação temporal do *território* é complexa e permite a

formulação de outras conexões.

Pode ser formulada a hipótese da existência de outra conexão, relativa à lógica geral de representação da sociedade contemporânea e às representações locais. As sociedades contemporâneas vivem um processo de constante produção de si próprias ; projectam e realizam, de forma sistemática, a sua própria transformação. Claro que resta saber quais são os níveis dessa transformação, se ela é profunda ou de superfície (Lévi-Strauss 1958). Mas para simplificar, podemos reter a ideia de que a sociedade global se transforma, e de que as representações locais parece conceberem uma realidade que corresponde a esse modelo geral. Coloca-se, então, uma questão suplementar : a da distinção entre a sociedade real (neste caso local) e a sua representação. Dito de outro modo, a importância estatística do *tema história* pode dever-se tanto à lógica (ideológica) que preside às *representações colectivas* (e esta é sobredeterminada pelo modelo global) como às transformações reais das localidades em estudo. Pensamos que as duas hipóteses devem estar presentes na interpretação das modelações temporais das *representações do espaço* do nosso estudo de caso.

O facto de o *tema história* comportar dois tipos de temporalidade conduz-nos a outra questão, já formulada no início deste capítulo : a modelação dinâmica pode coexistir com uma outra, formulada pelos *subtemas* estáticos do *tema história*. A temporalidade pode ser, simultaneamente, produtiva e reprodutiva. Para alguns autores a predominância da transformação é paralela do declínio da herança, e consequentemente da dinâmica de reprodução (Touraine 1978), mas para

outros é paralela do reafirmar da herança e da tradição, por vezes mesmo da sua invenção (Hobsbawm e Ranger 1989). As duas lógicas, a da transformação e a da herança, podem portanto coexistir.

É um facto conhecido que a reprodução de imagens fixadas pela *memória colectiva* é essencial para a manutenção da *identidade* das comunidades (Halbwachs 1968), mas o mesmo facto torna-se mais complexo, e também mais interessante, quando observamos (e, como veremos, é isso que se passa no nosso estudo de caso) que essas imagens são utilizadas nas negociações que implicam projectos futuros.

Para resumirmos, diremos que : **1.** O *tema história* surge, numa componente não-dinâmica, associado a duas componentes estruturais da *representação do espaço* : **a)** tematiza uma concepção estática e negativa do espaço das semelhanças [quadro dos desvios **nº2**: cruzamento *semelhanças/permanência-da-falta* (+33.84)], **b)** tematiza a *memória colectiva do espaço das semelhanças* que integra, sobretudo em Guimarães e Vizela, os *mitos de fundação* [quadro dos desvios **nº2**: cruzamento *semelhanças/memória* (+4.10)]; **2.** O *tema história* surge, numa componente dinâmica, associado a outras duas componentes estruturais da *representação do espaço* : **a)** tematiza as transformações, valorizadas positivamente e negativamente, dos espaços das diferenças e das semelhanças, respectivamente [quadro dos desvios **nº2**: cruzamento *diferenças/liquidação-da-falta* (+7.86) e cruzamento *semelhanças/criação-da-falta* (+3.31)], **b)** tematiza os projectos dos espaços de exclusão e de inclusão [quadro dos desvios **nº2** : cruzamento *exclusão/projecto* (+32.45) e cruzamento *inclusão/projecto* (+14.78)].

As dimensões estáticas e dinâmicas da história tornam-se mais claras quando estudadas nas suas associações temáticas.

## **ENTRE O RURAL E O URBANO - UM ESPAÇO REVALORIZADO**

Voltemos ao quadro dos cruzamentos *nº1*, para analisar o *tema* mais citado pelos entrevistados : a economia (2426 citações, correspondentes a **36,4%** da totalidade das citações temáticas). Como vimos, a região onde se situa o nosso estudo de caso caracteriza-se pela existência de um tecido industrial recente que coexiste com um tecido agrícola. Essa heterogeneidade explica, em parte, o facto de a temporalidade ser pensada, em primeiro lugar, como uma temporalidade de carácter económico. Se resumirmos, podemos dizer que se trata de representar uma transferência de sectores - do primário para o secundário e para o terciário - acompanhada do declínio do primeiro e da assunção dos segundos. O sector secundário é claramente o mais valorizado, e a sobrevivência do sector primário surge sempre como uma dúvida, quase metódica, porque no fundo crê-se na ausência de futuro para o sector. A *economia* surge a tematizar as representações da heterogeneidade recente e, por isso, está associada às diferentes modelações da temporalidade : *permanências* (mais negativas do que positivas), *transformações* (positivas e negativas) e *projectos*.

Apesar do movimento geral se traduzir no declínio do sector primário,

e na consequente valorização do secundário, os entrevistados das três localidades fazem uma afirmação positiva da especificidade rural da região. Para sermos mais precisos, desenha-se a valorização de uma ruralidade urbanizada, fenómeno que se aproxima de dinâmicas observadas noutros contextos. Num texto recente, Jean Remy afirma, relativamente ao contexto belga, que num primeiro momento se desenvolveu um certo número de semelhanças entre o campo e a cidade e que, uma vez assegurado um fundo comum, se iniciou, por parte do campo, uma nova forma de reivindicação da diferença. *"La ville et la campagne, le rural et l'urbain, sont pour nous des catégories pratiques, c'est-à-dire des catégories régissant des identifications et des revendications dans la vie quotidienne. Des gens se mobilisent et constituent des enjeux autour d'une certaine image du rural"* (Remy 1993 : 34). No nosso estudo de caso o processo é equivalente, embora difira no grau de semelhança atingido entre o mundo rural e o mundo urbano. O campo português é menos urbano do que o campo belga, mas nalguns casos as semelhanças já parecem justificar uma revalorização da ruralidade. É o caso do nosso terreno de estudo, onde a indústria criou as condições básicas para o desenvolvimento do referido processo. O desenvolvimento industrial fomentou a difusão dos *géneros de vida* urbanos, sem no entanto transformar quer os núcleos urbanos quer a região no seu conjunto numa verdadeira aglomeração urbana. Mantiveram-se algumas características rurais e são elas que estão na base da actual revalorização do campo. Por oposição à cidade, o campo é suposto permitir outro modo de vida : a calma, a tranquilidade, o ar puro, a ausência de excesso de pessoas e de tráfego e a ausência de criminalidade são alguns dos atributos

do que afirmam ser uma "melhor qualidade de vida".

Começámos por enunciar uma ideia geral - estamos face a uma concepção global do espaço que utiliza a memória para negociar a mudança - que irá tomando forma ao longo da análise. A questão da revalorização do espaço rural situa-se no quadro da referida articulação temporal. Face à transformação do espaço regional, as localidades que fazem parte do nosso estudo de caso valorizam as suas componentes tradicionais (urbanísticas, sociais e simbólicas), colocando-as no interior de uma negociação global que conduzirá à futura estrutura do espaço regional. A valorização do património associa-se, simbolicamente, a este "trabalho" de revalorização da herança. Cada localidade seleccionou os "lugares da sua *memória colectiva*" (monumentos, narrativas, festas) e utiliza-os nas negociações que, a partir do passado, desenham as relações regionais futuras (Nora 1984, 1993).

## **ENTRE O MECÂNICO E O ORGÂNICO - UM ESPAÇO DIFERENCIADO**

O contexto etnográfico, repetimos, é o de uma economia semiperiférica em transformação acelerada. Caracteriza-se por articular a coexistência de modelos económicos distintos : a economia tradicional - baseada no sector primário e num sector secundário pré-fordista - coexiste com uma nova economia que, apesar de se basear no sector secundário,



ainda está fortemente dependente de relações sociais tradicionais. Ao mesmo tempo a sociedade transforma-se, no sentido da aproximação aos padrões de comportamento urbanos.

A espacialização da economia dá conta desta situação : trata-se de uma *economia das semelhanças* e de uma *economia das relações funcionais* (quadro dos cruzamentos **nº1** : cruzamento *economia/semelhanças*, 666 citações, e cruzamento *economia/relações funcionais*, 638 citações). A representação de uma economia homogênea ("somos todos agricultores" ou "somos todos operários" ou "somos todos agricultores e operários") coexiste com a representação de uma economia relacional e heterogênea ("mantemos relações entre agricultores, operários, patrões e funcionários").

O quadro dos desvios **nº1** permite-nos uma análise mais detalhada das representações do *económico*. Se observarmos o *modo de espacialização por semelhança*, verificamos que organiza significativamente o *espaço económico* (+6.98) e a *história* (+3.84). A definição dos semelhantes faz-se, conseqüentemente, a partir de critérios económicos. Essa ideia torna-se ainda mais consistente quando observamos que o mesmo se passa com a definição dos diferentes (cruzamento *diferenças/economia* (+17.91), único desvio positivo da linha relativa às *diferenças*.) A *economia* serve para definir os semelhantes, mas serve, ainda mais significativamente, para definir os diferentes. A análise do quadro dos desvios **nº2** confirma e especifica os dois cruzamentos : o *tema economia*, mesmo quando analisado em detalhe, apresenta desvios positivos em todos os cruzamentos relativos às *semelhanças* e às

diferenças. Os dois desvios mais significativos dizem respeito aos cruzamentos *conjuntura-economia/diferenças* (+13.39) e *secundário-economia/semelhanças* (+10.24). Podemos colocar a hipótese de que se trata de uma sociedade que adoptou a economia como critério distintivo. De facto, os entrevistados respondem a perguntas do tipo "Quais são as localidades semelhantes à vossa?" com respostas do tipo "A localidade X é parecida, porque também tem indústria, e a localidade Y é diferente, porque ainda é atrasada".

Mas a *economia* concentra em si a afirmação de outras *diferenças*, nomeadamente *sociais*, visto que dizer: "São como nós porque também têm indústria" quer dizer "Vão a cafés como nós, têm férias como nós, vestem-se como nós, usam os mesmo meios de transporte que nós." A passagem de uma sociedade rural para uma sociedade semiurbanizada - no sentido do alargamento ao conjunto do *território* dos *géneros de vida* urbanos (Sennett 1987) - implicou transformações significativas das *relações sociais*. A importância dada pelos entrevistados a essa *temática* traduz-se na posição do *tema sociedade* : é o terceiro *tema* mais utilizado (quadro dos cruzamentos *nº1*: 1289 citações, correspondentes a 19.3% da totalidade das citações temáticas). A sociabilidade rural, organizada em torno das relações de parentesco e vizinhança, e vivida em casa, nos campos ou, nos momentos rituais, na igreja, no adro, nas feiras e nas festas, alargou-se a outras determinantes e a outros espaços. Trabalhar na mesma fábrica, frequentar o mesmo café, apanhar o mesmo autocarro ou ir à mesma discoteca são alguns dos novos motivos para estabelecer relações sociais. Estão todos relacionados com um importante factor de organização do

*território* : a *mobilidade espacial*. Os novos movimentos pendulares, relacionados com a industrialização, colocam em situação de relação social populações que, num sistema mais sedentário, ou manteriam relações esporádicas ou pura e simplesmente não desenvolveriam relações sociais entre elas.

Mas voltemos à questão da tematização económica das *semelhanças* e das *diferenças*. O facto de as localidades em estudo terem adoptado a *economia* como noção englobante para fazer classificações espaciais de tipo *igual/diferente* sugere um comentário. Se nos referirmos ao modelo apresentado por Durkheim (1977) - que opõe as sociedades mecânicas, cuja *solidariedade* se baseia no reconhecimento e na reprodução das *semelhanças*, às sociedades orgânicas, cuja *solidariedade*, que se baseia na divisão do trabalho social, coexiste com a produção de diferença -, podemos dizer que o nosso terreno constrói uma *solidariedade mecânica* a partir de uma economia que, dada a divisão do trabalho social, e segundo o modelo durkheimiano, deveria dar origem a uma *solidariedade orgânica*. Este facto torna-se mais significativo quando observamos que o quadro dos desvios *nº1* apresenta um desvio negativo no cruzamento relações funcionais/economia (-5.60). Além disso, o *tema economia*, quando analisado em detalhe (quadro dos desvios *nº2*), apresenta desvios negativos em todos os cruzamentos com o *modo de espacialização relações funcionais*, particularmente no cruzamento relativo ao sector primário (-16.94). Voltando ainda ao modelo de Durkheim, poderíamos dizer que se trata de uma sociedade que aplica um modo de representação tradicional a uma economia moderna. Mas como a economia não é, de facto, moderna (já

dissemos que parte da indústria da região se baseia em relações de trabalho de tipo pré-fordista), a fuga ao modelo durkheimiano faz todo o sentido. Mais uma vez, a situação etnográfica parece fugir aos modelos dicotómicos clássicos e convida a uma interpretação de outro tipo.

Convém recordar que o cruzamento *relações funcionais/economia* aparece (quadro dos cruzamentos *nº1*), ao nível das frequências, em segundo lugar (638 citações), precedido pelo cruzamento da *economia* com as *semelhanças* (666 citações). Trata-se, portanto, de um cruzamento pouco significativo, mas massivamente citado, o que quer dizer que aparece muitas vezes, mas menos vezes do que seria de esperar (se a distribuição fosse homogênea, evidentemente). Este facto confirma a ideia de que estamos face a uma sociedade que articula os dois modelos durkeimianos. A *economia* surge a tematizar uma concepção funcional do espaço - *sociedade orgânica*: mas esse facto não é muito significativo, visto que a *economia* tematiza mais significativamente as *semelhanças* (+6,98) e as *diferenças* (+17.91) - *sociedade mecânica*. Podemos concluir que a *economia* serve, sobretudo, para organizar o espaço das coexistências distintas (composição espacial de tipo tradicional), embora também organize o espaço das *relações funcionais* (composição espacial de tipo moderno).

Se fizermos agora uma associação com o tema *história*, a componente económica da espacialidade torna-se mais evidente. O *cluster nº1* mostra-nos que a *história* surge, tal como a *economia*, a tematizar massivamente as *semelhanças* e as *relações funcionais*, embora num nível de frequências inferior (quadro dos cruzamentos *nº1* : cruzamento

*economia/semelhanças*, 666 citações. cruzamento *economia/relações funcionais*, 638 citações; e *história/semelhanças*, 441 citações, *história/relações funcionais*, 432 citações). A temporalidade parece estar associada aos dois modelos de representação do económico, uma vez que se associa exactamente às mesmas espacializações.

Se retomarmos as componentes estruturais da *representação do espaço*, enunciadas aquando da análise do *tema história*, teremos : **1. a)** uma concepção estática e negativa do espaço das semelhanças económicas (prioritariamente agrícola), **b)** uma memória do espaço das semelhanças económicas (prioritariamente agrícola). **2. a)** uma concepção dinâmica e negativa do espaço das semelhanças económicas (prioritariamente agrícola), **b)** uma concepção dinâmica e positiva do espaço das diferenças económicas (prioritariamente industrial).

A concepção estática equivale à permanência de uma falta e à manutenção de uma memória, enquanto a concepção dinâmica equivale à liquidação, mas também à criação, de uma falta. Estamos, então, face a uma *representação do espaço económico* (e, como vimos, do espaço social) que articula duas temporalidades : **1.** uma temporalidade tradicional, que, apesar de conceber a reprodução de um mundo valorizado negativamente (o trabalho agrícola, segundo os entrevistados, sempre foi difícil), lamenta a transformação desreguladora da ordem tradicional, **2.** uma temporalidade moderna, que concebe uma evolução positiva, associada à industrialização.

## ENTRE TERRITÓRIO E REDE - UM ESPAÇO PERCORRIDO

Uma análise de conjunto, relativa aos *modos de espacialização* utilizados pelos nossos entrevistados, conduz à definição de outra componente, estrutural e englobante, da *representação do espaço*: a *mobilidade espacial*. A heterogeneidade do *território*, que, como vimos, as *representações* aglutinam em torno da *temática económica*, mas que também é uma heterogeneidade social e simbólica, é gerida, funcionalmente, pela mobilidade espacial. Esse facto leva-nos a aplicar ao nosso estudo de caso a proposta, mais global, enunciada por Jean Remy (1994: 115): "*Cette exigence de mobilité nous incite par ailleurs à reprendre un principe de base selon lequel l'espace s'organise par le mouvement. Le mouvement, qui présuppose le sujet et l'action, constitue l'espace.*"

O quadro dos cruzamentos *nº1* mostra que as *relações funcionais* são o *modo de espacialização* mais utilizado (1924 citações, correspondentes a 28.9% da totalidade das citações dos *modos de espacialização*), seguido das *semelhanças* (1651 citações, correspondentes a 24,8% da totalidade das citações dos *modos de espacialização*), da *inclusão* (1063 citações, correspondentes a 16,0% da totalidade das citações dos *modos de espacialização*), das *diferenças* (941 citações, correspondentes a 14,1% da totalidade das citações dos *modos de espacialização*), das *relações formais* (773 citações, correspondentes a 11,6% da totalidade das citações dos *modos de espacialização*) e da *exclusão* (310 citações, correspondentes a 4,7% da totalidade das citações dos *modos de espacialização*).

A primeira observação refere-se, obviamente, à importância da funcionalidade : o espaço é maioritariamente organizado pelas modalidades que colocam espaços em interacção. Deste ponto de vista, estamos face a uma sociedade que pensa o espaço através das modalidades que constituem o *espaço rede* (Remy 1988) : um *modo de espacialização* que privilegia os fluxos entre lugares distintos. Ou, para referir outro autor, estamos face a uma sociedade que "*se pensa como uma rede de relações*" e cuja ética valoriza as condutas que reforçam a capacidade de comunicar (Touraine 1978). Mas, imediatamente a seguir, aparecem-nos as semelhanças e a inclusão, modalidades que organizam um outro tipo de espaço: o *espaço território* (Remy 1988). Este resulta de um *modo de espacialização* que organiza recortes espaciais tendencialmente homogêneos e caracteriza-se por ser fechado e privilegiar a inserção estável. Globalmente, é constituído por uma justaposição de *territórios*, bem caracterizados e com fronteiras definidas. Em termos sociais, o *espaço território* traduz-se na criação de comunidades que constituem a sua *identidade* através de uma lógica de *inclusão* interna, mais ou menos articulada com uma lógica de *exclusão*, aplicada ao exterior.

No nosso estudo de caso, a *exclusão espacial* surge como o *modo de espacialização* menos citado. Como veremos, a *exclusão* surge, claramente, em todas as localidades, a espacializar uma parte do conflito latente que as envolve. É um *modo de espacialização* que se restringe a essa problemática, o que justifica a fraca percentagem que apresenta no interior do conjunto dos *modos de espacialização*, mas que lhe dará um desvio significativo no interior do quadro dos desvios *nº1*, quando cruzada com o

político. Dada a importância da problemática política no nosso estudo de caso, vamos referir-nos a ela, especificamente, mais adiante neste capítulo. Para já, podemos dizer que as *inclusões* e as *exclusões* territoriais passam pela temática do *político*.

A *diferença* é uma operação menos utilizada do que as *semelhanças*, donde se concluiu que as representações estão mais interessadas em identificar os semelhantes, como vimos anteriormente, para os unificar, do que os diferentes. A identificação dos diferentes ocorre segundo duas lógicas : a lógica da distinção e a lógica da relação. No primeiro caso, a *diferença* serve apenas para distinguir e associa-se frequentemente à criação de *identidades exclusivas*. No segundo caso, a diferença serve para criar relações entre entidades distintas - por exemplo, relações de complementariedade - e associa-se frequentemente à criação de *identidades relacionais*. "Grosso modo", as duas lógicas referidas correspondem aos dois modelos espaciais propostos por J. Remy : o *espaço território* organiza-se, prioritariamente, a partir da distinção espacial (o meu *território* é diferente do *território* do outro), enquanto o *espaço rede* implica o estabelecimento de relações entre lugares distintos. Ambas as lógicas aparecem a organizar as *representações do espaço* do nosso estudo de caso. A primeira mais associada a uma sociabilidade tradicional, à *memória colectiva* e à *temática da divisão administrativa do território*, e a segunda mais associada a uma sociabilidade moderna, fortemente ligada à industrialização do espaço regional.

Relativamente às *relações formais*, claramente pouco utilizadas, elas surgem como uma espécie de espacialidade profunda. Queremos dizer:



pouco actualizada, mas no entanto organizadora do *território*. Pensamos que as *relações formais* estão frequentemente presentes, mesmo quando não se tornam explícitas no discurso. Por exemplo: em Vizela, o espaço a unificar pelo novo concelho é sobredeterminado, na definição dos seus limites, pela sua forma, e em Guimarães, a colina sagrada, que materializa a *memória de fundação*, é claramente valorizada no interior de uma oposição mais geral, que coloca o *alto* vs o *baixo*.

Dada a importância do modo de espacialização por *relações funcionais* (o mais utilizado), vamos observar, em pormenor, os temas que lhe estão associados. O quadro dos desvios *nº1* apresenta um desvio significativo, o segundo mais significativo, no cruzamento *relações funcionais/composição da população* (+51.36). A análise do quadro dos desvios *nº2* permite uma definição mais clara do conteúdo temático do referido cruzamento: o cruzamento do subtema *deslocação-da-população* com a operação *relações funcionais* apresenta o desvio mais importante do quadro (+166.49) e o cruzamento do subtema *composição-da-população* com a operação *relações funcionais* apresenta também um desvio significativo (+40.99). Esta especificação permite duas conclusões: **1.** a *mobilidade* é o factor humano mais significativo para a estruturação do espaço, **2.** a *mobilidade* é especificada em função das categorias da população que a praticam. O quadro *nº3* permite mais duas especificações. A primeira refere-se às suboperações funcionais mais citadas - são os *fluxos* e as *polarizações* (respectivamente, 73.9% e 17.2% do total das *relações funcionais*) - e a segunda aos subtemas que se lhes associam - os *fluxos* materializam-se em *deslocações definitivas* (32.6% do total de *fluxos*),

regulares (22.8%) e diárias (14.7%). enquanto as *polarizações* se materializam em deslocações regulares (38.5% do total de *polarizações*). O valor estatístico das deslocações definitivas (quadro de cruzamentos nº3 : 32.6% do total dos *fluxos*) revela a importância dada pelas representações à emigração. A partida definitiva para o exterior é a forma de *mobilidade* que os entrevistados referem mais frequentemente, o que significa que o espaço, quando pensado na sua versão *espaço rede*, é sobretudo um espaço internacionalizado pela emigração. Logo a seguir aparecem as deslocações regulares, que cobrem sobretudo o território regional. Neste caso temos dois tipos de *mobilidade*: aquela que se dirige para os *centros*, mas que nem sempre é concebida como uma *polarização*, e aquela que se dirige para as localidades de escalão mais baixo. Como veremos na interpretação descritiva, particularmente de Santa Eulália, esta *mobilidade intra-regional* é extremamente importante para a organização de um espaço que se transforma, mantendo no entanto as suas conexões tradicionais. As deslocações diárias, ao contrário, referem claramente a existência de movimentos pendulares dirigidos para os *centros* regionais. As cidades, quando explicitamente representadas como pólos, organizam sobretudo as deslocações regulares mais especializadas.

Podemos dizer que a incipiente forma urbana do *território* depende fortemente da mobilidade de bens, informações e pessoas, que conecta as diferentes localidades não só com os pólos urbanos situados no interior da região como também com os pólos urbanos que lhe são exteriores. O processo de transformação dos *géneros de vida* resulta mais da referida *mobilidade* do que da criação de núcleos urbanos de escalão superior. Para

alguns entrevistados de Vizela e de Santa Eulália, o Porto surge como a única cidade próxima verdadeiramente interessante. Os entrevistados de Guimarães também privilegiam o Porto, que afirmam ser a única cidade que exerce uma força centrípeta sobre Guimarães.

Poderá parecer evidente que as *relações funcionais* espacializem de forma mais pertinente do que os outros temas (como por exemplo a *economia*) as *deslocações da população*. Mas de facto não é. Quando comparamos os dados portugueses com os dados suíços, resultantes, exactamente, do mesmo tipo de investigação, verificamos que os desvios significativos não surgem nos mesmos cruzamentos (quadro de desvios nº8). Os estudos de caso suíços, ao contrário dos portugueses, apresentam, no cruzamento com as *relações funcionais*, um desvio positivo no cruzamento com a *economia* (+30.3) e um desvio negativo no cruzamento com a população (- 56.7). A importância que a *mobilidade* revela na estruturação do espaço português parece ser original, pelo menos quando o nosso universo de comparação é a Suíça. Outras comparações seriam necessárias para poder afirmar essa originalidade. Em todo o caso, podemos dizer que não se trata de um factor universal de estruturação do espaço, e que o facto de ele surgir, com tanta importância, na sociedade portuguesa (surge em todos os terrenos analisados pela equipa do CRAAL, ou seja, 4 estudos de caso, em quatro regiões distintas) é revelador de uma especificidade.

## ENTRE INCLUSÕES E EXCLUSÕES - UM ESPAÇO NEGOCIADO

Passemos agora ao *tema político*, que apesar de pouco utilizado (quadro dos cruzamentos *nº1* : 684 citações, correspondentes a 10.3% da totalidade das citações temáticas) focaliza os conflitos internos do terreno e, por esse motivo, reveste-se de um sentido particular. Esse sentido manifesta-se numericamente no quadro dos desvios *nº1*, onde o *tema político* apresenta 3 desvios significativos, facto que o coloca numa posição de destaque, visto que nenhum outro *tema* apresenta mais do que 1 desvio significativo. O *político* espacializa-se de uma forma específica : tematiza *inclusões* (+62.91) e *exclusões* (+14.08), não tematiza *semelhanças* (-20.20). A problemática do terreno aparece aqui claramente definida: o *tema político* é o *tema* que se distancia mais, no que diz respeito às suas espacializações, de uma distribuição homogénea. A questão da *inclusão territorial*, ou seja, das inclusões existentes e das inclusões propostas para o futuro, é a questão espacial mais pertinente para a região em estudo. Por isso, o cruzamento *inclusão/político* surge com o desvio mais elevado.

A análise do quadro dos desvios *nº2*, que cruza os *temas* detalhados com as operações em bloco, permite entrar mais em detalhe no interior do cruzamento referido : apresenta desvios significativos nos cruzamentos *administração/inclusão* (+44.27) e *planificação/inclusão* (+30.53). A dimensão projectiva da inclusão é acentuada pelo cruzamento *projecto/inclusão*, que apresenta um desvio de (+14.78). O quadro dos desvios *nº2* revela ainda que a segunda operação a espacializar significativamente o *político* é a *exclusão* : o quadro dos desvios apresenta

um desvio significativo no cruzamento *administração/exclusão* (+17.87). Tal como veremos na interpretação descritiva, Vizela representa-se numa situação actual de exclusão, relativamente ao concelho de Guimarães, e os projectos territoriais de Vizela e Santa Eulália integram propostas de exclusão, face aos espaços administrativos a que pertencem. A dimensão projectual da *exclusão* é-nos dada pelo desvio de (+32.45), relativo ao cruzamento *projecto/exclusão*.

Se voltarmos ao quadro dos desvios *nº1*, verificamos que o sentido da *exclusão* não é exclusivamente *político*: é também *histórico* (+3.64) e *social* (+2.02). O quadro dos desvios *nº2* esclarece estes dois cruzamentos. Revela duas coisas: **1.** que o carácter processual da *exclusão* é, já o dissemos, claramente *projectivo* (+32.45), **2.** que a *exclusão* se estabelece no interior das *relações sociais* entre as comunidades (*relações sociais/exclusão* (+19.08)). Concluimos que as *exclusões* e as *inclusões* se organizam em torno do *político*, sem deixar por isso de manifestar a sua pertinência nas áreas do *social* e do *simbólico*.

Fazemos ainda referência (quadro dos desvios *nº1*) ao desvio presente no cruzamento do *político* com as *relações formais* (+7.65). Trata-se de um desvio pouco significativo, quando comparado com os outros desvios relativos ao *tema* (coluna), mas é o desvio mais elevado da operação (linha). Podemos por isso afirmar que as *relações formais* espacializam, pertinentemente, o *político*. Mantemos a ideia de que as *relações formais* organizam uma espacialidade profunda. Aqui vamos encontrá-las associadas ao *tema* que, embora pouco citado, constitui o núcleo central da problemática da região. De algum modo, esta correlação

confirma a importância que propusemos dar às *relações formais*.<sup>1</sup>

## **ENTRE ENRAIZAMENTO E COSMOPOLITISMO - UM ESPAÇO VIVIDO**

Não cabe aqui desenvolver a discussão, já velha, ainda não terminada, e particularmente bem resumida por Ulf Hannerz (1983), da operacionalidade de uma oposição de base, traduzida em conceitos como *tradição vs modernidade*, *rural vs urbano*, *mecânico vs orgânico*, *enraizamento vs cosmopolitismo*. Parece ser ponto assente que as referidas oposições não resistem à prova dos factos etnográficos, mas também parece ser de bom senso a sua utilização enquanto formulações abstractas, operantes na análise de realidades etnográficas que não as colocam em oposição, mas em articulações múltiplas. Como temos vindo a referir, são esses processos de articulação que nos cabe analisar, de maneira a

---

<sup>1</sup> Talvez seja útil fazer aqui um pequeno desvio metodológico. Os dados que acabamos de analisar revelam, de forma evidente, a pertinência da utilização de um cálculo de  $\chi^2$ . Uma análise que se limitasse à observação dos números absolutos nunca determinaria o que, neste caso, parece ser mais pertinente. É o cálculo de  $\chi^2$  que nos faz reparar num tema percentualmente insignificante, o político, e nos seus cruzamentos, num dos casos com uma operação também insignificante, a exclusão. Verificamos que o político se dispersa menos do que todos os outros temas e que além disso ainda se cruza com operações que os outros ignoram. Este facto indica-nos que ele possui uma especificidade, o que de algum modo lhe confere pertinência. Até aqui estamos ao nível da análise de dados. A seguir, iremos encontrar essa pertinência na interpretação das entrevistas : a pertinência dos desvios é também uma pertinência de sentido. Neste caso, ela coloca-nos no núcleo das representações do espaço do nosso estudo de caso.

entender as formas da sociedade portuguesa contemporânea. Podemos, por alguns momentos, fixar-nos na terminologia proposta por Scarpetta, que tem a qualidade de reenviar para modelações espaciais: " *enraizamento* vs *cosmopolitismo* " (Scarpetta 1988 ; Neves e Silvano, 1990) <sup>2</sup>.

O agricultor de Santa Eulália, bom conhecedor do passado e perspicaz na observação do presente, definiu, de forma simples, a configuração espacial da região :

"Eu, vá lá, o mais aspecto que eu vejo é as pessoas ansiosas todas é por ter uma casinha para viver. Outros, outros só pensam mas é em ter um carrinho para passear. Também nesse aspecto, isso é uma coisa assim muito desenvolvida" (Sta Eulália<sup>2</sup>).

As camadas mais jovens da população investem, hesitando nas prioridades, nos dois objectos fundadores dos dois modelos de organização espacial referidos : a casa está para o enraizamento como o carro está para o cosmopolitismo (por via, obviamente, da mobilidade (Simmel 1989)). A problemática da região joga-se nesta dupla dinâmica. O forte enraizamento da população articula-se com uma nova mobilidade, o que significa, do ponto de vista sociológico, um novo tipo de relacionamento com os outros,

---

<sup>2</sup> Para sermos sistemáticos, podemos organizar a oposição *enraizamento/cosmopolitismo* da seguinte forma :

**ENRAIZAMENTO** : Colectividade. Relações sociais decorrentes da pertença a um grupo. Unicidade de valores culturais. Espaço território. Enraizamento.

**COSMOPOLITISMO** : Indivíduo. Relações sociais decorrentes da mobilidade. Multiplicidade de valores culturais. Espaço rede. Desenraizamento.

Esta oposição foi por nós desenvolvida no texto: Neves e Silvano (1990). "Enraizamento e Cosmopolitismo : contributo para uma análise da recomposição urbana" in: Viver (n)a cidade, LNEC-ISCTE, Lisboa.

e, do ponto de vista do *território*, uma nova arquitectura do espaço, mais aberta e integradora de espaços "estranhos". Esta duplicidade encontra o seu equivalente nas duas modalidades escolhidas para espacializar a economia: uma estática, que marca semelhanças e diferenças, e uma dinâmica, que organiza redes de relações funcionais.



## **ESPECIFICIDADES TERRITORIAIS**

### **NOTA PRÉVIA:**

A segunda parte deste capítulo resulta da análise dos quadros **nº4.1.**, **nº5.1.**, **nº6** e **nº7** e seguiu o seguinte percurso metodológico : **1.** análise comparativa das três localidades (através de um cálculo de **chi2**), relativa aos temas citados nas entrevistas respectivas. **2.** análise comparativa das três localidades (através de um cálculo de **chi2**), relativa aos *modos de espacialização* citados nas entrevistas respectivas. O texto que se segue, tal como o da primeira parte, resulta de uma elaboração conceptual posterior, e pretende evitar a descrição exaustiva dos quadros, embora os refira sempre que necessário.

Antes de passarmos à análise das especificidades das *representações do espaço* das localidades que constituem o nosso terreno, talvez seja útil recapitular alguns dos elementos factuais que as diferenciam - Guimarães é uma cidade e é a capital do concelho a que pertence Vizela, que é uma vila. Vizela não deseja pertencer ao concelho de Guimarães, e

preconiza a criação/restauração do concelho de Vizela, que deverá incluir Santa Eulália, que é uma aldeia. Santa Eulália pertence ao concelho de Lousada. Os posicionamentos relativos das três localidades, aqui resumidos na problemática da divisão administrativa, estão associados às especificidades relativas das respectivas *representações do espaço*.

## **GUIMARÃES E VIZELA - UM ESPAÇO POLÍTICO**

Guimarães, a única cidade do nosso estudo de caso, e a única localidade a centralizar um espaço administrativo, apresenta, comparativamente com as outras localidades, uma espacialidade mais marcada pela componente administrativa. No quadro dos desvios *nº4*, que nos permite fazer a análise comparativa dos temas utilizados pelos entrevistados das três localidades, Guimarães apresenta um desvio significativo na casa relativa ao *político* (+28.29). O seu estatuto de sede de concelho é determinante do tipo de *representação do espaço* que elabora, tanto mais que esse estatuto é posto em causa por Vizela. Como veremos mais adiante, os entrevistados de Guimarães revelam-se implicados na manutenção/reprodução de um espaço administrativo dificilmente controlável. A *identidade* da cidade, fortemente organizada em torno da questão do poder (mesmo, e talvez sobretudo, do ponto de vista simbólico), é ameaçada pela proposta de criação do novo concelho de Vizela. A manifestação espacial do confronto entre as duas localidades está

associada aos *modos de espacialização* por *inclusão* e por *exclusão* e, de facto, são estes que vão especificar a representação de cada uma delas. Quando observamos a distribuição relativa dos *modos de espacialização* (quadro *nº5*), verificamos que Guimarães e Vizela se opõem, claramente, no que diz respeito às operações mais utilizadas : em Guimarães fala-se mais de *inclusão* (+22.51) e em Vizela fala-se mais de *exclusão* (+16.54). Enquanto Guimarães representa um espaço unificado, correspondente aos limites do seu concelho, Vizela representa a sua própria *exclusão*, relativa, exactamente, ao espaço que Guimarães unifica. Face a esta oposição, que resume a problemática *política* do terreno, Santa Eulália apresenta-se quase neutra. Apenas é significativa a ausência relativa da *exclusão* espacial (-7.99).

## VIZELA E SANTA EULÁLIA - UM ESPAÇO SOCIAL

Ao contrário de Guimarães, que focaliza a sua espacialidade na questão administrativa, Vizela e, sobretudo, Santa Eulália organizam espacialidades fortemente "humanizadas". Queremos dizer com isto que nas referidas localidades a *representação do espaço* aparece significativamente associada à componente humana (*população e relações sociais*). Trata-se de uma característica global, que se manifesta, particularmente, na *representação da relação centro/periferia*, que organiza a relação entre Vizela e Santa Eulália.

Vizela apresenta um desvio negativo na casa do *tema população* (-20.03), desvio esse que é compensado pelo desvio positivo, apresentado por Santa Eulália, relativamente ao mesmo *tema* (+41.64). Santa Eulália, a localidade mais pequena e mais rural do terreno, afasta-se claramente das *representações do espaço* das localidades urbanas. O *político* (-28.52) e a *sociedade* (- 0.72) são *temáticas* abandonadas a favor de uma fixação no *tema população* (+41.64). O facto está associado a duas situações: primeiro à *mobilidade intra-regional*, que em Santa Eulália aparece como factor importante de organização do espaço. Trata-se, por um lado, de uma *mobilidade* de pequeno alcance, concebida em função de percursos pedestres e associados a actividades agrícolas e rituais (como ir a feiras de gado ou a festas e romarias) e, por outro, de uma *mobilidade* também de pequeno alcance, mas dirigida para os pólos urbanos mais próximos ou para os lugares onde se fixou a indústria difusa e onde trabalha a população operária. A segunda situação associada à presença do *tema população* nas entrevistas prende-se com as transformações da região, que alteraram fortemente a composição, sobretudo profissional, dos habitantes da localidade. A comunidade que mais sente essa alteração é exactamente aquela que ainda mantém mais traços de ruralidade.

Vizela apresenta um desvio significativo, embora fraco, na casa relativa à *sociedade* (+5.79). A reivindicação do novo concelho baseia-se na existência de uma *centralidade* que se manifesta, fortemente, ao nível das relações sociais. Vizela concebe um *território* voltado para si própria, e anima-o através de uma concepção vitalista do *centro urbano*, lugar onde se desenvolvem relações sociais que dizem respeito a toda a região.

## **VIZELA - UMA VILA HOMOGÉNEA ?**

O quadro dos desvios **nº4.1.** permite estabelecer algumas diferenças entre as duas freguesias inquiridas na Vila de Vizela : São Miguel, que engloba o *centro* de Vizela, e São João, uma freguesia mais periférica. Verificamos que o desvio negativo relativo à *população* se mantém em São João (**-47.33**) mas não diz respeito a São Miguel (**+0.18**), enquanto o desvio positivo relativo à *sociedade* surge em São Miguel (**+5.43**) mais forte que em São João (**+1.11**). Este quadro revela ainda que o *tema político* está mais associado à freguesia de São João (**+5.57**).

Podemos concluir que, comparativamente, em São João a *representação do espaço* se encontra mais associada à problemática administrativa da criação do novo concelho e em São Miguel à problemática social de constituição do novo *centro* urbano (futura sede de concelho).

O quadro dos desvios **nº5.1.**, que trata em separado as duas freguesias de Vizela, revela, em concordância com o quadro relativo aos *temas*, o maior investimento de São João na questão do abandono do concelho de Guimarães: São João apresenta um desvio positivo muito significativo na casa da exclusão (**+97.18**), enquanto São Miguel apresenta um desvio negativo (**-15.02**). As diferenças entre São João e São Miguel serão estudadas mais em pormenor no capítulo relativo a Vizela. Aqui, pretendemos apenas assinalar a forma como cada freguesia se distancia do conjunto das três localidades.

O facto de Vizela ter um peso duplo - a vila é representada por duas amostras correspondentes a duas freguesias - levou-nos a colocar a

hipótese de uma distorção dos dados, no interior do quadro geral. Para testar essa hipótese construímos dois quadros de conjunto, equivalentes ao quadro *nº1*, retirando, em cada um deles, uma das freguesias: do quadro *nº6* foi retirado São João e do quadro *nº7* foi retirado São Miguel. Os resultados finais revelam que não existe distorção dos resultados, visto que os desvios significativos aparecem nas mesmas casas e a variação dos níveis não é importante. Podemos por isso dizer que, no interior do terreno, Vizela surge como uma localidade homogênea.

## QUADRO N°1 (CRUZAMENTO)

TRÊS LOCALIDADE - Totalidade dos temas (em bloco)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

The SPSS/PC+ system file is read from  
file \mena2\minhoca.sps  
The file was created on 5/21/93 at 18:30:39  
and is titled labels des variables  
The SPSS/PC+ system file contains  
1813 cases, each consisting of  
41 variables (including system variables).  
41 variables will be used in this session.

Região (três localid.)	cruzamento : temas/modos de espacialização			
	POPULATION	SOCIETE	ECONOMIE	HISTOIRE
INCLUSION	65 6.1% 10.1%	215 20.2% 16.7%	344 32.4% 14.2%	247 23.2% 15.2%
EXCLUSION	11 3.5% 1.7%	71 22.9% 5.5%	83 26.8% 3.4%	92 29.7% 5.7%
RESSEMBLANCE	157 9.5% 24.5%	276 16.7% 21.4%	666 40.3% 27.5%	441 26.7% 27.2%
DIFFERENCE	72 7.7% 11.2%	159 16.9% 12.3%	421 44.7% 17.4%	220 23.4% 13.6%
REL FONCTION	283 14.7% 44.1%	416 21.6% 32.3%	638 33.2% 26.3%	432 22.5% 26.7%
REL FORMEL	54 7.0% 8.4%	152 19.7% 11.8%	274 35.4% 11.3%	189 24.5% 11.7%
total colonne	642 9.6% 100.0%	1289 19.3% 100.0%	2426 36.4% 100.0%	1621 24.3% 100.0%

(continued)

Região (três localid.)		total ligne
	POLITIQUE	
INCLUSION	192 18.1% 28.1%	1063 100.0% 16.0%
EXCLUSION	53 17.1% 7.7%	310 100.0% 4.7%
RESSEMBLANCE	111 6.7% 16.2%	1651 100.0% 24.8%
DIFFERENCE	69 7.3% 10.1%	941 100.0% 14.1%
REL FONCTION	155 8.1% 22.7%	1924 100.0% 28.9%
REL FORMEL	104 13.5% 15.2%	773 100.0% 11.6%
total colonne	684 10.3% 100.0%	6662 100.0% 100.0%



## QUADRO Nº1 (CHI2)

TRÊS LOCALIDADES - Totalidade dos temas (em bloco)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	65	215	344	247	192
exclusion	11	71	83	92	53
ressemblan	157	276	666	441	111
difference	72	159	421	220	69
rel foncti	283	416	638	432	155
rel formel	54	152	274	189	104

## TABLEAU DES ECARTS

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	(-) 13.68	(+) 0.42	(-) 4.80	(-) 0.52	(+) 62.91
exclusion	(-) 11.92	(+) 2.02	(-) 7.91	(+) 3.64	(+) 14.08
ressemblan	(-) 0.03	(-) 5.91	(+) 6.98	(+) 3.84	(-) 20.20
difference	(-) 3.85	(-) 2.92	(+) 17.91	(-) 0.35	(-) 7.89
rel foncti	(+) 51.36	(+) 5.14	(-) 5.60	(-) 2.79	(-) 9.16
rel formel	(-) 5.64	(+) 0.04	(-) 0.20	(+) 0.00	(+) 7.65

CHI2 = 279.38

## QUADRO N°2 (CRUZAMENTO)

TRÊS LOCALIDADES - Totalidade dos temas (em detalhe)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

	inclusion	exclusion	ressemblan	difference	relfunctio	relformel
comp pop	53	9	133	61	263	49
tail pop	12	2	24	11	20	5
depl pop	25	4	39	34	313	75
rela soc	73	37	76	51	132	48
inté soc	72	14	96	47	181	61
coex soc	70	20	104	61	103	43
prim eco	99	19	153	78	112	66
seco eco	52	5	127	74	99	48
tert eco	137	42	250	180	309	132
tert eco	56	17	136	89	118	28
memo his	62	14	135	67	134	68
pman his	45	22	148	39	93	43
cman his	22	9	49	23	48	9
lman his	46	13	62	57	83	28
proj his	72	34	47	34	74	41
adm poli	125	39	70	49	112	62
pla poli	67	14	41	20	43	42

QUADRO Nº2 (CHI2)

TRÊS LOCALIDADES - Totalidade dos temas (em detalhe)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

	inclusion	exclusion	ressemblan	difference	relfonctio	relformel
comp pop	(-) 12.92	(-) 10.19	(-) 0.01	(-) 3.49	(+) 40.99	(-) 5.00
tail pop	(+) 0.05	(-) 0.48	(+) 2.43	(+) 0.08	(-) 0.43	(-) 1.62
depl pop	(-) 32.93	(-) 14.26	(-) 50.92	(-) 16.11	(+) 166.49	(+) 4.92
rela soc	(+) 1.44	(+) 19.08	(-) 5.15	(-) 0.60	(+) 0.02	(-) 0.04
inté soc	(+) 0.00	(-) 2.16	(-) 2.10	(-) 4.61	(+) 7.70	(+) 0.48
coex soc	(+) 1.33	(+) 0.33	(+) 0.90	(+) 0.73	(-) 4.01	(-) 0.43
prim eco	(+) 4.42	(-) 0.74	(+) 6.51	(+) 0.53	(-) 16.94	(+) 0.20
seco eco	(-) 1.50	(-) 9.19	(+) 10.24	(+) 6.39	(-) 6.05	(-) 0.00
tert eco	(-) 3.23	(-) 0.36	(+) 0.01	(+) 9.49	(-) 1.15	(+) 0.45
tert eco	(-) 1.97	(-) 0.32	(+) 9.21	(+) 13.39	(-) 3.14	(-) 11.54
memo his	(-) 1.66	(-) 2.37	(+) 4.10	(+) 0.04	(-) 1.73	(+) 2.16
pman his	(-) 3.46	(+) 1.39	(+) 33.84	(-) 3.77	(-) 6.89	(-) 0.23
cman his	(-) 0.22	(+) 0.56	(+) 3.31	(+) 0.06	(-) 0.08	(-) 5.24
lman his	(+) 0.09	(+) 0.01	(-) 0.58	(+) 7.86	(-) 0.60	(-) 1.15
proj his	(+) 14.78	(+) 32.45	(-) 8.32	(-) 1.25	(-) 4.43	(+) 0.75
adm poli	(+) 44.27	(+) 17.87	(-) 13.36	(-) 2.84	(-) 6.70	(+) 1.13
pla poli	(+) 30.53	(+) 1.63	(-) 2.98	(-) 3.87	(-) 11.04	(+) 8.45

CHI2 = 819.47

QUADRO Nº3 (CRUZAMENTO)

TRÊS LOCALIDADES - deslocamentos da população (em detalhe)/relações funcionais (em detalhe)

The SPSS/PC+ system file is read from  
file \MENA2\MINHOCA.SPS  
The file was created on 5/21/93 at 18:30:39  
and is titled labels des variables  
The SPSS/PC+ system file contains  
1813 cases, each consisting of  
41 variables (including system variables).  
41 variables will be used in this session.

Região (três localid.)	cruzamento : deslocamento população/relações funcio			
	DEPLACEMENTS	JOURNALIERS	HEBDOMADAIRE S	SAISONNIERS
FLUX	16 7.1% 80.0%	33 14.7% 75.0%	6 2.7% 50.0%	16 7.1% 61.5%
POLARISATION	2 3.8% 10.0%	9 17.3% 20.5%	4 7.7% 33.3%	9 17.3% 34.6%
COMPLEMENTATION		1 10.0% 2.3%	1 10.0% 8.3%	
ASSOCIATION	1 14.3% 5.0%		1 14.3% 8.3%	1 14.3% 3.8%
EQUILIBRATION				
DIFFUSION	1 11.1% 5.0%	1 11.1% 2.3%		
total colonne	20 6.6% 100.0%	44 14.5% 100.0%	12 4.0% 100.0%	26 8.6% 100.0%

(continued)

Region (três localid.)	desl. da população/rel. funcionais			total ligne
	REGULIERS AUTRES	OCCASIONNELS	MIGRATION DEFINITIVE	
FLUX	51 22.8% 65.4%	29 12.9% 85.3%	73 32.6% 82.0%	224 100.0% 73.9%
POLARISATION	20 38.5% 25.6%	3 5.8% 8.8%	5 9.6% 5.6%	52 100.0% 17.2%
COMPLEMENTATION	3 30.0% 3.8%		5 50.0% 5.6%	10 100.0% 3.3%
ASSOCIATION		2 28.6% 5.9%	2 28.6% 2.2%	7 100.0% 2.3%
EQUILIBRATION	1 100.0% 1.3%			1 100.0% .3%
DIFFUSION	3 33.3% 3.8%		4 44.4% 4.5%	9 100.0% 3.0%
total colonne	78 25.7% 100.0%	34 11.2% 100.0%	89 29.4% 100.0%	303 100.0% 100.0%

QUADRO N°4 (CRUZAMENTO E CHI2)  
TEMAS (EM BLOCO)/TRÊS LOCALIDADES

	GUIMARAES	STA EULALIA	VIZELA
POPULATION	100	330	212
SOCIETE	206	447	636
ECONOMIE	460	879	1087
HISTOIRE	312	586	723
POLITIQUE	191	163	330

TABEAU DES ECARTS

	GUIMARAES	STA EULALIA	VIZELA
POPULATION	(-) 4.06	(+) 41.64	(-) 20.03
SOCIETE	(-) 6.37	(-) 0.72	(+) 5.79
ECONOMIE	(-) 0.01	(+) 0.01	(-) 0.00
HISTOIRE	(+) 0.03	(+) 0.00	(-) 0.02
POLITIQUE	(+) 28.29	(-) 28.52	(+) 1.76

CHI2 = 137.26

QUADROS Nº4.1. (CRUZAMENTO E CHI2)  
TEMAS (EM BLOCO)/QUATRO LOCALIDADES

	GUIMARAES	STA EULALIA	S. JOÃO	S. MIGUEL
POPULATION	100	330	58	154
SOCIETE	206	447	297	339
ECONOMIE	460	879	532	555
HISTOIRE	312	586	380	343
POLITIQUE	191	163	177	153

TABLEAU DES ECARTS

	GUIMARAES	STA EULALIA	S. JOÃO	S. MIGUEL
POPULATION	(-) 4.06	(+) 41.64	(-) 47.33	(+) 0.18
SOCIETE	(-) 6.37	(-) 0.72	(+) 1.11	(+) 5.43
ECONOMIE	(-) 0.01	(+) 0.01	(+) 0.07	(-) 0.09
HISTOIRE	(+) 0.03	(+) 0.00	(+) 2.34	(-) 2.84
POLITIQUE	(+) 28.29	(-) 28.52	(+) 5.57	(-) 0.19

CHI2 = 174.81

QUADRO N°5 (CRUZAMENTO E CHI2)  
MODOS DE ESPACIALIZAÇÃO (EM BLOCO)/TRÊS LOCALIDADES

	GUIMARAES	STA EULALIA	VIZELA
INCLUSION	270	375	418
EXCLUSION	41	82	187
RESSEMBLANCE	273	567	811
DIFFERENCE	221	328	392
REL FONCT	312	740	872
REL FORM	152	313	308

TABEAU DES ECARTS

	GUIMARAES	STA EULALIA	VIZELA
INCLUSION	(+) 22.51	(-) 0.20	(-) 7.24
EXCLUSION	(-) 5.52	(-) 7.99	(+) 16.54
RESSEMBLANCE	(-) 5.47	(-) 1.41	(+) 6.71
DIFFERENCE	(+) 9.73	(-) 0.40	(-) 2.14
REL FONCT	(-) 8.10	(+) 2.97	(+) 0.10
REL FORM	(+) 0.15	(+) 4.13	(-) 4.32

CHI2 = 105.65



QUADROS N°5.1. (CRUZAMENTO E CHI2)  
MODOS DE ESPACIALIZAÇÃO (EM BLOCO)/QUATRO LOCALIDADES

	GUIMARAES	STA EULALIA	S. JOÃO	S.MIGUEL
INCLUSION	270	375	232	186
EXCLUSION	41	82	148	39
RESSEMBLANCE	273	567	373	438
DIFFERENCES	221	328	194	198
REL FONCT	312	740	345	527
REL FORM	152	313	152	156

TABLEAU DES ECARTS

	GUIMARAES	STA EULALIA	S. JOÃO	S. MIGUEL
INCLUSION	(+) 22.51	(-) 0.20	(+) 0.01	(-) 14.79
EXCLUSION	(-) 5.52	(-) 7.99	(+) 97.18	(-) 15.02
RESSEMBLANCE	(-) 5.47	(-) 1.41	(+) 0.64	(+) 8.01
DIFFERENCES	(+) 9.73	(-) 0.40	(-) 0.49	(-) 1.85
REL FONCT	(-) 8.10	(+) 2.97	(-) 12.44	(+) 14.75
REL FORM	(+) 0.15	(+) 4.13	(-) 1.44	(-) 2.99

CHI2 = 238.20

QUADRO Nº6 (CRUZAMENTO)

TRÊS LOCALIDADES, COM EXCLUSÃO DE S.JOÃO DE VIZELA - Tot.dos temas (bloco)/tot. dos modos de espacialização (bloco)

The SPSS/PC+ system file is read from  
file \mena2\minhoca.sps  
The file was created on 5/21/93 at 18:30:39  
and is titled labels des variables  
The SPSS/PC+ system file contains  
1813 cases, each consisting of  
41 variables (including system variables).  
41 variables will be used in this session.

Três local. (exc.S.João)	cruzamento : temas/modos de espacialização			
	POPULATION	SOCIETE	ECONOMIE	HISTOIRE
INCLUSION	63 7.6% 10.8%	178 21.4% 17.9%	269 32.4% 14.2%	180 21.7% 14.5%
EXCLUSION	9 5.6% 1.5%	37 22.8% 3.7%	41 25.3% 2.2%	45 27.8% 3.6%
RESSEMBLANCE	137 10.7% 23.5%	203 15.9% 20.5%	516 40.4% 27.2%	347 27.2% 28.0%
DIFFERENCE	66 8.8% 11.3%	127 17.0% 12.8%	338 45.2% 17.8%	168 22.5% 13.5%
REL FONCTION	262 16.6% 44.9%	326 20.6% 32.9%	514 32.6% 27.1%	353 22.4% 28.4%
REL FORMEL	47 7.6% 8.0%	121 19.5% 12.2%	216 34.8% 11.4%	148 23.8% 11.9%
total colonne	584 11.2% 100.0%	992 19.0% 100.0%	1894 36.3% 100.0%	1241 23.8% 100.0%

(continued)

		total ligne
	POLITIQUE	
INCLUSION	141 17.0% 27.8%	831 100.0% 15.9%
EXCLUSION	30 18.5% 5.9%	162 100.0% 3.1%
RESSEMBLANCE	75 5.9% 14.8%	1278 100.0% 24.5%
DIFFERENCE	48 6.4% 9.5%	747 100.0% 14.3%
REL FONCTION	124 7.9% 24.5%	1579 100.0% 30.3%
REL FORMEL	89 14.3% 17.6%	621 100.0% 11.9%
total colonne	507 9.7% 100.0%	5218 100.0% 100.0%

QUADRO N°6 (CHI2)

TRÊS LOCALIDADES, COM EXCLUSÃO DE S.JOAO DE VIZELA - Tot. dos temas (bloco)/tot. dos modos de espacialização (bloco)

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	63	178	269	180	141
exclusion	9	37	41	45	30
ressemblan	137	203	516	347	75
difference	66	127	338	168	48
rel foncti	262	326	514	353	124
rel formel	47	121	216	148	89

TABLEAU DES ECARTS

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	(-) 9.68	(+) 2.54	(-) 3.53	(-) 1.57	(+) 44.97
exclusion	(-) 4.60	(+) 1.25	(-) 5.39	(+) 1.09	(+) 12.92
ressemblan	(-) 0.25	(-) 6.57	(+) 5.86	(+) 6.10	(-) 19.47
difference	(-) 3.71	(-) 1.59	(+) 16.49	(-) 0.53	(-) 8.32
rel foncti	(+) 41.15	(+) 2.22	(-) 6.10	(-) 1.35	(-) 5.64
rel formel	(-) 7.29	(+) 0.07	(-) 0.39	(+) 0.00	(+) 13.61

CHI2 = 234.25

QUADRO N°7 (CRUZAMENTO)

TRÊS LOCALIDADES, COM EXCLUSÃO DE S. MIGUEL DE VIZELA - Tot. dos temas (bloco)/tot. dos modos de espacialização (bloco)

The SPSS/PC+ system file is read from  
file \mena2\minhoca.sps  
The file was created on 5/21/93 at 18:30:39  
and is titled labels des variables  
The SPSS/PC+ system file contains  
1813 cases, each consisting of  
41 variables (including system variables).

Três local. (exc.S.Miguel)	cruzamento : temas/modos de espacialização			
	POPULATION	SOCIETE	ECONOMIE	HISTOIRE
INCLUSION	57 6.5% 11.7%	172 19.6% 18.1%	278 31.7% 14.9%	213 24.3% 16.7%
EXCLUSION	11 4.1% 2.3%	60 22.1% 6.3%	78 28.8% 4.2%	80 29.5% 6.3%
RESSEMBLANCE	113 9.3% 23.2%	200 16.5% 21.1%	483 39.8% 25.8%	332 27.4% 26.0%
DIFFERENCE	61 8.2% 12.5%	128 17.2% 13.5%	326 43.9% 17.4%	172 23.1% 13.5%
REL FONCTION	202 14.5% 41.4%	272 19.5% 28.6%	487 34.9% 26.0%	321 23.0% 25.1%
REL FORMEL	44 7.1% 9.0%	118 19.1% 12.4%	219 35.5% 11.7%	160 25.9% 12.5%
total colonne	488 9.5% 100.0%	950 18.6% 100.0%	1871 36.6% 100.0%	1278 25.0% 100.0%

(continued)

Très loc. (exc.S.Miguel)		total ligne
	POLITIQUE	
ENSEMBLE	157 17.9% 29.6%	877 100.0% 17.1%
EXCLUSION	42 15.5% 7.9%	271 100.0% 5.3%
RESSEMBLANCE	85 7.0% 16.0%	1213 100.0% 23.7%
DIFFERENCE	56 7.5% 10.5%	743 100.0% 14.5%
REL FONCTION	115 8.2% 21.7%	1397 100.0% 27.3%
REL FORMEL	76 12.3% 14.3%	617 100.0% 12.1%
total colonne	531 10.4% 100.0%	5118 100.0% 100.0%

QUADRO Nº7 (CHI2)

TRÊS LOCALIDADES, COM EXCLUSÃO DE S.MIGUEL DE VIZELA - Tot. dos temas (bloco)/tot.dos modos de espacialização (bloco)

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	57	172	278	213	157
exclusion	11	60	78	80	42
ressemblan	113	200	483	332	85
difference	61	128	326	172	56
rel foncti	202	272	487	321	115
rel formel	44	118	219	160	76

TABLEAU DES ECARTS

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	(-) 8.48	(+) 0.52	(-) 5.66	(-) 0.16	(+) 47.89
exclusion	(-) 8.52	(+) 1.87	(-) 4.48	(+) 2.25	(+) 6.86
ressemblan	(-) 0.06	(-) 2.81	(+) 3.53	(+) 2.80	(-) 13.26
difference	(-) 1.37	(-) 0.71	(+) 10.89	(-) 0.99	(-) 5.77
rel foncti	(+) 35.53	(+) 0.62	(-) 1.10	(-) 2.22	(-) 6.18
rel formel	(-) 3.74	(+) 0.11	(-) 0.19	(+) 0.23	(+) 2.24

CHI-2 = 181.03

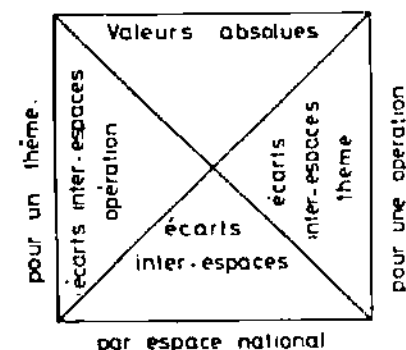
# MODES DE SPATIALISATION

		MODES DE SPATIALISATION												TOTAL (2)		RAPPORTS ENTRE ECARTS (3)	
		ENSEMBLES		EXCLUSIONS		RESSEMBLANCES		DIFFERENCES		RELATIONS FONCTIONNELLES		RELATIONS FORMELLES					
		PORTUGAL	SUISSE	PORTUGAL	SUISSE	PORTUGAL	SUISSE	PORTUGAL	SUISSE	PORTUGAL	SUISSE	PORTUGAL	SUISSE				
THEMATISATIONS	MORPHOLOGIE	<del>183</del> 45,0 ⊖ 18,21 ⊖	<del>266</del> 66,84 ⊖ 40,07 ⊖ 2,0 ⊖	<del>27</del> 66,5 ⊖ 4,16 ⊖	<del>45</del> 62,39 ⊖ 0,5 ⊖	<del>4036</del> 0,14 ⊖ 2,47 ⊖	<del>288</del> 0,85 ⊖ 4,5 ⊖	<del>847</del> 1,69 ⊖ 7,35 ⊖ 4,00 ⊖	<del>336</del> 16,72 ⊖ 27,49 ⊖ 39,1 ⊖	<del>3418</del> 26,95 ⊖ 80,81 ⊖ 60,11 ⊖	<del>435</del> 87,60 ⊖ 363,35 ⊖ 54,7 ⊖	<del>750</del> 0,000 ⊖ 0,43 ⊖ 0,000 ⊖	<del>233</del> 0,42 ⊖ 60,8 ⊖	<del>4346</del> 64,21 ⊖ 53,89 ⊖ 411,35 ⊖	<del>4191</del> 177,59 ⊖ 408,18 ⊖ 407,1 ⊖	0,323	6,368
	SOCIETE	<del>285</del> 18,41 ⊖ 22,18 ⊖	<del>440</del> 62,51 ⊖ 41,83 ⊖ 0,3 ⊖	<del>54</del> 66,88 ⊖ 5,61 ⊖ 0,32 ⊖	<del>126</del> 134,04 ⊖ 4,04 ⊖ 25,5 ⊖	<del>1431</del> 2,81 ⊖ 4,06 ⊖ 0,65 ⊖	<del>426</del> 7,83 ⊖ 4,02 ⊖ 1,4 ⊖	<del>1052</del> 0,09 ⊖ 3,40 ⊖ 43,77 ⊖	<del>361</del> 0,27 ⊖ 11,44 ⊖ 0,5 ⊖	<del>1641</del> 6,71 ⊖ 2,48 ⊖ 109,38 ⊖	<del>435</del> 18,31 ⊖ 44,49 ⊖ 4,5 ⊖	<del>782</del> 0,67 ⊖ 0,24 ⊖ 1,38 ⊖	<del>248</del> 0,34 ⊖ 6,3 ⊖	<del>5716</del> 72,41 ⊖ 43,51 ⊖ 156,23 ⊖	<del>2040</del> 202,5 ⊖ 49,3 ⊖ 63,2 ⊖	0,060	5,345
	ECONOMIE	<del>2453</del> 24,01 ⊖ 1,42 ⊖	<del>4524</del> 60,82 ⊖ 6,77 ⊖ 0,4 ⊖	<del>113</del> 84,55 ⊖ 6,42 ⊖ 13,42 ⊖	<del>243</del> 244,55 ⊖ 4,53 ⊖ 2,3 ⊖	<del>5344</del> 16,02 ⊖ 0,16 ⊖ 4,27 ⊖	<del>4438</del> 66,35 ⊖ 4,53 ⊖ 44,4 ⊖	<del>4333</del> 11,34 ⊖ 0,06 ⊖ 34,52 ⊖ 0,11 ⊖	<del>4200</del> 34,52 ⊖ 0,72 ⊖ 40,0 ⊖	<del>4481</del> 11,34 ⊖ 48,43 ⊖ 0,48 ⊖	<del>4400</del> 0,84 ⊖ 218,50 ⊖ 30,3 ⊖	<del>3126</del> 0,35 ⊖ 1,34 ⊖ 0,26 ⊖	<del>4126</del> 46,43 ⊖ 3,4 ⊖	<del>130915</del> 136,45 ⊖ 65,12 ⊖ 147,93 ⊖	<del>7470</del> 148,13 ⊖ 257,38 ⊖ 458 ⊖	23,053	23,038
	HISTOIRE	<del>1084</del> 5,34 ⊖ 19,65 ⊖	<del>342</del> 45,34 ⊖ 8,94 ⊖ 0,1 ⊖	<del>35</del> 11,51 ⊖ 0,98 ⊖ 8,88 ⊖	<del>67</del> 84,03 ⊖ 0,62 ⊖ 6,3 ⊖	<del>1973</del> 0,86 ⊖ 0,65 ⊖ 4,07 ⊖	<del>471</del> 4,07 ⊖ 2,63 ⊖ 38,6 ⊖	<del>1966</del> 4,01 ⊖ 5,42 ⊖ 4,77 ⊖ 105,53 ⊖	<del>346</del> 16,3 ⊖ 26,38 ⊖ 16,3 ⊖	<del>1460</del> 5,35 ⊖ 7,34 ⊖ 27,42 ⊖	<del>203</del> 32,34 ⊖ 39,5 ⊖	<del>4073</del> 4,16 ⊖ 41,89 ⊖ 8,72 ⊖	<del>472</del> 40,44 ⊖ 45,4 ⊖	<del>7574</del> 30,83 ⊖ 34,06 ⊖ 144,52 ⊖	<del>1647</del> 170,11 ⊖ 416,4 ⊖	0,040	1,288
	POLITIQUE	<del>983</del> 0,00 ⊖ 37,61 ⊖	<del>173</del> 0,00 ⊖ 14,8 ⊖	<del>104</del> 0,15 ⊖ 216,41 ⊖	<del>14</del> 4,12 ⊖ 34,65 ⊖ 0,4 ⊖	<del>377</del> 0,000 ⊖ 4,93 ⊖ 19,42 ⊖	<del>471</del> 0,000 ⊖ 18,73 ⊖ 44,8 ⊖	<del>375</del> 0,03 ⊖ 1,84 ⊖ 140,24 ⊖	<del>70</del> 0,43 ⊖ 6,66 ⊖ 12,5 ⊖	<del>195</del> 4,74 ⊖ 0,84 ⊖ 144,34 ⊖	<del>98</del> 5,33 ⊖ 4,43 ⊖ 2,2 ⊖	<del>507</del> 2,60 ⊖ 44,20 ⊖ 0,2 ⊖	<del>48</del> 44,38 ⊖ 49,33 ⊖ 15,4 ⊖	<del>3315</del> 4,58 ⊖ 408,76 ⊖ 735,61 ⊖	<del>585</del> 26,4 ⊖ 130,11 ⊖ 40,2 ⊖	0,0005	1,373
TOTAL (1)		<del>6751</del> 59,80 ⊖ 445,12 ⊖	<del>2841</del> 64,76 ⊖ 424,6 ⊖ 11,3 ⊖	<del>243</del> 62,84 ⊖ 62,84 ⊖ 244,45 ⊖	<del>485</del> 442,31 ⊖ 64,28 ⊖ 39,4 ⊖	<del>10834</del> 75,55 ⊖ 7,43 ⊖ 59,46 ⊖	<del>2733</del> 28,24 ⊖ 68,9 ⊖	<del>3571</del> 18,68 ⊖ 24,39 ⊖ 164,48 ⊖	<del>2333</del> 80,34 ⊖ 77,4 ⊖	<del>14420</del> 44,56 ⊖ 435,6 ⊖ 336,31 ⊖	<del>1475</del> 617,31 ⊖ 133,2 ⊖	<del>6247</del> 5,48 ⊖ 34,34 ⊖ 31,74 ⊖	<del>1817</del> 28,64 ⊖ 146,59 ⊖ 57,5 ⊖				
TOTAL (4)		0,014	80,90	0,174	13,966	0,252	0,353	0,005	0,694	0,064	5,409	0,175	0,934				

(3) = 
$$\frac{\left( \begin{array}{l} \text{Somme par thème des} \\ \text{écarts à l'indépendance} \\ \text{entre espaces et opérations} \\ \text{pour un thème} \end{array} \right) \left( \begin{array}{l} \text{Somme par thème des} \\ \text{écarts à l'indépendance} \\ \text{entre espaces et thèmes} \\ \text{pour une opération} \end{array} \right)}{\left( \begin{array}{l} \text{Carré de la somme par thème, des écarts à l'indépendance} \\ \text{entre opérations et thèmes pour un espace} \end{array} \right)}$$

(4) = 
$$\frac{\left( \begin{array}{l} \text{Somme par opération des} \\ \text{écarts à l'indépendance} \\ \text{entre espaces et opérations} \\ \text{pour un thème} \end{array} \right) \left( \begin{array}{l} \text{Somme par opération des} \\ \text{écarts à l'indépendance} \\ \text{entre espaces et thèmes} \\ \text{pour une opération} \end{array} \right)}{\left( \begin{array}{l} \text{Carré de la somme par opération, des écarts à l'indépendance} \\ \text{entre opérations et thèmes pour un espace} \end{array} \right)}$$

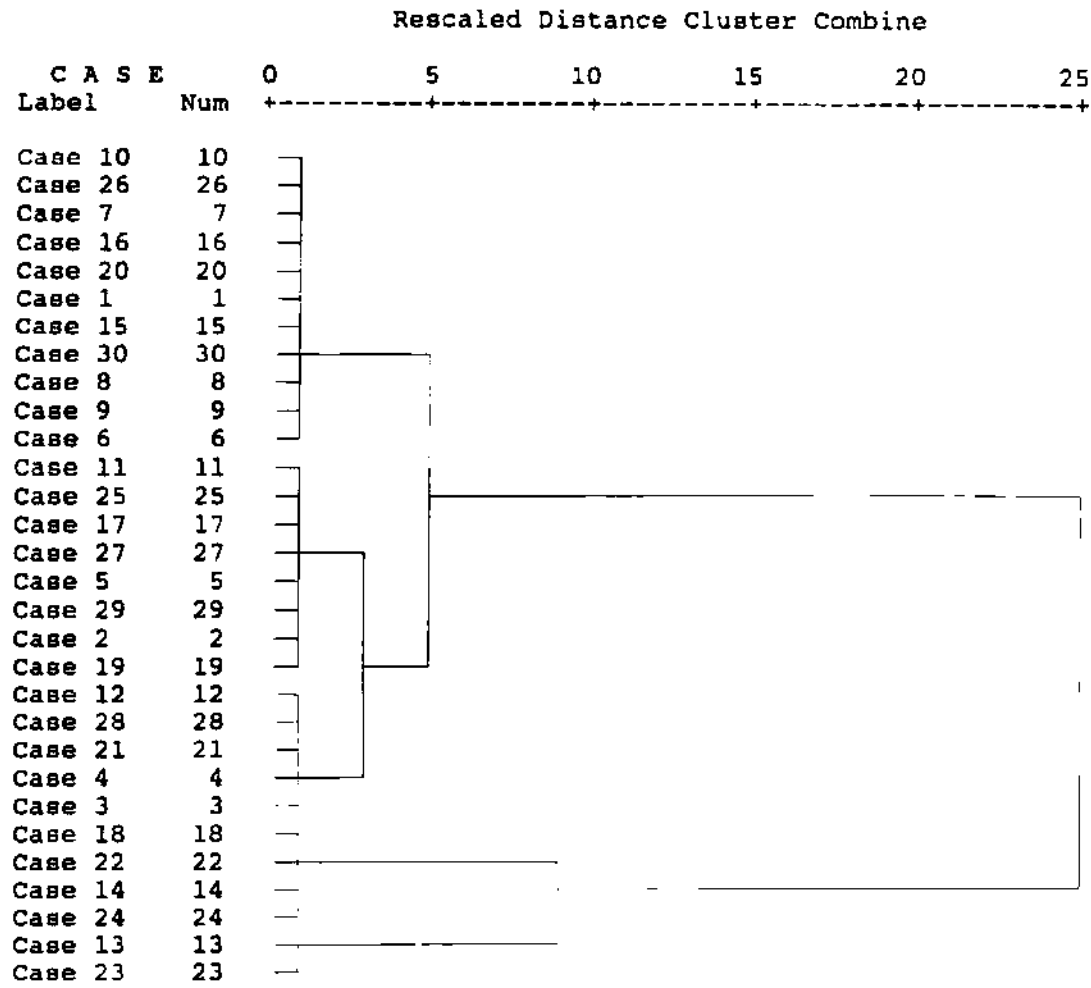
Si (4) ou (3) = 1: Egalité entre les deux types d'écarts





\*\*\*\*\* H I E R A R C H I C A L C L U S T E R A N A L Y S I S \*\*\*\*\*

Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)



CLUSTER n\*1

var00001

1	65.00
2	215.00
3	344.00
4	247.00
5	192.00
6	11.00
7	71.00
8	83.00
9	92.00
10	53.00
11	157.00
12	276.00
13	666.00
14	441.00
15	111.00
16	72.00
17	159.00
18	421.00
19	220.00
20	69.00
21	283.00
22	416.00
23	638.00
24	432.00
25	155.00
26	51.00
27	152.00
28	274.00
29	189.00
30	104.00

---

**TERCEIRA PARTE**



## ***CIDADE DE GUIMARÃES***

---

### ***UM ESPAÇO EM RISCO DE FRAGMENTAÇÃO***

#### **NOTA PRÉVIA**

A análise de dados que se segue define as componentes estruturais da representação do espaço da cidade de Guimarães. Precedeu e determinou a interpretação descritiva : uma vez definidos, através da análise quantitativa, os *temas*, *operações* e *cruzamentos* mais citados e mais significativos, procedemos a um retorno ao texto, onde encontrámos os extractos correspondentes. Foi a partir dessa leitura, orientada pela triagem quantitativa, que fizemos a interpretação descritiva final.

Os cruzamentos efectuados são os seguintes (cft. fim do capítulo) : quadros ***nº1.1.*** (cruzamento e ***chi2***), totalidade dos ***temas***, em bloco, e totalidade dos ***modos de espacialização***, em bloco. Quadros ***nº2.1.*** (cruzamento e ***chi2***), totalidade dos ***temas***, em pormenor, e totalidade dos ***modos de espacialização***, em bloco. Quadros ***nº4*** (cruzamento e ***chi2***), ***temas***, em bloco, e três ***localidades***. Quadros ***nº5*** (cruzamento e ***chi2***), ***modos de espacialização***, em bloco, e três ***localidades***. O ***Cluster nº2***

refere-se aos cruzamentos do quadro **nº1.1**.

Na análise global do nosso estudo de caso, avançámos com a ideia de que Guimarães se distingue das outras duas localidades por representar um espaço mais marcado pela problemática política. Queremos com isso dizer que a cidade apresenta uma visão global do *território* sobredeterminada pela questão da divisão administrativa. O seu papel político materializa-se no estatuto de capital concelhia, mas a temática é adensada por um *mito de fundação* que situa em Guimarães a origem da nacionalidade. Trata-se de uma temática problemática, mesmo conflituosa, uma vez que a divisão administrativa actual não é reconhecida por Vizela, contrapondo em seu lugar um novo projecto de espaço administrativo. Uma análise mais detalhada dos dados confirma a ideia inicial, permitindo ainda o seu desenvolvimento.

Os quadros **nº4** e **nº5**, já apresentados na análise de conjunto, definem, comparativamente com as outras localidades, a especificidade de Guimarães : quando comparada com as outras duas localidades, a cidade fala mais do *político* (+28.29) e da *inclusão* (+22.51). Por seu lado, o quadro dos desvios **nº1.1**. mostra que o *tema político* e a *operação inclusão* se encontram significativamente associados [o seu cruzamento apresenta, no interior do quadro dos desvios, o valor mais elevado (+12.30)]. O *tema político* distingue-se, no interior do quadro dos desvios, por apresentar um

conjunto de desvios superior a qualquer outro *tema* ou *operação* : cruzamento com a *exclusão* (+3.78), com as *relações formais* (+2.88), com as *semelhanças* (-7.11), com as *diferenças* (-3.81) e com as *relações funcionais* (-1.03). O centro das *representações do espaço* de Guimarães fica de algum modo definido : diz respeito ao *tema político*, espacializado pela *inclusão*, a *exclusão* e as *relações formais*. Dito de outro modo : em Guimarães o *espaço político* é pertinente. O quadro dos desvios nº2.1, revela que os espaços de *inclusão* são, em primeiro lugar, de *inclusão* planificada [35 citações, (+11.61)], e, em segundo lugar, de *inclusão* administrativamente definida [28 citações, (+4.02)]. O mesmo se passa com o *espaço formal*, que é mais planificado [20 citações, (+6.46)] do que administrativo [11 citações, (-0.00)]. Verificamos que a dimensão projectiva do *político*, a *planificação*, se encontra associada simultaneamente à construção de espaços de *inclusão* e de espaços formais. A *exclusão* política, ao contrário do que acabámos de ver para a *inclusão* e para as *relações formais*, organiza, em primeiro lugar, espaços de *administração* [6 citações, (+3.54)], e, em segundo lugar, espaços de *planificação* [5 citações, (+1.47)]. Conclui-se que Guimarães concebe a existência de um *território* administrativo atomizado pela *exclusão*, mas evita a concepção de uma atomização política futura.

Em Guimarães, o *espaço político* é problemático. Face ao risco de fragmentação do seu *território*, a cidade responde com um espaço projectivo unificado, de cariz marcadamente político. Apesar da evidente centração das representações em torno da problemática administrativa, coloca-se a questão da existência ou não de uma representação que reenvie,

directamente e sem a mediação do *político*, para a problemática das *inclusões* e das *exclusões* territoriais.

A análise dos quadros mostra que a *exclusão* pode construir, também, espaços tematizados pela *sociedade* [quadro dos desvios *nº1.1.*, (+4.29)] ; o que significa, se observarmos mais em detalhe, que a *exclusão* espacial se define no interior das *relações sociais* [quadro dos desvios *nº2.1.*, (+13.39)]. Embora de forma menos significativa [quadro dos desvios *nº1.1.*, cruzamento *inclusão/sociedade* (+2.85)], pode dizer-se também que a *inclusão* espacial se traduz numa integração social [quadro dos desvios *nº2.1.*, (+7.47)].

Podemos agora responder à questão que colocámos : os dois *modos de espacialização* mais significativos para a concepção do espaço político são também significativos para a concepção do espaço social, o que leva a formular a hipótese da existência, em Guimarães, de uma relação particular entre construção política e construção social do espaço.

Para terminar a análise do *modo de espacialização* que distingue Guimarães das outras localidades, a *inclusão*, vamos observar os cruzamentos em que esta apresenta desvios negativos. São eles a *economia* (-9.12), a *história* (-0.09) e a *morfologia* (-0.08). O desvio relativo à *economia* é claramente significativo (é o segundo do quadro), e confirma-se se analisarmos o quadro dos desvios *nº2.1.*, onde a *inclusão* apresenta desvios negativos em todos os *subtemas* económicos. Conclui-se que a constituição de *espaços de conjunto* não depende de factores de ordem económica, o que, se nos lembrarmos que Guimarães surge, ao nível dos dados de facto, como a cidade mais importante da Região do Vale do Ave,



poderá constituir outra componente problemática da sua espacialidade.

Guimarães pretende assumir o papel de *centro* organizador de uma região interconcelhia, sem no entanto conceber a unificação económica desse espaço, o que indicia a sua incapacidade para organizar, enquanto *centro*, a espaço global da região.

O tema *história* revela, quando analisamos o quadro dos desvios **nº2.1.**, uma particularidade: apresenta, no cruzamento com a *inclusão*, desvios negativos em todos os *subtemas*, com excepção de um, a *memória* (+1.38). A *temporalidade*, no seu conjunto, não é significativa para a construção de espaços de *inclusão*, mas a memória do passado é factor de unificação de espaços. Como veremos na análise de cluster, o cruzamento *inclusão/história* apresenta, em Guimarães, uma posição superior àquela que ocupa no quadro relativo ao conjunto das localidades. Essa posição está relacionada com a importância da *memória colectiva* para a construção e, sobretudo, para a reprodução, do espaço administrativo existente. Trata-se de uma manifestação localizada da lógica, mais geral e enunciada na análise relativa à totalidade do terreno, que preside à organização da *temporalidade* : utilização do passado para negociar o futuro. Numa situação em que a unidade do *território* é posta em causa, o passado (*mito de fundação* da nacionalidade) é convocado para legitimar essa mesma unidade.

## UM ESPAÇO ECONÓMICO ORGÂNICO

Embora a cidade pareça mais preocupada com a unificação política do *território* do que com a sua unificação económica, não deixa, por isso, de revelar (comparativamente com as outras duas localidades) uma representação do espaço económico potencialmente moderna. Se nos recordarmos da questão que colocámos na análise de conjunto, da oposição conceptual entre um espaço económico de *semelhanças* e de *diferenças*, e um espaço económico de *relações funcionais*, verificamos que a cidade privilegia o segundo, ou seja a concepção moderna do espaço económico (mesmo se não consegue conceber a unificação de um espaço percorrido por relações funcionais complementares).

Passemos ao quadro *nº1.1.*, e analisemos, através do cluster *nº2*, a distribuição dos cruzamentos. Se a compararmos com a distribuição apresentada pelo quadro relativo às três localidades (quadro *nº1* e cluster *nº1*), verificamos que no cluster relativo às frequências mais elevadas aparecem os mesmos dois cruzamentos; no entanto, no que diz respeito aos números absolutos, eles surgem invertidos, visto que o cruzamento *economia/relações funcionais* é, em Guimarães, mais importante (128 citações) do que o cruzamento *economia/semelhanças* (116 citações). No cluster que agrupa o segundo nível de frequências, Guimarães apresenta mais cruzamentos relativos ao tema *história* - quatro - do que o quadro de conjunto, onde surgem apenas dois. A distribuição das frequências indica duas tendências, que serão posteriormente comprovadas pelo cálculo de *chi2* : a maior importância do espaço funcional económico e a maior

importância da *história*, nomeadamente no que diz respeito à construção de espaços de *inclusão*.

Quando comparado com o quadro dos desvios relativo ao conjunto das localidades (*nº1*), o quadro *nº1.1.* apresenta três cruzamentos com valores muito mais baixos. O primeiro diz respeito ao segundo cruzamento mais importante do quadro de conjunto (*relações funcionais/população*), que baixa de **(+51.36)** para **(+0.79)**, e o segundo ao cruzamento *diferenças/economia*, que baixa de **(+17.91)** para **(-0.00)**.

Começemos por analisar o primeiro cruzamento. O quadro dos desvios *nº2.1.*, que faz o detalhe do tema *população*, permite-nos especificar o cruzamento do mesmo tema com a operação *relações funcionais* : o subtema *deslocação da população* apresenta o desvio mais elevado **(+42.28)**. A passagem do quadro *nº2* para o quadro *nº2.1.*, coloca em destaque a *mobilidade espacial* que, uma vez codificada isoladamente, surge como o cruzamento mais significativo do quadro. O que não nos impede de considerar, sobretudo tendo por base os quadros dos desvios *nº1* e *nº1.1.*, que em Guimarães a *mobilidade espacial* é uma componente menos estruturadora do espaço do que nas outras localidades. De algum modo, este facto justifica-se pela presença do cruzamento com a *economia*, que apresenta o desvio mais elevado no interior das *relações funcionais* [quadro *nº1.1.*, **(+1.96)**], desvio que vem confirmar a observação feita anteriormente, relativa às frequências dos cruzamentos : comparativamente com o conjunto das localidades, o espaço funcional é, em Guimarães, mais *económico* e menos ligado à *deslocação da população*.

Os dados mostram que estamos em presença de uma concepção

mais abstracta e menos humanizada do *território*. As relações entre localidades já não são pensadas apenas na sua materialização humana (os fluxos de populações) mas também numa componente mais alargada, que engloba os fluxos de produtos, de capitais e de informações. É uma visão mais coerente com a posição de *centro* urbano organizador de um *território* envolvente.

A concepção de um espaço funcional económico explica a descida relativa do desvio que diz respeito ao cruzamento da *economia* com as *diferenças* assim como a descida (menos importante) do desvio relativo ao cruzamento da *economia* com as *semelhanças*. Em resumo : comparativamente com as outras localidades, Guimarães estabelece, a partir de critérios económicos, mais *relações funcionais*, menos *diferenças* e menos *semelhanças*.

No capítulo relativo à totalidade do terreno, confrontámos os resultados da análise de dados com o modelo durkheimiano que opõe *sociedades mecânicas* e *sociedades orgânicas*. Concluimos que a representação espacial do nosso terreno não responde exactamente ao modelo proposto por Durkheim, visto que a economia heterogénea que o caracteriza é mais representada em termos de distinção entre semelhantes e diferentes (modelo mecânico) do que em termos de dependência funcional (modelo orgânico). O estudo dos dados relativos a Guimarães revela que a cidade se distancia da lógica do conjunto das localidades, para se aproximar do modelo orgânico de Durkheim. A *economia* deixa de servir, prioritariamente, para definir os semelhantes e os diferentes e passa também a tematizar o espaço das *relações funcionais* [quadro dos desvios

**nº 1.1.. (+1.96)].** Continuamos no interior de um modelo misto, mas verifica-se uma aproximação da cidade ao modelo de *sociedade orgânica*. Se considerarmos que Durkheim dá conta da oposição *tradicional/moderno*, podemos afirmar que Guimarães evidencia a representação mais moderna das nossas três localidades.

QUADRO N°1.1. (CRUZAMENTO)

CIDADE DE GUIMARÃES - Totalidade dos temas (em bloco)/totalidade dos modos de especialização (em bloco)

The SPSS/PC+ system file is read from  
file \mena2\minhoca.sps  
The file was created on 5/21/93 at 18:30:39  
and is titled labels des variables  
The SPSS/PC+ system file contains  
1813 cases, each consisting of  
41 variables (including system variables).  
41 variables will be used in this session.

Cidade de Guimarães	cruzamento : temas/modos de especialização			
	POPULATION	SOCIETE	ECONOMIE	HISTOIRE
INCLUSION	20 7.4% 20.0%	55 20.4% 26.7%	68 25.2% 14.8%	64 23.7% 20.5%
EXCLUSION	3 7.3% 3.0%	12 29.3% 5.8%	7 17.1% 1.5%	8 19.5% 2.6%
RESSEMBLANCE	24 8.8% 24.0%	32 11.7% 15.5%	116 42.5% 25.2%	77 28.2% 24.7%
DIFFERENCE	16 7.2% 16.0%	41 18.6% 19.9%	80 36.2% 17.4%	62 28.1% 19.9%
REL FONCTION	29 9.3% 29.0%	52 16.7% 25.2%	128 41.0% 27.8%	63 20.2% 20.2%
REL FORMEL	8 5.3% 8.0%	14 9.2% 6.8%	61 40.1% 13.3%	38 25.0% 12.2%
total colonne	100 7.9% 100.0%	206 16.2% 100.0%	460 36.2% 100.0%	312 24.6% 100.0%

(continued)

Cidade de Guimarães		total ligne
	POLITIQUE	
INCLUSION	63 23.3% 33.0%	270 100.0% 21.3%
EXCLUSION	11 26.8% 5.8%	41 100.0% 3.2%
RESSEMBLANCE	24 8.8% 12.6%	273 100.0% 21.5%
DIFFERENCE	22 10.0% 11.5%	221 100.0% 17.4%
REL FONCTION	40 12.8% 20.9%	312 100.0% 24.6%
REL FORMEL	31 20.4% 16.2%	152 100.0% 12.0%
total colonne	191 15.1% 100.0%	1269 100.0% 100.0%

QUADRO Nº1.1. (CHI2)

CIDADE DE GUIMARÃES - Totalidade dos temas (em bloco)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	20	55	68	64	63
exclusion	3	12	7	8	11
ressemblan	24	32	116	77	24
difference	16	41	80	62	22
rel foncti	29	52	128	63	40
rel formel	8	14	61	38	31

TABLEAU DES ECARTS

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	(-) 0.08	(+) 2.85	(-) 9.12	(-) 0.09	(+) 12.30
exclusion	(-) 0.02	(+) 4.29	(-) 4.16	(-) 0.43	(+) 3.78
ressemblan	(+) 0.29	(-) 3.42	(+) 2.93	(+) 1.45	(-) 7.11
difference	(-) 0.12	(+) 0.73	(-) 0.00	(+) 1.08	(-) 3.81
rel foncti	(+) 0.79	(+) 0.04	(+) 1.96	(-) 2.45	(-) 1.03
rel formel	(-) 1.32	(-) 4.62	(+) 0.63	(+) 0.01	(+) 2.88

CHI2 = 73.79



## QUADRO N°2.1. (CRUZAMENTOS)

CIDADE DE GUIMARÃES - Totalidade dos temas (em detalhe)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

	inclusion	exclusion	ressemblan	difference	relfonctio	relformel
comp pop	14	2	20	12	26	5
tail pop	6	1	4	4	3	3
depl pop	8	0	12	6	57	8
rela soc	13	6	6	12	9	4
inté soc	32	6	11	18	23	7
coex soc	10	0	15	11	20	3
prim eco	9	1	24	17	17	13
seco eco	14	0	23	12	23	15
tert eco	36	4	52	39	65	29
tert eco	9	2	17	12	23	4
memo his	34	2	39	30	16	15
pman his	10	0	14	3	16	9
cman his	4	2	5	8	7	0
lman his	7	0	10	11	7	4
proj his	9	4	9	10	17	10
adm poli	28	6	12	9	28	11
pla poli	35	5	12	13	12	20

## QUADRO N°2.1. (CHI2)

CIDADE DE GUIMARÃES - Totalidade dos temas (em detalhe)/totalidade dos modos de especialização (em bloco)

	inclusion	exclusion	ressemblan	difference	relfonctio	relformel
comp pop	(-) 0.29	(-) 0.06	(+) 0.72	(-) 0.11	(+) 0.97	(-) 1.98
tail pop	(+) 0.68	(+) 0.21	(-) 0.04	(+) 0.07	(-) 1.28	(+) 0.11
depl pop	(-) 6.04	(-) 2.74	(-) 2.62	(-) 5.56	(+) 42.28	(-) 0.68
rela soc	(+) 0.76	(+) 13.39	(-) 1.91	(+) 1.60	(-) 1.54	(-) 0.60
inté soc	(+) 7.47	(+) 3.24	(-) 4.28	(+) 0.20	(-) 0.42	(-) 1.71
coex soc	(-) 0.35	(-) 1.78	(+) 0.56	(+) 0.13	(+) 1.00	(-) 2.24
prim eco	(-) 3.45	(-) 0.85	(+) 2.91	(+) 0.90	(-) 1.13	(+) 1.26
seco eco	(-) 0.81	(-) 2.62	(+) 1.25	(-) 0.44	(-) 0.02	(+) 2.22
tert eco	(-) 2.17	(-) 1.14	(+) 0.50	(+) 0.06	(+) 0.26	(+) 0.24
tert eco	(-) 1.61	(-) 0.00	(+) 0.62	(+) 0.06	(+) 1.28	(-) 1.91
memo his	(+) 1.38	(-) 1.08	(+) 3.87	(+) 2.35	(-) 11.84	(-) 0.06
pman his	(-) 0.04	(-) 1.57	(+) 0.88	(-) 3.72	(+) 0.25	(+) 1.36
cman his	(-) 0.33	(+) 1.89	(-) 0.04	(+) 3.09	(-) 0.00	(-) 3.06
lman his	(-) 0.12	(-) 1.18	(+) 0.41	(+) 3.10	(-) 1.21	(-) 0.08
proj his	(-) 0.78	(+) 2.77	(-) 0.92	(+) 0.00	(+) 0.06	(+) 1.35
adm poli	(+) 4.02	(+) 3.54	(-) 3.01	(-) 2.85	(+) 0.24	(-) 0.00
pla poli	(+) 11.61	(+) 1.47	(-) 3.41	(-) 0.63	(-) 7.79	(+) 6.46

CHI2 = 231.10

QUADRO N°4 (CRUZAMENTO E CHI2)  
TEMAS (EM BLOCO)/TRÊS LOCALIDADES

	GUIMARAES	STA EULALIA	VIZELA
POPULATION	100	330	212
SOCIETE	206	447	636
ECONOMIE	460	879	1087
HISTOIRE	312	586	723
POLITIQUE	191	163	330

TABEAU DES ECARTS

	GUIMARAES	STA EULALIA	VIZELA
POPULATION	(-) 4.06	(+) 41.64	(-) 20.03
SOCIETE	(-) 6.37	(-) 0.72	(+) 5.79
ECONOMIE	(-) 0.01	(+) 0.01	(-) 0.00
HISTOIRE	(+) 0.03	(+) 0.00	(-) 0.02
POLITIQUE	(+) 28.29	(-) 28.52	(+) 1.76

CHI2 = 137.26

QUADRO N°5 (CRUZAMENTO E CHI2)  
MODOS DE ESPACIALIZAÇÃO (EM BLOCO)/TRÊS LOCALIDADES

	GUIMARAES	STA EULALIA	VIZELA
INCLUSION	270	375	418
EXCLUSION	41	82	187
RESSEMBLANCE	273	567	811
DIFFERENCE	221	328	392
REL FONCT	312	740	872
REL FORM	152	313	308

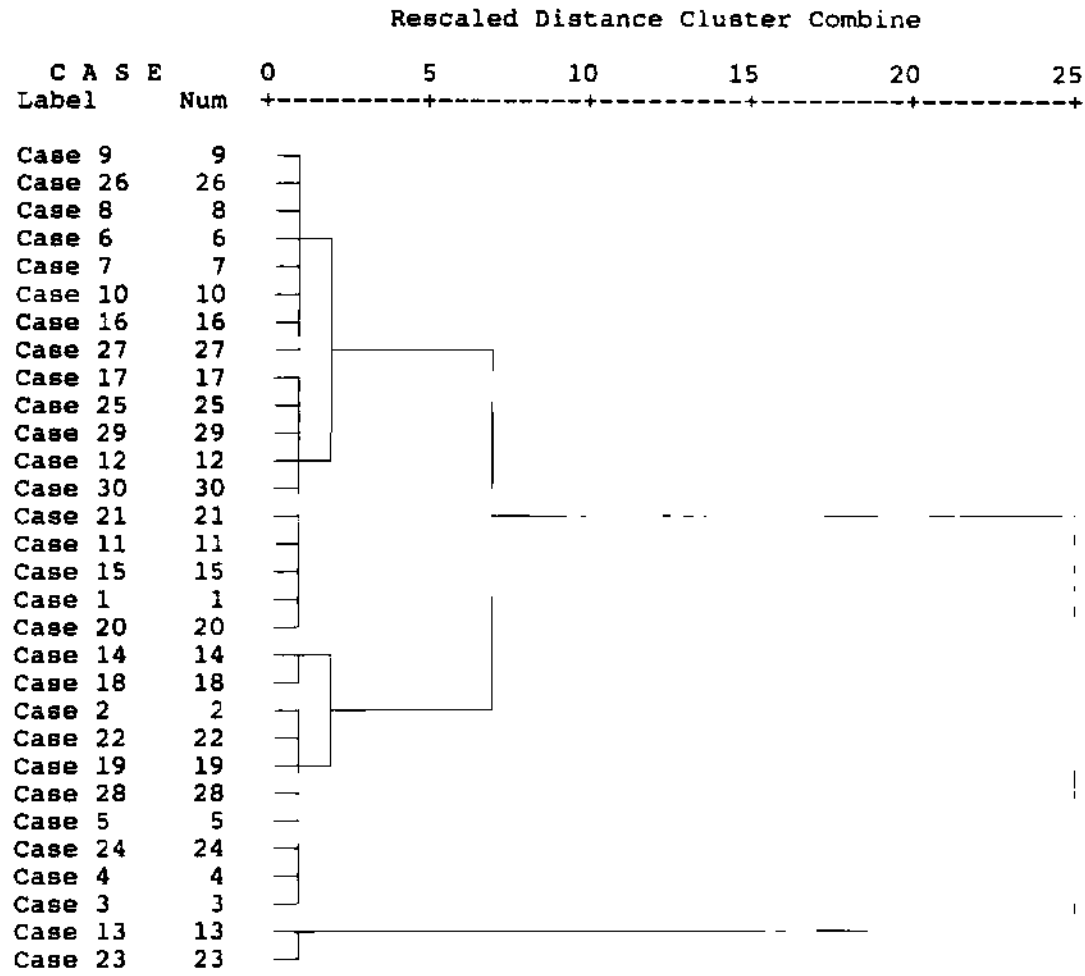
TABLEAU DES ECARTS

	GUIMARAES	STA EULALIA	VIZELA
INCLUSION	(+) 22.51	(-) 0.20	(-) 7.24
EXCLUSION	(-) 5.52	(-) 7.99	(+) 16.54
RESSEMBLANCE	(-) 5.47	(-) 1.41	(+) 6.71
DIFFERENCE	(+) 9.73	(-) 0.40	(-) 2.14
REL FONCT	(-) 8.10	(+) 2.97	(+) 0.10
REL FORM	(+) 0.15	(+) 4.13	(-) 4.32

CHI2 = 105.65

\*\*\*\*\* H I E R A R C H I C A L C L U S T E R A N A L Y S I S \*\*\*\*\*

Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)



CLUSTER nº2

var00001	
1	20.00
2	55.00
3	68.00
4	64.00
5	63.00
6	3.00
7	12.00
8	7.00
9	8.00
10	11.00
11	24.00
12	32.00
13	116.00
14	77.00
15	24.00
16	16.00
17	41.00
18	80.00
19	62.00
20	22.00
21	29.00
22	52.00
23	128.00
24	63.00
25	40.00
26	8.00
27	14.00
28	61.00
29	38.00
30	31.00

## QUADRO N°1 (CRUZAMENTO)

TRÊS LOCALIDADE - Totalidade dos temas (em bloco)/totalidade dos modos de especialização (em bloco)

The SPSS/PC+ system file is read from  
file \mena2\minhoca.sps  
The file was created on 5/21/93 at 18:30:39  
and is titled labels des variables  
The SPSS/PC+ system file contains  
1813 cases, each consisting of  
41 variables (including system variables).  
41 variables will be used in this session.

Região (três localid.)	cruzamento : temas/modos de especialização			
	POPULATION	SOCIETE	ECONOMIE	HISTOIRE
INCLUSION	65 6.1% 10.1%	215 20.2% 16.7%	344 32.4% 14.2%	247 23.2% 15.2%
EXCLUSION	11 3.5% 1.7%	71 22.9% 5.5%	83 26.8% 3.4%	92 29.7% 5.7%
RESSEMBLANCE	157 9.5% 24.5%	276 16.7% 21.4%	666 40.3% 27.5%	441 26.7% 27.2%
DIFFERENCE	72 7.7% 11.2%	159 16.9% 12.3%	421 44.7% 17.4%	220 23.4% 13.6%
REL FONCTION	283 14.7% 44.1%	416 21.6% 32.3%	638 33.2% 26.3%	432 22.5% 26.7%
REL FORMEL	54 7.0% 8.4%	152 19.7% 11.8%	274 35.4% 11.3%	189 24.5% 11.7%
total colonne	642 9.6% 100.0%	1289 19.3% 100.0%	2426 36.4% 100.0%	1621 24.3% 100.0%

(continued)

Região (três localid.)		total ligne
	POLITIQUE	
INCLUSION	192 18.1% 28.1%	1063 100.0% 16.0%
EXCLUSION	53 17.1% 7.7%	310 100.0% 4.7%
RESSEMBLANCE	111 6.7% 16.2%	1651 100.0% 24.8%
DIFFERENCE	69 7.3% 10.1%	941 100.0% 14.1%
REL FONCTION	155 8.1% 22.7%	1924 100.0% 28.9%
REL FORMEL	104 13.5% 15.2%	773 100.0% 11.6%
total colonne	684 10.3% 100.0%	6662 100.0% 100.0%



## QUADRO N°1 (CHI2)

TRÊS LOCALIDADES - Totalidade dos temas (em bloco)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	65	215	344	247	192
exclusion	11	71	83	92	53
ressemblan	157	276	666	441	111
difference	72	159	421	220	69
rel foncti	283	416	638	432	155
rel formel	54	152	274	189	104

## TABLEAU DES ECARTS

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	(-) 13.68	(+) 0.42	(-) 4.80	(-) 0.52	(+) 62.91
exclusion	(-) 11.92	(+) 2.02	(-) 7.91	(+) 3.64	(+) 14.08
ressemblan	(-) 0.03	(-) 5.91	(+) 6.98	(+) 3.84	(-) 20.20
difference	(-) 3.85	(-) 2.92	(+) 17.91	(-) 0.35	(-) 7.89
rel foncti	(+) 51.36	(+) 5.14	(-) 5.60	(-) 2.79	(-) 9.16
rel formel	(-) 5.64	(+) 0.04	(-) 0.20	(+) 0.00	(+) 7.65

CHI2 = 279.38

## ***CIDADE DE GUIMARÃES***

---

### **UM TERRITÓRIO DIFÍCIL**

"A cidade moderna de Guimarães alargou-se a todo o concelho. O concelho de Guimarães apresenta, no nosso ponto de vista, características muito próprias, que não encontramos em mais parte nenhuma do País, uma vez que nós temos quatro ou cinco centros que são centros rurais, mas com características urbanas. Um deles é Vizela, outro é Taipas, outro é Pevidem, e outro, por exemplo, São Torcato. Mas ainda há o centro do Lordelo." (Guimarães 1)

Na primeira parte, definimos o núcleo das *representações do espaço* da cidade de Guimarães : a análise de dados demonstrou que a cidade privilegia a construção de espaços políticos de *inclusão* e de *exclusão*. Vimos também que esta problemática se desenvolve em torno de outras representações, nomeadamente dos *espaços de inclusão* social e simbólica. De um ponto de vista global - que integre as *representações do espaço* das três localidades que constituem o nosso estudo de caso -, a problemática da

divisão administrativa do território relaciona-se com a dinâmica de construção/reconstrução das hierarquias espaciais e simbólicas. Face a um território que se transforma, Guimarães desenvolve uma estratégia negocial que visa a manutenção da superioridade hierárquica.

O estudo da espacialidade de Guimarães partirá da identificação de um problema: a cidade tem dificuldade em gerir um espaço que, embora pulverizado por centros urbanos em desenvolvimento, continua a considerar como o "seu território". Face a um espaço problemático e em transformação, a representação colectiva do espaço é marcada pelo conceito de *planificação*: os líderes de opinião produzem projectos de espaço que, de certo modo, se encontram em negociação. Esses projectos são diferentes nas suas lógicas internas e indiciam várias possibilidades de negociação de uma *identidade* posta em causa.

A *identidade* de Guimarães constitui-se em torno da representação de uma *centralidade* histórica e simbolicamente reconhecida. Por isso, a construção do *espaço de inclusão* identitária surge fortemente associada ao património simbólico da localidade, concentrado e gerido por três acumuladores de capital simbólico : o *mito de fundação*, as Gualterianas e o Vitória de Guimarães. A dimensão política da *centralidade* vimaranense condensa-se no *mito de fundação* da nacionalidade e está associada a uma representação do espaço que opera a partir de um ponto de vista de poder. Este ponto de vista mantém-se mesmo quando se trata de representações projectivas ; nesse caso, Guimarães assume-se como líder dos processos administrativos de reorganização de um território que considera "seu".

O "seu" território possui, no entanto, características que tornam difícil a negociação das posições relativas dos seus núcleos urbanos. O tipo de povoamento - tradicionalmente disperso -, associado ao recente desenvolvimento económico da região, resultou numa disseminação de pequenos núcleos urbanos por todo o território. Como referia, em 1982, o vice-presidente da Câmara,

"Essa pulverização de pequenas aglomerações cria por vezes dificuldades à solidariedade que deve existir ao nível do concelho. Quer dizer que cada um desses pólos, cada uma dessas aglomerações, tenta, tanto quanto possível, ter a sua autonomia." (Guimarães 2)

Face a esta nova situação, Guimarães tenta manter a sua posição de líder regional, no quadro de uma negociação geral das posições relativas de todos os centros urbanos, não só os do concelho mas também os da região mais alargada do Vale do Ave. Vizela, pelas razões apontadas, e também por outras, de carácter histórico, é um exemplo paradigmático dos problemas colocados por esta nova situação : desenvolveu-se graças a uma industrialização recente, opõe-se à liderança de Guimarães e reivindica a constituição do seu próprio concelho.

A descrição interpretativa que se segue seguirá a delimitação progressiva das escalas de representação <sup>1</sup>. Começaremos pela escala

---

<sup>1</sup> Cabe talvez aqui uma nota relativa à construção, de um ponto de vista *émique*, das escalas de representação. Das três localidades que constituem o estudo de caso, Guimarães é aquela que apresenta um espaço de acção mais alargado.

*local*, que fazemos corresponder aos limites concelhios. São eles que definem o *espaço de acção* da comunidade, e é no interior deste que se jogam as várias possibilidades de constituição da *identidade inclusiva* de Guimarães (ou da *identidade exclusiva*, caso se dê alguma ruptura interna a esse espaço que Guimarães pretende manter de *inclusão*). De seguida, estudaremos o espaço contíguo aos limites do concelho de Guimarães. Trata-se do *espaço de referência* mais próximo dos limites do *espaço de pertença* da comunidade, hierarquizado e organizado por cidades que negoceiam entre si as respectivas posições. As fórmulas possíveis de constituição das *identidades relacional* e *exclusiva* jogam-se no interior deste recorte. Consideramo-lo o espaço regional. Por último, reduzimos a escala de abordagem e tentamos estudar a cidade propriamente dita, sendo que esta redução da escala nos conduz, paradoxalmente, a um alargamento ainda maior : o estudo da cidade implica a sua colocação, simultânea e interactiva, no interior do espaço regional e internacional.

---

Aquilo a que podemos chamar, em Guimarães, o espaço local (e que corresponde ao espaço de acção administrativa) equivale, "grosso modo", aos limites do espaço regional das outras localidades. O alargamento comparativo do espaço de acção justifica-se, no essencial, pela importância histórica, funcional, administrativa e simbólica da cidade.

## **UM TERRITÓRIO EM RISCO**

### **UM ESPAÇO DE INCLUSÃO SIMBÓLICA**

"Guimarães é, para mim, uma cidade com características especiais, uma vez que, tendo sido aqui o berço da nacionalidade, foi aqui que nasceu Portugal.(...) Guimarães é, assim, para todos nós vimaranenses - não só os que habitam a cidade mas também os que habitam o concelho (as 73 freguesias que tem o concelho de Guimarães) - a zona que todos os vimaranenses querem, e que todos os vimaranenses amam, pois é o coração da nossa comunidade". (Guimarães 1)

Quando abordamos a *identidade* pela via das *representações* do espaço estamos, necessariamente, a colocar-nos na área de actuação do simbólico. É no entanto possível restringir, mesmo que momentaneamente, essa área a manifestações que se distinguem pelo facto de utilizarem, de forma explícita, a eficácia simbólica. No caso de Guimarães, o *espaço de inclusão* constrói-se em relação íntima com três acumuladores de capital simbólico : o *mito de fundação*, as festas da cidade (as Gualterianas) e o clube de futebol (o Vitória de Guimarães).

A abordagem da componente emblemática da *identidade* conduz-nos a uma reflexão complementar, relativa à dupla função - classificatória e performativa - da identificação (Bromberger, Centlivres e Collomb 1989). Os três acumuladores de capital simbólico de que Guimarães dispõe funcionam no interior de dois mecanismos que, apesar de relacionados, são distintos :

permitem a classificação dos recortes espaciais e, ao mesmo tempo, a negociação em volta dos valores que sustentam essa mesma classificação. Numa versão mais estática, a *emblemática* permite atribuir certas características (valorizadas) à comunidade, opondo-a às outras comunidades, que não as possuem, e numa versão mais dinâmica, coloca essa classificação num terreno negocial, que é, consequentemente, instável.

O caso de Guimarães, sobretudo quando trabalhado em articulação com o caso de Vizela, manifesta muito claramente essa dicotomia. A cidade pretende criar um *espaço de inclusão* a que atribui uma série de características positivas, opondo-o a espaços exteriores, destituídos dessas mesmas características. Mas esse *espaço de inclusão* resiste e negoceia a atribuição dos valores que Guimarães lhe pretende impor. Como veremos, a tentativa de reclassificar o território leva Vizela a contrapor valores que, por serem idênticos àqueles que Guimarães atribui a si própria, conduzem à fragmentação de um espaço que a primeira pretende homogêneo.

Pelo que ficou dito, depreende-se que o nosso estudo de caso nos conduziu a uma abordagem dinâmica e negocial da *identidade*, na linha da perspectiva traçada por Christian Bromberger, Pierre Centlivres e Gérard Collomb : "*On déboucherait dès lors sur une interprétation polémologique de l'identité, qui considérerait l'emblématique comme un lieu crucial où se jouent les luttes pour accorder ou refuser aux acteurs sociaux la légitimité de dire l'identification.*" (supra : 145)

Alguns estudos têm apontado para o lugar que a *tradição* ocupa no interior de mecanismos actuais de *emblemática*. Numa conjuntura global

que parece favorecer o aparecimento de novas *identidades* regionais, a tradição, mesmo quando inventada, condensa mecanismos de identificação simbólica indispensáveis à constituição das novas *identidades* (Hobsbawm 1989). No caso de Guimarães não estamos propriamente face a um fenómeno de invenção da tradição, mas estamos, sem dúvida, face a um fenómeno de utilização da tradição, no interior de negociações conflituosas, que visam a organização futura do território. Começemos por observar a forma como esse mecanismo integra alguns dos acontecimentos históricos associados à fundação da nacionalidade.

O *mito de fundação* de Guimarães confunde-se, necessariamente, com o *mito de fundação* de Portugal. Os factos históricos deram o necessário conteúdo à narrativa que a cidade perpetuou e servem de argumento para reivindicar, ao nível nacional, uma posição simbólica superior à actual.

"O 24 de Junho é feriado municipal. É para nós, e para todos os portugueses, uma data histórica. Porque é a data da comemoração da Batalha de São Mamede, que se realizou aqui, nos arredores do castelo de Guimarães. Estabelecemos o feriado municipal com uma ambição que todos temos, e que eu penso que devia avançar, que venha a ser feriado nacional. Porque foi nesse dia que começou o dia 1 de Portugal : foi graças à batalha de S. Mamede". (Guimarães 1)

A celebração ritual do "nascimento da nacionalidade" não tem a expressão nacional desejada, mas a valorização simbólica da sua



localização em Guimarães - "o berço da nacionalidade" - é rendibilizada localmente. Para manter a unidade do espaço concelhio, a cidade socorre-se, como se pode verificar pela citação do presidente da Câmara, do seu *mito de fundação*, que constitui um importante capital simbólico : o coração do concelho está na cidade, no centro histórico que simboliza o "nascimento da nacionalidade". A eficácia do mito opera por *analogia*. Tal como a nação, que nasceu em Guimarães, se manteve unida, também o concelho se deve manter unido, em torno do seu património simbólico.

Neste contexto, a entrevista de um migrante originário de Vizela é particularmente elucidativa. Além de revelar a lógica de constituição identitária de um imigrante que procura integrar-se na comunidade de acolhimento - recusa da *identidade* original e colagem a uma outra, que lhe é exterior -, também revela, quase na forma da caricatura, a lógica de construção da *identidade* de Guimarães. A colagem à *identidade* da cidade que o acolhe é dificultada - e por isso reforçada - pelo facto de o entrevistado ser originário de uma localidade que funda a sua *identidade* na recusa da *inclusão* no concelho de Guimarães, portanto na recusa do território que a cidade considera ser o "seu". Por isso é ele, mais do que qualquer outro entrevistado de Guimarães, que, ao longo da entrevista, se socorre dos valores simbólicos que constituem a *identidade* da cidade. Revela-nos, por vezes na modalidade da caricatura, as componentes estruturais da *identidade colectiva* vimaranense. Vejamos um extracto, relativo ao *mito de fundação*:

"Pois entendo que Guimarães tem, no contexto nacional, e até

internacional, grande valor. Pelo seu, pela sua riqueza industrial e, sobretudo, e ainda muito especialmente, pelo seu valor histórico. Já que Guimarães foi o berço da nacionalidade, onde pulsou pela primeira vez o coração do primeiro Rei de Portugal, D. Afonso Henriques. Foi aqui, nestas muralhas velhinhas, que se desenrolaram batalhas principais e importantes para a independência de Portugal. (...) Foi aqui, à sombra deste velho castelo, que se travou a batalha de São Mamede, no dia 24 de Junho. Data que devia ser considerada feriado nacional, o primeiro feriado nacional pois, efectivamente, nesse dia nasceu mais uma nação livre e independente. (...) Guimarães possui monumentos como poucas cidades portuguesas, muito poucas cidades portuguesas, dado o facto de aqui ter nascido Portugal, pois o seu principal monumento é o castelo da Fundação. O castelo de D. Afonso Henriques, o castelo onde se travou a independência de Portugal, (...) a igreja de São Miguel do Castelo, onde foi baptizado D. Afonso Henriques, (...) todos estes monumentos formam um conjunto denominado "Colina Sagrada". (Guimarães 4)

As Gualterianas constituem o momento mais alto do ciclo festivo da região. Ao afirmar a sua origem histórica, Guimarães põe, mais uma vez, a funcionar o dispositivo simbólico que constitui a *identidade* da cidade por referência ao passado:

"No tocante a festas, pois Guimarães tem a sua romaria, as suas famosas Gualterianas, que nasceram das antiquíssimas feiras francas de

gado, de São Gualter. São Gualter (que é do tempo de São Torcato), em data muito recuada vindo da Itália, este frade, mais tarde foi santificado num convento próximo donde hoje é o seu templo, onde hoje está, tem o seu templo, o seu altar próprio, e é venerado. São Gualter foi escolhido pelo povo de antanho para dar o nome às suas feiras francas, do tempo de D. Dinis. Duravam oito dias, e nelas se comercializava toda a espécie de produtos. Eram, ao fim e ao cabo, a grande festa de Guimarães. Depois, com o decorrer dos tempos, foi, muito embora não se tivesse deixado de parte as feiras francas, foi, paralelamente, instituída a festa de São Gualter. Anos depois, como São Gualter era o patrono das festas da cidade, então foi alterado o título das festas, para ficar simplesmente "as Gualterianas". (Guimarães 4)

Para lá de reforçarem a narrativa que filia a *identidade* num passado historicamente reconhecido, as Gualterianas reforçam também outras duas componentes da *identidade* da cidade : a *unicidade* e a *centralidade*. No conjunto das manifestações que integram as festas, a marcha gualteriana, especificamente, é uma coisa "ímpar" que, "embora se tenha tentado", não é possível imitar :

"Não há nada que se lhe possa comparar. É uma marcha luminosa, de luz e som, que percorre as ruas da cidade na noite de segunda-feira, das festas Gualterianas. A noite de segunda-feira é realmente maravilhosa. Essa noite vêm, de propósito, pessoas de todo o País, sem esquecer a comunidade em si, as pessoas do município" (Guimarães 1).

Vejamos as palavras, ainda mais enfáticas, de outro entrevistado:

"As Gualterianas hoje já passaram não só as fronteiras de Guimarães como do próprio País. Por outro lado, também é aproveitada essa data para uma confraternização anual dos vimaranenses que em terras de estranja labutam pelo pão nosso de cada dia, os emigrantes."  
(Guimarães 4)

O futebol tem vindo a tornar-se num dos objectos da cultura popular contemporânea mais estudados pelas ciências sociais (Elias 1992; Morel e Thiesse 1989, Pellegrino e Silvano 1986). Os pontos de vista adoptados têm sido múltiplos, dado que o objecto sugere, na sua complexidade, uma série de possibilidades de abordagem. Interessa-nos, neste momento, o facto de o futebol surgir como suporte de investimentos simbólicos que se inserem numa construção, mais global, das *identidades colectivas*. Os clubes, e respectivas equipas, constroem imagens estereotipadas das comunidades, simbolizando, desse modo, as formas específicas de existência (Morel e Thiesse 1989). Além de elementos de identificação emblemática, os clubes são também veículos de negociação com o exterior (a sua existência depende do confronto com outras equipas), colocando, por via da representatividade, a comunidade em confronto com outras comunidades. Por esse motivo, revelam-se elementos fundamentais para a construção/reconstrução das *identidades colectivas*. Talvez por não ser costume falar de futebol com universitários, e ainda menos com mulheres universitárias, o discurso dos entrevistados sobre o Vitória de Guimarães é

pouco palavroso, e resume-se na afirmação de um entrevistado : "é um factor aglutinador de todos os interesses" (Guimarães 1). No entanto, o confronto com as afirmações dos entrevistados de Vizela leva-nos a afirmar que o Vitória de Guimarães é um elemento-chave para a negociação das hierarquias regionais. Enquanto Guimarães enaltece os méritos do clube, Vizela fala das verbas excessivas que o município lhe concede, em contraponto com a ausência de verbas concedidas ao Vizela.

Como vimos, a concentração do capital simbólico é feita através de três processos que, apesar de socialmente interactivos, são, em termos espaciais, construtivamente distintos.

O *mito de fundação* produz, ao localizar na colina sagrada a origem da nacionalidade, um fenómeno de *aglutinação espacial*. Do ponto de vista do mito, o território português contrai-se, para se sobrepor morfológicamente ao recorte espacial correspondente à colina sagrada. Virtualmente, todo o País está lá, no centro da vila.

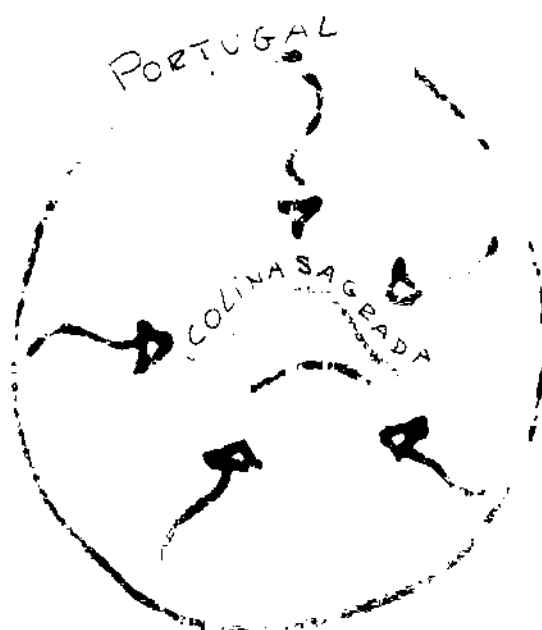


Figura 1.- *Mito de fundação* : aglutinação do espaço nacional em torno da colina sagrada.

A interpretação do *mito de fundação* da nacionalidade conduz à proposta de outra configuração do espaço representado. A partir de um centro fundador - a colina sagrada -, o mito gera um espaço que corresponde aos limites do espaço nacional. Nesse sentido, a colina origina um espaço a que podemos chamar genérico (Pellegrino 1983a). Referimo-nos aqui ao sentido durkheimiano da noção de *gênero*, que pretende dar conta da mecanismo lógico que permite constituir, a partir de semelhanças reconhecidas, um todo que seja mais do que a simples soma dos semelhantes : "*le cadre extérieur dont les objets perçus comme semblables*

*forment, en partie, le contenu"* (Durkheim 1979 : 208). No caso de Guimarães, o quadro exterior é a nacionalidade, pensada como algo mais do que a simples delimitação espacial de semelhanças. Se à escala nacional esta noção, de *espaço genérico*, parece funcionar, o mesmo não poderá dizer-se quando nos colocamos à escala do município. A analogia estabelecida entre a relação colina sagrada/Portugal e a relação colina sagrada/município não só não é reconhecida por todas as comunidades que constituem o município como até é contestada por uma delas. Vizela não se reconhece nas características que constituem o *espaço genérico* delimitado pelas fronteiras do concelho de Guimarães e evoca, em contraponto, um passado histórico (também constituído em *mito de fundação*) que justifica essa *exclusão*.

A reivindicação da criação de um novo concelho insere-se na lógica da segmentação dos géneros : "*pour peu que le mouvement se poursuive, chaque sous-totem finira par être élevé à la dignité de totem, chaque espèce, chaque variété subordonnée, sera devenue un genre principal*" (Mauss e Durkheim 1974 : 41). Vizela quer ser elevada a concelho, da mesma forma que um subtótem quer ser elevado à dignidade de tótem. Estamos mais uma vez no interior da dinâmica de fragmentação que caracteriza o nosso terreno. Voltaremos, posteriormente, à questão da existência, ou da não existência, de um *espaço genérico* global (com uma dimensão simbólica, social e administrativa).

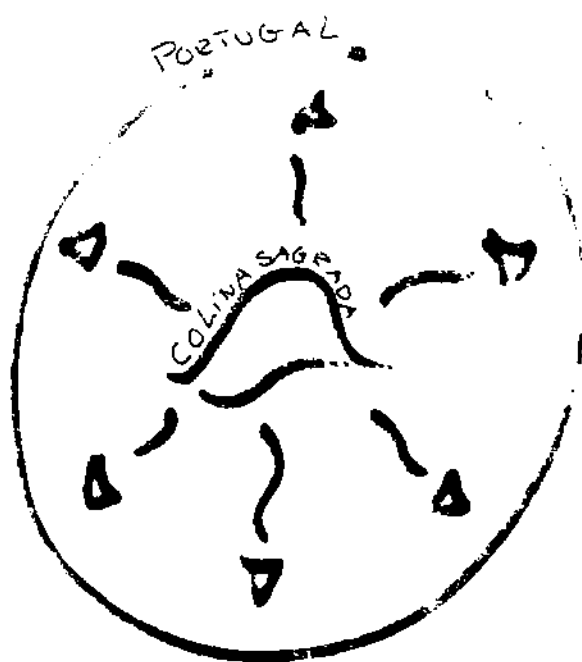


Figura 2.- Construção simbólica de um espaço genérico.

Por agora, continuemos com a espacialização dos acumuladores simbólicos.

As festas produzem um movimento centrípeto dirigido para a cidade e organizam a sua *centralidade ritual*, considerada única e incomparável. Espacialmente, trata-se de uma representação organizada pela relação *centro/periferia*, colocando-se Guimarães no centro de um recorte espacial cujos limites não são definidos, mas que os entrevistados fazem questão em colocar na escala internacional.



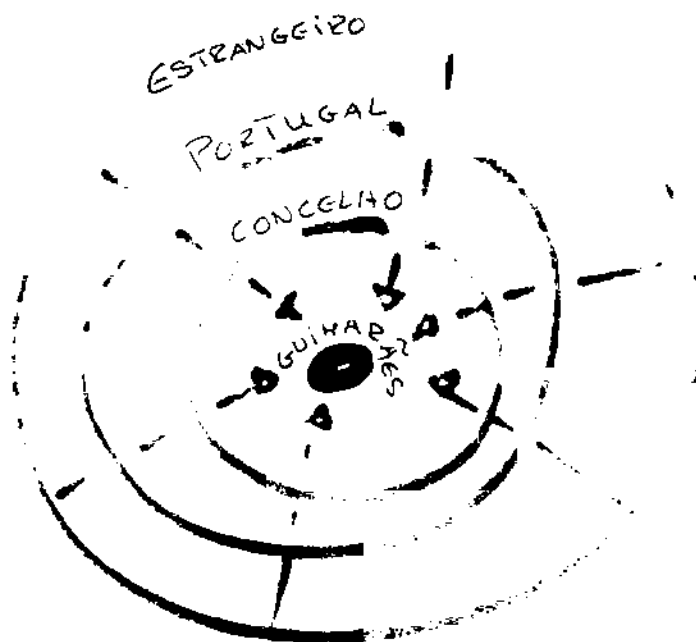


Figura 3.- *Gualterianas : relação centro/periferia, organizadora de várias escalas de representação.*

A equipa de futebol constitui emblematicamente o "nós", sendo que o emblema em questão deve estar preparado para negociar, constantemente, a posição relativa desse mesmo "nós" (que é a posição relativa do *espaço de pertença*) face aos "outros" (*espaços de referência*). Cada jogo de futebol permite o confronto directo entre duas comunidades, mas o resultado final, uma vez integrado numa lógica de campeonato, conduz a uma hierarquização global das equipas. Em termos espaciais, o resultado final é um *espaço de conjunto* hierarquizado e sempre renegociável.

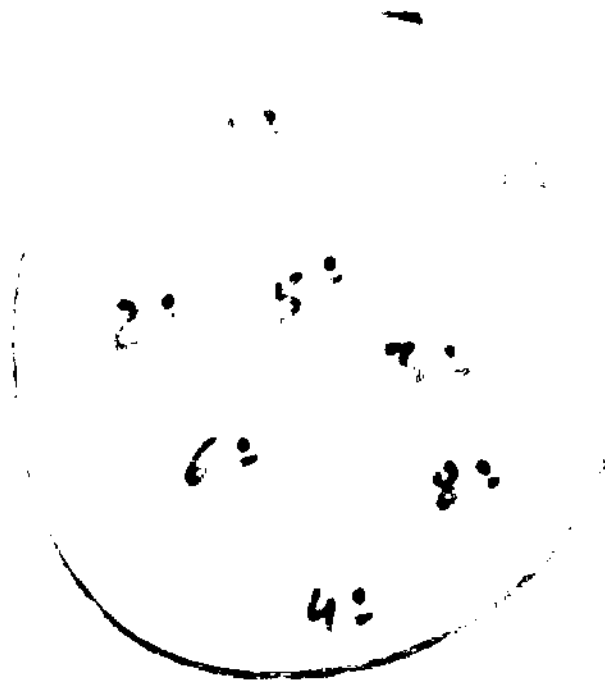


Figura 4.- Espaço global hierarquizado.

As lógicas dos três acumuladores simbólicos podem também ser distinguidas do ponto de vista da sua eficácia social. Começemos pelas duas primeiras. A tradicional oposição entre *mito* e *rito* poderia servir para explicar as operacionalidades presentes no *mito de fundação*, no feriado nacional e nas Gualterianas. No entanto, parece-nos mais produtivo optar por uma perspectiva mais integradora, que aborde as duas eficácias simbólicas de um ponto de vista comum, não obstante o reconhecimento de algumas diferenças. Se, como propõe Connerton (1993) (e como de certa forma Shils já havia proposto, em 1956, na sua análise da cerimônia de coroação de Isabel II (Shils 1992)), considerarmos, por um lado, que a

memória colectiva é performativa e, por outro, que os rituais são sempre a actualização performativa de uma memória, podemos propor uma aproximação do mesmo tipo aos dois *acumuladores simbólicos* em questão. Ambos produzem um efeito de reconhecimento de uma *identidade* (face a si próprio e face aos outros), conseguido pela repetição periódica e ritualizada de uma narrativa, e ambos permitem a negociação/transformação dessa mesma *identidade*. No *mito de fundação*, a narrativa integra os factos históricos numa leitura autocentrada glorificante, enquanto na festa, sobretudo durante o cortejo alegórico, a narrativa é ritualmente actualizada. Tanto o *mito* como o *ritual* permitem manipulações constantes, integradas nos contextos em que são actualizados. Esta dinâmica integra-se no fenómeno, recorrente em vários terrenos etnográficos, de revitalização da tradição em contexto de emergência de novas configurações identitárias de escala regional. Por exemplo, a ideia recente da criação de uma Região do Vale do Ave, que em 1982 não existia enquanto Associação de Municípios - AMAVE - suscitou um novo contexto de expressão do *mito de fundação* : Guimarães pretende ser o *centro* da projectada Região e utiliza o mito como um capital simbólico importante, numa situação negocial em que cada uma das localidades interessadas nessa posição se socorre dos capitais que possui.

Nas entrevistas que analisámos (relativas também ao estudo de caso de Coimbra) surgem com frequência relatos em que a evocação de encontros desportivos serve à afirmação de *identidades territoriais* organizadas em torno de antagonismos de vizinhança (Pellegrino e Silvano 1986). O encontro desportivo, sobretudo o futebol, é utilizado para

representar conflitos organizadores do território. A gerência ritual dos conflitos através da prática desportiva surge sobretudo em localidades sujeitas a processos de modernização ; nesse caso o campo de futebol sucede ao terreiro da aldeia.

Nas lutas entre rapazes que se desencadeavam durante os bailes, os antagonistas encontravam-se frente a frente e a medida das forças respectivas permitia a reactualização da *identidade* de cada um. Tratava-se de uma forma ritual de gerir a oposição entre dois grupos representantes de duas localidades. Em cada confronto actualizava-se uma operacionalidade binária, que permitia que a consciência de si próprio fosse obtida na oposição face ao outro.

Os jogos de futebol integram-se no desenvolvimento de uma outra lógica de construção das *identidades*. A oposição binária dá lugar à multiplicidade de parceiros, o que permite uma hierarquização de posições feita a partir das competências técnicas de cada grupo. A passagem de um ao outro pressupõe a existência de um terceiro termo, o árbitro, mas como excluído do jogo. Ele é o garante do cumprimento de uma lei comum, explicitamente aceite pelos participantes. A aplicação da lei permite organizar um sistema de classificação hierarquizante, relativo já não apenas aos parceiros rivais (*identidade exclusiva*) mas a um número alargado de participantes (*identidade relacional*).

De um modo geral, a passagem da força física à competição técnica e da luta aberta à competição organizada são transformações paralelas da passagem de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna. Em termos ideais, o árbitro é, no jogo, o garante de um regime em que as regras

são iguais para todos. O cumprimento das regras do jogo exige competência e o êxito depende das "performances" executadas no interior desse corpo de normas abstractas. Idealmente, opera-se também uma deslocação da oposição *hostilidade/amizade* relativamente à oposição *êxito/fracasso* : em abstracto joga-se sempre entre iguais. A filosofia do jogo pretende afastar a ideia de rivalidade, que no entanto emerge frequentemente ao longo dos campeonatos.

No caso do *Vitória de Guimarães*, e sobretudo no seu confronto com o *Vizela*, é claro que a rivalidade surge (embora sofra uma modulação igualitária) como um elemento organizador. A rivalidade entre as duas localidades exprime-se, também, através das suas equipas.

## **DOIS PROJECTOS DE ESPAÇO**

Os projectos do espaço concelhio apresentados pelos entrevistados podem ser sintetizados em dois modelos tipo, que diferem na forma de conceber o desenvolvimento dos pequenos pólos urbanos da região: **1)** o modelo a que chamaremos de *centralidade não-concentrada*, que concebe um desenvolvimento autónomo dos núcleos urbanos, **2)** o modelo a que chamaremos de *centralidade concentrada*, que concebe um desenvolvimento que privilegia a concentração urbana em torno de pólos seleccionados. O papel de centro organizador cabe, nos dois modelos, à cidade de Guimarães, sendo que o segundo lhe concede uma *centralidade*

mais poderosa, porque menos repartida com outros centros.

O vice-presidente da Câmara, que ao longo da entrevista faz vários movimentos de distanciamento relativamente ao seu próprio discurso, resumiu as duas proposições, colocando-se primeiro num ponto de vista imparcial e acabando finalmente por se investir como actor do processo:

"É um concelho que se encontra disseminado por um número bastante grande de aglomerações, algumas já com uma dimensão importante. (...) Este problema foi debatido em estudos, em todos os trabalhos feitos sobre o futuro deste concelho. O problema foi equacionado, e foram sempre apresentadas duas proposições. Existem, por assim dizer, duas tendências opostas. Uma defende uma concentração massiva na principal aglomeração ou principais aglomerações - refiro-me a Guimarães, Taipas e Vizela -, uma grande concentração, no sentido de fazer vir as pessoas para a cidade. Isso seria possível com um plano muito concentrado.(...) Existe outra tendência - creio que neste momento é a maior, pelo menos é a preferível, para a maioria das pessoas - no sentido de se propor uma maior dispersão. Apesar de desejarmos e aceitarmos um grande desenvolvimento da cidade, pensamos que preferencialmente deve haver um desenvolvimento harmonioso e prudente de outros pólos de desenvolvimento e estabelecer uma hierarquia desses pólos em função das freguesias do concelho." (Guimarães 2)

O modelo da *centralidade não-concentrada* parece corresponder à

lógica de constituição das *identidades* locais da região. Como vimos, a morfologia social do território aponta para aí, visto os núcleos se terem desenvolvido dispersos e autónomos. No entanto, é uma opção que coloca problemas relacionados com a escala de intervenção dos serviços e com a sua distribuição no interior de uma região policentrada:

"(...) há, até certo ponto, um atomismo das actividades. O que vai acontecer é que as actividades não têm dimensão adequada para que, no futuro, se melhore culturalmente a população". (Guimarães 2)

A questão da distribuição de serviços torna-se tanto mais complicada quanto a lógica atomista se encontra associada a um comportamento colectivo fortemente autocentrado: "cada comunidade por si". Por exemplo, do ponto de vista da criação de associações recreativas, a tendência é operar por *inclusão* vs *exclusão*. O que se compreende se tomarmos em conta o facto de as associações recreativas serem lugares de cristalização das *identidades* locais. E aqui, o local pode, no interior dos núcleos urbanos mais numerosos, descer à escala do bairro : relativamente ao bairro vizinho já se pode operar por *exclusão*. É claro que a relação *identidade inclusiva* / *identidade exclusiva* está na base da existência do social. A questão é a escala reduzida a que opere a *inclusão* e, consequentemente, a *exclusão* - o bairro, a metade norte ou sul da aldeia, a freguesia ou a vila -, que pode conduzir a uma excessiva pulverização das comunidades. Essa apetência para representar a *inclusão* e a *exclusão* a escalas muito reduzidas compatibiliza-se mais facilmente com uma concepção de *centralidade não-*

*concentrada* do que com uma concepção de *centralidade concentrada*.

A *inclusão* organiza o espaço regional através de uma representação distinta da que acabamos de apresentar. Quando situada à escala regional, a lógica inclusiva (dos núcleos urbanos em relação ao espaço do concelho) centra-se em duas temáticas: a social (também associada a uma lógica relacional) e a simbólica. Nos dois casos, a construção social do *espaço de inclusão* encontra-se associada à urbanização do espaço concelhio. A *mobilidade*, relacionada com o desenvolvimento industrial, leva as populações a terem uma concepção englobante do espaço concelhio. Uma grande parte da população rural do concelho tornou-se operária (ou, mais correctamente, profissionalmente mista, visto manter-se uma actividade agrícola de subsistência) e hoje desloca-se, diariamente, para os núcleos de desenvolvimento industrial. Nesses centros, os habitantes das periferias desenvolvem um novo tipo de relações sociais, resultante do facto de se encontrarem, todos, no exterior dos seus lugares de origem. Podemos dizer, sem no entanto nos esquecermos que tudo se passa numa sociedade em que os *géneros de vida* são, prioritariamente, de tipo tradicional, que estas novas relações são do tipo *cosmopolita*. Queremos dizer com isto que nos pólos urbanos da região os habitantes das periferias se encontram com pessoas que são quase desconhecidas (Sennett 1979). Desenvolvem-se por isso novas formas de relações interpessoais baseadas, justamente, num maior grau de anonimato e numa menor visibilidade social. Cria-se assim uma nova *identidade relacional*, que diz respeito a localidades que estabelecem, a partir de encontros em espaços urbanos, relações sociais de um tipo diferente. A mesma *mobilidade*, dirigida para os centros urbanos



dispersos pelo concelho, leva ao aparecimento de uma *identidade inclusiva* supralocal (encontram-se todos na vila ou na cidade, e esse facto cria o sentimento de pertencer a uma comunidade alargada, que integra, justamente, aqueles que participam da vida social do mesmo lugar central).

Esta configuração de um espaço pontuado por centros urbanos onde se desenvolvem novos *géneros de vida* não é, no entanto, extensível a todo o território. A falta de estradas e de meios de transporte ainda *coloca à distância*, relativamente aos centros urbanos, uma grande parte da população rural do concelho.

Numa região de economia mista, a clivagem entre o mundo rural e o mundo industrial continua a ter existência e surge mesmo como factor de estruturação do espaço : associadas à morfologia do território, as diferenças de sector de actividade estão presentes na organização formal do espaço regional. A associação morfologia do território/sector de actividade surge em duas construções espaciais. A primeira estabelece uma oposição formal entre dois termos : um marcado por uma série de características e outro pela ausência das mesmas. O primeiro termo corresponde aos núcleos urbanos, que se situam nos vales e são banhados por um rio ou por uma ribeira em cujas margens apareceram algumas pequenas indústrias. O segundo termo corresponde aos lugares rurais que restam nas zonas mais elevadas. Temos então a oposição **baixo** (irrigado, industrial, urbano) vs **alto** (não-irrigado, não-industrial, não-urbano).

Como veremos no estudo dos casos de Vizela e Santa Eulália, esta oposição aplica-se a várias escalas de representação do espaço : o Vale do Ave corresponde, provavelmente, aos limites mais alargados da

representação da referida oposição, mas a partir daí ela opera a escalas mais reduzidas. A oposição *baixo/alto* pode ser ilustrada por uma citação em que uma habitante da periferia de Guimarães fala, ao mesmo tempo que organiza formalmente o espaço, das diferenças entre o trabalho realizado na fábrica (***baixo*** : urbano) e o trabalho artesanal (***alto*** : não-urbano) :

"(...) ainda é do meu tempo, mas praticamente não há mais destas mulheres que costumam morar lá para trás dos montes, lá mais para longe da cidade.(...) Quer dizer, para mais, essas freguesias lá para cima, é que haviam assim pessoas que teciam, vá, antigamente. Agora não. (...) Diziam assim : é mais as que vivem para o lado das "pegas". "Pegas", quer dizer, porque como elas moravam para longe da cidade, e assim é que elas moravam lá para o campo das "pegas". (Guimarães 3)

Conclui-se que o espaço regional é organizado, no seu conjunto, a partir de uma oposição que, para além de dar forma ao território, valoriza positivamente os pólos de desenvolvimento urbano. Esta representação global encontra-se, tal como propusemos na análise de dados, associada à questão da constituição dos limites administrativos do espaço ; dá forma à heterogeneidade do espaço concelhio.

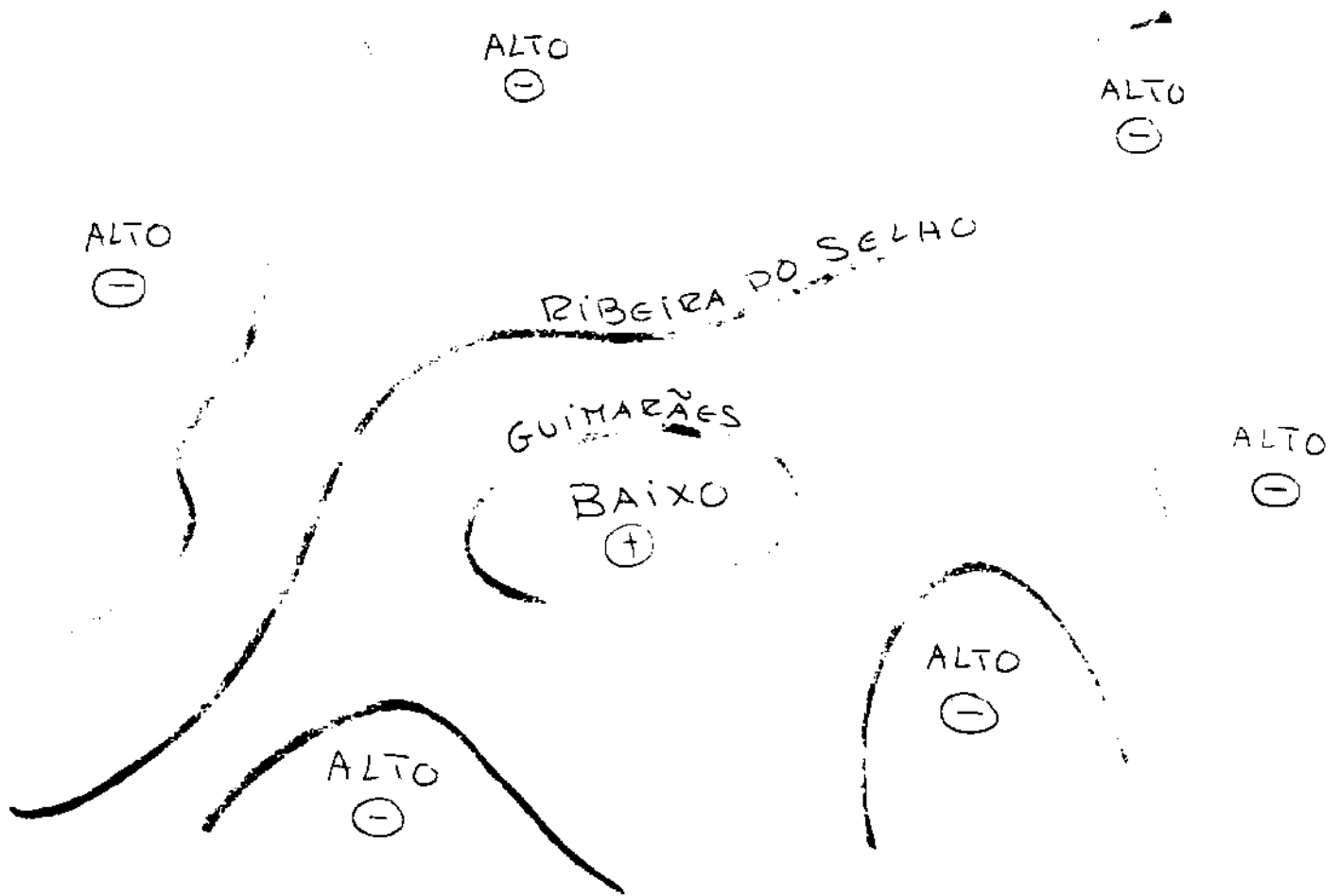


Figura 5.- Organização formal do território, através da oposição *baixo/alto*.

A mesma oposição permite organizar o território a escalas mais reduzidas, o que leva a pensar que o pensamento colectivo se socorre de uma espécie de *fórmula canónica* para organizar, a diferentes escalas, os espaços significativos (como veremos, Vizela socorre-se dela para reivindicar a coerência espacial do projectado concelho de Vizela.)

O conjunto do espaço do concelho é organizado por uma segunda representação que, de algum modo, surge como um desenvolvimento da oposição já referida. Trata-se de uma orientação formal do espaço, que toma por referência o eixo de desenvolvimento industrial que integra Vizela, Moreira de Cónegos e Guimarães, três elementos situados no pólo positivo

da oposição *baixo/alto*.

Num contexto de dupla delimitação do *espaço de pertença* (local e regional), a imposição de um modelo de *centralidade concentrada* (que fomenta, por cristalização em torno de um único centro emblemático, o reforço da *identidade* regional, e bloqueia, por apagamento do papel dos pequenos centros, o desenvolvimento da *identidade* local) provocaria, seguramente, reacções negativas da população. Os autarcas de Guimarães estão conscientes desse facto e, talvez por isso, os projectos de espaço que apresentam apontam para uma *centralidade não-concentrada*. Este modelo, que preconiza uma complementaridade entre os pequenos centros, está apto a manter a *identidade* local (na sua dupla modalidade inclusiva/exclusiva) dando, no entanto, forma a uma *identidade* regional complexa que, apoiada num *espaço rede interfuncional*, articule as modalidades relacional e inclusiva.

Dos nossos entrevistados apenas um revelou algum entusiasmo (embora indirectamente) por uma hipótese de grande concentração em torno da *centralidade* de Guimarães. O imigrante de Vizela, que ao longo de toda a entrevista tentou deslocar Guimarães para uma posição hierárquica só comparável ao Porto, quando lhe perguntámos o que seria Guimarães no ano 2000, respondeu-nos :

"Diria, numa afirmação um pouco aventureira e muito corajosa, que a cidade de Guimarães, no ano 2000, irá absorver as vilas de Vizela e das Taipas." (Guimarães 4)

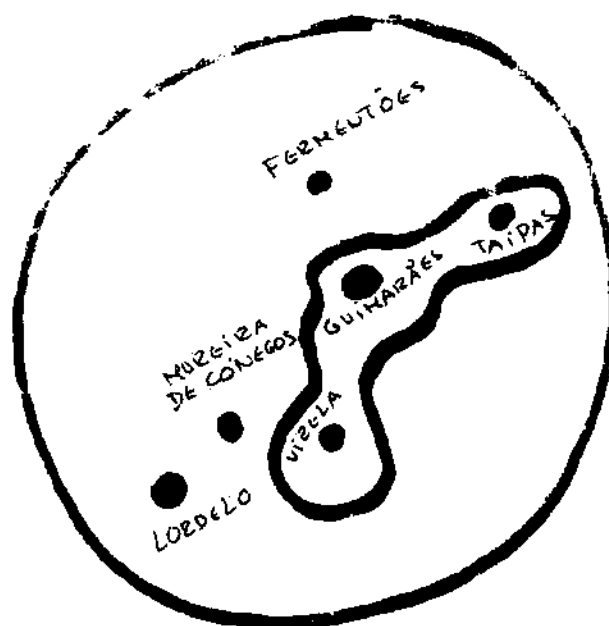


Figura 6.- Modelo de centralidade concentrada (o espaço de contração aglutina três localidades)

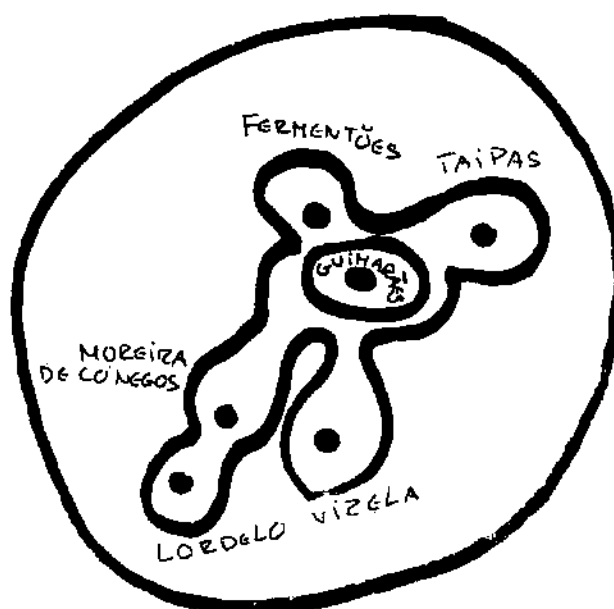


Figura 7.- Modelo de centralidade não-concentrada (o espaço de contração articula o encontro de várias localidades.)

Em contraponto, e de uma forma claramente investida (que se prende com o facto de ser originário de Fermentões, uma pequena freguesia situada na periferia rural de Guimarães), o presidente da Câmara defende o modelo da *centralidade não-concentrada*. Considera que ele responde a uma dinâmica social já existente, operante e a integrar nos projectos a implementar.

"Eu teria preferido que a municipalidade de Guimarães, em lugar de fazer um plano de expansão da cidade, fizesse um plano de agrupamento de cada uma das comunidades que vivem à sua volta. Em vez de fazer uma população tão concentrada, fazer uma população mais dispersa, por comunidades. Porque cada uma dessas comunidades tem as suas tradições, os seus costumes, os seus hábitos. Nós sentimos orgulho em dizer que somos de Fermentões, e os de Creixomil em dizer que são de Creixomil, e os de São Torcato que são de São Torcato. Mas todos nós sentimos orgulho em dizer que somos de Guimarães. Há um lugar comum que nos une." (Guimarães 1)

Para dar continuidade ao seu espaço de acção, Guimarães terá de gerir o equilíbrio entre as *identidades* locais das comunidades que o integram (construídas, em relação a si próprias, sob o modo da *inclusão* e, umas em relação às outras, sob o modo da *relação* e da *exclusão*) e a *identidade* regional das mesmas (construídas, em relação à sede do município, sob o modo da *relação* e da *inclusão*). Esse equilíbrio existe, mas é frágil. Joga numa contradição entre *identidade exclusiva* e *identidade*

*inclusiva* (por vezes mediada pela *identidade relacional*), que se resolve pela delimitação das escalas de actuação de cada uma delas.

O problema coloca-se quando as *centralidades* dos núcleos urbanos periféricos se colocam numa posição concorrencial face a Guimarães. Essa situação altera o frágil equilíbrio entre as *identidades* locais e regionais (concelhias), visto que uma terceira *identidade*, correspondente a um novo recorte territorial, vem intercalar-se entre as duas anteriormente referidas. Nesse caso, a *identidade* local de um centro urbano dilata-se até cobrir uma área envolvente que abrange várias localidades. Passa então a considerar-se o centro polarizador de um território limítrofe e torna-se, face ao município de Guimarães, concorrencial. Esse recorte, que se transforma num novo *espaço de inclusão* económica, social, simbólica e, em projecto, administrativa, define os limites de uma nova *identidade inclusiva*. O problema, do ponto de vista de Guimarães, está no facto de esta nova *identidade inclusiva* ser complementar de uma nova *identidade exclusiva*, que tem por referência, justamente, o concelho de Guimarães.

Vizela é um exemplo desta dinâmica espacial. A vila centraliza um território intermédio, intercalado entre as *identidades* locais das freguesias envolventes e a *identidade* regional das mesmas, para o qual reivindica o estatuto de concelho. Desse modo põs em causa, primeiro, a unidade do concelho e, segundo, a escala hiérarquica que organiza os centros urbanos do município e da região envolvente. Consequentemente, constitui uma ameaça para a posição de Guimarães.

A questão pode tornar-se mais complexa se a abordarmos de outro ponto de vista, que começámos a desenvolver na interpretação do *mito de*

*fundação*. Como vimos, o *mito de fundação* da nacionalidade dá forma a um *espaço de inclusão* (a nação) que considerámos, por referência a Durkheim, um *espaço genérico* : são-lhe reconhecidas características únicas, que o distinguem dos espaços exteriores. Por analogia, o concelho de Guimarães é proposto como um *espaço genérico* (também gerado pela cidade e pelo seu *mito de fundação*) de escala menor. Uma observação mais atenta leva-nos a questionar a validade da referida analogia, dado que o concelho de Guimarães não parece definir-se a partir de semelhanças reconhecidas. Pelo contrário, se alguma coisa o caracteriza é a coexistência, tendencialmente desestabilizadora, de diferenças reconhecidas. A unificação do território faz-se mais por aglutinação simbólica em torno da cidade - o "lugar comum que nos une"- do que por reconhecimento de semelhanças partilhadas.

De facto, os entrevistados reconhecem a presença de uma tensão entre semelhanças (o conteúdo do *género*) e diferenças, num espaço que vive uma instabilidade constante. É essa tensão que dá origem ao processo de fragmentação do espaço, equivalente ao processo de formação de novos *géneros*, que a vila de Vizela pretende iniciar.

Provavelmente, a Região do Vale do Ave terá de aceitar um projecto de espaço em que, progressivamente, novos níveis de organização se vão constituindo, encaixando-se entre os recortes já existentes. Trata-se de uma lógica de complexificação que opera por sucessivos encaixes. As conhecidas *madrioscas* dão uma imagem perfeita desse tipo de operacionalidade : os novos recortes territoriais são como novas bonecas (*géneros*) que vêm juntar-se ao conjunto, intercalando-se entre as bonecas



já existentes. Este processo dá mais espessura ao *espaço de representação*, ao mesmo tempo que o complexifica, por introdução de novos níveis hierárquicos. O problema está em definir formas administrativas para esses novos recortes, visto que também eles são concorrenciais entre si : cada núcleo urbano em desenvolvimento constitui o seu próprio *espaço de acção*, a que poderá querer dar a forma administrativa do município. Levada ao seu extremo, esta lógica obrigará Guimarães a saltar para uma escala superior : a sua *centralidade* terá de ser envolvente e integradora das *centralidades* que se vêm constituindo. Trata-se de uma hipótese que os autarcas prevêem, no quadro de uma regionalização que, como sabemos, continua adiada.

Note-se que a função unificadora de Guimarães não é negada por Vizela. Para esta vila, a questão principal é a criação do "seu" concelho. Uma vez criado, aceita a existência, e pretende integrá-la, de uma região centralizada por Guimarães. O que nos leva a concluir que se trata de facto de uma tensão entre *semelhanças* e *diferenças*, visto que, uma vez admitida e formalizada a diferença que reivindica (através da criação de um novo *espaço identitário*), Vizela reconhece a sua participação num *espaço conjunto* de *semelhanças*.

Para organizar ideias, diremos que a auto-representação vimaranense apresenta quatro componentes essenciais : **1)** uma forte *centração* sobre a cidade, simbolicamente *apoiada* em três acumuladores simbólicos, **2)** uma concepção *centrípeta* e *inclusiva* do *espaço de acção* administrativa, **3)** uma organização formal do *espaço de conjunto*, **4)** o reconhecimento de outras *centralidades* no interior do seu *espaço de acção*,

de nível inferior, mas perigosamente concorrenciais.

As duas primeiras componentes inviabilizam qualquer representação projectiva que enfraqueça o papel de centro organizador do território envolvente, enquanto a terceira *crispa* as representações em torno da hipótese de esse enfraquecimento, que já é real, vir a ser administrativamente reconhecido. Do ponto de vista de Guimarães, a subida de nível, que corresponde à criação de um novo recorte espacial administrativamente reconhecido, é a única hipótese *não traumática*. Os problemas colocados pelo salto de escala a que essa hipótese obriga, e que têm a ver com o confronto hierárquico com outros pólos de nível superior, serão apresentados na escala regional. .

## **VIZELA: UM EXEMPLO A EVITAR**

"P.- Olhe, as pessoas aqui das redondezas dão-se todas bem, ou às vezes há assim problemas entre as várias freguesias?

R.- Sim, geralmente dão-se todos bem. Quer-se dizer, só os de Vizela ... mas isso, só esses é que não, é que não se dão com os de Guimarães.

P.- Já agora, gostava de saber o que é que a senhora acha, como é de Guimarães, o que é que acha lá das pessoas de Vizela.

R.- Acho que elas são estúpidas. Sim, acho que são estúpidas, porque não deviam lá andar a fazer o que têm feito

P.- Mas acha que elas não têm razão?

R.- Eu acho que não. Porque afinal Guimarães é pertinho, eu acho que não. Não sei porque é que eles querem o concelho. Eles para dar a eles tinham de dar a outros mais. Por exemplo Taipas, as Taipas ainda é, talvez seja maior que Vizela. Nesse caso também eles queriam. Quem diz esses diz também, vá, outras vilas." (Guimarães 4)

Trata-se de uma citação de uma mulher emigrante. Argumenta, embora utilizando uma linguagem popular, da mesma forma que os autarcas : responder ao desejo de autonomia de Vizela é abrir caminho para que outras situações idênticas se criem, visto a posição hierárquica de Vizela não ser suficientemente distinta das posições ocupadas por outras localidades incluídas no concelho de Guimarães.

Vejamos também um extracto da entrevista do presidente da Câmara:

"No meu ponto de vista, mais industrial que Vizela é todo o eixo de Moreira de Cónegos/Lordelo.(...) Vizela tem muita dificuldade em se alargar enquanto aglomeração. Porque Vizela situa-se numa zona que tem uma situação geográfica muito difícil para a expansão urbana. E por isso, apesar do centro industrial ter começado no centro histórico de Vizela, a verdade é que, como a zona não tinha características para uma expansão industrial, ele foi fazer-se numa outra zona, que é a zona de Lordelo e Moreira de Cónegos." (Guimarães 1)

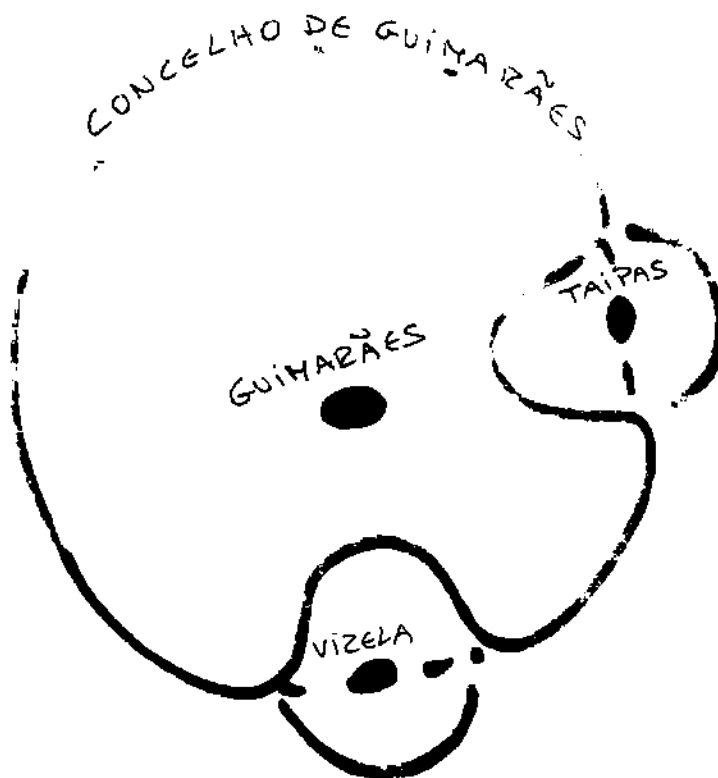


Figura 8.- Espaço de pertença reduzido pela exclusão de dois novos concelhos  
(transformação recusada)

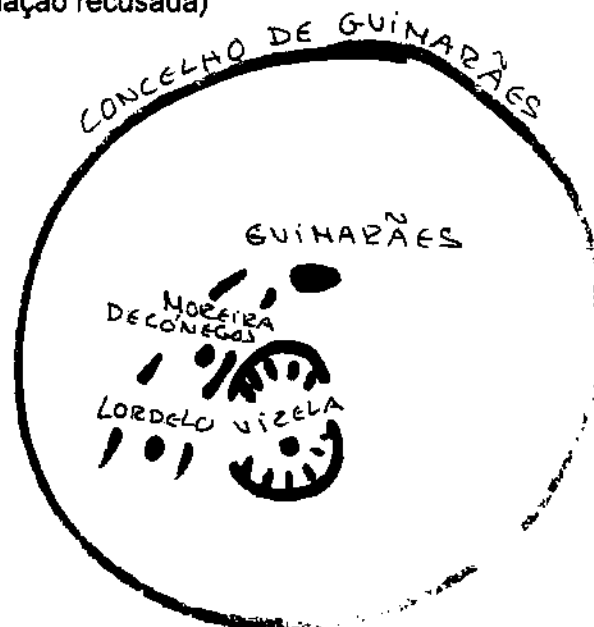


Figura 9.- Vizela está formalmente bloqueada, por contraponto a Moreira de  
Cónegos e Lordelo que formam um eixo de abertura espacial.

Este é o discurso que Guimarães contrapõe ao projecto de Vizela : nega a importância da *centralidade* que a vila pretende ver reconhecida e, ao mesmo tempo, apoia a abertura do eixo Moreira de Cónegos/Lordelo, que de algum modo funciona como contraponto ao indesejado crescimento de Vizela. O imigrado de Vizela (que peca por excesso, no que diz respeito às componentes constituintes da *identidade* vimaranense) revelou mesmo um lapso significativo ao esquecer-se de Vizela quando assinalava, num mapa, os centros urbanos da região. Ao confrontar-se com o topónimo, afirma :

"também temos Vizela, um grande pólo industrial, também é importante, Vizela também".(Guimarães 4)

No entanto, o vice-presidente, quando se refere ao plano de desenvolvimento do concelho, afirma inadvertidamente :

"(...) e a ligação desses pólos com os grandes pólos que são Vizela e Guimarães".(Guimarães 2)

Também o presidente estabelece uma analogia entre as centralidades de Guimarães e Vizela :

"(...) este centro de Vizela, que por seu lado tem à sua volta outras comunidades que convergem para ele. Vizela funciona também como uma zona para onde convergem as populações das zonas vizinhas"

Mas, depois, retira a Vizela a função de centro, opondo-lhe os pólos que se situam na sua proximidade :

"Mas nós temos aqui um outro centro que é o Lordelo, que consideramos o eixo Lordelo e Moreira de Cónegos, que está muito bem definido e, mesmo pela maneira como evoluiu, tem pouco a ver com Vizela (embora Moreira de Cónegos esteja praticamente integrada numa grande parte do que as pessoas de Vizela querem tornar concelho de Vizela). Só que observamos justamente isto : é que Vizela, Lordelo e Moreira de Cónegos são populações, apresentam-se como um conjunto de populações, que não estão nada vocacionadas, nem interessadas, em aderir à pretensão do concelho de Vizela".(Guimarães 1)

O outro argumento, de carácter unicamente administrativo, afirma não ser oportuna uma mudança da malha administrativa antes de se tomarem decisões relativamente às centralidades da região, no quadro do processo de regionalização. Por exemplo, Riba d'Ave é apresentada como outro possível concorrente ao lugar de pólo urbano de nível médio. O argumento já tem dez anos: entretanto não se mudou a malha administrativa e também não se fez a regionalização. Tudo continua igual e, como veremos mais tarde, o importante papel que o projecto do concelho de Vizela ocupa na construção da *identidade* da vila não só se manteve como ainda se reforçou, graças à incorporação, na memória colectiva, dos acontecimentos de 82.

## **UM TERRITÓRIO EM PERSPECTIVA**

### **A HIPÓTESE DE SER CAPITAL**

"O grande desafio aqui em Guimarães é o desafio do futuro. Guimarães, pelas características que tem e pela posição geográfica, pelas tradições, pelos seus hábitos, por tudo o que é realmente Guimarães, no conjunto do País, Guimarães tem direito a uma posição de destaque, mais do que teve até ao presente". (Guimarães I)

O espaço local, ou concelhio, de Guimarães ficou definido como um espaço problemático, em transformação, mas ainda indeciso do seu futuro. Em parte, esse futuro joga-se a uma escala superior : a organização do espaço local dependerá das opções tomadas à escala regional. A colocação a um nível supralocal da *centralidade* de Guimarães depende, em primeiro lugar, da constituição da chamada Região do Vale do Ave e, em segundo lugar, da obtenção, no seu interior, de uma posição de líder. Assegurar uma posição de centro à escala regional significa dominar, *por cima*, um espaço concelhio que corre o risco de se subdividir. Para reivindicar, no interior da escala regional, uma posição hierarquicamente superior, Guimarães socorre-se de algumas das componentes da *identidade* local, às quais acrescenta outras, cuja pertinência só se revela regionalmente. O projecto do novo espaço regional do Vale do Ave comporta, no essencial, as seguintes operações espaciais: **1)** emblematização do *espaço de pertença* e utilização do capital simbólico relacionado com o *mito de fundação*, para

justificar o reconhecimento nacional necessário à obtenção de uma posição regional, **2)** valorização do sector secundário e da capacidade empresarial do espaço de acção, **3)** naturalização do novo recorte administrativo, através de uma organização formal e funcional do espaço, tematizada pelos recursos naturais (rio Ave), **4)** naturalização da posição central de Guimarães, através de uma colocação formal ao centro, tematizada pela *geografia*. A este respeito, vejamos um extracto de entrevista que, tal como o anterior, é significativo de uma parte da operacionalidade resumida :

"Pois Guimarães tem uma grande influência na Região do Vale do Ave. A Região do Vale do Ave, que é banhada pelo rio do mesmo nome, integra três concelhos muito importantes no contexto industrial português : Santo Tirso, Vila Nova de Famalicão e Guimarães. (...) Segundo cremos, o território nacional continental vai ser dividido em regiões. Esta em que estamos inseridos, a Região do Vale do Ave, poderá ser a primeira mais importante, no contexto industrial do País. Aqui se produz muita riqueza, com o trabalho dos seus habitantes, dos vimeirense, e Guimarães tem ainda uma palavra a dizer no programa do País. Pois tudo leva a crer, e isso só corresponde inteiramente, ou só corresponderá inteiramente, a uma justiça que se lhes deve, aos vimeirense, se lhes deve fazer, para que Guimarães seja a sede da Região do Vale do Ave. Doutro modo não concordamos que seja desviada daqui a sede, da região mais rica do País." (Guimarães 4)

É claro que a reivindicação de uma nova *centralidade* passa pela



comparação com os possíveis concorrentes à mesma posição, à escala do País, em que a região de Aveiro é apresentada como a única região comparável, em desenvolvimento industrial, ao Vale do Ave, e à escala regional, em que Guimarães se distingue das outras cidades do mesmo nível (médio), colocando-se numa posição superior. Primeiro no interior do Vale do Ave e, em segundo lugar, face a Braga. A afirmação de uma semelhança com o Porto permite sublinhar ainda mais essa superioridade regional. Vejamos uma citação que resume o trabalho conceptual de organização das hierarquias:

"(...) portanto Paços de Ferreira é mais agrícola, mais rural. Quanto a Braga : menos industrial, mais rural. Quanto ao Porto : igual. Sensivelmente igual. (...) o Porto é o único confronto que é igual."  
(Guimarães 4)

Braga, a capital do distrito a que Guimarães pertence, é a única cidade reconhecida como verdadeiramente concorrente. Nas suas representações, os vimaranenses desenvolvem várias representações que visam anular essa concorrência ameaçadora. Podemos apresentar alguns exemplos : face à concorrência politicamente real de Braga, um entrevistado orienta-a espacialmente para o Norte, de forma a excluí-la da área de influência de Guimarães. Mais tarde, tendo de lhe reconhecer uma competência relacionada com o seu recente desenvolvimento urbano, *coloca-a simbolicamente à distância*, classificando os seus habitantes de diferentes. Vejamos as citações relativas à representação descrita :

"(...) há quem diz que Braga é a alternativa ao Porto, é lógico que eles o digam, mas não me parece. Portanto, há uma série de serviços que são necessários, esta é verdadeiramente a zona que tem uma grande influência. Também porque Braga tem outra zona de influência, que é mais virada para o Norte Interior." (Guimarães 1)

"Conhecemos bem os de Braga. Trata-se de uma cidade que evolui mais do ponto de vista urbanístico, o que lhe deu outras características. É provável que isso se distinga. Entre nós, entre nós, eu não posso dizer que haja traços a partir dos quais se possa dizer : aqueles são de Guimarães." (Guimarães 1)

O terceiro bloco de operações espaciais organiza as relações entre o Vale do Ave e a Região do Grande Porto. Primeiro, o Porto surge como o único centro cuja força centrípeta é reconhecida por Guimarães, sendo que esta operação permite também o afastamento de Braga, que comparativamente revela ausência de força centrípeta. Em segundo lugar, o Grande Porto é apresentado como uma região-problema e a Região do Vale do Ave é proposta como uma região alternativa. Também aqui podemos apresentar algumas citações :

"Bom, Guimarães está mais numa situação de dependência funcional, em termos económicos, mais do Porto do que de Braga. Posso mesmo dizer que não depende de Braga. A dependência em relação ao Porto

funciona por causa da existência de um porto, há o porto de Leixões ao lado. É uma grande cidade onde Guimarães pode obter, em termos de equipamento, ferramentas, materiais, tudo o que não tem. (...) existe uma ligação a Braga como existe uma ligação a Vila Nova de Famalicão, que fica à mesma distância. Quer dizer, não existe um fenómeno importante de dependência mútua, ou de apoio mútuo, as duas cidades não funcionam em termos complementares."

(Guimarães 2)

"Neste momento existe um desenvolvimento excessivo da cidade do Porto (...). A ideia que existe, por razões de planeamento, é não deixar Famalicão e Santo Tirso integrar a Região do Porto, (...) criar uma alternativa possível relativamente às pessoas do interior, que de um modo geral tendem a ir em direcção ao Porto procurar o que não têm nas suas terras." (Guimarães 2)

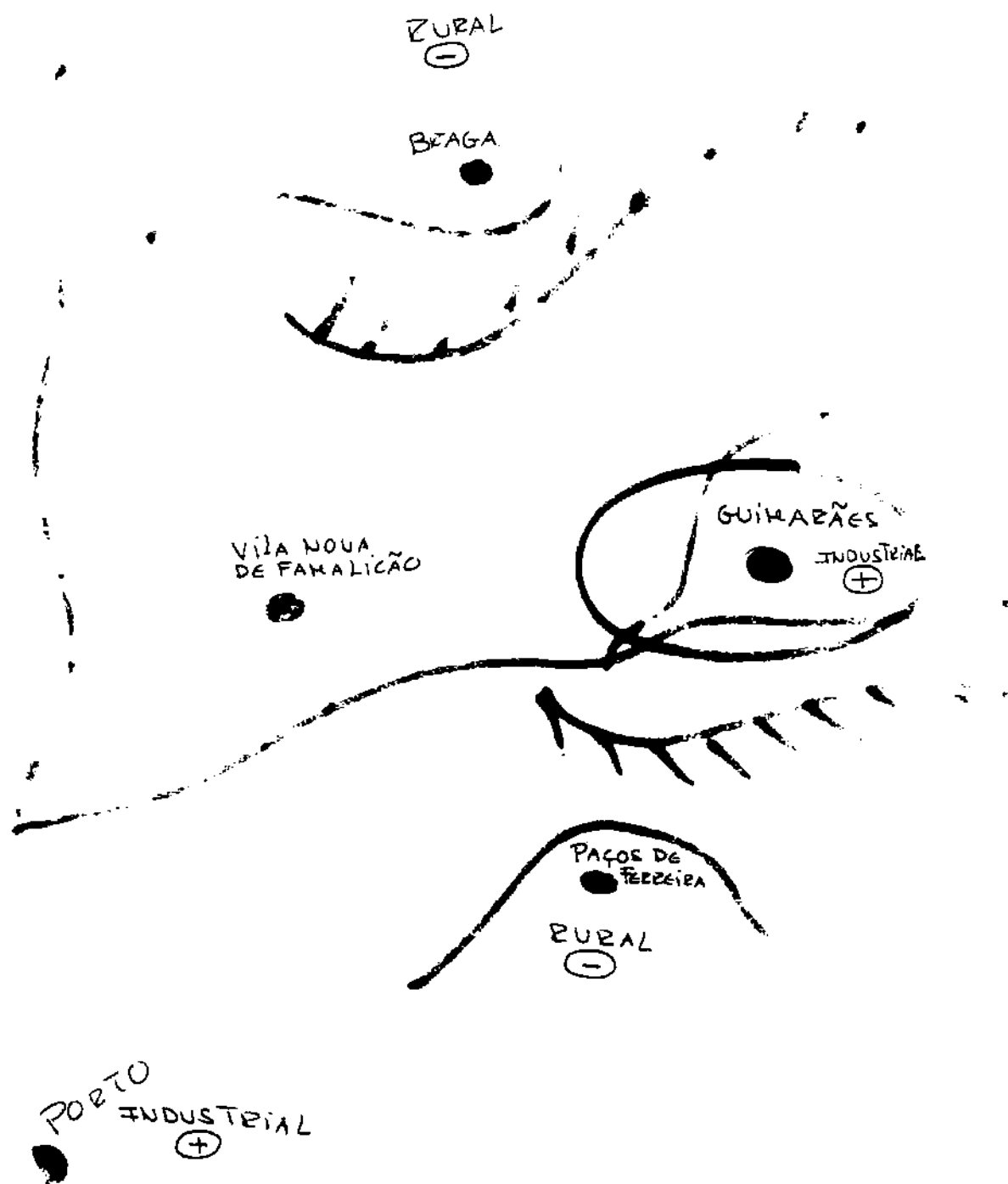


Figura 10.- Região Norte : hierarquia de pólos urbanos

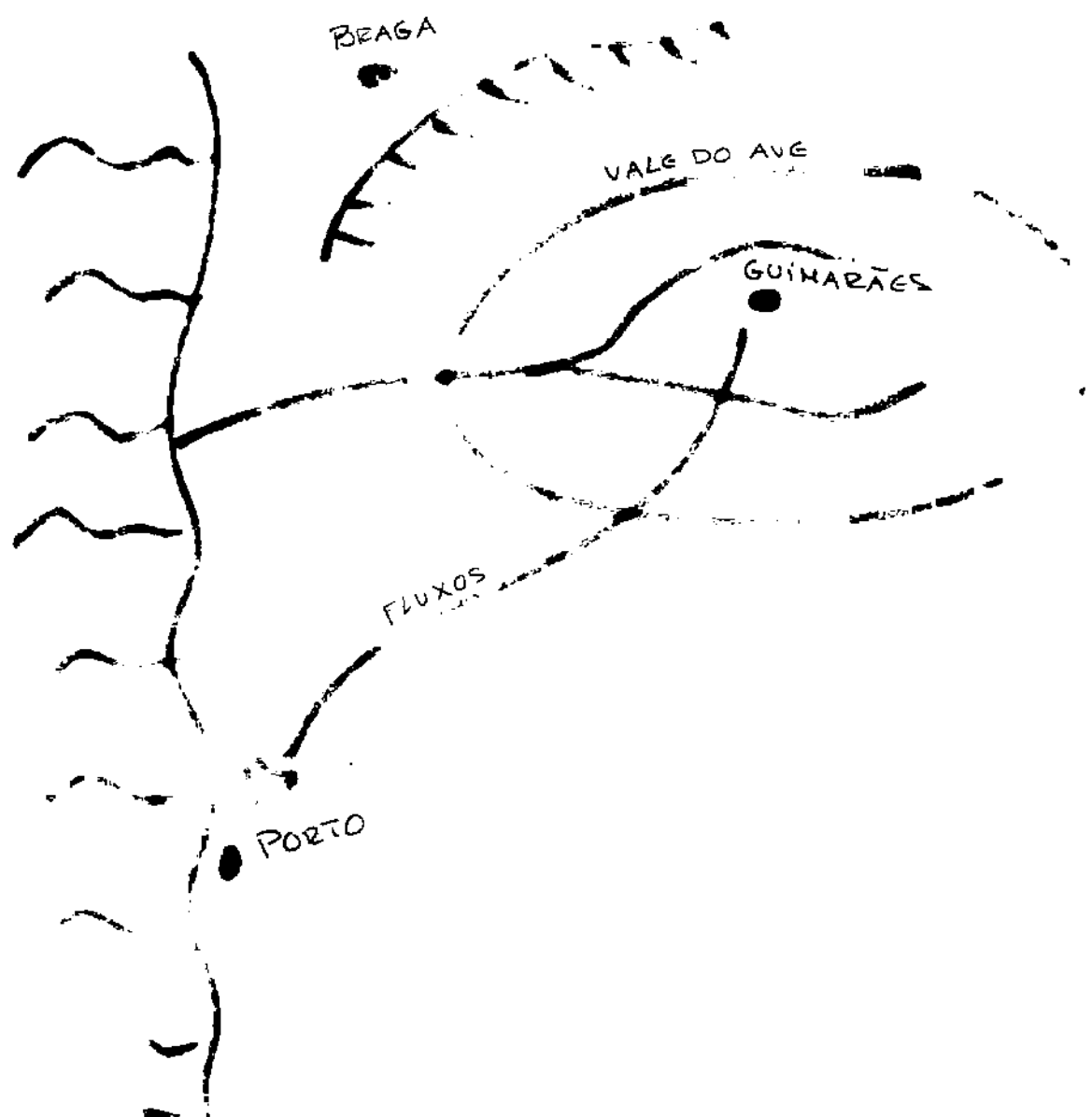


Figura 11.- Região Norte : afastamento de Braga e aproximação funcional ao Porto.

## **NOVOS GÊNEROS DE VIDA E REVALORIZAÇÃO DO RURAL**

P.- Então a juventude já não liga a festas?

R.- Não. Esta juventude agora é, por exemplo, nos cafés. Ainda às vezes berro com as minhas filhas porque não gosto que elas vão para os cafés. Mas elas vá, é só ao domingo.

P.- E como é? Elas vão mais assim para as outras terras ou vão mais para a cidade ao domingo?

R.- Não. Não vão para a cidade. Elas dizem que não gostam da cidade porque vão para lá todos os dias.

P.- Ficam por aqui?

R.- Sim. Umas vezes ficam por aqui, outras vezes vão até às Taipas. É conforme." (Guimarães 3)

A abordagem das transformações do território passa, necessariamente, por uma abordagem dos novos *gêneros de vida*. Tal como dissemos, pretendemos compreender a forma como o espaço se organiza em função de uma situação particular, em que os *gêneros de vida* tradicionais se articulam com os *gêneros de vida* modernos. A urbanização transformou a globalidade das relações espaciais da Região ao introduzir uma dinâmica em que a relação *centro/periferia* se multiplica devido ao aparecimento de uma rede de pequenos centros urbanos. Além dessa *centralidade não-concentrada*, há ainda que considerar a questão da difusão mediática dos *gêneros de vida* urbanos, que opera mesmo nas zonas mais isoladas. Os dois fenómenos, aparecimento de novos *centros* e

difusão dos *géneros de vida* urbanos pela totalidade do território, conduzem a uma situação particular, aparentemente paradoxal : uma vez adquirido um certo nível de *urbanidade*, a atracção do centro urbano parece diminuir, verificando-se um maior investimento nas zonas periféricas, acompanhado de uma negociação social com vista à implantação dos *géneros de vida* urbanos nas *periferias*. Este processo está intimamente ligado à existência de uma rede alargada de relações, nacionais e internacionais, associada à emigração e às trocas de produtos e informações. O extracto da entrevista que abre este capítulo, relativo a uma emigrante que habita em Fermentões - uma freguesia que apesar de estar incluída nos limites da cidade de Guimarães mantém muitas características rurais -, é reveladora dessa transformação dos *géneros de vida*. Apesar da difusão dos *géneros de vida* urbanos (os jovens preferem os cafés e já não ligam a festas populares), o comentário, crítico, mas de consentimento, sobre a vida das filhas revela a eficácia de uma sociabilidade tradicional ainda operante, apesar de contestada.

A transformação dos *géneros de vida* está associada a uma transformação global do espaço. Basicamente ao aparecimento de uma *organização de tipo rede*, por oposição a uma *organização tradicional*, mais enraizada e sedentária, e a uma transformação, mais localizada, dos *espaços públicos e semiprivados* <sup>2</sup>, das suas características e das suas relações com os espaços envolventes. O *café* é um espaço emblemático

---

<sup>2</sup> O processo de urbanização produz uma pulverização do espaço público, que deixa de ser claramente colectivo para passar a ser semiprivado. Organiza-se a partir de unidades espaciais relativamente independentes, percorridas por uma vida colectiva de visibilidade reduzida (Neves e Silvano 1990; Silvano 1994).

dessa transformação. Começa por substituir a taberna, lugar tradicionalmente associado à sociabilidade masculina. Num primeiro momento, mantém-se exclusivamente associado à masculinidade, mas a uma sociabilidade de um novo tipo, mais operária do que camponesa, e mais urbana do que rural. Posteriormente, a negociação entre homens e mulheres relativa à ocupação do *espaço público* faz-se, justamente, em torno do *espaço semiprivado* do café. A crítica consentida da emigrante de Fermentões revela que esse processo de negociação se mantém. As jovens da aldeia, e neste caso particular as operárias criadas em França, são os actores sociais dessa negociação, transformadora das delimitações sexuais dos *espaços semiprivados*. A fixação nas periferias da *sociabilidade não-privada* está intimamente relacionada com a transformação dos *géneros de vida* e com a sua expressão nos *espaços públicos e semiprivados*. Vejamos a continuação da citação anterior :

"P.- E as suas filhas, como já viveram em França, o que é que elas dizem disto?

R.- Elas? Bom, elas o que dizem nem vale a pena dizer. Elas só dizem que não gostam de certas pessoas, que gostam do País e tudo, mas que, bom, que às vezes, que as pessoas aqui são muito, fazem critica, é o que elas dizem.

P.- A senhora, por exemplo, como já esteve lá fora já viu outras coisas. Acha que quando voltam vêm diferentes?

R.- Ah, sim, sim. Vêm muito diferentes.

P.- Em quê?



R.- Em quê? Vá, por exemplo : já não se faz tanta crítica. (...) Lá já se vem habituado a tudo, a ver tudo. não é? Uma rapariga e um rapaz, às vezes, por exemplo, vão agarrados na rua. A gente já não liga nenhuma. Mas aqui não. Já se ... as pessoas aqui já fazem críticas." (Guimarães 3)

Do ponto de vista funcional, a *mobilidade*, traduzida pela acessibilidade e a modernização do consumo, justifica, segundo os entrevistados, a fixação nas periferias urbanas. Esta opção corresponde, no entanto, à manutenção de uma clara *colocação-à-distância* relativamente à cidade. A cidade continua a ser um local marcado pela diferença, onde se vai em momentos específicos e por razões específicas. A entrevista da habitante de Fermentões é particularmente esclarecedora desse mecanismo de distanciamento. Apesar da proximidade da cidade, a entrevistada concebe uma diferença clara entre o seu *espaço de centração*, ao qual atribui características específicas de ruralidade, que valoriza positivamente, e a cidade, que surge como um *espaço de referência* claramente distinto. Vejamos ainda uma citação da mesma entrevistada:

"P.- Nunca pensou na possibilidade de ter a sua casa, por exemplo, no centro de Guimarães?

R.- Não.

P.- Gosta mais aqui?

R.- Gosto mais dela aqui. Bem, e há outra ... mesmo para as crianças, bem, é mais saúde do que viver na cidade, não?

P.- Embora já não esteja muito longe.

R.- Não. Há autocarro até aqui. Sim, o autocarro vem até ali, se for preciso a gente depressa se mete no autocarro e vai e vem, não é? E mesmo dantes, quando nem havia talhos e padarias, vá, era as padeiras pelas portas. Hoje há talhos, há padarias, há aqui tudo, como há assim numa cidade. E por isso não há razão para estar a viver na cidade. Não acha?" (...) (Guimarães 3)

Apesar, ou por causa, de o processo de urbanização, que se traduz na difusão dos *géneros de vida* urbanos pela totalidade do território, continuar a transformar a região, os entrevistados de Guimarães fazem uma afirmação positiva da sua especificidade rural. Os autarcas, por exemplo, valorizam positivamente aquilo a que chamam as marcas rurais da Região, contrapondo-as às características exclusivamente urbanas da Região do Porto, valorizadas negativamente. No estudo de Vizela e, sobretudo, no de Santa Eulália, veremos que se trata de uma representação global, associada à constituição das *identidades colectivas*, sobretudo das localidades com mais características rurais.

"Eu penso que hoje viver numa grande cidade constitui um drama (...). Eu creio que hoje a cidade do Porto é insuportável para viver. Como todas as cidades onde há uma grande indústria. Mesmo aqui, no centro urbano, há muitas pessoas que não querem viver aqui, e gostam de poder viver na periferia. Quando eu disse que esta zona era a alternativa ao Porto, não queria dizer propriamente a cidade, municipalidade de Guimarães, mas toda a região do Vale do Ave. Eu penso que a região

do rio Ave tem características muito próprias. Com Guimarães, com Famalicão e com Santo Tirso, toda esta zona é uma zona que tem características próprias. Não é por acaso que as fábricas aparecem nesta zona (...). É que viver no Porto e nos seus arredores é verdadeiramente um drama. E nós, a nossa luta é nessa perspectiva : que a nossa Região se possa desenvolver como alternativa à outra. Não é para a substituir, mas como alternativa, porque possui todas as características próprias para isso. Não só uma tradição, mas o rio Ave, que é um bem que nos une a todos. É nessa perspectiva que defendemos a Região do Vale do Ave." (Guimarães 1)

## **GUIMARÃES - AINDA UMA CIDADE TRADICIONAL E JÁ UMA CIDADE MODERNA**

P.- O que é que as pessoas daqui vão fazer à cidade?

R.- Vão, talvez fazer coisas ... por exemplo, vão à praça, que é onde se compra mais barato. E, vá, como hoje estava também para ir lá, para comprar o bilhete para a minha filha ir a França, e assim. São coisas, há coisas que a gente tem, vá, tem de ir mesmo. Não acha?

P.- Mas, e os mercados aqui. O mercado melhor é o mercado da cidade?

R.- Ah pois é. Quer-se dizer, o mercado melhor é o da cidade. Porque embora, vá, aparecem às vezes umas lavradeiras a vender, mas é sempre

mais caro. A gente indo lá à praça, sempre tem mais onde escolher que comprando aqui. É em Guimarães. É quando há feira em Guimarães. Por exemplo hoje, sexta-feira." (Guimarães 3)

A cidade de Guimarães mantém uma *centralidade tradicional*, fortemente ligada aos serviços, ao comércio e à vida ritual. Podemos dizer que Guimarães manteve, apesar das transformações recentes, algumas das características do burgo medieval (Mumford 1964). A actual importância dos mercados semanais, tal como a importância das festas da cidade, inicialmente associadas ao comércio de gado, são exemplos de continuidade no tipo de relações que a cidade mantém com o seu território. Nesse sentido, mantém-se um certo fechamento da cidade em relação ao exterior. O *espaço periférico* desenvolve uma dinâmica específica, que se baseia na constituição de pequenos centros, e a relação com a cidade faz-se em regime de excepção, sendo a relação *centro/periferia* dobrada pela oposição *cidade/campo*. É evidente que o território de Guimarães se organiza também através de outro tipo de relações, nomeadamente de carácter funcional. Na cidade estão localizadas algumas das empresas que empregam os habitantes da periferia, o que implica a existência de movimentos pendulares diários. Mas, dada a dispersão das empresas por outros núcleos urbanos de nível inferior, Guimarães não surge como um pólo único e privilegiado.

A *centralidade* de Guimarães está fortemente associada aos *acumuladores simbólicos* que referimos no início : o *mito de fundação* encontra-se associado à imagem do centro da cidade (que é o centro

histórico), as Gualterianas constituem o momento de maior atracção global da cidade e o Vitória de Guimarães atrai, sempre que joga em casa, uma significativa parte da população masculina.

Começemos pelo centro histórico. O presidente da Câmara, ao responder à questão " *O que é que mostraria de Guimarães a um estrangeiro?* ", faz uma descrição, sob a forma de um percurso, do centro histórico da cidade.

"Há uma semana passou por cá um casal francês que vinha com um casal de emigrantes. Eu levei-os à Pousada da Oliveira. Não sei se ouviu falar, é uma maravilha. Eles ficaram maravilhados. Levei-os ao Castelo, aos Passos do Duque de Bragança. Mostrei-lhes a nossa feira, a zona antiga das fábricas de curtumes. As características antigas. A zona medieval da Praça de Santiago e do Largo da Oliveira. E a sensação que eu via neles era uma sensação de satisfação, porque eles estavam contentes de ver estas características próprias da cidade de Guimarães". (Guimarães 1)

Quanto às Gualterianas, são apresentadas como as festas que mobilizam a totalidade do concelho, não só os habitantes permanentes mas também, e sobretudo, os emigrantes. Hoje, são eles os principais protagonistas do ritual que reúne, uma vez por ano, toda a comunidade. Além dessa função unificadora da comunidade as Gualterianas são também apresentadas como um momento incomparável que atrai "milhares de estrangeiros". Podemos concluir que as festas da cidade, além de

unificarem o seu território através da força unificadora do ritual, ainda alargam infinitamente os limites da sua acção espacial, visto que atraem populações que, em teoria, podem ser originárias de qualquer lugar no mundo (são apenas classificadas como estrangeiras). Quanto ao Vitória de Guimarães, trata-se de um ponto de confluência dos investimentos afectivos do território vimaranense. É menos globalizante e menos mobilizador do que as Gualterianas, visto que não implica toda a comunidade e não se condensa numa só manifestação anual, mas permanece como um fundo de *identidade* que se ritualiza de forma contínua ao longo do ano. Os homens deslocam-se para a *bola* como as mulheres para as feiras e mercados. Festas, feiras, mercados e futebol todos são momentos rituais privilegiados para a cidade exercer tradicionalmente o seu poder de atracção.

Do ponto de vista das representações, a modernidade de Guimarães está fortemente associada ao seu desenvolvimento industrial. Os seus habitantes colocam-se no *centro* (porque o polarizam) de um *espaço funcional* cujos limites alargam, virtualmente, ao mundo inteiro. A este respeito, veja-se a entrevista do presidente da Câmara:

"O facto de Guimarães ser uma cidade altamente industrializada, tal como toda a sua região envolvente, faz com que haja numerosos contactos de ordem comercial, de Guimarães com o estrangeiro. Com todos os países do mundo: a América, o Japão, a África, a Europa. (...) Há, portanto, muitas pessoas que vêm a Guimarães para tratar de negócios. Isso é o resultado de Guimarães ser o que ela é verdadeiramente." (Guimarães 1)

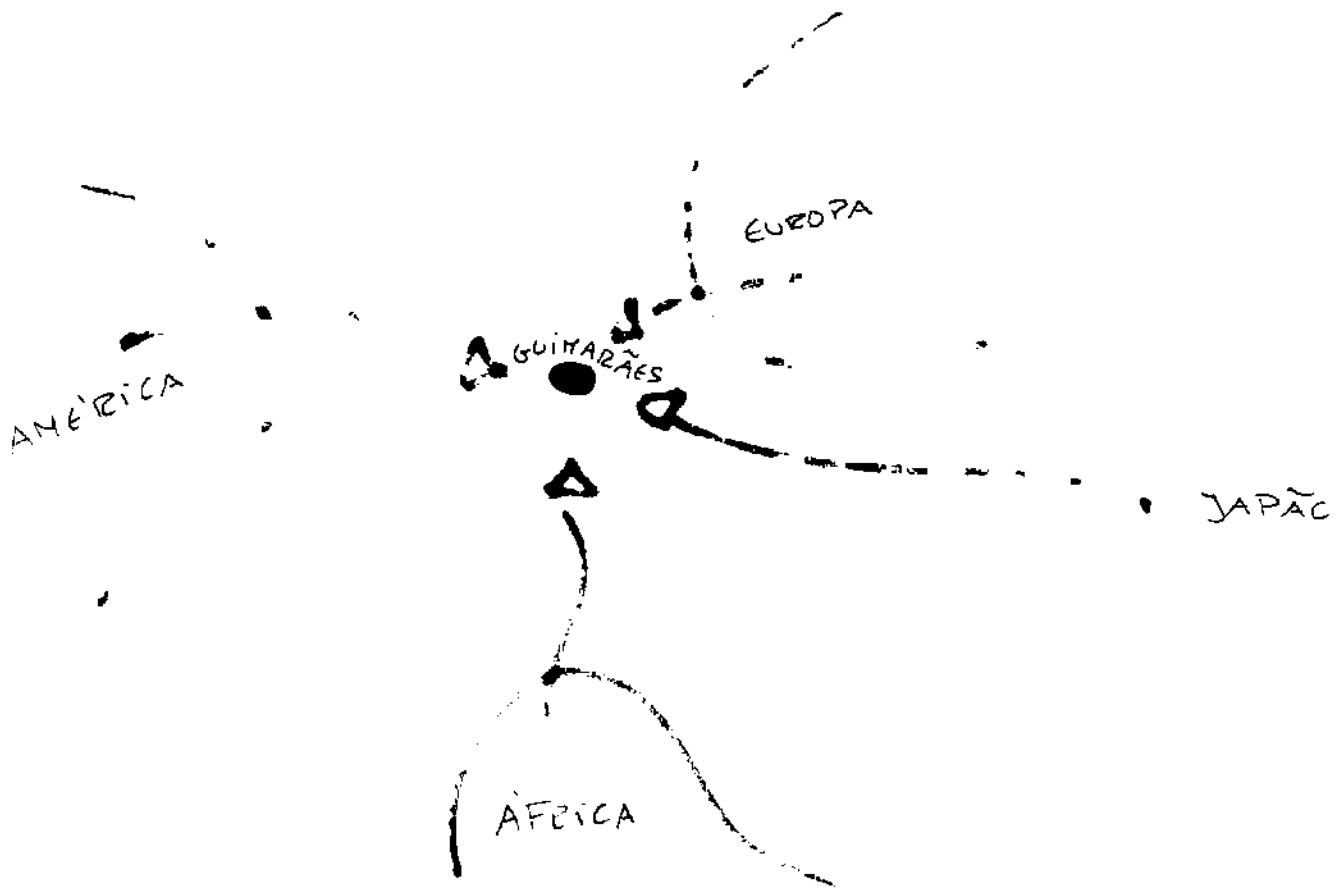


Figura 12.- *Espaço de contração* : organizado por uma colocação ao centro, à escala mundial.

Associada a essa representação, formalmente centripeta e fortemente autocentrada, está uma outra, de certo modo inversa, que concebe um *espaço de referência* funcional, também alargado à quase totalidade do mundo. Esta segunda configuração concebe um *espaço rede* internacional, moderno e vocacionado para a *mobilidade*. No seu interior, a cidade encontra a sua própria posição através de relações de complementaridade e concorrência. Essa colocação tem necessariamente de ser descentrada, uma vez que a cidade, em vez de ser o centro de uma região, passa a ser um centro entre muitos, no interior de um *espaço global*.

organizado por uma lógica de múltiplas centralidades. A duplicidade manifestada na representação da escala internacional corresponde à permanente articulação entre as duas lógicas, a que propusemos chamar de *enraizamento* e *cosmopolitismo* (Neves e Silvano 1990). A forte *centração* sobre o local, que está presente em todas as escalas de representação do espaço, é articulada com uma *descentralização* e abertura que se revela sobretudo à escala internacional. A análise de dados aponta para o carácter económico desta lógica de tipo funcional, visto Guimarães apresentar, mais do que as outras localidades em estudo, uma concepção funcional da economia. O futuro da cidade depende da forma como gerir a articulação entre a lógica de *centração* e a lógica de *descentração*. Manter o seu território significa gerir o equilíbrio entre uma *centralidade tradicional*, ligada como vimos ao comércio, aos serviços e à vida ritual, e uma *centralidade moderna*, exercida à distância, mas catalisadora de desenvolvimentos endógenos. Esta segunda *centralidade* está directamente relacionada com a gerência do espaço internacional e das trocas económicas que aí se desenvolverem. A cidade manterá tanto mais o seu território quanto melhor exercer o papel de mediador nas relações com o exterior.





## ***VILA DE VIZELA***

---

### **UM NOVO ESPAÇO DE INCLUSÃO**

#### **NOTA PRÉVIA**

O estudo da espacialidade de Vizela inicia-se, tal como o de Guimarães, pela análise de dados. Os cruzamentos efectuados são os seguintes (cft fim do capítulo) : quadros ***nº1.2.*** (cruzamento e ***chi2***), totalidade dos temas, em bloco, e totalidade dos modos de **espacialização**, em bloco (São João e São Miguel), quadros ***nº1.2.1.*** (cruzamento e ***chi2***), totalidade dos temas, em bloco, e totalidade dos **modos de espacialização**, em bloco (São João), quadros ***nº1.2.2.*** (cruzamento e ***chi2***), totalidade dos temas, em bloco, e totalidade dos **modos de espacialização**, em bloco (São Miguel). Quadros ***nº2.2.*** (cruzamento e ***chi2***), totalidade dos temas, em detalhe, e totalidade dos **modos de espacialização**, em bloco (São João e São Miguel), quadros ***nº2.2.1.*** (cruzamento e ***chi2***), totalidade dos temas, em detalhe, e totalidade dos **modos de espacialização**, em bloco (São João), quadros ***nº2.2.2.*** (cruzamento e ***chi2***), totalidade dos temas, em detalhe, e totalidade dos

**modos de espacialização**, em bloco (São Miguel). Quadros **nº4** (cruzamento e **chi2**), **temas**, em bloco, e três **localidades**. Quadros **nº5** (cruzamento e **chi2**), **modos de espacialização** em bloco, e três **localidades**. Quadros **nº4.1.** (cruzamento e **chi2**), **temas**, em bloco, e quatro **localidades**. Quadros **nº5.1.** (cruzamento e **chi2**), **modos de espacialização**, em bloco, e quatro **localidades**. O cluster **nº3** refere-se aos cruzamentos do quadro **nº1.2.**, o cluster **nº5** refere-se aos cruzamentos do quadro **nº1.2.1.** e o cluster **nº6** refere-se aos cruzamentos do quadro **nº1.2.2.**

## **VIZELA : UMA VILA HETEROGÉNEA ?**

No capítulo de análise dos quadros de conjunto, vimos que a vila de Vizela constitui um todo coerente. Podemos, no entanto, apontar algumas características que distinguem as duas freguesias inquiridas : São Miguel de Vizela cobre a maior parte do centro da vila e é uma freguesia marcadamente urbana. São João de Vizela é mais periférica e, conseqüentemente, mais rural. O estudo individualizado de cada uma das freguesias leva-nos a detectar, ao nível da representação do espaço, algumas especificidades, que propomos relacionar com as características que acabámos de referir.

São Miguel focaliza a sua representação na problemática da constituição do centro urbano (organizador da mobilidade da região

envolvente), enquanto São João se fixa na problemática administrativa (exclusão do concelho de Guimarães e inclusão no projectado concelho de Vizela). As duas problemáticas associam-se numa espacialidade global, que representa o espaço de inclusão social e simbólica já existente, ao mesmo tempo que projecta um novo espaço de inclusão administrativa, correspondente aos limites do primeiro. Vizela representa-se como o centro urbano organizador do espaço de conjunto assim delimitado.

Como já dissemos, os dados relativos à Vila de Vizela cobrem duas freguesias (São João de Vizela e São Miguel de Vizela), que podem ser tratadas, do ponto de vista do inquérito, isoladamente. Ao fazê-lo obtemos quatro amostras (Guimarães, Santa Eulália, São João e São Miguel), comparadas no interior dos quadros *nº4.1.* e *nº5.1.* Verificamos então que as duas freguesias de Vizela apresentam, quer nos *temas* quer nos *modos de espacialização*, uma distribuição autónoma dos desvios.

Os quadros dos desvios *nº4* e *nº5* (em que Vizela é tratada em bloco) mostram que, comparativamente a Guimarães e a Santa Eulália, Vizela fala, relativamente aos *temas*, menos de *população* (-20.03) e mais de *sociedade* (+5.79), e relativamente aos modos de espacialização, mais de *exclusão* (+16.54) e menos de *inclusão* (-7.24). O quadro dos desvios *nº4.1.* indica-nos que o desvio negativo relativo à *população* é mais significativo em São João (-47.33), enquanto o desvio positivo relativo à *sociedade* apresenta, em São Miguel (+5.43) e em São João (+1.11), valores relativamente próximos. Por sua vez, o quadro dos desvios *nº5.1.* indica-nos que o desvio positivo relativo à *exclusão* é mais significativo em São João (+97.18). São

Miguel apresenta um novo desvio positivo, na casa das *relações funcionais* (+14.75), que enfraquece a importância relativa da *inclusão* (-14.79) e da *exclusão* (-15.02).

Coloca-se a hipótese de uma sobredeterminação da representação de conjunto, da responsabilidade de São João de Vizela, visto que os dois desvios mais importantes dos quadros *nº4* e *nº5* [*população* (-20.03) e *exclusão* (+16.54)] são ainda mais significativos quando São João aparece tratado individualmente [*população* (-47.33) e *exclusão* (+97.18)]. A análise relativa aos dados internos a cada uma das duas freguesias mostra que assim não é, visto que as grandes linhas de construção das representações são comuns. O facto é que as problemáticas são conjuntas, evidenciando-se mais numa ou noutra das duas freguesias. Face a esta clivagem, aplicámos o seguinte método de trabalho : fizemos a análise dos quadros que dizem respeito às duas freguesias tratadas em conjunto e, quando considerámos necessário, estudámos o peso de cada uma na representação geral.

### **NEM INCLUSÃO NEM EXCLUSÃO : ANTES UM NOVO ESPAÇO (O EFEITO *DOUBLE BIND*)**

Tal como Guimarães (e, como veremos, Santa Eulália), Vizela concentra uma parte da sua espacialidade em torno da questão da divisão administrativa. A sua construção é, no entanto, única na complexidade que apresenta, merecendo por isso uma análise detalhada. Caracteriza-se por

realizar um encadeamento sintagmático que parte de uma situação (actual e de facto) valorizada negativamente para chegar (em termos projectivos) a uma situação valorizada positivamente. Trata-se, portanto, de uma espacialidade dinâmica, organizada em torno da ideia de transformação do espaço actual.

Começamos pelo desvio que distancia, de forma evidente, Vizela das outras duas localidades : a *exclusão espacial* [quadro *nº5*. (+16.54)]. Observando o seu comportamento no interior do quadro dos desvios *nº1.2.*, que opera o cruzamento dos *modos de espacialização* com os *temas*, ambos tratados em bloco, verifica-se uma intersecção preferencial com o *político* (+8.63), tema que, por sua vez, apresenta desvios positivos no cruzamento com a *inclusão* (+34.37) e com as *relações formais* (+2.37). Constatamos que aquilo a que chamámos o núcleo central da problemática do terreno mantém-se em Vizela, tal como se mantinha em Guimarães. A temática *política*, espacializada pela *inclusão*, a *exclusão* e as *relações formais*, centraliza mais uma vez as representações.

Se compararmos com os quadros equivalentes (relativos à totalidade das localidades, a Guimarães e a Santa Eulália - *nº1*, *nº1.1.* e *nº1.3.*), verificamos que Vizela apresenta os mesmos desvios positivos, mas que estes são menos importantes do que no quadro geral e mais importantes do que nos quadros de Guimarães e de Santa Eulália. Concluimos que a temática do nosso terreno é comum a todas as localidades, sendo, no entanto, mais significativa em Vizela.

A dinâmica espacial que comporta a *inclusão* e a *exclusão* é, no caso da representação do espaço da vila, claramente central. Ela surge

organizada em dois momentos, ambas associadas aos dois *modos de espacialização*, a que chamaremos configuração actual e configuração projectada : a primeira é valorizada de forma negativa e a segunda positivamente.

Começando por analisar a presença da *inclusão* nas duas configurações apresentadas, conclui-se que ela espacializa a actual pertença administrativa ao concelho de Guimarães (que é recusada, e por isso valorizada negativamente) e a pertença de diferentes localidades ao projectado e reivindicado concelho de Vizela (valorizada positivamente). Quanto à *exclusão*, ela espacializa a actual situação de abandono administrativo por parte de Guimarães (valorizada negativamente) e o projectado abandono do concelho de Guimarães, indispensável à criação do concelho de Vizela (valorizado positivamente). Nos dois casos as valorizações opõem-se : a *inclusão* e a *exclusão* actuais são negativas e a *inclusão* e a *exclusão* projectadas são positivas. Se compararmos as duas freguesias (quadros dos desvios *nº1.2.1.* e *nº1.2.2.*, cruzamento *político/inclusão*) verificamos a presença dos dois desvios, sendo que São João dá, claramente, mais significado à *inclusão* (+17.90), enquanto São Miguel se reparte pelas duas espacializações, *inclusão* (+14.89) e *exclusão* (+13.17).

A ordenação sintagmática da representação do espaço (que implica a passagem da *exclusão* à *inclusão*) parece estar presente, de forma mais evidente, em São Miguel. Este facto está associado à questão do confronto com Guimarães (focalizado na representação da *exclusão espacial*), que é protagonizado pela freguesia que engloba o centro urbano da vila. São

Miguel identifica-se, mais do que São João, com a imagem de Vizela, vila rival da cidade de Guimarães (relembremos que esta rivalidade é histórica), e, por isso, fixa-se mais na questão da *exclusão*, *modo de espacialização* que dá forma a essa mesma rivalidade. Em contrapartida, a freguesia mais rural fixa-se na questão da *inclusão* espacial (no que se aproxima, como veremos, da aldeia de Santa Eulália).

A representação do espaço administrativo actual aproxima-se da situação descrita pelo adágio popular: "*preso por ter cão e preso por não ter*". Vizela pertence ao concelho de Guimarães, o que está mal, visto que rejeita essa *inclusão*. A sede do concelho "não lhe liga nenhuma", e isso também está mal, porque Vizela não quer esse tipo de *exclusão*. Estamos face a uma situação que podemos aproximar, por referência a Gregory Bateson (1980), do *Double Bind*. Segundo este autor, as referidas situações podem estar na base da esquizofrenia, mas também podem ser propícias à inovação : alguns indivíduos criaram, para fugir ao *duplo constrangimento* (neste caso, da *inclusão* e da *exclusão* actuais, valorizadas negativamente) uma resposta inovadora. Nesta perspectiva, podemos afirmar que Vizela evidencia, manifestamente, um comportamento inovador ao projectar uma representação espacial orientada, em que uma nova *exclusão* precede uma nova *inclusão*. A representação inicia-se numa situação negativa e termina, após a sua liquidação, numa situação positiva. Excluir-se do concelho de Guimarães significa poder criar um novo espaço de *inclusão* - o concelho de Vizela - e resolver o duplo constrangimento inicial, provocado pelas modalidades negativas da *inclusão* e da *exclusão*. A dinâmica do projecto espacial de Vizela é mais complexa, mas deixamos a análise das outras



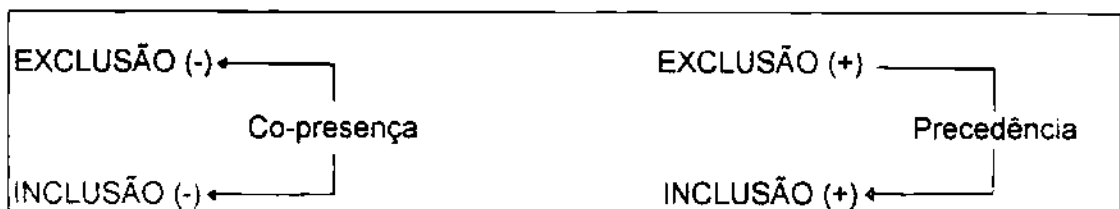
componentes (que implicam, basicamente, uma leitura a diferentes escalas de representação e uma leitura da relação *centro/periferia*) para o capítulo da interpretação descritiva.

Passemos ao quadro dos desvios *nº2.2.*, que cruza as operações com os temas detalhados, para analisar o comportamento das operações *inclusão* e *exclusão*. Verificamos que a *inclusão* se distribui pelos dois *subtemas* do *político* [*administração* (+32.21) e *planificação* (+8.59)] e por três *subtemas* da *temporalidade* [*projecto* (+9.46), *liquidação da falta* (+2.85) e *criação da falta* (+0.46)]. Por sua vez, a *exclusão* distribui-se pelos dois *subtemas* do *político* [*administração* (+11.26) e *planificação* (+0.73)] e por três *subtemas* da *temporalidade* [*projecto* (+18.04), *permanência da falta* (+3.16) e *liquidação da falta* (+1.54)]. A articulação, num eixo sincrónico, de uma situação negativa (de *inclusão* e *exclusão*, associadas preferencialmente à *criação* e à *permanência da falta*) com uma situação positiva (de *exclusão* seguida de *inclusão*, associadas ao *projecto* e à *planificação*) explica os desvios que acabam de ser descritos.

A configuração espacial do *político* poderá resumir-se no esquema seguinte <sup>1</sup>:

CONFIGURAÇÃO ACTUAL  
MODOS DE ESPACIALIZAÇÃO

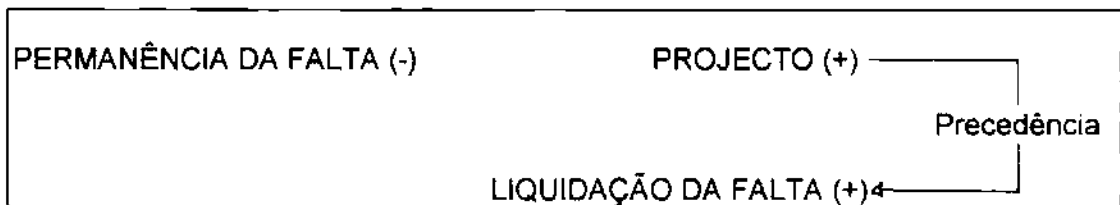
CONFIGURAÇÃO PROJECTADA  
MODOS DE ESPACIALIZAÇÃO



As valorizações temporais correspondentes são as seguintes:

CONFIGURAÇÃO ACTUAL  
TEMPORALIDADE

CONFIGURAÇÃO PROJECTADA  
TEMPORALIDADE



<sup>1</sup> Esta configuração é muito próxima da configuração espacial de Barcouço (Silvano 1988 : cap. 3.3.3.)

A problemática espacial de Vizela não se reduz, no entanto, a uma espacialização do *político*. Associadas à problemática da *inclusão* e da *exclusão* territoriais surgem outras temáticas. As mais significativas dizem respeito à criação de um espaço de conjunto, que tenha pertinência social e simbólica, o que implica a *exclusão* relativa a outros espaços de conjunto, nomeadamente daquele que Guimarães pretende centralizar.

Observação mais detalhada da *exclusão espacial*, a partir da análise hierárquica de *cluster*, revela-nos tratar-se de uma operação bastante regular, no que diz respeito à sua distribuição temática. No *cluster nº4*, ela aparece em todos os cruzamentos (que compreende valores entre 2 e 59), o que quer dizer que, embora não sendo uma operação muito citada, ela adquire significado na regularidade das citações, em relação aos diferentes temas. O quadro dos desvios permite-nos, no interior dessa regularidade, fazer uma triagem : a *exclusão* cruza-se, com mais pertinência, com o *político* (já sabíamos que apresenta um desvio de **(+8.63)**, correspondente a 34 citações), com a *história* [(**+4.18**), 59 citações] e com a *sociedade* [(**+0.68**), 45 citações]. Para além da *exclusão* política encontramos ainda a *exclusão* social e a *exclusão* histórica, ambas significativas, e associadas à problemática central do terreno.

## FORMAS E SENTIDOS PARA A CENTRALIDADE VIZELENSE

A criação de um novo espaço de conjunto passa pela sua gestão funcional, mais concretamente pela gestão dos fluxos de pessoas, mercadorias e informações. Ao constituir-se como pólo urbano, a vila de Vizela (e, como vimos, mais particularmente a freguesia de São Miguel) representa-se no centro de um espaço dinâmico, por ela organizado.

A análise hierárquica de *cluster*, relativa ao quadro dos cruzamentos **nº1.2.**, revela, sobretudo quando a comparamos com a análise do quadro de conjunto (**nº1**), a importância do cruzamento *relações funcionais/sociedade*. Em Vizela, este cruzamento aparece no primeiro *cluster* (que agrupa os valores mais elevados), enquanto no quadro de conjunto só é visível no segundo. No quadro dos desvios **nº1.2.**, o mesmo cruzamento aparece com um desvio de **(+12.62)**, o terceiro mais importante do quadro. Se comparamos os quadros relativos às duas freguesias (**nº1.2.1.** e **nº1.2.2.**), verificamos que, relativamente à análise hierárquica e aos desvios, o cruzamento das *relações funcionais* com a *sociedade* é mais importante em São Miguel [144 citações, *cluster* **nº1** e desvio de **(+6.92)**] do que em São João [90 citações, *cluster* **nº2** e desvio de **(+5.11)**].

Tal como foi referido anteriormente, a problemática espacial de Vizela apresenta uma componente social muito significativa. Aqui, essa componente social apresenta-se relacionada com o espaço funcional e associa-se a uma componente económica, que se manifesta, ao nível dos dados, no cruzamento *relações funcionais/economia* [275 citações, *cluster* **nº1** e desvio de **(-5.62)**], e a uma componente populacional, que se

manifesta no cruzamento *relações funcionais /população* [102 citações, *cluster nº2* e desvio de (+26.03)]. Analisando mais detalhadamente a componente social e populacional do espaço funcional de Vizela, o quadro *nº2.2.* apresenta, no cruzamento *integração social/relações funcionais* [100 citações e um desvio de (+11.21)], no cruzamento *deslocação-da-população/relações funcionais* [150 citações e um desvio de (+90.06)] e no cruzamento *composição-da-população/relações funcionais* [88 citações e desvio de (+19.65)].

Concluimos que a vila afirma a existência de uma centralidade que se define pela *integração social*, pela *mobilidade de grupos* específicos de população e pelas *relações económicas*. As *relações sociais de integração*, a *mobilidade* e as *relações económicas* são a substância de uma forma espacial organizada pela relação *centro / periferia*.

Tal como no quadro geral (*nº1*), o *tema história* aparece, em Vizela, como o segundo *tema* mais citado. Já observámos o seu comportamento, no interior da configuração actual e da configuração projectiva do espaço político. Cabe aqui uma pequena observação, relativa ao seu comportamento no interior da composição formal do espaço. O quadro dos desvios *nº1.2.* apresenta, no cruzamento *relações formais/história*, um desvio de (-0.27), correspondente a 70 citações. No entanto, quando observamos o quadro dos desvios *nº2.2.*, observamos que as *relações formais* apresentam desvios negativos em todos os subtemas da *história*, com excepção de um - a *memória* - que apresenta um desvio de (+1.77), correspondente a 26 citações.

Este desvio positivo refere-se à importância da *memória colectiva* na composição formal do território de Vizela. Na análise dos quadros relativos à totalidade do terreno havíamos referido a importância das *relações formais*, sobretudo quando associadas ao tema *político*. Em Vizela, essa situação mantém-se: a *memória colectiva* da vila compõe um espaço formal - que associa ao conceito de *paisagem* e marca com *lugares de memória* (capela, vestígios pré-romanos) - correspondente aos limites do projectado concelho de Vizela.

QUADRO Nº1.2. (CRUZAMENTO)

VILA DE VIZELA - Totalidade dos temas (em bloco)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

The SPSS/PC+ system file is read from  
file \mena2\minhoca.sps  
The file was created on 5/21/93 at 18:30:39  
and is titled labels des variables  
The SPSS/PC+ system file contains  
1813 cases, each consisting of  
41 variables (including system variables).

Vila de Vizela	cruzamento : temas/modos de espacialização			
	POPULATION	SOCIETE	ECONOMIE	HISTOIRE
INCLUSION	10 2.4% 4.7%	80 19.1% 12.6%	141 33.7% 13.0%	101 24.2% 14.0%
EXCLUSION	2 1.1% .9%	45 24.1% 7.1%	47 25.1% 4.3%	59 31.6% 8.2%
RESSEMBLANCE	64 7.9% 30.2%	149 18.4% 23.4%	333 41.1% 30.6%	203 25.0% 28.1%
DIFFERENCE	17 4.3% 8.0%	63 16.1% 9.9%	178 45.4% 16.4%	100 25.5% 13.8%
REL FONCTION	102 11.7% 48.1%	234 26.8% 36.8%	275 31.5% 25.3%	190 21.8% 26.3%
REL FORMEL	17 5.5% 8.0%	65 21.1% 10.2%	113 36.7% 10.4%	70 22.7% 9.7%
total colonne	212 7.1% 100.0%	636 21.3% 100.0%	1087 36.4% 100.0%	723 24.2% 100.0%

(continued)

Vila de Vizela		total ligne
	POLITIQUE	
INCLUSION	86 20.6% 26.1%	418 100.0% 14.0%
EXCLUSION	34 18.2% 10.3%	187 100.0% 6.3%
RESSEMBLANCE	62 7.6% 18.8%	811 100.0% 27.1%
DIFFERENCE	34 8.7% 10.3%	392 100.0% 13.1%
REL FONCTION	71 8.1% 21.5%	872 100.0% 29.2%
REL FORMEL	43 14.0% 13.0%	308 100.0% 10.3%
total colonne	330 11.0% 100.0%	2988 100.0% 100.0%



QUADRO N°1.2.(CHI2)

VILA DE VIZELA - Totalidade dos temas (em bloco)/totalidade dos modos de especialização (em bloco)

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	10	80	141	101	86
exclusion	2	45	47	59	34
ressemblan	64	149	333	203	62
difference	17	63	178	100	34
rel foncti	102	234	275	190	71
rel formel	17	65	113	70	43

TABLEAU DES ECARTS

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	(-) 13.03	(-) 0.90	(-) 0.80	(-) 0.00	(+) 34.37
exclusion	(-) 9.57	(+) 0.68	(-) 6.50	(+) 4.18	(+) 8.63
ressemblan	(+) 0.73	(-) 3.23	(+) 4.89	(+) 0.23	(-) 8.49
difference	(-) 4.20	(-) 5.01	(+) 8.79	(+) 0.28	(-) 1.99
rel foncti	(+) 26.03	(+) 12.62	(-) 5.62	(-) 2.09	(-) 6.65
rel formel	(-) 1.08	(-) 0.00	(+) 0.01	(-) 0.27	(+) 2.37

CHI-2 = 173.24

QUADRO N°1.2.1. (CRUZAMENTO)

S.JOÃO DE VIZELA - Totalidade dos temas (em bloco)/totalidade dos modos de especialização (em bloco)

The SPSS/PC+ system file is read from  
file \mena2\minhoca.sps  
The file was created on 5/21/93 at 18:30:39  
and is titled labels des variables  
The SPSS/PC+ system file contains  
1813 cases, each consisting of  
41 variables (including system variables).  
41 variables will be used in this session.

S.João de Vizela	cruzamento : temas/modos de especialização			
	POPULATION	SOCIETE	ECONOMIE	HISTOIRE
modes ENSEMBLE	2 .9% 3.4%	37 15.9% 12.5%	75 32.3% 14.1%	67 28.9% 17.6%
EXCLUSION	2 1.4% 3.4%	34 23.0% 11.4%	42 28.4% 7.9%	47 31.8% 12.4%
RESSEMBLANCE	20 5.4% 34.5%	73 19.6% 24.6%	150 40.2% 28.2%	94 25.2% 24.7%
DIFFERENCE	6 3.1% 10.3%	32 16.5% 10.8%	83 42.8% 15.6%	52 26.8% 13.7%
REL FONCTION	21 6.1% 36.2%	90 26.1% 30.3%	124 35.9% 23.3%	79 22.9% 20.8%
REL FORMEL	7 4.6% 12.1%	31 20.4% 10.4%	58 38.2% 10.9%	41 27.0% 10.8%
total colonne	58 4.0% 100.0%	297 20.6% 100.0%	532 36.8% 100.0%	380 26.3% 100.0%

(continued)

S.João de Vizela		total ligne
	POLITIQUE	
INCLUSION	51 22.0% 28.8%	232 100.0% 16.1%
EXCLUSION	23 15.5% 13.0%	148 100.0% 10.2%
RESSEMBLANCE	36 9.7% 20.3%	373 100.0% 25.8%
DIFFERENCE	21 10.8% 11.9%	194 100.0% 13.4%
REL FONCTION	31 9.0% 17.5%	345 100.0% 23.9%
REL FORMEL	15 9.9% 8.5%	152 100.0% 10.5%
total colonne	177 12.3% 100.0%	1444 100.0% 100.0%

QUADRO N°1.2.1. (CHI2)

S. JOAO DE VIZELA - Totalidade dos temas (em bloco)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	2	37	75	67	51
exclusion	2	34	42	47	23
ressemblan	20	73	150	94	36
difference	6	32	83	52	21
rel foncti	21	90	124	79	31
rel formel	7	31	58	41	15

TABLEAU DES ECARTS

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	(-) 5.75	(-) 2.41	(-) 1.28	(+) 0.58	(+) 17.90
exclusion	(-) 2.62	(+) 0.42	(-) 2.88	(+) 1.66	(+) 1.30
ressemblan	(+) 1.68	(-) 0.18	(+) 1.15	(-) 0.18	(-) 2.07
difference	(-) 0.41	(-) 1.56	(+) 1.86	(+) 0.02	(-) 0.32
rel foncti	(+) 3.68	(+) 5.11	(-) 0.08	(-) 1.53	(-) 3.01
rel formel	(+) 0.13	(-) 0.00	(+) 0.07	(+) 0.02	(-) 0.71

CHI2 = 60.58

QUADRO Nº1.2.2.(CRUZAMENTO)

S. MIGUEL DE VIZELA - Totalidade dos temas (em bloco)/totalidade dos modos de especialização (em bloco)

The SPSS/PC+ system file is read from  
file \mena2\minhoca.sps  
The file was created on 5/21/93 at 18:30:39  
and is titled labels des variables  
The SPSS/PC+ system file contains  
1813 cases, each consisting of  
41 variables (including system variables).  
41 variables will be used in this session.

S. Miguel de Vizela	cruzamento : temas/modos de especialização			
	POPULATION	SOCIETE	ECONOMIE	HISTOIRE
INCLUSION	8 4.3% 5.2%	43 23.1% 12.7%	66 35.5% 11.9%	34 18.3% 9.9%
EXCLUSION		11 28.2% 3.2%	5 12.8% .9%	12 30.8% 3.5%
RESSEMBLANCE	44 10.0% 28.6%	76 17.4% 22.4%	183 41.8% 33.0%	109 24.9% 31.8%
DIFFERENCE	11 5.6% 7.1%	31 15.7% 9.1%	95 48.0% 17.1%	48 24.2% 14.0%
REL FONCTION	81 15.4% 52.6%	144 27.3% 42.5%	151 28.7% 27.2%	111 21.1% 32.4%
REL FORMEL	10 6.4% 6.5%	34 21.8% 10.0%	55 35.3% 9.9%	29 18.6% 8.5%
total colonne	154 10.0% 100.0%	339 22.0% 100.0%	555 35.9% 100.0%	343 22.2% 100.0%

(continued)

S.Miguel de Vizela		total ligne
	POLITIQUE	
INCLUSION	35 18.8% 22.9%	186 100.0% 12.0%
EXCLUSION	11 28.2% 7.2%	39 100.0% 2.5%
RESSEMBLANCE	26 5.9% 17.0%	438 100.0% 28.4%
DIFFERENCE	13 6.6% 8.5%	198 100.0% 12.8%
REL FONCTION	40 7.6% 26.1%	527 100.0% 34.1%
REL FORMEL	28 17.9% 18.3%	156 100.0% 10.1%
total colonne	153 9.9% 100.0%	1544 100.0% 100.0%

QUADRO N.º 1.2.2. (CHI2)

S. MIGUEL DE VIZELA - Totalidade dos temas (em bloco)/totalidade dos modos de especialização (em bloco)

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	8	43	66	34	35
exclusion	0	11	5	12	11
ressemblan	44	76	183	109	26
difference	11	31	95	48	13
rel foncti	81	144	151	111	40
rel formel	10	34	55	29	28

TABLEAU DES ECARTS

	morphologi	société	economie	histoire	politique
ensemble	(-) 6.00	(+) 0.11	(-) 0.01	(-) 1.30	(+) 14.89
exclusion	(-) 3.89	(+) 0.69	(-) 5.80	(+) 1.28	(+) 13.17
ressemblan	(+) 0.00	(-) 4.23	(+) 4.15	(+) 1.41	(-) 6.98
difference	(-) 3.88	(-) 3.58	(+) 7.98	(+) 0.37	(-) 2.23
rel foncti	(+) 15.38	(+) 6.92	(-) 7.80	(-) 0.32	(-) 2.86
rel formel	(-) 1.99	(-) 0.00	(-) 0.02	(-) 0.92	(+) 10.17

CHI2 = 128.34

QUADRO N:2.2.(CRUZAMENTO)

VILA DE VIZELA - Totalidade dos temas (em detalhe)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

	inclusion	exclusion	ressemblan	difference	relfonctio	relformel
comp pop	7	1	46	14	88	17
tail pop	3	1	18	3	14	0
depl pop	9	3	21	11	150	27
rela soc	35	25	47	22	79	20
inté soc	19	8	60	15	100	23
coex soc	26	12	42	26	55	22
prim eco	33	8	67	30	37	21
seco eco	19	2	60	36	43	21
tert eco	62	28	138	74	147	55
tert eco	27	9	68	38	48	16
memo his	16	7	58	21	64	26
pman his	21	19	83	27	49	15
cman his	9	2	20	7	12	4
lman his	24	11	22	27	32	12
proj his	31	20	20	18	33	13
adm poli	62	26	37	29	50	26
pla poli	24	8	25	5	21	17



## QUADRO N=2.2. (CHI2)

VILA DE VIZELA - Totalidade dos temas (em detalhe)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

	inclusion	exclusion	ressemblan	difference	relfunctio	relformel
comp pop	(-) 11.15	(-) 8.34	(+) 0.03	(-) 2.75	(+) 19.65	(-) 0.06
tail pop	(-) 0.92	(-) 0.74	(+) 6.15	(-) 0.74	(+) 0.20	(-) 4.07
depl pop	(-) 14.16	(-) 7.77	(-) 23.00	(-) 10.11	(+) 90.06	(+) 0.67
rela soc	(+) 0.72	(+) 9.80	(-) 2.48	(-) 1.54	(+) 0.56	(-) 0.61
inté soc	(-) 4.00	(-) 2.13	(+) 0.05	(-) 6.22	(+) 11.21	(-) 0.01
coex soc	(+) 0.11	(+) 0.13	(-) 0.63	(+) 0.40	(-) 0.18	(+) 0.44
prim eco	(+) 1.84	(-) 1.12	(+) 5.15	(+) 1.18	(-) 10.35	(+) 0.01
seco eco	(-) 1.07	(-) 7.09	(+) 3.64	(+) 7.75	(-) 3.72	(+) 0.23
tert eco	(-) 0.38	(-) 0.11	(+) 0.41	(+) 1.81	(-) 1.14	(+) 0.11
tert eco	(-) 0.01	(-) 0.84	(+) 3.99	(+) 5.69	(-) 4.73	(-) 1.41
memo his	(-) 3.57	(-) 1.68	(+) 1.36	(-) 0.40	(+) 0.13	(+) 1.77
pman his	(-) 1.96	(+) 3.16	(+) 13.65	(+) 0.00	(-) 5.38	(-) 2.41
cman his	(+) 0.46	(-) 0.45	(+) 2.57	(+) 0.01	(-) 1.57	(-) 0.48
lman his	(+) 2.85	(+) 1.54	(-) 3.77	(+) 7.43	(-) 1.88	(-) 0.14
proj his	(+) 9.46	(+) 18.04	(-) 6.43	(+) 0.06	(-) 2.32	(-) 0.08
adm poli	(+) 32.21	(+) 11.26	(-) 8.59	(+) 0.00	(-) 7.38	(+) 0.16
pla poli	(+) 8.59	(+) 0.73	(-) 0.03	(-) 4.55	(-) 3.69	(+) 4.12

CHI2 = 481.89

QUADRO N°2.2.1. (CRUZAMENTO)

S.JOÃO DE VIZELA - Totalidade dos temas (em detalhe)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

	inclusion	exclusion	ressemblan	difference	relfonctio	relformel
comp pop	1	1	14	4	14	7
tail pop	1	1	6	2	7	0
depl pop	2	2	9	3	38	9
rela soc	17	17	29	13	39	9
inté soc	4	5	22	7	28	9
coex soc	16	12	22	12	23	13
prim eco	10	7	19	11	10	10
seco eco	11	2	28	15	21	9
tert eco	37	25	76	43	65	34
tert eco	17	8	27	14	28	5
memo his	9	5	15	12	19	12
pman his	10	13	43	14	20	9
cman his	7	1	8	1	3	1
lman his	15	10	13	15	17	8
proj his	26	18	15	10	20	11
adm poli	40	18	23	19	26	13
pla poli	11	5	13	2	5	2

QUADRO N°2.2.1. (CHI2)

S. JOÃO DE VIZELA - Totalidade dos temas (em detalhe)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

	inclusion	exclusion	ressembla	different	relfuncio	relformel
comp po	(-) 4.52	(-) 2.33	(+) 1.25	(-) 0.34	(+) 1.23	(+) 1.57
tail pop	(-) 1.02	(-) 0.28	(+) 0.66	(-) 0.02	(+) 1.66	(-) 1.82
depl pop	(-) 6.19	(-) 2.91	(-) 3.04	(-) 3.33	(+) 30.20	(+) 0.77
rela soc	(-) 0.26	(+) 1.76	(-) 0.19	(-) 0.64	(+) 1.78	(-) 1.36
inté soc	(-) 5.02	(-) 0.81	(+) 0.47	(-) 0.80	(+) 4.19	(+) 0.12
coex soc	(+) 0.04	(+) 0.52	(-) 0.33	(-) 0.05	(-) 0.15	(+) 0.61
prim eco	(-) 0.02	(+) 0.02	(+) 0.24	(+) 0.57	(-) 2.90	(+) 1.13
seco eco	(-) 0.41	(-) 5.03	(+) 1.76	(+) 1.26	(-) 0.03	(-) 0.00
tert eco	(-) 0.96	(-) 0.30	(+) 0.36	(+) 1.12	(-) 0.53	(+) 0.56
tert eco	(+) 0.17	(-) 0.35	(+) 0.14	(+) 0.09	(+) 0.32	(-) 2.94
memo his	(-) 0.43	(-) 0.65	(-) 0.58	(+) 0.71	(+) 0.03	(+) 2.41
pman his	(-) 2.83	(+) 0.43	(+) 8.55	(-) 0.00	(-) 2.14	(-) 0.60
cman his	(+) 4.29	(-) 0.57	(+) 1.35	(-) 1.11	(-) 1.02	(-) 0.69
lman his	(+) 0.69	(+) 0.64	(-) 2.32	(+) 2.26	(-) 0.40	(-) 0.01
proj his	(+) 7.06	(+) 6.50	(-) 4.22	(-) 0.72	(-) 1.15	(+) 0.01
adm poli	(+) 15.71	(+) 1.25	(-) 4.25	(+) 0.04	(-) 2.46	(-) 0.23
pla poli	(+) 4.41	(+) 0.39	(+) 1.18	(-) 1.77	(-) 2.25	(-) 1.05

CHI2 = 192.84

## QUADRO Nº2.2.2. (CRUZAMENTO)

S. MIGUEL DE VIZELA - Totalidade dos temas (em detalhe)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

	inclusion	exclusion	ressemblan	difference	relfonctio	relformel
comp pop	6	0	32	10	74	10
tail pop	2	0	12	1	7	0
depl pop	7	1	12	8	112	18
rela soc	18	8	18	9	40	11
inté soc	15	3	38	8	72	14
coex soc	10	0	20	14	32	9
prim eco	23	1	48	19	27	11
seco eco	8	0	32	21	22	12
tert eco	25	3	62	31	82	21
tert eco	10	1	41	24	20	11
memo his	7	2	43	9	45	14
pman his	11	6	40	13	29	6
cman his	2	1	12	6	9	3
lman his	9	1	9	12	15	4
proj his	5	2	5	8	13	2
adm poli	22	8	14	10	24	13
pla poli	13	3	12	3	16	15

## QUADRO Nº2.2.2. (CHI2)

S.MIGUEL DE VIZELA - Totalidade dos temas (em detalhe)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

	inclusion	exclusion	ressemblan	difference	relfuncio	relformel
comp pop	(-) 5.37	(-) 3.10	(-) 0.24	(-) 2.24	(+) 12.05	(-) 0.91
tail pop	(-) 0.10	(-) 0.52	(+) 6.57	(-) 1.04	(-) 0.19	(-) 2.25
depl pop	(-) 6.65	(-) 1.98	(-) 21.22	(-) 6.47	(+) 46.78	(+) 0.21
rela soc	(+) 3.27	(+) 12.63	(-) 3.28	(-) 1.02	(+) 0.02	(+) 0.01
inté soc	(-) 0.24	(-) 0.08	(-) 0.07	(-) 5.68	(+) 4.37	(-) 0.12
coex soc	(+) 0.01	(-) 2.00	(-) 0.27	(+) 1.34	(+) 0.00	(+) 0.01
prim eco	(+) 4.79	(-) 1.36	(+) 5.66	(+) 0.73	(-) 9.48	(-) 0.36
seco eco	(-) 0.71	(-) 2.23	(+) 1.89	(+) 7.85	(-) 5.24	(+) 0.54
tert eco	(-) 0.01	(-) 0.97	(+) 0.13	(+) 0.56	(-) 0.05	(-) 0.16
tert eco	(-) 0.38	(-) 0.91	(+) 5.71	(+) 9.43	(-) 10.13	(+) 0.00
memo his	(-) 3.21	(-) 0.24	(+) 4.01	(-) 2.10	(-) 0.00	(+) 0.24
pman his	(-) 0.07	(+) 5.06	(+) 5.40	(+) 0.01	(-) 2.75	(-) 2.09
cman his	(-) 0.81	(+) 0.06	(+) 1.23	(+) 1.01	(-) 0.93	(-) 0.04
lman his	(+) 1.96	(-) 0.03	(-) 1.35	(+) 5.85	(-) 0.76	(-) 0.24
proj his	(+) 0.27	(+) 1.69	(-) 1.96	(+) 3.34	(-) 0.00	(-) 0.70
adm poli	(+) 13.22	(+) 16.06	(-) 4.21	(-) 0.09	(-) 3.02	(+) 1.47
pla poli	(+) 5.07	(+) 1.63	(-) 1.18	(-) 2.70	(-) 2.28	(+) 11.84

CHI2 = 331.75

QUADRO Nº4 (CRUZAMENTO E CHI2)  
TEMAS (EM BLOCO)/TRÊS LOCALIDADES

	GUIMARAES	STA EULALIA	VIZELA
POPULATION	100	330	212
SOCIETE	206	447	636
ECONOMIE	460	879	1087
HISTOIRE	312	586	723
POLITIQUE	191	163	330

TABEAU DES ECARTS

	GUIMARAES	STA EULALIA	VIZELA
POPULATION	(-) 4.06	(+) 41.64	(-) 20.03
SOCIETE	(-) 6.37	(-) 0.72	(+) 5.79
ECONOMIE	(-) 0.01	(+) 0.01	(-) 0.00
HISTOIRE	(+) 0.03	(+) 0.00	(-) 0.02
POLITIQUE	(+) 28.29	(-) 28.52	(+) 1.76

CHI2 = 137.26

QUADRO N°5 (CRUZAMENTO E CHI2)  
MODOS DE ESPACIALIZAÇÃO (EM BLOCO)/TRÊS LOCALIDADES

	GUIMARAES	STA EULALIA	VIZELA
INCLUSION	270	375	418
EXCLUSION	41	82	187
RESSEMBLANCE	273	567	811
DIFFERENCE	221	328	392
REL FONCT	312	740	872
REL FORM	152	313	308

TABEAU DES ECARTS

	GUIMARAES	STA EULALIA	VIZELA
INCLUSION	(+) 22.51	(-) 0.20	(-) 7.24
EXCLUSION	(-) 5.52	(-) 7.99	(+) 16.54
RESSEMBLANCE	(-) 5.47	(-) 1.41	(+) 6.71
DIFFERENCE	(+) 9.73	(-) 0.40	(-) 2.14
REL FONCT	(-) 8.10	(+) 2.97	(+) 0.10
REL FORM	(+) 0.15	(+) 4.13	(-) 4.32

CHI2 = 105.65

QUADROS N°4.1. (CRUZAMENTO E CHI2)  
TEMAS (EM BLOCO)/QUATRO LOCALIDADES

	GUIMARAES	STA EULALIA	S. JOÃO	S. MIGUEL
POPULATION	100	330	58	154
SOCIETE	206	447	297	339
ECONOMIE	460	879	532	555
HISTOIRE	312	586	380	343
POLITIQUE	191	163	177	153

TABLEAU DES ECARTS

	GUIMARAES	STA EULALIA	S. JOÃO	S. MIGUEL
POPULATION	(-) 4.06	(+) 41.64	(-) 47.33	(+) 0.18
SOCIETE	(-) 6.37	(-) 0.72	(+) 1.11	(+) 5.43
ECONOMIE	(-) 0.01	(+) 0.01	(+) 0.07	(-) 0.09
HISTOIRE	(+) 0.03	(+) 0.00	(+) 2.34	(-) 2.84
POLITIQUE	(+) 28.29	(-) 28.52	(+) 5.57	(-) 0.19

CHI2 = 174.81



QUADROS N°5.1. (CRUZAMENTO E CHI2)  
MODOS DE ESPACIALIZAÇÃO (EM BLOCO)/QUATRO LOCALIDADES

	GUIMARAES	STA EULALIA	S. JOÃO	S.MIGUEL
INCLUSION	270	375	232	186
EXCLUSION	41	82	148	39
RESSEMBLANCE	273	567	373	438
DIFFERENCES	221	328	194	198
REL FONCT	312	740	345	527
REL FORM	152	313	152	156

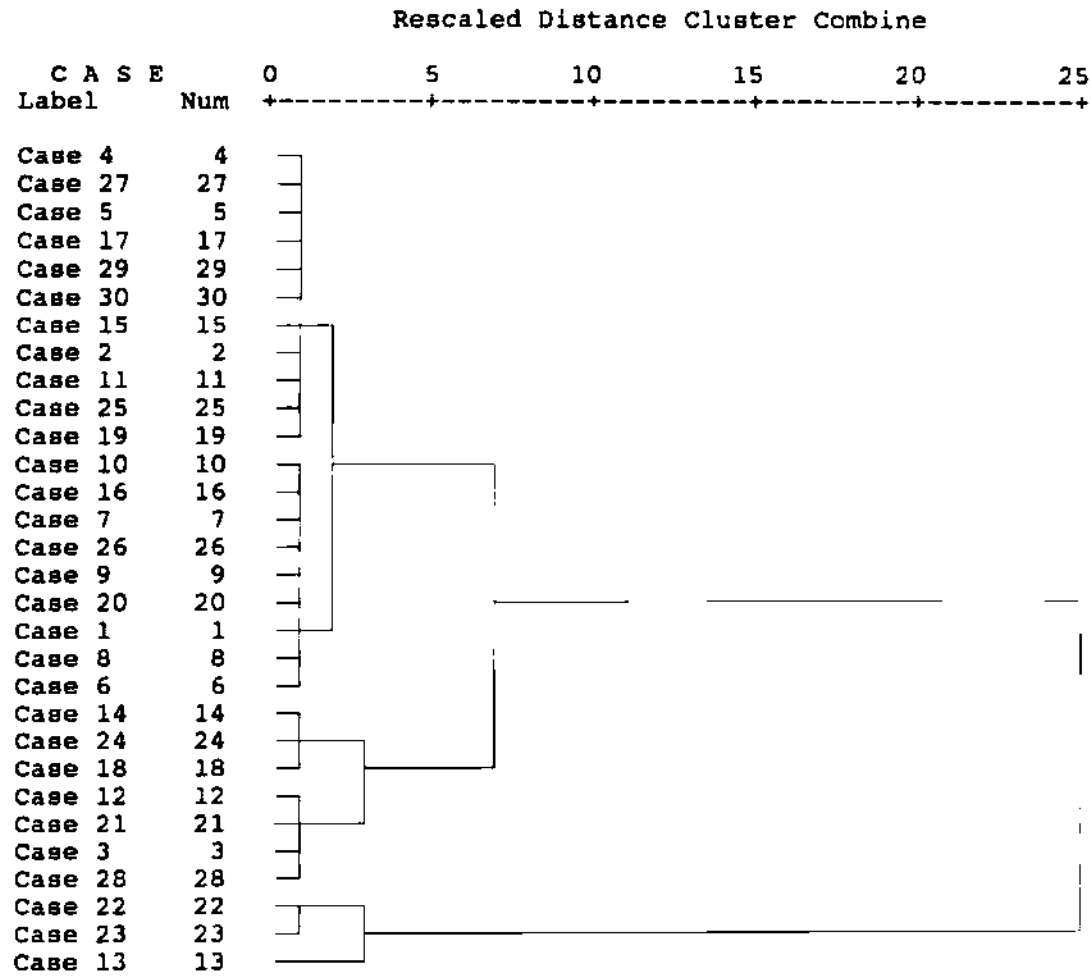
TABLEAU DES ECARTS

	GUIMARAES	STA EULALIA	S. JOÃO	S. MIGUEL
INCLUSION	(+) 22.51	(-) 0.20	(+) 0.01	(-) 14.79
EXCLUSION	(-) 5.52	(-) 7.99	(+) 97.18	(-) 15.02
RESSEMBLANCE	(-) 5.47	(-) 1.41	(+) 0.64	(+) 8.01
DIFFERENCES	(+) 9.73	(-) 0.40	(-) 0.49	(-) 1.85
REL FONCT	(-) 8.10	(+) 2.97	(-) 12.44	(+) 14.75
REL FORM	(+) 0.15	(+) 4.13	(-) 1.44	(-) 2.99

CHI2 = 238.20

\*\*\*\*\* H I E R A R C H I C A L C L U S T E R   A N A L Y S I S \*\*\*\*\*

Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)



CLUSTER n°3

	var00001
1	10.00
2	80.00
3	141.00
4	101.00
5	86.00
6	2.00
7	45.00
8	47.00
9	59.00
10	34.00
11	64.00
12	149.00
13	333.00
14	203.00
15	62.00
16	17.00
17	63.00
18	178.00
19	100.00
20	34.00
21	102.00
22	234.00
23	275.00
24	190.00
25	71.00
26	17.00
27	65.00
28	113.00
29	70.00
30	43.00

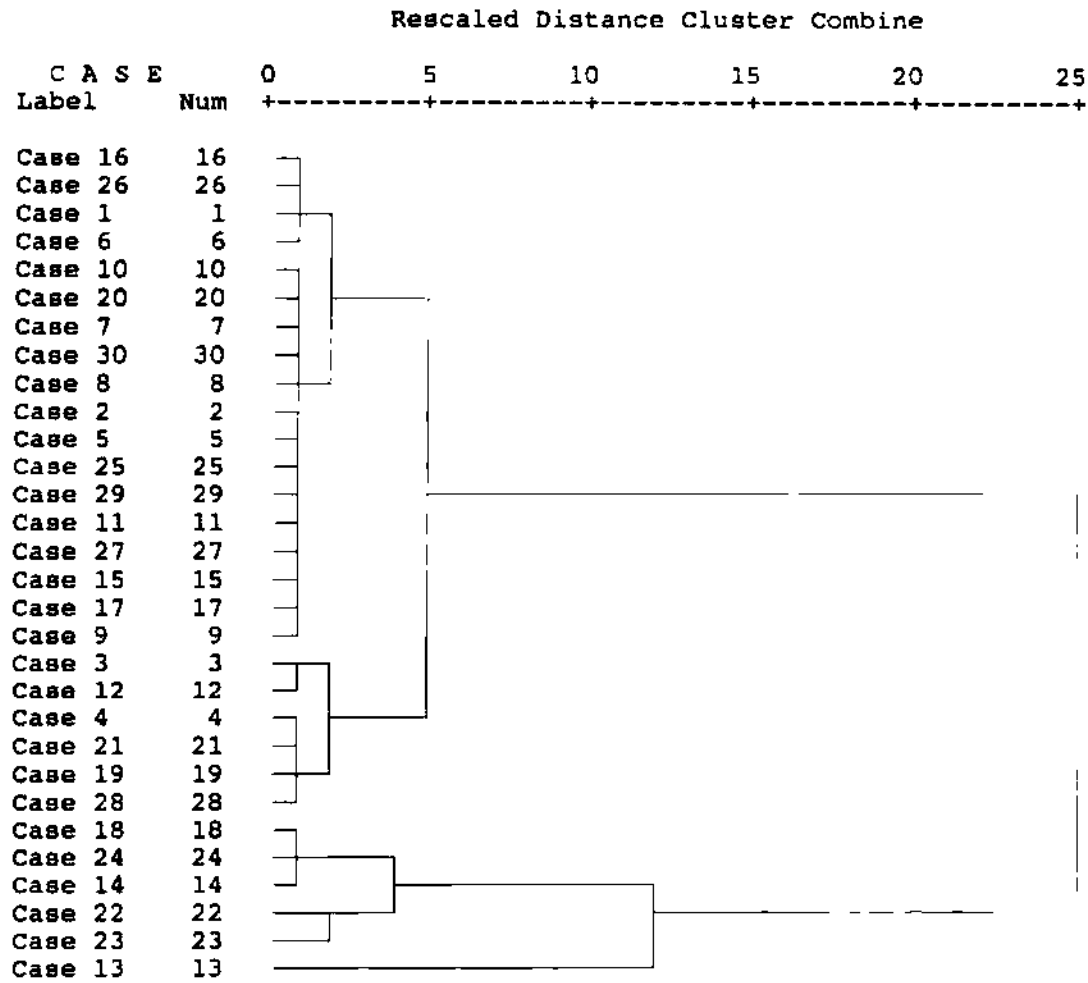
**Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)**



	var00001
1	2.00
2	37.00
3	75.00
4	67.00
5	51.00
6	2.00
7	34.00
8	42.00
9	47.00
10	23.00
11	20.00
12	73.00
13	150.00
14	94.00
15	36.00
16	6.00
17	32.00
18	83.00
19	52.00
20	21.00
21	21.00
22	90.00
23	124.00
24	79.00
25	31.00
26	7.00
27	31.00
28	58.00
29	41.00
30	15.00

\*\*\*\*\* H I E R A R C H I C A L C L U S T E R   A N A L Y S I S \*\*\*\*\*

Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)



CLUSTER n=6

var00001	
1	8.00
2	43.00
3	66.00
4	34.00
5	35.00
6	.00
7	11.00
8	5.00
9	12.00
10	11.00
11	44.00
12	76.00
13	183.00
14	109.00
15	26.00
16	11.00
17	31.00
18	95.00
19	48.00
20	13.00
21	81.00
22	144.00
23	151.00
24	111.00
25	40.00
26	10.00
27	34.00
28	55.00
29	29.00
30	28.00

QUADRO Nº1 (CRUZAMENTO)

TRÊS LOCALIDADE - Totalidade dos temas (em bloco)/totalidade dos modos de especialização (em bloco)

The SPSS/PC+ system file is read from  
file \mena2\minhoca.sps  
The file was created on 5/21/93 at 18:30:39  
and is titled labels des variables  
The SPSS/PC+ system file contains  
1813 cases, each consisting of  
41 variables (including system variables).  
41 variables will be used in this session.

Região (três localid.)	cruzamento : temas/modos de especialização			
	POPULATION	SOCIETE	ECONOMIE	HISTOIRE
INCLUSION	65 6.1% 10.1%	215 20.2% 16.7%	344 32.4% 14.2%	247 23.2% 15.2%
EXCLUSION	11 3.5% 1.7%	71 22.9% 5.5%	83 26.8% 3.4%	92 29.7% 5.7%
RESSEMBLANCE	157 9.5% 24.5%	276 16.7% 21.4%	666 40.3% 27.5%	441 26.7% 27.2%
DIFFERENCE	72 7.7% 11.2%	159 16.9% 12.3%	421 44.7% 17.4%	220 23.4% 13.6%
REL FONCTION	283 14.7% 44.1%	416 21.6% 32.3%	638 33.2% 26.3%	432 22.5% 26.7%
REL FORMEL	54 7.0% 8.4%	152 19.7% 11.8%	274 35.4% 11.3%	189 24.5% 11.7%
total colonne	642 9.6% 100.0%	1289 19.3% 100.0%	2426 36.4% 100.0%	1621 24.3% 100.0%

(continued)



Região (três localid.)		total ligne
	POLITIQUE	
INCLUSION	192 18.1% 28.1%	1063 100.0% 16.0%
EXCLUSION	53 17.1% 7.7%	310 100.0% 4.7%
RESSEMBLANCE	111 6.7% 16.2%	1651 100.0% 24.8%
DIFFERENCE	69 7.3% 10.1%	941 100.0% 14.1%
REL FONCTION	155 8.1% 22.7%	1924 100.0% 28.9%
REL FORMEL	104 13.5% 15.2%	773 100.0% 11.6%
total colonne	684 10.3% 100.0%	6662 100.0% 100.0%

## QUADRO N°1 (CHI2)

TRÊS LOCALIDADES - Totalidade dos temas (em bloco)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	65	215	344	247	192
exclusion	11	71	83	92	53
ressemblan	157	276	666	441	111
difference	72	159	421	220	69
rel foncti	283	416	638	432	155
rel formel	54	152	274	189	104

## TABLEAU DES ECARTS

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	(-) 13.68	(+) 0.42	(-) 4.80	(-) 0.52	(+) 62.91
exclusion	(-) 11.92	(+) 2.02	(-) 7.91	(+) 3.64	(+) 14.08
ressemblan	(-) 0.03	(-) 5.91	(+) 6.98	(+) 3.84	(-) 20.20
difference	(-) 3.85	(-) 2.92	(+) 17.91	(-) 0.35	(-) 7.89
rel foncti	(+) 51.36	(+) 5.14	(-) 5.60	(-) 2.79	(-) 9.16
rel formel	(-) 5.64	(+) 0.04	(-) 0.20	(+) 0.00	(+) 7.65

CHI2 = 279.38

## **VILA DE VIZELA**

---

### **TERRITÓRIO E CONTESTAÇÃO - SER CONTRA OS OUTROS**

"Fala-se muito no bairrismo da Vizela, as pessoas em Lisboa admiram-se de ver as expressões dos vizelenses, aquela força ... eu acho que esse querer muito grande de ser concelho, penso que talvez seja a característica mais notável aqui de Vizela." [S. João 1 (1993)]

Este trabalho partiu de uma ideia comprovada - a de que as *representações do espaço* integram a *identidade colectiva* - e propôs-se ilustrá-la, através de uma análise interpretativa das representações de algumas localidades colocadas em interacção. O facto de estudarmos várias localidades leva-nos a verificar que, apesar de universal, a relação *espaço/identidade* surge, nalguns casos, de uma forma mais explícita. Esta verificação convida-nos a colocar a hipótese de a referida relação ser mais pertinente para umas comunidades e menos para outras. Dito de outra maneira, há comunidades que utilizam, de forma mais evidente, a *representação do espaço* como elemento de construção das suas

identidades.

Vizela sugere, precisamente, essa hipótese. Aquilo que a distingue das outras localidades em estudo (e que torna tão evidente a relação *espaço/identidade*) é o forte investimento territorial da comunidade, que, como já dissemos, está relacionado com a problemática da divisão administrativa da região. Recordemos que a análise de dados revelou que na vila de Vizela essa problemática, comum a todo o terreno, surge, comparativamente, com mais significado. Trata-se de uma problemática comum, mas podemos dizer que ela tem origem na *representação do espaço* de Vizela, visto que é a vila que contesta a divisão administrativa existente e, ao mesmo tempo, propõe uma divisão alternativa, obrigando assim as outras duas localidades a tomar posição face a essa atitude (Guimarães, porque é a sede do concelho que Vizela quer abandonar, e Santa Eulália, porque é proposta para integrar o concelho que Vizela pretende criar). Pensamos que a especificidade da *representação do espaço* de Vizela se prende com a contestação da *inclusão* administrativa e foi em torno desse facto que desenhámos a interpretação da sua espacialidade.

A recusa da *inclusão* administrativa aproxima Vizela da problemática geral da apropriação do espaço e das manifestações sociais e afectivas que lhe estão associadas. Neste caso, trata-se de não reconhecer a apropriação efectuada por Guimarães e de, ao mesmo tempo, projectar uma nova apropriação, a efectuar por Vizela. O conceito de *territorialidade* comporta, quando aplicado à observação de casos deste tipo, algumas interacções produtivas, que têm sido assinaladas por vários autores. Jean Remy e

Liliane Voyé, por exemplo, que afirmam : *"La territorialité nous apparaît en effet comme étant un concept opératoire pour dégager la conjonction d'une multiplicité de variables et poser le problème de l'agression et de la violence en liaison avec l'appropriation"* (Remy e Voyé 1981 : 207). A afirmação, quando aplicada ao caso de Vizela, é absolutamente pertinente, visto que a questão da apropriação levou a comunidade a desencadear actos colectivos de violência. Esse comportamento é historicamente recorrente e surge como um elemento central das narrativas que constituem/reproduzem a identidade vizelense. Um extracto da intervenção na Assembleia da República, em Maio de 1982, do deputado do P.P.M. (Partido Popular Monárquico) António Moniz, ilustra bem a componente narrativa desse comportamento : *"Desde a fundação que as populações de Riba Vizela vêm construindo um espírito de autonomia, sedimentado na luta contra divisões administrativas alheias à realidade. As suas reivindicações acabavam por obter êxito. Mal se verificava a constituição do concelho, logo a gente de Riba Vizela embainhava a espada, para voltar aos seus trabalhos de populações pacíficas e simples."* (Pacheco 1984 : 203)

No interior das interacções que o conceito de *territorialidade* sugere está sempre presente, de forma directa, ou indirecta, a questão do poder. Nessa linha, Raffestin propõe que se associe a dinâmica de *construção/contestação* do território à questão dos limites espaciais impostos pelo poder : *"C'est pourquoi la territorialité constitue la pierre d'achoppement des découpages ; "conventionnels" ces découpages ne sont pas nécessairement satisfaisants du point de vue existentiel. Lorsque le maillage est "voulu" par un pouvoir, celui-ci s'efforce de choisir le système*

*qui correspond le mieux à son projet, quitte à bouleverser l'existence de ceux qui y sont soumis, à moins que ceux-ci ne ressaisissent leur pouvoir pour s'y opposer. Toute période de crise, toute insurrection, toute révolution se traduisent par des modifications plus ou moins fortes des systèmes de limites. Cela devient le nouveau quadrillage dans lequel s'instaure de gré ou de force une nouvelle territorialité." (Raffestin 1980 : 153)*

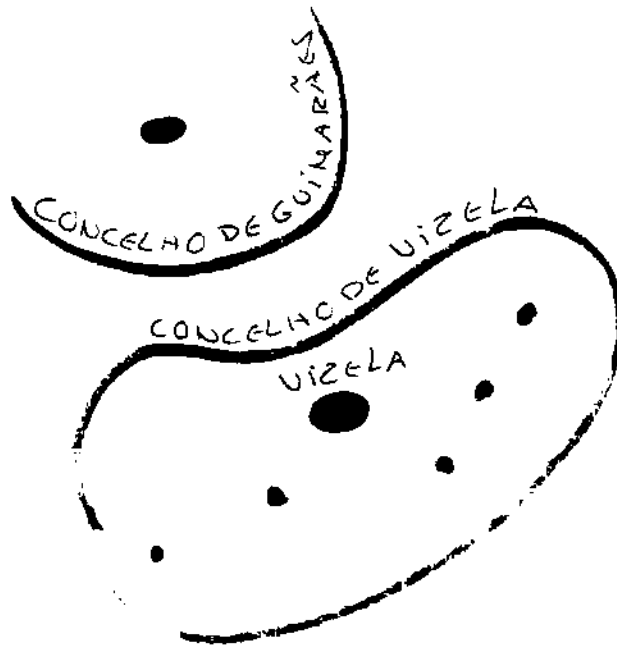


Figura 1.- Espaço de centração : organizado por uma exclusão e por múltiplas inclusões (ambas as modalidades são expressas politicamente)

Visto que as três localidades em estudo negociam entre si os limites administrativos do território, podemos afirmar que a problemática do nosso terreno se integra na dinâmica de construção/reconstrução das malhas

políticas. No entanto, e apesar de os limites em causa serem políticos, a dinâmica da sua definição integra múltiplas dimensões, facto que nos sugeriu a ideia de considerar que, no caso particular de Vizela, a *representação do espaço* político reconfigura e unifica as representações de todas as outras dimensões.

A partir da interpretação do espaço político, podemos dizer que em Vizela a construção da *identidade* se socorre de dois processos clássicos - a relação consigo próprio e com o idêntico; a relação com o outro e com o diferente -, articulados numa narrativa orientada, em que a recusa do outro (*exclusão* do concelho de Guimarães) precede a possibilidade da identificação com o mesmo (*inclusão* no projectado concelho de Vizela).

A descrição interpretativa que se segue abordará, sucessivamente, a *representação do espaço* local, regional, nacional e internacional. A escala local organiza um *espaço de conjunto* fortemente valorizado. É o espaço que Vizela quer ver reconhecido por via da criação do concelho e, por isso, surge investido de valências simbólicas, sociais e afectivas. Apesar das dificuldades de o transformar em *espaço de inclusão* administrativa, é no seu interior que se desenha a *identidade inclusiva* da comunidade. A *identidade exclusiva* organiza-se, preferencialmente, no interior do espaço regional, que é fortemente marcado pelo conflito com Guimarães. Problemático e instável, o espaço regional enquadra as negociações que visam a organização hierárquica do território e, consequentemente, a definição dos *centros* e das *periferias*, bem como das respectivas competências económicas, sociais, simbólicas e administrativas. As escalas nacional e internacional mostram que a *autocentração* da vila inibe a

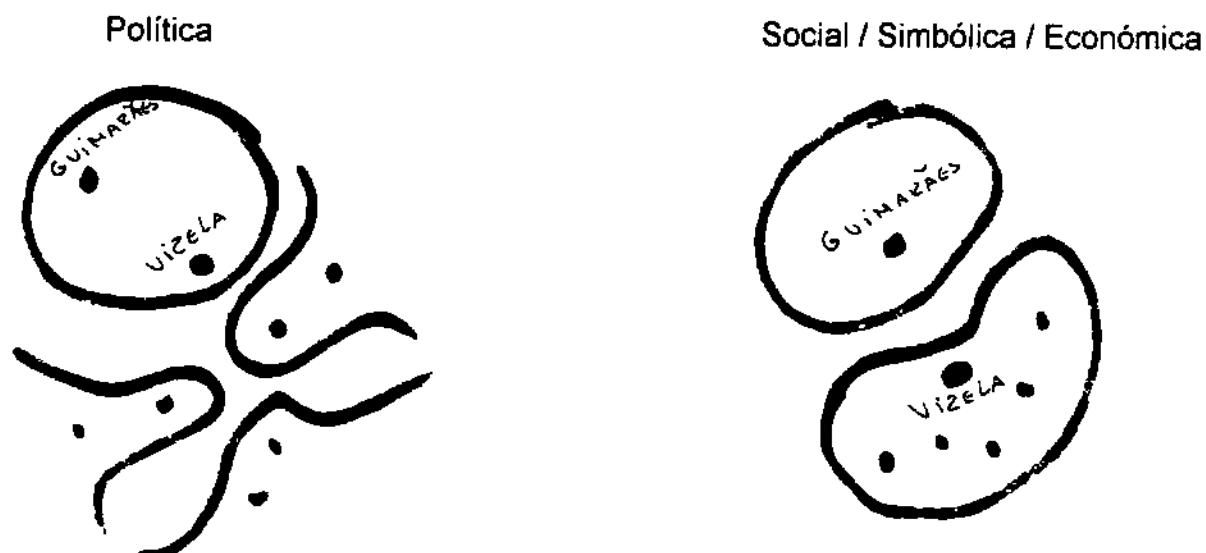
representação de um *espaço de mobilidade* alargado, visto que as relações internacionais são rendibilizadas ao nível local e utilizadas, prioritariamente, na negociação de uma posição no interior de um espaço regional hierarquizado.

A problemática do estudo de caso de Vizela pode centrar-se em duas temáticas : constituição de um *território* e definição, no interior de um *espaço de conjunto*, de uma *posição hierárquica*. Por isso, terminaremos com uma aproximação a um modelo de análise que permite articular as dimensões territorial e hierárquica.

Antes de iniciarmos a descrição interpretativa faremos ainda referência à importância da constituição/fixação da *memória colectiva*.



### CONFIGURAÇÕES ACTUAIS



### CONFIGURAÇÃO PROJECTADA

Política / Social / Simbólica / Económica

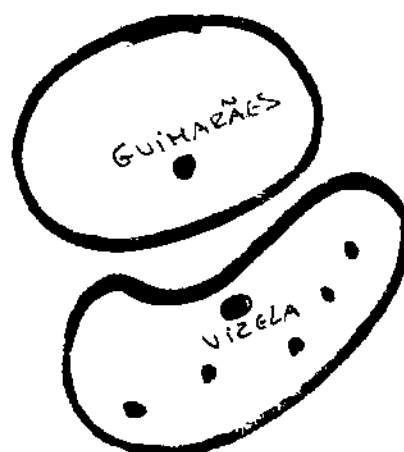


Figura 2.- Configurações actuais (heterogéneas) e configuração projectada (unitária).

## **TERRITÓRIO E MEMÓRIA**

"Vizela foi concelho noutros tempos muito remotos. Isto é, foi concelho até 1408, deixou de ser concelho em 1408. Ora a partir de 1408 começou a ser administrado por Guimarães." [S. João 2 (1983)]

Apesar de a nossa análise se basear numa observação sincrónica das representações espaciais, fomos levados - e porque elas nos reenviam, através da *memória colectiva*, para o passado - a integrar na nossa interpretação as representações de factos históricos. O investimento territorial de Vizela retira muito do seu sentido das relações que a vila estabelece, actualmente, com as localidades envolventes, mas o reenvio constante do mesmo conflito para o passado faz com que tenhamos de considerar que a representação actual vai buscar alguns dos seus elementos à *memória colectiva*. O papel da *memória*, e da sua reconstrução, no processo de afirmação/negociação da *identidade* de Vizela será abordado posteriormente. No entanto, parece-nos necessário fazer uma referência, a título introdutório, a uma obra que, de algum modo, fixou os argumentos históricos que a localidade utiliza na sua construção identitária.

Intitula-se "*Avicella - antologia sobre Vizela e seu termo*" e foi publicada em 1984. No prefácio, Maria José Pacheco, autora da obra, explicita as suas motivações : "*E depois de termos conhecimento, através dos meios de comunicação social, do que se passara na Assembleia da República, em 12 de Maio de 1982, quando uma manobra dilatória de*

*grupos políticos obscurantistas, accionados por interesses económicos e financeiros, obstou à criação do concelho de Vizela, radicou-se em nós a impressão de que se impunha uma campanha de esclarecimento público, para mostrar a legitimidade dos anseios dos povos do Vale de Vizela, que um longo processo histórico justifica e permite compreender." (Pacheco 1984 : 6)*

Os dados históricos que a obra apresenta estão presentes, quase na sua totalidade, nos argumentos dos nossos entrevistados. Organizam-se em torno de temáticas bastante precisas e, por isso, facilmente repertoriadas : *1. o passado romano e pré-romano, 2. as termas e a paisagem, 3. o extinto concelho de Vizela, 4. a luta pela restauração do concelho de Vizela.* As duas primeiras temáticas estão associadas e o seu conteúdo resume-se à filiação da vila num passado longínquo e à afirmação da sua importância, desde os romanos, enquanto pólo de atracção turística, por via das termas. As duas últimas temáticas também estão associadas, embora seja útil distinguir os seus conteúdos. A primeira resume-se à confirmação histórica da existência do extinto concelho de Vizela, através da apresentação de uma sentença, editada em 1367 por D. João, filho de D. Pedro, "*sobre jurisdição no concelho das Caldas de Riba de Vizella*" (Supra : 53). A segunda, mais complexa, organiza os factos relativos à luta pela restauração do concelho. Por um lado, a memória dos levantamentos populares e, por outro, a das tentativas institucionais de restaurar o concelho (em 1869, 1905, 1914, 1926, 1931, 1964, 1977 e 1982). Esta temática prende-se com a afirmação da unidade da comunidade, facto que a autora exprime numa carta ao director do jornal *Semanário*, em 14 de

Janeiro de 1984: "*Sou natural de Vizela, conheço a terra e as gentes, e posso afirmar a V.Ex<sup>a</sup>, sem receio de desmentido, que a quase totalidade da população, para não dizer a totalidade, quer ter o seu concelho. E isto há mais de um século*"(Supra : 226).

## **COMPOSIÇÃO DE UM TERRITÓRIO**

### **UMA PAISAGEM**

"Mas, senhor professor, se quiser ainda inteirar-se, com maior nitidez, de que constituímos uma unidade geográfica bem definida, basta-lhe subir aqui ao monte de São Bento, e lá de cima do alto ver o vale de Vizela, o rio, e vê que nós realmente somos uma coisa diferente. Estamos desligados dos outros por natureza. É por isso que a nossa aspiração tem justificação." [S.João 2 (1983)]

A apropriação do *território* é um processo dinâmico e interactivo. As localidades socorrem-se, nesse trabalho, de dimensões diversas, em princípio as mais operantes no interior do contexto em que o processo de apropriação se desenrola. Os entrevistados de Vizela revelam uma grande capacidade para diversificar as dimensões que utilizam para construir a *representação do espaço de pertença* da vila, socorrendo-se de umas ou de outras conforme a situação do discurso. Pensado globalmente, o *território*

de Vizela possui pertinência formal, social, económica e histórica. Começamos pela pertinência formal.

É "*tudo o que a vista abrange*" quando olhamos do alto do monte de São Bento. Um vale e um rio ; o suficiente para construir uma *paisagem*. Como afirma Lefebvre, o olhar unifica (Lefebvre 1972). Se é o olhar de um santo, unifica com eficácia simbólica acrescida. Quando ouvimos as descrições do *território* vizelense pensamos, imediatamente, numa definição corrente de *paisagem*, do tipo "*extensão de território que se abrange de um só lance de vista, e que se considera pelo seu valor artístico (...)*" (Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira : vol 19, p. 994). Esta associação justifica-se pelo facto de os entrevistados apresentarem o *território* a partir de um ponto de vista, o do monte de São Bento, onde é preciso subir para reconhecer os limites referidos. Durante as entrevistas, compreendemos que, mesmo quando desenham sobre um mapa, os entrevistados mantêm o mesmo ponto de vista (o que quer dizer a mesma *paisagem*) como referência.

O primeiro comentário a esse facto prende-se, necessariamente, com a questão de saber o que é, em termos de *representação do espaço*, uma *paisagem*. Simmel respondeu, num texto de 1913 intitulado "*Philosophie der Landschaft*", a essa questão inicial : "*Quant au paysage, c'est justement sa délimitation, sa saisie dans un rayon visuel momentané ou bien durable qui le définissent essentiellement ; sa base matérielle ou ses morceaux isolés peuvent toujours passer pour nature - représenté à titre de paysage, il revendique un être-pour-soi éventuellement optique, éventuellement esthétique, éventuellement atmosphérique, bref une singularité, un caractère*

*l'arrachant à cette unité indivisible de la nature (...)*" (Simmel 1988 : 230). Como introdução à problemática, ficamos então com a ideia de que construir uma *paisagem* é, antes de tudo, conceder - a partir de temáticas ópticas, estéticas ou atmosféricas - *identidade* a um recorte espacial.

Podemos começar por colocar a hipótese de a *representação do espaço de pertença* estar, em Vizela, sobredeterminada pelo olhar, ou seja, pelo ponto de vista, no sentido literal do termo, e pelo efeito estético que lhe está associado (é uma hipótese sociologicamente inconsistente, mas arriscamos). Nesse caso, a possibilidade de construir uma *paisagem* teria sido aproveitada pela localidade, que definiu, a partir da sua forma, o seu *espaço de pertença*. A forma deste teria sido, assim, determinada por critérios estéticos, e não por critérios sociais, económicos ou outros. Tratar-se-ia, então, numa leitura maffesoliana, de uma estratégia de unificação ética da comunidade (Maffesoli 1992) : a participação estética unifica a comunidade, tal como o olhar unifica o *território*.

Mas esta hipótese, embora interessante, e provavelmente portadora de uma interpretação parcial convincente, é pouco conforme a uma concepção antropológica da *paisagem*. Porque o facto significativo não é a existência de um ponto de vista esteticamente interessante mas o facto de ser aquele o ponto de vista que os vizelenses escolheram para representar (e para mostrar) um *espaço de pertença* que construíram a partir de múltiplas componentes (políticas, sociais, históricas, económicas, etc). Assim concebido, o processo de construção do *espaço de pertença* não se associa apenas a efeitos estéticos mas a uma combinação de efeitos, produtora da *impressão* que traduzimos pelo conceito de *paisagem*. A

expressão "ponto de vista" passa a ser uma metáfora utilizada para falar de uma *representação do espaço* culturalmente pertinente : *"avoir une connaissance d'un lieu, c'est reconnaître à ce lieu une identité, un ensemble de caractéristiques. Cette identité ou ces caractéristiques, reconnues au lieu, ne sont pas imposées par la réalité matérielle de l'objet paysage, mais tirent leur pertinence du point de vue adopté pour connaître le lieu."* (Pellegrino 1976 : 18)

Para a antropologia é importante a questão da unicidade do ponto de vista : podiam ter sido escolhidos muitos outros, mas não foram e aquele é o único que constitui a unidade da comunidade. Greimas explica : *"(...) on peut définir le point de vue comme la forme cognitive que prend l'investissement de la valeur dans la mise en discours"* (Greimas e Courtés 1986 : 170). Neste caso trata-se de um discurso colectivo, que coloca uma determinada forma espacial em valor para legitimar, dadas as actuais circunstâncias de negociação, um projecto de transformação do espaço:

"foi preciso 4 anos para concluir que Vizela era uma unidade geográfica muito bonita e que economicamente reunia todas as condições para desenvolver uma acção local." [S.Miguel (1982)]

Greimas também explica : *"Tout point de vue impose à l'énonciataire, instance de réception, une interprétation de l'énoncé"* (supra 1986 : 171).

Mas se é evidente que o ponto de vista é socialmente construído, e que as suas determinantes são múltiplas e em constante mutação, não deixa de ser verdade que Vizela escolheu, para ver - e dar a ver - o seu

território, um ponto de vista (o do monte de São Bento) que produz um efeito estético. Ou seja, um ponto de vista que adensa, porque produz uma emoção, a unidade do seu território. Ainda uma formulação de Simmel, para reforçar a ideia do efeito de unidade espacial : *"Tel me paraît maintenant l'acte de l'esprit par lequel l'homme va modeler un groupe de phénomènes pour l'intégrer à la catégorie comme unité se suffisant à elle-même, bien que liée à une étendue et à un mouvement infiniment plus vastes, bien que prise dans des limites n'existant pas pour le sentiment, logé à un niveau sous-jacent, de l'Un dans sa divinité, du Tout dans la nature"* (Simmel 1988 : 230-231). Não esqueçamos que o efeito religioso (*"l'Un dans sa divinité"*) também está presente, visto que o ponto de vista coincide com o olhar de um santo.

Outra hipótese, complementar, será considerar que se trata de um mecanismo de naturalização semelhante àqueles que utilizam os publicitários. Cria-se um novo ponto de vista, publicitariamente construído, mas apresenta-se como naturalmente determinado. Nesse cenário, Vizela terá construído, a partir de múltiplos critérios, o seu *espaço de pertença*, e a seguir conferiu-lhe a pertinência da natureza : *"constituímos uma unidade geográfica"* e *"estamos desligados dos outros por natureza"*. Se considerarmos que o território é objecto de um conhecimento colectivo *"consistant en une projection idéalisée, une conception symbolique des préoccupations, aspirations et conflits d'un groupe"* (Pellegrino 1976:35), percebemos que a definição do ponto de vista organizador do *espaço de pertença* de Vizela consiste, também, na criação de um *espaço de conjunto* passível de ser negociável, no interior de uma região marcada por conflitos.



A questão complexifica-se um pouco se tivermos em conta que, ao negociar a *existência/reconhecimento da unidade/identidade* do seu espaço *de pertença*, Vizela põe em causa a existência de um outro *território*, o de Guimarães, que também *negoceia*, no contexto regional, a sua *unidade/identidade*. No estudo de caso de Guimarães considerámos, por referência a Durkheim, o processo de fragmentação que conduz ao aparecimento de novos espaços genéricos. Simmel coloca o mesmo tipo de questões, no interior da sua reflexão sobre a *paisagem* : "*Que la partie d'un tout devienne à son tour un ensemble indépendant, qui se dégage du précédent et revendique son droit face à lui - voilà peut-être la tragédie la plus fondamentale de l'esprit : elle parvient à son plein effet à l'époque moderne, où elle s'est emparée de la direction du processus culturel. Des multiples rapports dans lesquels sont intriqués hommes, groupes et productions, ressort devant nous, rigide, ce dualisme en vertu de quoi le détail aspire à devenir un tout, alors que son appartenance à un plus vaste ensemble lui concède juste le rôle d'un membre.(...) Tandis qu'en résultent des conflits et des ruptures sans nombre dans l'ordre social et technique, spirituel et moral, ce même modèle, face à la nature, produit la richesse conciliante du paysage, entité individuelle, homogène, apaisée en soi, qui cependant reste tributaire, sans contradiction, du tout de la nature et de son unité*" (Simmel 1988 : 232). A eficácia do procedimento simbólico que faz equivaler o espaço do concelho de Vizela a uma *paisagem* torna-se ainda mais clara : "*a riqueza conciliadora da paisagem*" diminui a tensão resultante dos conflitos sociais.

Em resumo, trata-se de construir uma retórica espacial que legitime

os projectos de unificação do *território vizelense*. Para tal, o pensamento colectivo socorreu-se de três mecanismos específicos : **1.** estetização do ponto de vista (a construção de uma *paisagem*), **2.** transcendentalização do ponto de vista (o olhar do santo), **3.** naturalização do ponto de vista (os limites são naturais).

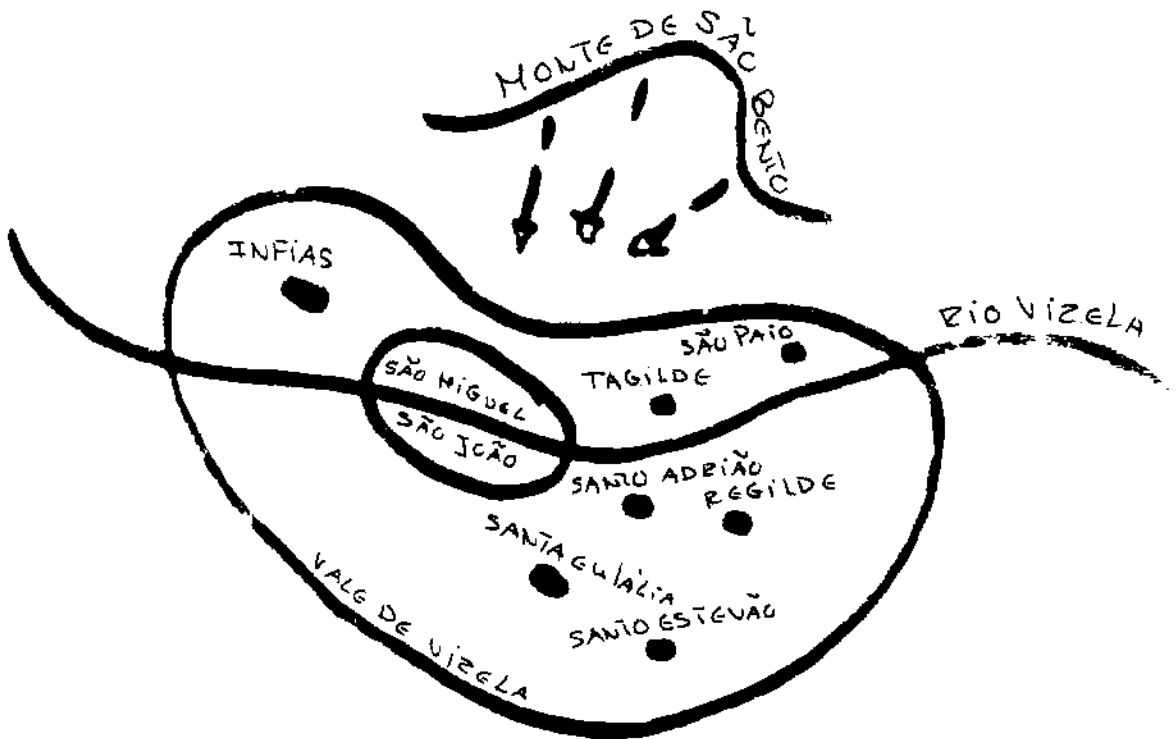


Figura 3.- *Espaço de pertença : na forma de paisagem*

## UM LUGAR DE FUNDAÇÃO

"Sim. mas gostaria de recuar alguns anos atrás, para saber o que realmente existiu aqui em Vizela. Em Vizela, aqui mesmo, no monte de São Bento, aquele monte com cerca de 400 metros de altitude, é onde há um monumento megalítico (...) e como prova desses tempos recuados apareceu um punhal, e mesmo pedras que serviam de punhal (...) concluiu-se, segundo esses historiadores, que o coração da aldeia estava lá, entre Vizela e São Bento, talvez a mil metros de altitude" [S.Miguel 1 (1983)].

A construção do espaço local socorreu-se ainda de um outro mecanismo simbólico : o da constituição do *centro* a partir da relação *altura/centro*. São vários os contextos etnográficos em que a constituição do *centro* se socorre da morfologia do *território*, e uma das formas de o fazer é sacralizar uma montanha para definir um *centro* (Eliade 1979; Paul-Lévy e Segaud 1983). De certa maneira estamos, em Vizela, face a uma variante dessa operacionalidade simbólica. O *mito de fundação* situa a vila no alto - "*o coração da aldeia estava lá, entre Vizela e S. Bento, talvez a mil metros de altitude*" - e é lá que se encontram ainda os vestígios da fundação do *centro* : "*um monumento megalítico*" e vários vestígios arqueológicos. Actualmente, o *centro* não se situa no *alto*, mas é a partir do ponto de vista do *alto*, o lugar de origem, que o *território* organizado pelo *centro* (situado no *baixo*) se delimita. Uma das manifestações evidentes da valorização desse ponto de vista surge na área da construção imobiliária. Os terrenos

mais valorizados para construção, ocupados por grandes moradias, dispõem-se ao longo da pequena estrada que sobe até ao monte. Daí, os seus proprietários têm o ponto de vista do santo, que é, ao mesmo tempo, o ponto de vista da *construção/unificação do espaço de pertença* da aldeia, e que, em última instância, é o ponto de vista do poder desejado.

Outra prática social revela o poder simbólico desse lugar : as rochas viradas para o vale são pintadas de branco por crentes, que assim interpelam o santo para que este interceda a seu favor.

## **UM VALE E UM RIO**

"Como a nossa terra - Caldas de Vizela é atravessada pelo rio que tem o mesmo nome - tinha motivos para que se centralizassem, à margem desse rio, diversas indústrias, não é ? Os senhores devem saber que se construiu aqui a primeira fábrica de papel do País." [S. João 3 (1982)]

O rio é outro elemento morfológico a organizar o *território*, facto que nos remete, mais uma vez, para outros contextos etnográficos. Para a Amazónia, por exemplo, onde "*le fleuve et son cours font plus que repérer des directions, ils déterminent des constantes dans les positions des groupes, dans les relations entre positions, dans les relations entre les groupes (...)*" (Paul-Lévy e Segaud 1983 :105) No caso de Vizela a função estruturante do rio tem de ser lida no interior de duas articulações espaciais

distintas. A primeira diz respeito, apenas, ao vale de Vizela, e a segunda ao conjunto do espaço local, constituído pelo vale e pelos montes envolventes.

Começamos pelo vale. Corresponde ao espaço de implantação do centro urbano e aparece, em termos de representação, como o espaço possuidor das características que definem o *espaço de pertença* da comunidade. É por referência a este, e consequentemente por referência às suas características, que os outros espaços são classificados. O rio manifesta, a quatro dimensões, distintas mas interactivas, a sua função de organizador do vale : **1.** serve de eixo espacial, o que o coloca na dimensão formal, **2.** organiza a distribuição espacial da população, o que o coloca na dimensão social, **3.** determina a implantação das fábricas, o que o coloca na dimensão funcional, **4.** define, no interior do núcleo urbano, os lugares de excepção, o que o coloca na dimensão simbólica. Estas quatro dimensões acabam por definir o *espaço de pertença*, que é irrigado, industrial e urbano.

O rio organiza, ainda, o conjunto do *território*, através da oposição *alto/baixo* : valoriza positivamente o *baixo*, que equivale ao *espaço de pertença*, e que como vimos é irrigado, industrial e urbano, por oposição ao *alto*, que se apresenta destituído dessas características. Um entrevistado sintetiza essa representação numa pequena frase : "*Nós aqui em Vizela, temos aqui a vila e o resto é montanhoso, não tem lá nada*"(S. Miguel 1). Assim, a *representação do espaço* estabelece uma oposição entre dois pólos, marcados, respectivamente, pela presença e pela ausência de características valorizadas : (***baixo*** : irrigado, industrial, urbano) vs (***alto*** :

não-irrigado, não-industrial, não-urbano) <sup>1</sup>.

Passemos a uma breve descrição do espaço da vila de Vizela, integrando, agora, o rio e a sua função organizadora. A economia do *centro* urbano encontra-se fortemente ligada ao rio Vizela : para lá da indústria têxtil (que hoje o utiliza mais como esgoto do que como força produtora de energia), a *memória colectiva* reteve a existência de uma fábrica de papel, à qual acrescentou o atributo simbólico de ter sido a primeira construída em Portugal. Todas elas se implantaram na planície, junto às margens do rio. Inicialmente situaram-se a jusante, ficando o *centro* urbano protegido da poluição causada pelas descargas de produtos químicos. Hoje foram implantadas mais empresas a montante e o rio corre, numa apreciável variabilidade cromática, no meio do parque, que apesar disso ainda é considerado "*o cartão de visita da vila*" (S. João 3). A ponte "romana" mantém-se como uma importante referência fundadora - "*algo de grande já existia naquele lugar*" (S. Miguel 1) - e o "castelo", edifício destinado aos futuros "Paços do Concelho", situa-se também junto à margem do rio Vizela.

A *memória colectiva* da urbe parece estar fortemente ligada à presença e utilização da água. Além do rio, que tem um papel estruturante, existem "*as termas de origem romana*", que surgem como um dos emblemas de Vizela. Se nos referirmos à tipologia de Pierre Sansot, que opõe, na sua procura dos elementos constitutivos da poética das cidades, *villes-solides* e *villes-liquides*, podemos situar Vizela do lado das segundas (Sansot 1988).

---

<sup>1</sup> Esta configuração repete-se, numa escala mais alargada, para organizar o espaço do Vale do Ave (Cft. o estudo de caso de Guimarães) e, numa escala mais estrita, para organizar o espaço da aldeia de Santa Aldeia (cft. o estudo de caso de Santa Eulália).

Uma *cidade líquida*, em que a água até tem poderes iniciáticos :

"Quem meter o dedo na bica de água quente nunca mais sai de Vizela (...) e eu meti o dedo na bica da água" (S. João 3).

Foi assim que um entrevistado justificou, com um misto de humor e crença, o facto de ter casado em Vizela, e nunca mais de lá ter saído. A *cidade líquida*, situada no *baixo* e valorizada positivamente, opõe-se ao *espaço rural não-líquido*, situado no *alto*, de valor negativo.

Como já vimos, esta oposição, que surge a organizar espaços globais, não é universal, visto que, relativamente ao monte de São Bento, a valorização negativa do *alto* é substituída por uma valorização positiva, de carácter sagrado. Podemos dizer que em termos globais o *alto* é valorizado negativamente e o *baixo* positivamente, mas que o lugar que, no *alto*, foi escolhido para integrar o mito de fundação da vila constitui uma excepção a essa regra.

Conclui-se que Vizela organiza o *território* a partir de três representações de base : **1.** reconhecimento de um ponto de vista unificador da *paisagem*, **2.** emblematização/sacralização de um lugar de origem, **3.** formulação de uma oposição organizadora do *espaço de conjunto*.

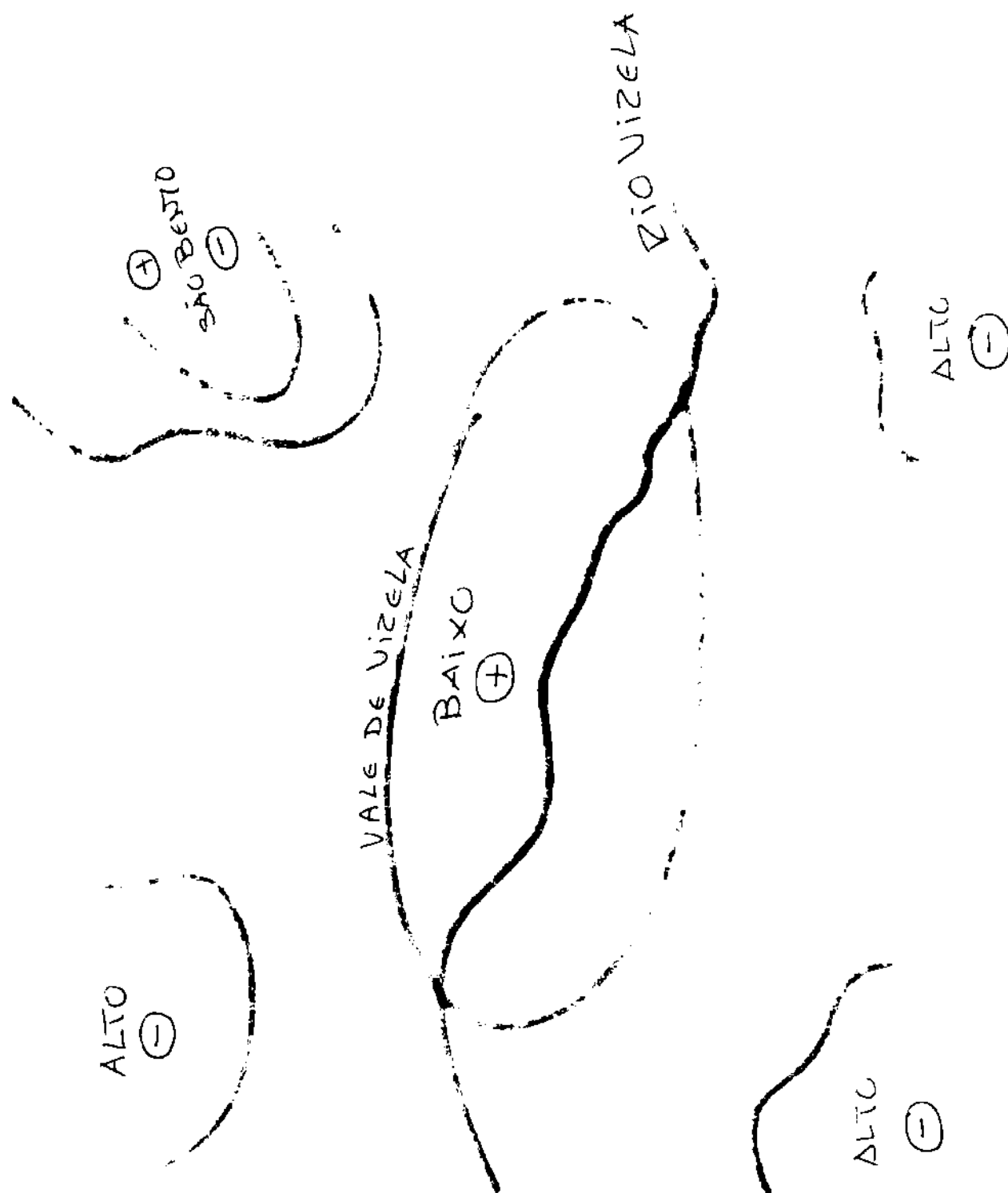


Figura 4.- Organização formal do território, através da oposição alto/baixo.



## **ORGANIZAÇÃO DE UM TERRITÓRIO**

### **UMA CENTRALIDADE TRADICIONAL**

"R - Falaria mais em termos da própria vila, da própria zona do vale de Vizela.

P - E o que é que inclui no vale de Vizela?

R - O vale de Vizela é tudo o que a nossa vista abrange, que é, realmente, todas as freguesias limítrofes de Vizela (...). Todas essas pessoas fazem a sua vida, têm o seu trabalho, aqui em Vizela, e fazem o seu dia-a-dia, aqui em Vizela : aos fins-de-semana (...), aos domingos, aqui é um mar de gente, toda a gente vem parar aqui a Vizela (...). Portanto eu penso que as pessoas se identificam mais com Vizela do que com as sedes de concelho." [S.João 1 (1993)]

"Vizela é o pólo de cerca de umas 18 freguesias, que vivem com Vizela, no seu dia-a-dia.(...) O que é certo é que todos trabalham aqui em Vizela. Há um convívio, uma vida comunitária muito profunda. Vizela é o *centro*, muito embora não sendo o *centro* administrativo (...), é na verdade o *centro* de assistência de todas estas freguesias, por aqui. Para mim, entendo que para se criar uma vida comunitária tem que haver uma comunidade autêntica, e nós quer no aspecto humano quer no aspecto social ou económico, pois constituímos essa unidade." [S.João 2 (1983)]

Vizela considera-se o *centro* organizador de uma extensão territorial que, como vimos, se define, nos seus limites, a partir de um ponto de vista estetizado. As citações de abertura ilustram uma outra componente dessa mesma configuração, desta vez referente à relação estabelecida entre a vila e os habitantes da "sua região" (que é o *espaço da identidade inclusiva*) : os vizelenses pensam que o seu lugar de *centração* ("*aqui em Vizela*") é dotado de *centralidade* para os outros ("*toda a gente vem parar aqui a Vizela*"). Na análise de dados, já havíamos verificado que o espaço funcional de Vizela é, de forma significativa, tematizado pela sociedade, pela população e pela economia. Trata-se agora de descrever as componentes dessa configuração, organizadora da *centralidade* de Vizela.

De um ponto de vista tradicional, podemos dizer que o *centro* é o lugar "*où se passent des choses importantes pour la structuration de notre devenir quotidien*" (Remy 1984 : 4) : um lugar marcado pela existência de um *espaço público* que reúne, nos momentos festivos ou nos momentos excepcionais, a totalidade da comunidade. O *centro tradicional* é polivalente e implica, embora em momentos diferentes, as várias dimensões da vida colectiva. Os mercados e pequenos comércios centralizam a vida económica, a casa senhorial ou a sede do município centralizam a vida política, as tabernas e casas de passe a vida social e ritual dos homens, a igreja e o seu adro a vida social e ritual de toda a comunidade. É uma versão simplista mas, no essencial, os *centros* de pequena dimensão, que no caso português ainda estão marcados por uma sociabilidade tradicional, continuam a responder às mesmas funções. Num *centro moderno* tudo pode ser diferente : pode responder a uma só função (*centros monofuncionais*) e

pode também exercer a sua *centralidade* sem que as populações implicadas se tenham de deslocar, fisicamente, até ao *centro*.

Vizela enquadra-se na tipologia tradicional, com a particularidade de ser também um *centro industrial*, que responde à procura de emprego das populações rurais que polariza. Possui uma praça pública com jardim, um mercado, lojas e cafés na zona envolvente. Quando vêm à vila é em torno dela que as pessoas deambulam. Um entrevistado manifesta uma perfeita consciência da função social do *espaço público* :

"eles aqui permanecem, nos cafés. Passeiozinho, não é ? Até mesmo, como se costuma dizer : "para verem e serem vistos" (S.João 4)".

Os cafés, é sabido, sempre foram lugares importantes para o desenrolar da sociabilidade operária. Vizela não é excepção :

"aqui como há muitas fábricas, o povo há muitos turnos, às vezes as fábricas a trabalhar em três turnos. E depois a vila nunca está só. A vila é os cafés." (S. Miguel 2).

É também no café que se vende o pão-de-ló, única especialidade gastronómica referida por todos os entrevistados.

O mercado e as feiras servem para escoamento directo dos produtos da zona agrícola limítrofe

"como Vizela é um meio essencialmente industrial (a vila em si), as

aldeias agrícolas procuram, portanto, ver onde possam colocar os produtos que fabricam nas suas terras" (S. João 4)

- enquanto o pequeno comércio da vila responde praticamente a todas as necessidades de consumo das populações rurais.

Podemos falar de uma dupla *centralidade*, que responde à economia mista da região e aos diferentes *géneros de vida* a ela ligados. As feiras e mercados são lugares de encontro, preferencialmente para as populações rurais, enquanto os cafés são frequentados, sobretudo, pelos residentes na vila e pelos operários que vêm das aldeias periféricas.

## UMA CENTRALIDADE RITUAL

"Outra discrepância que existe entre Guimarães e Vizela ... é certo que Guimarães alega que a Câmara de Guimarães considera as Gualterianas as festas da cidade, do concelho, e portanto comparticipa-as na íntegra. As festas de Vizela, que nalgumas exhibições não estiveram inferiores às de Guimarães, são subsidiadas em 10, 15, 20 mil contos ? Não sei. Portanto, está a ver as tais diferenças que existem nos tais tratamentos".[S. João 1 (1893)]

"Mas em contrapartida, comparando Vizela com Guimarães : Vizela quando esteve na primeira divisão, como o Sr. disse, esteve na primeira

divisão, esteve em casa, como está, e esteve a jogar em Guimarães, no estádio do Vitória de Guimarães. Nem sequer podia treinar, só podia jogar. O Vitória de Guimarães, em contrapartida, tem um estádio que lhe foi oferecido. E além do estádio ainda lhe foram dados 500 mil contos. O Vitória de Guimarães em relação ao Vizela tem um tratamento altamente privilegiado". [S.Miguel 2 (1983)]

*A centralidade ritual* quotidiana organiza-se em torno dos espaços públicos e semiprivados que referimos no capítulo anterior. Paralelamente, surgem ainda dois acumuladores simbólicos que organizam a *centralidade ritual* de excepção : as festas da Vila e a equipa de futebol. Se recordarmos o que foi dito sobre Guimarães, verificamos que os *acumuladores simbólicos* são equivalentes e, tal como se poderia prever, a rivalidade entre as duas localidades exprime-se também através deles.

As festas da vila são sistematicamente representadas em função das Gualterianas, que são o referente e a unidade de medida que permite estabelecer as valorizações. Quais são os critérios que permitem essa avaliação ? Primeiro a área de influência das festas, o seu raio de acção. Tal como as Gualterianas, as festas da vila congregam não só a população de todas as freguesias vizinhas como também gente de mais longe (nas palavras de um entrevistado : "até mesmo gente de Guimarães"). Segundo a importância dos festejos, avaliada em função do dinheiro despendido e da projecção mediática das festas.

"Aqui, isto Vizela, vêm sempre aqui 30.000 pessoas, na altura dos cortejos".(S. João 2)

"Há, há as festas da vila, as famosas festas da vila, ali em Agosto, que até dá na televisão, mas são umas festas famosas mesmo (...) eu creio que há aí gente que gosta mais das festas de Vizela do que das Gualterianas". (S.Miguel 2)

Articulado com este mecanismo comparativo (que opera à escala regional), surge outro mecanismo, que representa a *centralidade local* da vila a partir da importância das suas festas. Estamos agora no interior do espaço que a vila pretende centralizar (escala local), distinguindo-se, no seu interior, como pólo de superioridade inegável. Um entrevistado rematava a descrição do ciclo festivo da região de uma forma que demonstra o lugar de destaque que Vizela pretende dar às festas da vila :

"Portanto, de uma maneira geral, há as festas da vila, onde toda a gente vai, e, depois, há as festas das freguesias circunvizinhas, a que os vizelenses vão, também, passando por lá." [S.João 1 (1983)]

A equipa de futebol - O *Vizela* - aparece sempre como uma rival do *Vitória de Guimarães*. No entanto, ao contrário do que se passa com as festas da vila, cuja *identidade* tem por referente as festas de Guimarães, O *Vizela* apresenta uma *identidade* fortemente auto-referenciada, aparecendo a equipa de Guimarães como a referência negativa, dos protegidos que

pouco conseguem fazer.

"O futebol? Sim, o futebol, o Vizela é um clube importante no mundo desportivo nacional. O Vizela vem no totobola e tudo, como sabem, não é? Faz parte do totobola, já não é assim um clube de trazer por casa."  
[S.João 3 (1983)]

A *centralidade* de Vizela organiza-se, ao nível das práticas rituais, através de um sistema decalcado da *centralidade* de Guimarães. Tal como o espaço local decalca a forma do espaço local de Guimarães, distinguindo-se no entanto ao nível dos conteúdos, de forma a justificar a individualidade da localidade, também a *centralidade ritual* reproduz a forma vimaranense, para melhor poder rivalizar ao nível dos conteúdos. Como é sabido, é impossível comparar coisas incomparáveis, ou seja, coisas que não participem de uma mesma qualidade. Ora Vizela quer poder comparar-se com Guimarães, o que significa que, à partida, a vila tem de participar dos atributos de um *centro*, para depois afirmar a sua individualidade, e reivindicar a sua autonomia. A *centralidade* da vila define-se, pois, por comparação com a *centralidade* de Guimarães : **1.** existe, porque tal como Guimarães, Vizela organiza, através da sua força centrípeta, um espaço envolvente, **2.** se existe, tem direito, tal como a *centralidade* de Guimarães, à sua formulação institucional.

O problema da *centralidade* vizelense coloca-se ao nível do exercício do poder : apesar de Vizela representar, de forma organizada, aquilo que considera o seu *território*, acontece que, do ponto de vista administrativo -

que significa existência e reconhecimento de poder -, esse *território* não tem existência. Se tomarmos uma definição de *centro*, do tipo "*le lieu à partir duquel s'exerce le pouvoir et s'unifie le groupe*" (Remy e Voyé 1981 : 86), podemos afirmar que a Vizela falta qualquer coisa : o *território* de Vizela "não pertence aos vizelenses", visto que o *centro* urbano são duas freguesias do concelho de Guimarães, e que as outras localidades do vale se encontram dispersas pelos concelhos envolventes. Mas se avançarmos com outra citação de Remy e Voyé, talvez possamos continuar a falar em Vizela como um *centro*: "*C'est là-bas que se déroulent les grandes manifestations qui ont pour but soit d'applaudir et d'exalter, soit de contester les pouvoir à travers lesquels le groupe exprime une unité de vue et une unité d'action*" (Supra : 86). Os acontecimentos relacionados com o pedido da autonomia concelhia traduzem, exactamente, as características que os autores atribuem a uma *centralidade* : um lugar que concentra as práticas de uma comunidade que contesta um poder.

## DESCENDÊNCIA E AUTONOMIA

"Quer dizer, costumamos dizer : "a Guimarães vamos para as coisas oficiais", não é? Temos de ir! Elas mesmo [as freguesias vizinhas] têm de ir para as coisas oficiais. (...) Aqui não, aqui é para o comércio, para comprar, para conviver. Vem muita gente, nota-se muita gente aqui, aos domingos à tarde quando há qualquer festazita, toda a gente da região



vem para aqui. Quer dizer, aqui é o ponto de atracção daqui da maior parte das pessoas daqui das vilas, daqui das aldeias da zona." [S.Miguel 3 (1983)]

A construção/afirmação da *centralidade* de Vizela está intimamente associada à relação conflituosa que a vila mantém com Guimarães. Como vimos, Guimarães coloca-se na posição do *centro*, mas sente a sua *centralidade* ameaçada por uma *periferia* que não só não a reconhece como ainda a põe em causa, ao colocar-se numa situação concorrencial. Pelo seu lado, Vizela recusa a sua posição periférica (o que a leva a ignorar a lógica centrífuga que a dirigiria para Guimarães, que nesse caso seria considerada como *centro*) e reivindica o reconhecimento da sua própria *centralidade*, que, como vimos na análise de dados, se define tematicamente pela integração social, pela mobilidade de populações e pelas relações económicas. Para explicar o processo, diremos que Vizela transfere o seu ponto de vista da *periferia* para o *centro*, sendo que esta "cambalhota" lógica implica uma retracção da escala de *representação do espaço*. Em resumo : Vizela coloca-se, tal como Guimarães, na posição de *centro*, embora a sua força centrípeta implique um *território* quantitativa e qualitativamente inferior ao *território* organizado pela *centralidade* vimaranense. É um facto que a *centralidade* de Vizela corresponde mais a uma dinâmica projectiva do que a uma configuração espacial estabilizada, mas não deixou por isso de alterar, no interior do espaço regional, as posições relativas de ambas as localidades.

Acrescente-se que tanto Vizela como Guimarães manifestam uma forte *centração*, associada à concepção de espaços de *inclusão*

administrativa, e correlativa, mesmo a escalas mais alargadas, da ausência de uma lógica centrífuga forte, que as oriente, enquanto *periferias*, em direcção a outros *centros*. O facto de as duas localidades revelarem arquitecturas espaciais preponderantemente centrípetas torna o conflito, do ponto de vista conceptual, ainda mais pertinente. Os *espaços de contração* das duas localidades constroem-se em torno de um imaginário local denso e performativo, o que as coloca numa situação, quase diríamos estrutural, de tensão e conflito.

Se compararmos as representações que estão na base da organização do *território* de Vizela com as representações que organizam o *território* de Guimarães, verificamos que existem algumas coincidências entre as duas arquitecturas. São elas : **1.** organização do espaço a partir da oposição *alto/baixo*, **2.** sacralização de um ponto elevado, **3.** centralização ritual do espaço envolvente.

Pensamos que a oposição *alto/baixo* organiza todo o vale do Ave, devendo-se a coincidência a essa arquitectura global. Quanto à sacralização de um lugar alto - que, como vimos, integra os *mitos de fundação* das duas localidades -, é feita por referência a duas historicidades distintas. Para Guimarães, o tempo de referência é o da constituição da nacionalidade, enquanto para Vizela o tempo de referência é anterior, e é, na maior parte das vezes, sincreticamente classificado de "*romano*". Esta divergência traduz-se em argumentações espaciais distintas : Vizela coloca-se antes da nacionalidade, e tenta assim legitimar uma posição espacial anterior às origens do poder estabelecido, e Guimarães coloca-se na própria constituição da nacionalidade, para legitimar uma posição de poder

que é contestada.

No estudo de caso de Guimarães referimos que a narrativa histórica ocupa um lugar importante no mecanismo de *emblemização* da cidade. Esse facto insere-se numa dinâmica mais geral, que alguns autores têm vindo a assinalar, de revalorização da tradição em contextos de afirmação de *identidades regionais*. Gerard Althabe, referindo-se ao contexto francês de pós-regionalização (1982-1983), sublinha a importância da produção simbólica dos novos espaços identitários: "*Les détenteurs de ces pouvoirs locaux se sont lancés dans une production symbolique considérable qui vise à donner forme et réalité aux identités régionales (...). A travers cet effort, les nouvelles autorités produisent l'espace symbolique, cadre de l'exercice de leur pouvoir - cette production des identités collectives, qui se traduit en particulier par des expositions et des muséographies (chaque année de nombreux musées se créent), est une introduction du passé dans le présent (avalisée parfois au prix d'une véritable invention de tradition)*" (Althabe 1992 : 253-254). Embora noutro terreno disciplinar, o da história, mas no mesmo terreno etnográfico, a França contemporânea, Pierre Nora desenvolveu o conceito de *lugar de memória* - "*toute unité significative, d'ordre matériel ou idéal, dont la volonté des hommes ou le travail du temps a fait un élément symbolique du patrimoine mémoriel d'une quelconque communauté*" (Nora 1992 : 20) - que se enquadra no mesmo tipo de problemáticas. "*Le passage de la mémoire à l'histoire a fait à chaque groupe l'obligation de redéfinir son identité par la revitalisation de sa propre histoire. Le devoir de mémoire fait de chacun l'historien de soi. L'impératif d'histoire a ainsi dépassé, de beaucoup, le cercle des historiens professionnels.*" (Nora 1984 : XXIX)

As referências que acabamos de propor revelam-se pertinentes quando aplicadas ao estudo de caso de Vizela : a vila produziu, socorrendo-se do *efeito paisagem*, um *espaço simbólico* que pontuou de *lugares de memória* (o monte e os vestígios megalíticos, a ponte romana, as termas romanas, a primeira fábrica de papel, o "castelo" feito para ser a sede do município). Mas, como esse espaço se integra numa dinâmica conflituosa de construção de autonomia local, a sua produção está condicionada pela lógica de negociação que preside à resolução do dito conflito. Nesse sentido, teremos de olhar para o interlocutor mais imediato - Guimarães - visto que uma grande parte do processo de construção simbólica do *território* o tem, implicitamente, como referente. No caso da *centralidade ritual*, organizada, como vimos, em torno das festas da vila e d'O Vizela, o papel de Guimarães, enquanto interlocutor/referente, é evidente.

Já referimos a existência de um livro que condensa os fragmentos de informação histórica a que a *memória colectiva* dá sentido narrativo. Esse livro, publicado depois de perdida a batalha da construção/restauração do concelho de Vizela, e escrito "nas horas de lazer" de alguém que se apresenta como professora (e não como historiadora), não se assume como uma História de Vizela, mas antes como uma Antologia. Um formato que o faz derivar do "*imperativo de história*" de que fala Pierre Nora. Pode também ser considerado como um *lugar de memória* que, no entanto, apresenta a particularidade de criar, ou pelo menos de adensar, outros *lugares de memória*. A importância que lhe é atribuída (quando entrevistados, em 1992, os presidentes das duas juntas de freguesia remeteram-nos para ele) decorre do facto de ser, nas palavras de P. Nora, um "signo em estado

puro" : *"à la différence de tous les objets de l'histoire, les lieux de mémoire n'ont pas de référents dans la réalité. Ou plutôt ils sont à eux-mêmes leur propre référent, signes qui ne renvoient qu'à soi, signes à l'état pur. Non qu'ils soient sans contenu, sans présence physique et sans histoire ; bien au contraire. Mais ce qui en fait des lieux de mémoire est ce par quoi, précisément, ils échappent à l'histoire* (Nora 1984 : XLI). É "atirado" aos outros, num processo de comunicação violenta que não admite réplicas. "Lá está tudo" Tudo o quê? Tudo aquilo que a memória fixou para legitimar a criação/restauração do concelho de Vizela. Principalmente a afirmação, face a Guimarães, de uma História (que é apenas uma memória) independente. Para ilustrar o que ficou dito, transcrevemos um extracto de um texto que faz parte da Antologia, tendo sido anteriormente publicado no *Notícias de Vizela* (15.02.84)

*"No auge das pressões dos senhores da Câmara de Guimarães sobre o Parlamento, em Outubro de 1983, para impedir a aprovação da Lei-Quadro da Criação dos Municípios, foi dito aos microfones da radiodifusão pelo Sr. Handel Oliveira, deputado vimaranense, que Vizela não podia ser concelho, porque não tinha história. O Sr. Handel de Oliveira pode ignorar o que lhe não interessa ou não agrada. mas a verdade é que Vizela tem uma remota e rica história, e só o facto de ainda não ser município é que tem impedido o completo conhecimento do seu passado, que jaz nas estantes das nossas bibliotecas e arquivos."* (Pacheco 1984:228)

O texto continua com referências a documentos e informações históricas e termina com o elogio de uma poetisa romântica do séc. XIX, que a autora propõe como figura precursora do M.R.C.V. (Movimento para a Restauração do Concelho de Vizela).

Abordada a questão específica das memórias e das suas utilizações negociais, voltemos à questão das coincidências estruturais entre as *representações do espaço* de Vizela e Guimarães. A representação da *centralidade*, sobretudo ritual, é, como vimos, também coincidente. O poder de atracção das duas localidades materializa-se em duas situações rituais - as festas e o futebol - que desencadeiam conhecidos fenómenos de revitalização/actualização das *identidades colectivas*.

Tanto a coincidência da forma como a não-coincidência dos conteúdos das duas arquitecturas espaciais se integram perfeitamente na lógica do conflito. Vizela, que pretende individualizar-se, centralizando um novo *território* administrativo, reproduz a forma da arquitectura espacial de Guimarães, dando-lhe, no entanto, conteúdos diferentes. Essa dupla atitude, de reprodução e de distinção, traduz-se numa dupla argumentação. Através do primeiro argumento, o da coincidência formal, Vizela afirma a sua posição de *centro* organizador de um espaço envolvente e através do segundo, o da não-coincidência dos conteúdos, afirma a singularidade social, económica, simbólica e histórica desse espaço, legitimando assim a sua proposta de autonomia administrativa.

Todo o processo se insere na lógica de diferenciação que conduz à formação de novos *espaços genéricos*. alguns *espaços genéricos* tornam-se geradores de novos espaços, que se autonomizam criando, por

referência ao *género pai*, o seu próprio *género*. O extracto de entrevista que se segue não é mais do que uma versão autóctone da explicação desse processo.

"Vizela ficou a ser o padrão da terra que quer ser concelho. Isto é, aliás, é a ordem natural das coisas, não é? Nós também criámos os filhos, e eles a partir de uma certa altura, quando ganham uma certa autonomia, pois com certeza, fazem a vida deles. Pensam pela cabeça deles, não temos nada que ser os outros a pensar pela cabeça deles. Pronto, e é assim. Acho, acho que o futuro será esse, aqui para Vizela. Eu antevejo assim, que isto se irá desenvolver muito!" [S. Miguel 3 (1983)]



Figura 5.- Formação de um novo espaço genérico.

## **"VIOLÊNCIA E ORGULHO" <sup>2</sup>**

"Fala-se muito no bairrismo de Vizela, as pessoas em Lisboa admiram-se de ver as expressões dos vizelenses, aquela força ... eu acho que esse querer muito grande de ser concelho, penso que talvez seja a característica mais notável aqui de Vizela." [S.João 1 (1993)]

"Há um bairrismo formidável neste povo, este povo é realmente um povo maravilhoso (...). As ambições do povo de Vizela é para construir, não é para destruir. Destruíram, nalguns momentos, quando depois de na Assembleia da República nos andarem a enganar.(...) O desespero, não é verdade, o abandono, levou o povo a actos de desespero." [S.João 4 (1983)]

"Agora se foi a maneira mais, sei lá, lógica, enveredar por aquele processo que usou? Eu também acho que foi, quer dizer, acho que foi bom, Vizela ter feito este, este levantar de ... da polémica, não é? (...) Nós íamos a qualquer lado, toda a gente sabia o que era Vizela, toda a gente falava de Vizela.(...) Acho que nasceu, assim, até uma ideia de simpatia pelo querer das pessoas de Vizela. (...) Vizela ficou a ser o padrão da terra que quer ser concelho." [S.Miguel 3 (1993)]

---

<sup>2</sup> Devo este título a uma formulação de Remy e Voyé na obra "*Ville ordre et violence*" (1981).



Os actos de violência relacionados com o projecto de criação do concelho de Vizela já têm dez anos, mas ainda hoje são motivo de orgulho colectivo. O facto de terem sido fixados pela *memória colectiva* só revela a sua importância unificadora. Paul Connerton afirma que "*a luta dos cidadãos contra o poder do estado é a luta da sua memória contra o esquecimento compulsivo*" (Connerton 1993 : 18); Vizela é mais um caso a confirmar essa ideia.

As manifestações de 1982 comprovaram a existência de uma *centralidade ritual* e performativa : quando os sinos de Vizela tocaram a rebate a população das redondezas respondeu

"Felgueiras, Santo Adrião, Santa Comba, Santa Eulália, Regilde, Vilarinho, Moreira" [S.Miguel 1 (1983)],

concentrou-se no *centro* da vila e a partir daí desencadeou uma série de acções de protesto (carris levantados, iluminação pública e viaturas danificadas). Trata-se de um dispositivo comportamental que parece ter um importante papel na preservação e actualização da *identidade colectiva* :

"Lutar até ao fim!" (diz o neto de um entrevistado). "Está no sangue, está no corpo das pessoas." (diz o avô)" [S.Miguel 1 (1983)]

Também aqui as ideias de P. Connerton nos podem ser úteis. Quando coloca a memória do lado da "performance", Connerton demonstra duas coisas : **1.** que as sociedades têm necessidade de fixar alguns

acontecimentos através de rituais que os rememoram ciclicamente, 2. que a produção de acontecimentos tem sempre por detrás um fundo de memória (*"Todos os inícios contêm um elemento de recordação"* (Connerton 1993 : 7)). A *memória social* vive da produção, reprodução e transmissão de histórias narrativas, contadas de forma informal, mas performativa. Uma vez criado o esquema de narração de um acontecimento este é transmitido a diferentes membros da comunidade que, por estarem interessados nele, o continuam a reproduzir e comunicar. Pudemos verificar esse processo em entrevistas feitas com dez anos de diferença. A narrativa dos factos manteve-se e até se "apurou". Juntou-se-lhe o orgulho de ser um símbolo de luta pela autonomia concelhia, coisa que, devido à histórica tradição concelhia do País, acaba por constituir uma razoável rendibilização simbólica de um acontecimento. As possíveis manifestações futuras servir-se-ão, mais uma vez, do fundo de memória existente. Não nos podemos esquecer que, em 1982, esse fundo já tinha, segundo os próprios, pelo menos um século de existência, onde se contam sete pedidos de criação do concelho ao Governo central, o que constitui um substancial reforço simbólico.

"É isto, portanto, é este sentir de toda a população de Vizela, que me faz redobrar o entusiasmo e o desejo de ver concretizada esta aspiração de raiz secular." [S. João 2 (1983)]

## UM ESPAÇO HOSTIL E UMA POSIÇÃO SUBVALORIZADA

"Guimarães vive de dois sentimentos distintos : um é o ciúme de Braga e o outro é a aversão a Vizela." [S.João 2 (1983)]

"Vizela encontra-se num estado de ruptura quase total : não tem variantes, não tem feira, não tem mercado, não tem saneamento, o abastecimento de água está a ser feito agora. (...) eu penso que Guimarães não dá o tratamento a Vizela, que Vizela lhe merece : um tratamento compatível com a sua importância.(...) Porque Vizela é a seguir à sede, a seguir à sede, é o maior *centro*, o *centro* mais importante que Guimarães tem." [S.João 1 (1993)]

A organização do espaço regional pode ser abordada em função de duas problemáticas : a da definição dos *espaços de inclusão* e a da definição das posições hierárquicas das diferentes localidades. Ambas aparecem associadas à temática administrativa. Começemos pela primeira problemática. Vizela pertence ao concelho de Guimarães, mas não aceita essa *inclusão* administrativa, o que se traduz numa situação típica de não coincidência entre a malha administrativa imposta (que tenta maximizar o controlo sobre o grupo) e a malha desejada (que tenta otimizar o campo operatório do grupo) (Raffestin 1980). Vizela, que do ponto de vista administrativo e funcional pode ser definida como uma *periferia* de Guimarães, não reconhece a *centralidade* que esta cidade lhe impõe. Não a reconhece nas *representações do espaço*, em que Guimarães raramente

aparece associada à funcionalidade polarizadora ou à mobilidade da população, e faz o possível por não a reconhecer nas práticas sociais, reduzindo as deslocações a Guimarães a uma funcionalidade destituída de investimento simbólico.

Mas, embora imponha uma ordem que é, do ponto de vista da *periferia*, uma violência, o facto é que a *centralidade* de Guimarães tem existência : Guimarães é a sede do concelho e, por isso, detém o poder administrativo sobre Vizela. Trata-se do exercício de um poder recusado, que é concebido, por aqueles que a ele estão submetidos, como uma prática de violência ilegítima. A *inclusão* num espaço administrativo indesejado, e por essa razão considerado hostil, acaba por dar origem a um sentimento de *exclusão* política e social : a vila queixa-se de abandono autárquico por parte de Guimarães. A *exclusão* traduz-se, segundo os próprios autarcas, na impossibilidade de estes exercerem, positivamente, o controlo do *território* vizelense. Entramos deste modo na segunda problemática, anunciada no início deste capítulo : Vizela poderia responder a mais necessidades urbanas - mercado, hospital, Finanças, etc - e reforçar a sua função de "*pequena cidade de província*" (S.João 2), mas não o faz porque Guimarães e o Poder central não lho permitem. Como vimos na análise de dados, a *exclusão* actualiza-se em diversas representações espaciais, que estão sempre associadas às formas de actualização espacial da *inclusão*. Isto porque, paradoxalmente, em Vizela a *exclusão* surge como o resultado de uma *inclusão*. Ou seja, a *inclusão* administrativa num *território* que Vizela não reconhece enquanto *espaço de pertença* transforma-se, se não numa *exclusão* política e social real, pelo menos num sentimento de

*exclusão política e social. A identidade exclusiva surge, assim, dirigida para o espaço de inclusão administrativa.*

A posição hierárquica que ocupa no interior da região é, consequentemente, inferior à posição desejada ("*eu penso que Guimarães não dá o tratamento a Vizela que Vizela lhe merece: um tratamento compatível com a sua importância*"). Tal como os *espaços de inclusão* e de *exclusão*, também o *espaço das hierarquias* se organiza de diferentes formas, sendo que a ideia de uma "falta" é comum a todas elas. A posição que, no interior do espaço regional, os outros reconhecem a Vizela é sempre inferior àquela que a vila pretende ver reconhecida. Como vimos no estudo de caso de Guimarães, embora a cidade reconheça a importância de Vizela, enquanto pólo urbano de nível médio, coloca-a a par de outras localidades, de forma a retirar qualquer relevo à sua posição hierárquica. Além disso, Vizela ainda ambiciona poder reconhecer-se numa posição mais elevada do que aquela que determina como sendo, justamente, a sua. Mas a posição desejada é, actualmente, inviável, dada a actual *inclusão* no concelho de Guimarães. Vizela parece ter um problema hierárquico geral, que se actualiza de forma dupla : a posição que se atribui, no interior do espaço regional, é baixa, mas aquela que os outros lhe atribuem é ainda mais baixa.

Paralelamente, e agora situamo-nos à escala nacional, existe um declínio da posição da localidade face ao exterior : as termas foram um pólo importante, mas entraram em declínio e Vizela perdeu, a par do poder de atracção, um emblema importante para a constituição da sua *identidade colectiva*.

"Há 100 anos atrás, quando isto começou a desenvolver, quando as termas começaram a crescer no País (...) Vizela foi considerada como a Rainha das Termas de Portugal." (S.João 2)

Este declínio hierárquico é compensado pela existência de uma indústria recente, que organiza funcionalmente o *território* local, mas que no entanto não é capitalizada, face ao exterior, enquanto valor simbólico, como haviam sido as termas, porque a indústria está espalhada por toda a região e, face ao exterior, dificilmente aparece a individualizar Vizela.

## **A REIVINDICAÇÃO DE UMA CENTRALIDADE**

"O que fazia cá falta era sermos concelho à partida, não é?" [S.Miguel 4 (1983)]

"Acho que Vizela só se transformará, pelo menos futuramente, quando for sede de concelho." [S.Miguel 3 (1983)]

"Em termos de projectos, há muitos projectos para toda esta zona. Nesta altura não é possível fazerem-se porque cada freguesia desta zona pertence ao seu concelho (...). Se nós quiséssemos avançar teríamos de ir para a criação do tal concelho de Vizela." [S.João 1 (1993)]

Vizela considera que Guimarães não só não organiza o *território* envolvente como ainda impede a sua organização a partir de outra *centralidade*. Aquela que Vizela reivindica para si própria, e que, como vimos, tem existência no plano económico, social e simbólico. O projectado concelho de Vizela, que se legitima na existência dessa *centralidade*, viria resolver as tensões manifestadas tanto à escala local como à escala global. Começava, na escala regional, por libertar a localidade da *inclusão* forçada num *território* hostil. Depois, à escala local, resolvia dois problemas : expulsava os invasores vimaranenses, restituindo a cidade à comunidade, e dava-lhe um *território* envolvente, que passaria a centralizar. O nível hierárquico confirmava-se na escala local : institucionalizava-se a posição superior, que já detém ao nível económico, social e ritual, e alterava-se na escala regional : face a Guimarães a distância hierárquica anulava-se, visto que ambas as localidades seriam sede de concelho. Do ponto de vista de Vizela, a criação do concelho permitia o apaziguamento das tensões sociais e criava a possibilidade de um desenvolvimento harmónico do espaço regional.

"Ainda não percebi bem essa ideia de dizerem que Guimarães fica mais enfraquecida. Penso que podia até ficar mais beneficiada, porque teria aqui um concelho muito próximo, muito chegado, com muitas afenidades. E agora até porque está a acontecer, e ainda bem que assim acontece, associações de municípios, eu penso que seria bom associar-se, mais um a associar-se, eu penso que daria força à própria Guimarães, a toda esta região." [S.João 1 (1993)]

## MOBILIDADE E AUTOCENTRAÇÃO

"Há outros que têm outras condições - carro -, já podem, já se sabe, começam a alargar-se, não é ? Há muita gente que vai para o Porto, outros que vão para Braga ... é como eu digo, quem tiver um carrinho e que goste de andar nisso, lá vão eles." [S.Miguel 4 (1982)].

Até aqui limitámo-nos a fazer uma descrição interpretativa dos espaços local e regional. De facto, dado o investimento espacial da localidade, que se manifesta, justamente, em íntima relação com a arquitectura espacial das referidas escalas, o estudo de caso de Vizela exige essa delimitação. Revela que embora sujeita a uma dinâmica regional que aponta para a urbanização do *território* e, conseqüentemente, para uma significativa transformação dos *géneros de vida*, Vizela é mais *enraizada* que *cosmopolita*. Possui, como já vimos, uma configuração espacial fortemente autocentrada. A forte *centração* da localidade encontra-se associada a uma lógica de *enraizamento* que, devido à situação particular de *inclusão* administrativa indesejada, se revela particularmente activa. Sustenta-se numa *memória colectiva* que, de forma performativa, rediz a relação simbólica que liga a população à sua terra. A colocação da vila no *centro* de um *território* que representa como "seu" (tanto mais excessiva quanto a *centralidade* desejada não é reconhecida no exterior) inibe, de certa forma, uma construção do *território* mais apoiada na mobilidade. No entanto, se alargarmos as escalas de observação e se nos referirmos, especificamente, a algumas camadas da população, encontramos um



*cosmopolitismo* nascente. Passamos, então, a analisar as representações das práticas colectivas relacionadas com a *mobilidade espacial*.

À escala local, Vizela afirma-se como *centro* organizador do espaço envolvente e, por isso, toda a *mobilidade* é representada a partir do exterior e dirigida para si própria. Trata-se de uma dinâmica centripeta, que concebe o acolhimento urbano das populações periféricas. A negação, simbólica, mas seguramente com reflexos nas práticas sociais, da relação com Guimarães acaba por inibir o desenvolvimento de uma lógica centrífuga, que colocasse Vizela em relação com *centros urbanos* de nível superior ao seu. Por exemplo, se nos limitarmos à vida ritual, verificamos que as festas de Vizela são sempre apresentadas como o ponto mais alto do ciclo festivo, sucedendo-se as festas das aldeias periféricas. Pelo menos ao nível das representações, as festas da cidade de Guimarães existem enquanto ponto de referência para as festas da vila - " *Vizela até faz melhor* " -, mas não são eficazes, do ponto de vista da integração simbólica. Se lá vão, os habitantes de Vizela preferem não o revelar, excluindo completamente as Gualterianas do discurso :

"De uma maneira geral, há as festas da vila, onde toda a gente vai. Depois há as festas das freguesias circunvizinhas, a que os vizelenses vão, também, passando por lá." (S João1)

No entanto, se fizermos um salto de escala, voltamos a encontrar a *mobilidade* a organizar as representações. Também aqui, podemos falar de duas *escalas* : a escala nacional e a escala internacional. Começemos pela

*mobilidade interna* ao País, que é relativa a grupos sociais precisos : industriais, quadros e jovens. Os dois primeiros, se não trabalham no exterior (um dos nossos entrevistados vai todos os dias trabalhar ao Porto), deslocam-se, pelo menos para utilizar serviços especializados (negócios, compras, espectáculos, médicos, etc). Braga e Porto parecem ser as cidades mais escolhidas, sempre em detrimento de Guimarães, citada, mas com precaução. O mesmo se passa quanto à procura de emprego no exterior. A uma pergunta sobre a direcção desses fluxos, um entrevistado respondeu:

"Para outros grandes meios: Porto, Braga, até Guimarães! E mesmo até à capital!" (S.Miguel 4).

Também a esta escala se podem definir fluxos relacionados com a *mobilidade ritual*. Neste caso são os jovens os mais implicados e a recente possibilidade de dispor de um carro para se deslocar alterou completamente a geografia dos percursos. Os grandes *centros urbanos* passam a ser tão ou mais atractivos do que as vilas e aldeias vizinhas, dada a maior diversidade da oferta e, também, o menor grau de visibilidade, relativamente à comunidade de origem dos jovens migrantes.

A *mobilidade internacional* é referida sobretudo para legitimar a posição hierárquica que Vizela pretende obter : o facto de estar conectada, de diversas formas, com o exterior confere-lhe um estatuto *cosmopolita* que a população convoca de cada vez que pretende enaltecer o seu valor, indiscutível, porque reconhecido por estrangeiros. Os entrevistados referem

dois tipos de orientação, quando se referem aos fluxos entre Vizela e o estrangeiro. Os primeiros fluxos são orientados do exterior para a vila e estão relacionados com o passado glorioso, com as termas que recebiam gentes de todo o mundo.

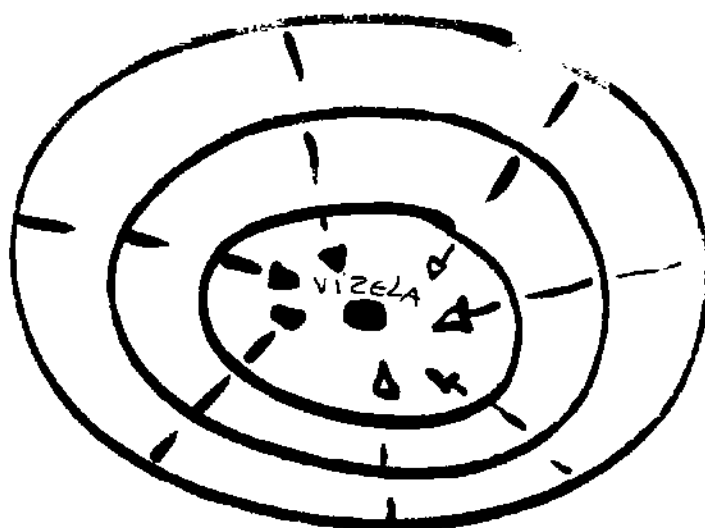


Figura 6.- *Espaço de concentração* : organizado por uma colocação ao centro à escala nacional (*movilidade centrípeta*).

"As pessoas vêm de Lisboa e, agora não, mas antigamente, muitos africanos, franceses, ingleses, alemães, vinham para aqui para fazer os seus tratamentos" (S.Miguel 1).

Os segundos fluxos são orientados de Vizela para o exterior e estão relacionados com a indústria têxtil. Referem-se, obviamente, mais à

mobilidade de mercadorias, que emblematizam a vila, do que à mobilidade de pessoas. Essa função emblemática da mobilidade de mercadorias produzidas em Vizela está sempre presente no discurso autocentrado que caracteriza os seus habitantes :

"Nós temos aqui empresas que estão apetrechadas em máquinas, prontas para entrar na CEE (...) E é por isso que nós exportamos, (...) até para a Suíça, e se não fosse isso nós não tínhamos possibilidade de exportar para a Suíça." [S. João 2 (1982)]

## **EXCLUSÃO TERRITORIAL E MOBILIZAÇÃO AFECTIVA**

Face a um estudo de caso que inclui comportamentos territoriais particularmente investidos de violência (os acontecimentos de 1982, já referidos) procurámos, para o interpretar, apoio em textos de autores próximos da etologia. O conceito de *territorialidade* é útil na abordagem dos processos de transformação do espaço que implicam a redefinição dos espaços de *exclusão* e de *inclusão*, sobretudo se quisermos ter em linha de conta os comportamentos colectivos que lhes estão associados. Como refere Remy e Voyé (1981), os referidos comportamentos colocam o problema da agressão e da violência, em ligação com o problema da apropriação, e o conceito de *território* - *uma área fixa que é defendida pelo proprietário contra os congéneres, quer por meios directos, quer por rituais*

*que identificam o defensor e o tornam evidente (ou à sua presença) aos intrusos (Vieira 1983 : 275) - permite-nos trabalhar em conjunto essas duas dimensões.*

As propostas interdisciplinares do conceito de *territorialidade humana* consideram, para lá da dimensão biológica, as dimensões social, cultural e psicológica e, nesse sentido, podem estabelecer pontos de contacto produtivos com a nossa investigação. Numa perspectiva que enquadra o ponto de vista antropológico, Bracinha Vieira afirma : *"admitimos que a implantação de um grupo étnico numa área vital, com as valências de coesão interna e desconfiança do exterior que regularmente lhe advêm, realiza, a nível mais elevado, o comportamento social dos Mamíferos superiores que dispõem de territórios gregários, e reflecte, no plano da cultura, disposições filogenéticas arcaicas. Ao mesmo tempo, a interiorização do programa comportamental projecta-o em novas esferas, normativas e simbólicas" (sublinhado nosso) (Bracinha Vieira 1983 : 291).*

A problemática da localidade prende-se, justamente, com a questão da *apropriação/defesa do território*. Em geral, a *inclusão* espacial permite organizar o *espaço de pertença* (e a *identidade inclusiva*) colocando-o em relação com o *espaço de pertença* dos outros, que é, dentro de certos limites, um *espaço de exclusão* (e de *identidade exclusiva*). Acontece que no caso de Vizela as modalidades de *inclusão* e de *exclusão* não organizam uma configuração espacial estável. Pelo contrário, organizam uma configuração dinâmica, que se alicerça na contestação do presente e se projecta no futuro. Cabe aqui referir que, tal como vimos na primeira parte, as modalidades de *inclusão* e de *exclusão* espacial se encontram

prioritariamente associadas à temática política. Quando falamos de configuração actual referimo-nos à divisão administrativa actual, que determina, através da imposição de um poder que a comunidade considera exterior, relações de *inclusão* e de *exclusão* indesejadas. Em contrapartida, a configuração projectada define também relações de *exclusão* e de *inclusão administrativa*, mas desta vez desejadas e coincidentes com os espaços actuais de *inclusão* e de *exclusão* social, ritual e económica. Do ponto de vista dos *espaços identitários*, existe uma não coincidência entre os espaços da *identidade inclusiva* e *exclusiva* (com valências sociais, culturais e afectivas) e os espaços actuais da *inclusão* e da *exclusão administrativa*. Se considerarmos, e o estudo da espacialidade de Vizela aponta para esse modelo, que a cosmogonia da vila obedece a um modelo que centra o mundo no *centro* da área vital da comunidade, de forma a exercer o domínio sobre o espaço que lhe é próprio, concluímos que Vizela possui um *espaço de centração* problemático, visto que o modelo cosmogónico é negado pela realidade da divisão administrativa em vigor. Os comportamentos violentos inserem-se na recusa da configuração administrativa actual, simbolicamente marcada pela *permanência de uma falta*, e na defesa da configuração projectada, simbolicamente portadora da *liquidação da falta*.

Mas o investimento territorial de Vizela implica componentes de outra ordem - nomeadamente de valorização hierárquica do *território*, associada, como em todo o estudo de caso, às diferenças económicas - e exige, por isso, uma leitura integrada. Para o fazer, propomos uma transposição, do plano individual para o plano colectivo, e do plano patológico para o plano

comportamental, do modelo apresentado por Bracinha Vieira (1991), num estudo dedicado às psicoses endógenas. Bracinha Vieira defende que os síndromos que surgem nas psicoses endógenas decorrem do desregramento de sistemas de comportamento arcaicos, relativos, por um lado, à posse/perda da posse de um *território* e, por outro, à perda de estabilidade na ordem hierárquica. Os dois sistemas de comportamento - *defesa do espaço* e *escala de dominância* - são complementares e interactivos. Um esquema unitário permite conceber vários tipos de comportamento, situados no cruzamento dos dois eixos, relativos ao *esquema territorial* e ao *esquema hierárquico* (cft. *esquema unitário*).

Para fazer a transposição do modelo de Bracinha Vieira para o nosso estudo de caso, começámos por dar particular atenção aos *espaços de inclusão* e de *exclusão*, visto que eles nos permitem estudar a relação que a colectividade estabelece com o seu *espaço de pertença* (de *inclusão territorial* assumida e de *identidade inclusiva*), assim como a relação que estabelece com o *espaço de pertença* de Guimarães (de *exclusão territorial* assumida e de *identidade exclusiva*). Depois observámos as valorizações hierárquicas que organizam as diferenças significativas no interior do espaço envolvente. As duas operações foram efectuadas, isoladamente, para a escala local e para a escala regional.

Relativamente ao esquema unitário (cft. *esquema unitário*, **pontos 1 e 2**), colocámos Vizela em dois pontos : o primeiro situa-se no cruzamento entre o eixo do *síndromo paranóide* do *esquema territorial* (*território estranho e hostil*) e o eixo do *síndromo melancólico* (declínio de posição) do

esquema hierárquico. O segundo no cruzamento entre o eixo do *síndrome paranóico* do esquema territorial (*território invadido*) e o eixo do *síndrome maniaco* (elevação de posição) do esquema hierárquico. A primeira posição refere-se ao espaço regional e a segunda ao espaço local ; são interactivas, e a compreensão do comportamento da colectividade depende do entendimento dessa interacção.

Se recordarmos a descrição da espacialidade vizelense compreendemos esta dupla colocação. Começamos pelo ponto nº1 do esquema unitário que, como dissemos, se aplica ao espaço regional. Os habitantes de Vizela, quando confrontados com a sua *inclusão administrativa*, reagem como se ela significasse uma colocação forçada no exterior do *território* da vila. O comportamento colectivo é, em termos regionais, fortemente marcado pelo sentimento de pertencer a um *território* hostil : Vizela sente-se perseguida, ameaçada e injustiçada por Guimarães (*síndrome paranóide*).

Além disso, a *representação do espaço regional* manifesta um problema hierárquico, que se actualiza de forma dupla : a posição que Vizela se atribui é baixa, mas aquela que os outros lhe atribuem é ainda mais baixa. O desalento originado pela subvalorização hierárquica é evidente, sobretudo nos indivíduos que têm responsabilidades colectivas : presidentes da Junta de Freguesia e presidente da associação desportiva (*síndrome melancólico*).

Apesar da hostilidade envolvente e da subvalorização hierárquica, pode dizer-se que Vizela manifesta uma extraordinária vitalidade, sobretudo se considerarmos que uma situação de mal-estar colectivo se prolonga e se



mantém activa, há pelo menos dez anos. Parece ser o ponto **nº2** do esquema unitário, relativo ao espaço local, que melhor explica o comportamento vitalista de Vizela. Dado que não aceita a *inclusão* administrativa no concelho de Guimarães, Vizela considera que o seu *território* se encontra invadido por estranhos e que o espaço que quer organizar pertence, porque foi usurpado, a outros. A partir do *centro* de um *território* que considera seu, a vila procura dominar as freguesias envolventes. Bate-se pelo seu *território* e tenta expulsar os invasores. Esta situação justifica a colocação da localidade no eixo do *síndrome paranóico*, relativo às perturbações decorrentes da invasão do *território*.

A luta *contra o invasor* associa-se a uma imagem de si própria que, de algum modo, sobrevaloriza a posição hierárquica da localidade. Pensamos que muito do comportamento da localidade, nomeadamente o investimento eufórico na criação do concelho, se explica pela sobrevalorização, efectuada no interior da configuração do espaço local, da posição hierárquica da vila. É essa sobrevalorização, nomeadamente do seu poder de atracção enquanto *centro urbano*, que explica a agressividade, face ao exterior, que Vizela manifesta sempre que se coloca a questão da constituição do novo concelho. A *alegria festiva* da existência, que está associada à subida de nível e se manifesta por uma intervenção constante no seu meio social, caracterizada pela euforia, o entusiasmo, a irritabilidade e a autoconfiança, parece estruturar a luta da população pela obtenção do concelho desejado. Os actos de violência relacionados com o projecto de criação do concelho de Vizela já têm dez anos, mas ainda hoje são motivo de orgulho colectivo. A vila considera-se.

por comparação com Guimarães, um *centro organizador* de um espaço que lhe pertence e exprime-o de forma eufórica e entusiástica, sem parecer dar-se conta da real diferença de nível que separa as duas localidades (*síndrome maníaco*).

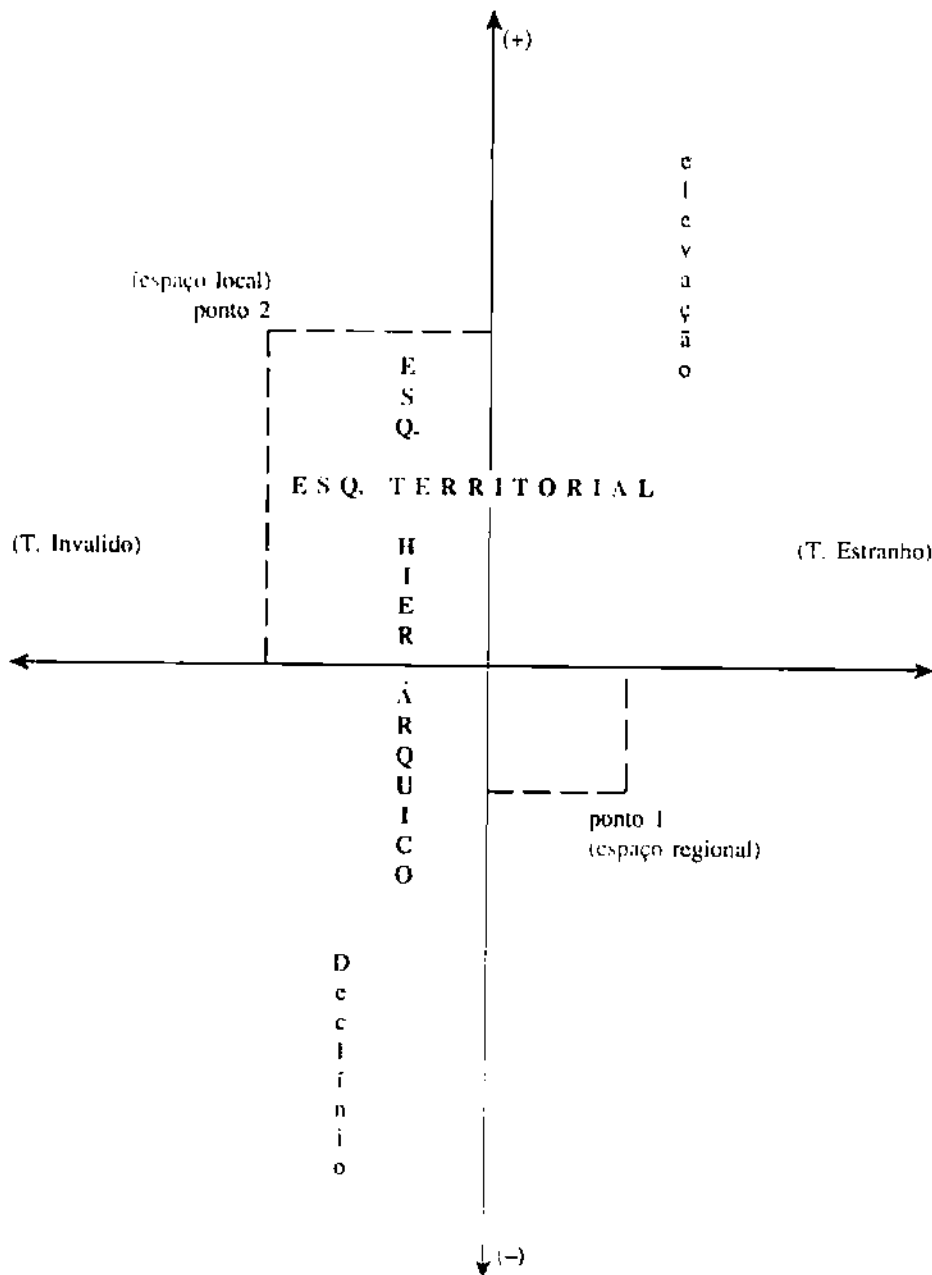


Figura 8. - *Esquema unitário.*



Escala 1:25.000

## ALDEIA DE SANTA EULÁLIA

### SANTA EULÁLIA E VIZELA : UMA REPRESENTAÇÃO CONJUNTA

#### NOTA PRÉVIA :

Tal como fizemos para as duas localidades anteriores, começaremos o estudo da espacialidade de Santa Eulália pela análise de dados.

Os cruzamentos efectuados são os seguintes (cft. fim do capítulo) : quadros **nº1.3.** (cruzamento e **chi2**), totalidade dos *temas*, em bloco, e totalidade dos *modos de espacialização*, em bloco. Quadros **nº2.3.** (cruzamento e **chi2**), totalidade dos *temas*, em detalhe, e totalidade dos *modos de espacialização*, em bloco. Quadros **nº4** (cruzamento e **chi2**), *temas*, em bloco, e três localidades. Quadros **nº5** (cruzamento e **chi2**), *operações*, em bloco, e três localidades. O Cluster **nº4** refere-se aos cruzamentos do quadro **nº1.3.**

A análise comparativa das localidades que integram o nosso estudo de caso (quadros **nº4** e **nº5**) revela que em Santa Eulália a problemática da

definição da divisão administrativa do espaço se torna secundária, uma vez que o seu tratamento explícito, através do *tema político* (-28.52) e da espacialização por *inclusão* (-0.20) e por *exclusão* (-7.99), é menos significativo em Santa Eulália do que em Guimarães e Vizela.

A análise feita do ponto de vista interno à localidade conduz-nos, no entanto, a outro tipo de observações. Verificamos que a problemática da divisão administrativa está também presente, e que essa problemática articula a espacialidade de Santa Eulália com a espacialidade de Vizela. As representações das duas localidades são compatíveis, visto que manifestam uma *representação projectiva do espaço administrativo* e uma *representação do espaço das relações sociais* parcialmente coincidentes.

Considerando a análise dos dados, partindo da observação do quadro dos desvios *nº1.3*, verificamos que o cruzamento *inclusão/político* apresenta o terceiro desvio mais elevado do quadro (+12.17). Além disso, a *exclusão espacial* apresenta valores positivos nos cruzamentos com o *político* (+1.07) e com a *história* (+1.26). O detalhe destes cruzamentos permite-nos reconhecer a representação que havíamos encontrado em Vizela (quadro dos desvios *nº2.3*.): a *inclusão* cruza-se significativamente com o *projecto* (+15.96), com a *administração* (+11.84) e com a *planificação* (+2.84), e a *exclusão* com o *projecto* (+12.29) e com a *administração* (+1.74).

Estes dados levam-nos a afirmar que a temática da divisão administrativa do espaço é pertinente para a localidade, mesmo que, comparativamente, seja mais importante para Guimarães e Vizela. Como

veremos na descrição interpretativa, existe uma coincidência parcial entre as espacialidades de Vizela e Santa Eulália e a componente central dessa coincidência é a projecção de um mesmo *espaço de inclusão* (o projectado concelho de Vizela). Além disso, a organização sintagmática da representação do espaço projectado é análoga à de Vizela: a exclusão (neste caso do concelho de Lousada) precede a *inclusão* no espaço projectado (o concelho de Vizela).

Em resumo: **1.** existe uma componente da espacialidade de Santa Eulália que é comum, do ponto de vista da problemática, às outras duas localidades (refere-se à divisão administrativa do *território*, tratada como uma realidade que se encontra no centro das negociações intercomunidades), **2.** essa componente da espacialidade é, do ponto de vista da sua construção, compatível com a espacialidade de Vizela (tal como Vizela, Santa Eulália concebe uma construção espacial orientada, em que a exclusão do concelho de Lousada precede a *inclusão* no concelho de Vizela).

O quadro dos desvios **nº1.3.** aponta, ainda, no interior da mesma problemática, para a importância da construção formal do espaço, que podemos resumir a partir da descrição da análise de dados : o cruzamento *relações formais/político* apresenta um desvio positivo (**+3.64**). A ideia de que o espaço político se organiza por relações formais é confirmada pelo quadro dos desvios **nº2.3.**, que apresenta desvios positivos nos cruzamentos das *relações formais* com os subtemas do *político-administração* (**+2.56**) e *planificação* (**+0.20**) e ainda com o *subtema história-projecto* (**+0.71**).

## **MOBILIDADE E TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO**

Uma vez descrito o núcleo de compatibilidade entre as *representações do espaço* de Santa Eulália e Vizela, passemos às componentes específicas da representação de Santa Eulália.

Trata-se de uma pequena localidade rural, recentemente tocada pelo movimento geral de urbanização do *território* e, por esse motivo, confrontada com novas formas sociais e culturais. Tal situação é gerida numa tentativa de produzir articulações entre o mundo rural, em crise, e o mundo urbano, mais recente e claramente conotado com o futuro possível. *A mobilidade espacial* surge, neste contexto, como factor de organização de um *território* que se abre, em escalas sucessivas, a pólos urbanos de nível diverso. Entre eles destaca-se Vizela, representada, por um lado, como o *centro* urbano que polariza os movimentos da população de Santa Eulália e, por outro, como o *centro* urbano que acabará, através de um processo de extensão do *território*, por integrar a aldeia. Santa Eulália organiza o espaço local por uma relação *centro/periferia*, colocando Vizela no *centro*, e colocando-se a si própria na *periferia*. A abertura aos *centros* urbanos corresponde à dinâmica de transformação, no espaço interior à aldeia, dos *géneros de vida*.

Como vimos na análise dos quadros que comparam as três localidades, a representação do espaço de Santa Eulália privilegia a problemática da morfologia social da região (quadro *nº4*, cruzamento Santa Eulália/população (+41.64). Com apoio nos clusters *nº1* e *nº4*, e procedendo à comparação entre o quadro *nº1* (relativo à totalidade das

localidades) e quadro *nº1.3.* (relativo a Santa Eulália), verificamos que no quadro *nº1* o cruzamento *população/relações funcionais* (casa 21) se encontra no 3º cluster, enquanto no quadro *nº1.3.* se encontra no 2º. A organização, em clusters, das frequências de citação dos cruzamentos levam-nos a concluir que Santa Eulália "fala" mais do que as outras localidades do espaço funcional tematizado pela população. A análise do quadro dos desvios *nº1.3.* dá sentido a essa afirmação, visto que o cruzamento *relações funcionais/população* apresenta o desvio mais elevado do quadro (+25.08).

Na análise dos quadros relativos ao conjunto do terreno começámos por verificar que a população é, massiva e significativamente, espacializada pelas relações funcionais (quadro *nº1*), o que torna evidente a conclusão de que a *mobilidade* (deslocação da população) é o factor humano mais significativo para a estruturação do espaço (quadro dos desvios *nº2*). O mesmo se passa em Santa Eulália, sendo que a distância da aldeia face à problemática política, assim como a sua maior ligação às práticas quotidianas da população, a levam a significar a *mobilidade espacial* de forma mais pertinente que o resto das localidades. Este facto tem uma evidente manifestação estatística, visto que o cruzamento *relações funcionais /população* apresenta, no que diz respeito a Santa Eulália, o desvio mais elevado do quadro *nº1.3.*, enquanto no quadro *nº1*, relativo às três localidades, o mesmo cruzamento aparece com o segundo desvio mais importante, precedido pelo cruzamento *inclusão/político*. O quadro *nº2.3.*, que faz o detalhe dos temas, permite uma análise mais fina do cruzamento *relações funcionais/população*: composição da *população/relações funcionais* [149 citações e desvio de (+20.00)] e *deslocação da*



*população/relações funcionais* [106 citações e desvio de (+39.03)]. Se compararmos, mais uma vez, o quadro relativo às três localidades e o quadro de Santa Eulália, verificamos que nesta localidade a *composição da população* tem um papel mais importante na representação da *mobilidade*. Em Santa Eulália, a distância que separa o desvio relativo à *composição da população* do desvio relativo à *deslocação da população* (subtemas sempre cruzados com as *relações funcionais*) é muito inferior : no caso do quadro de conjunto a diferença é de 125.5 [(+166.49) - (+40.99)], enquanto no caso de Santa Eulália é apenas de 19.03 [(+39.03) - (+20.00)]. Esta diferença é importante, porque de algum modo concentra em si a especificidade da representação do espaço da aldeia de Santa Eulália. Numa situação de transformação social, a aldeia significa, mais do que a cidade e a vila, a *mobilidade espacial* em associação com a *mobilidade social*. Os actores da *mobilidade* surgem, para os entrevistados da aldeia, como os veículos das transformações dos *géneros de vida*. Distinguem-se da generalidade da população através de dois critérios de base: são mais operários do que agricultores e mais jovens do que velhos (daí a importância estatística do subtema *composição da população*). Estamos face a uma sociedade que organiza uma nova heterogeneidade social associada à organização de novos *géneros de vida* e que por isso tem necessidade de a significar. Em Santa Eulália a problemática da transformação do espaço regional apresenta uma forma humana : os seus habitantes esforçam-se por construir uma representação que integre o protagonismo dos seus habitantes e que, ao mesmo tempo, pense a heterogeneidade no interior da morfologia social da aldeia. Esta dinâmica tem o seu correspondente na

representação das relações sociais. A heterogeneidade recente da população implica a formalização de novas relações sociais, enquadradas por novos *géneros de vida*.

O cruzamento *relações funcionais/sociedade* completa esta componente estrutural da espacialidade, significando as *relações sociais* que fazem interagir, ao mesmo tempo que integram, os diferentes membros da população. Se observarmos os dados, verificamos que o cruzamento *relações funcionais/sociedade* (casa 22, 130 citações) se situa, em números absolutos, muito perto do cruzamento *relações funcionais/morfologia* (casa 21, 152 citações) : o primeiro integra o terceiro cluster e o segundo integra o segundo cluster, mas estão associados num mesmo cluster numa escala menor do que 5 (quadro 1.3., cluster nº4). Além disso, as relações funcionais são a operação mais utilizada pelos dois temas: 46.1% das citações relativas à *população* e 29.1% das citações relativas à *sociedade*. O quadro 2.3. informa-nos sobre o detalhe do cruzamento da *sociedade* com as *relações funcionais* : a *integração* é o subtema mais citado, seguido das *relações* e da *coexistência*.

A organização formal do espaço aparece, mais uma vez, associada a um bloco de temas que se destaca pela sua importância na representação de conjunto: o quadro dos desvios nº2.3. revela que as deslocações da população são pertinentemente espacializadas pelas *relações formais* (+10.10), tal como as *relações sociais* (+1.32) e a *integração social* (+5.56), embora os desvios sejam bastante menos importantes.

## UM ESPAÇO ECONÓMICO MECÂNICO

A representação do espaço económico é coerente com o conjunto da representação já analisado, colocando-se ao nível do modelo distintivo, que associámos à sociedade mecânica de Durkheim.

Voltemos aos quadros **nº1.3.** para observar o comportamento da *economia*: em Santa Eulália, tal como na totalidade das localidades, é o *tema* mais citado (879 citações, **36.5%** da totalidade dos cruzamentos). Os cruzamentos com as *relações funcionais* (235 citações) e com as *semelhanças* (217 citações) são os mais citados, seguidos dos cruzamentos com as *diferenças* (163 citações) e com a *inclusão* (135 citações). O quadro dos desvios revela que o cruzamento com as *diferenças* é, de todos os cruzamentos do *tema economia*, o mais significativo (**+15.51**), sendo também o segundo mais significativo do quadro. A questão da representação do espaço económico, já colocada na análise relativa ao conjunto do terreno, e desenvolvida nos casos de Guimarães e Vizela, surge em Santa Eulália significativamente associada à representação das transformações do *território*. Como indica a análise de **chi<sup>2</sup>**, a aldeia é a localidade que mais utiliza a economia como factor de distinção espacial : "Já é industrial ou ainda é agrícola?" é a questão de base, que permite definir quem é quem no interior de uma economia semiperiférica, em constante mutação. Trata-se de uma organização do *território* que se socorre de uma representação distintiva, e por isso pouco dinâmica, do espaço económico.

Propusemos a aproximação dessa construção espacial ao modelo

mecânico de Durkheim, aproximação que parece, mais uma vez, fazer sentido, visto que a localidade com maior índice de ruralidade do nosso estudo de caso aparece claramente associada a esse tipo de construção da espacialidade. O carácter estático desse modelo é compensado, como vimos, pela representação de um espaço dinâmico percorrido pela *mobilidade* da população.

QUADRO Nº1.3. (CRUZAMENTO)

ALDEIA DE STA EULÁLIA - Totalidade dos temas (em bloco)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

The SPSS/PC+ system file is read from  
file \mena2\minhoca.sps  
The file was created on 5/21/93 at 18:30:39  
and is titled labels des variables  
The SPSS/PC+ system file contains  
1813 cases, each consisting of  
41 variables (including system variables).  
41 variables will be used in this session.

Aldeia de Sta Eulália	cruzamento : temas/modos de espacialização			
	POPULATION	SOCIETE	ECONOMIE	HISTOIRE
INCLUSION	35 9.3% 10.6%	80 21.3% 17.9%	135 36.0% 15.4%	82 21.9% 14.0%
EXCLUSION	6 7.3% 1.8%	14 17.1% 3.1%	29 35.4% 3.3%	25 30.5% 4.3%
RESSEMBLANCE	69 12.2% 20.9%	95 16.8% 21.3%	217 38.3% 24.7%	161 28.4% 27.5%
DIFFERENCE	39 11.9% 11.8%	55 16.8% 12.3%	163 49.7% 18.5%	58 17.7% 9.9%
REL FONCTION	152 20.5% 46.1%	130 17.6% 29.1%	235 31.8% 26.7%	179 24.2% 30.5%
REL FORMEL	29 9.3% 8.8%	73 23.3% 16.3%	100 31.9% 11.4%	81 25.9% 13.8%
total colonne	330 13.7% 100.0%	447 18.6% 100.0%	879 36.5% 100.0%	586 24.4% 100.0%

(continued)

Aldeia de Sta Eulália		total ligne
	POLITIQUE	
INCLUSION	43 11.5% 26.4%	375 100.0% 15.6%
EXCLUSION	8 9.8% 4.9%	82 100.0% 3.4%
RESSEMBLANCE	25 4.4% 15.3%	567 100.0% 23.6%
DIFFERENCE	13 4.0% 8.0%	328 100.0% 13.6%
REL FONCTION	44 5.9% 27.0%	740 100.0% 30.8%
REL FORMEL	30 9.6% 18.4%	313 100.0% 13.0%
total colonne	163 6.8% 100.0%	2405 100.0% 100.0%

QUADRO N°1.3.(CHI2)

ALDEIA DE STA EULALIA - Totalidade dos temas (em bloco)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	35	80	135	82	43
exclusion	6	14	29	25	8
ressemblan	69	95	217	161	25
difference	39	55	163	58	13
rel foncti	152	130	235	179	44
rel formel	29	73	100	81	30

TABLEAU DES ECARTS

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	(-) 5.26	(+) 1.5	(-) 0.03	(-) 0.96	(+) 12.17
exclusion	(-) 2.45	(-) 0.10	(-) 0.03	(+) 1.26	(+) 1.07
ressemblan	(-) 1.00	(-) 1.02	(+) 0.46	(+) 3.78	(-) 4.69
difference	(-) 0.80	(-) 0.58	(+) 15.51	(-) 6.01	(-) 3.83
rel foncti	(+) 25.08	(-) 0.41	(-) 4.65	(-) 0.01	(-) 0.76
rel formel	(-) 4.53	(+) 3.78	(-) 1.81	(+) 0.29	(+) 3.64

CHI-2 = 107.51

## QUADRO Nº2.3. (CRUZAMENTO)

ALDEIA DE STA EULALIA - Totalidade dos temas (em detalhe)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

	inclusion	exclusion	ressemblan	difference	relfonctio	relformel
comp pop	32	6	67	35	149	27
tail pop	3	0	2	4	3	2
depl pop	8	1	6	17	106	40
rela soc	25	6	23	17	44	24
inté soc	21	0	25	14	58	31
coex soc	34	8	47	24	28	18
prim eco	57	10	62	31	58	32
seco eco	19	3	44	26	33	12
tert eco	39	10	60	67	97	48
tert eco	20	6	51	39	47	8
memo his	12	5	38	16	54	27
pman his	14	3	51	9	28	19
cman his	9	5	24	8	29	5
lman his	15	2	30	19	44	12
proj his	32	10	18	6	24	18
adm poli	35	7	21	11	34	25
pla poli	8	1	4	2	10	5



## QUADRO Nº2.3. (CHI2)

ALDEIA DE STA EULÁLIA ( Totalidade dos temas (em detalhe)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

	inclusion	exclusion	ressemblan	difference	relfonctio	relformel
comp pop	(-) 4.71	(-) 1.70	(-) 0.14	(-) 1.23	(+) 20.00	(-) 6.07
tail pop	(+) 0.41	(-) 0.45	(-) 0.39	(+) 2.43	(-) 0.55	(+) 0.00
depl pop	(-) 12.82	(-) 3.89	(-) 28.40	(-) 1.93	(+) 39.03	(+) 10.10
rela soc	(+) 0.93	(+) 0.53	(-) 1.99	(-) 0.13	(-) 0.05	(+) 1.32
inté soc	(-) 0.05	(-) 4.79	(-) 1.96	(-) 1.75	(+) 1.73	(+) 5.56
coex soc	(+) 4.61	(+) 1.64	(+) 3.90	(+) 0.36	(-) 11.13	(-) 0.64
prim eco	(+) 10.72	(+) 0.48	(+) 0.77	(-) 0.17	(-) 6.97	(-) 0.14
seco eco	(-) 0.08	(-) 0.45	(+) 6.09	(+) 3.24	(-) 3.14	(-) 2.41
tert eco	(-) 1.55	(-) 0.01	(-) 1.76	(+) 13.58	(-) 0.63	(+) 0.39
tert eco	(-) 1.13	(+) 0.05	(+) 4.50	(+) 11.43	(-) 1.45	(-) 10.11
memo his	(-) 4.93	(+) 0.00	(+) 0.54	(-) 0.91	(+) 0.36	(+) 1.87
pman his	(-) 1.05	(-) 0.24	(+) 20.06	(-) 3.45	(-) 3.92	(+) 0.25
cman his	(-) 0.69	(+) 2.30	(+) 2.20	(-) 0.67	(+) 0.30	(-) 3.22
lman his	(-) 0.53	(-) 0.94	(+) 0.32	(+) 0.45	(+) 0.41	(-) 1.31
proj his	(+) 15.96	(+) 12.29	(-) 1.48	(-) 4.92	(-) 3.66	(+) 0.71
adm poli	(+) 11.84	(+) 1.74	(-) 2.45	(-) 2.58	(-) 2.10	(+) 2.56
pla poli	(+) 2.84	(+) 0.00	(-) 1.06	(-) 1.01	(+) 0.00	(+) 0.20

CHI2 = 376.88

QUADRO N°4 (CRUZAMENTO E CHI2)  
TEMAS (EM BLOCO)/TRÊS LOCALIDADES

	GUIMARAES	STA EULALIA	VIZELA
POPULATION	100	330	212
SOCIETE	206	447	636
ECONOMIE	460	879	1087
HISTOIRE	312	586	723
POLITIQUE	191	163	330

TABEAU DES ECARTS

	GUIMARAES	STA EULALIA	VIZELA
POPULATION	(-) 4.06	(+) 41.64	(-) 20.03
SOCIETE	(-) 6.37	(-) 0.72	(+) 5.79
ECONOMIE	(-) 0.01	(+) 0.01	(-) 0.00
HISTOIRE	(+) 0.03	(+) 0.00	(-) 0.02
POLITIQUE	(+) 28.29	(-) 28.52	(+) 1.76

CHI2 = 137.26

QUADRO Nº5 (CRUZAMENTO E CHI2)  
MODOS DE ESPACIALIZAÇÃO (EM BLOCO)/TRÊS LOCALIDADES

	GUIMARAES	STA EULALIA	VIZELA
INCLUSION	270	375	418
EXCLUSION	41	82	187
RESSEMBLANCE	273	567	811
DIFFERENCE	221	328	392
REL FONCT	312	740	872
REL FORM	152	313	308

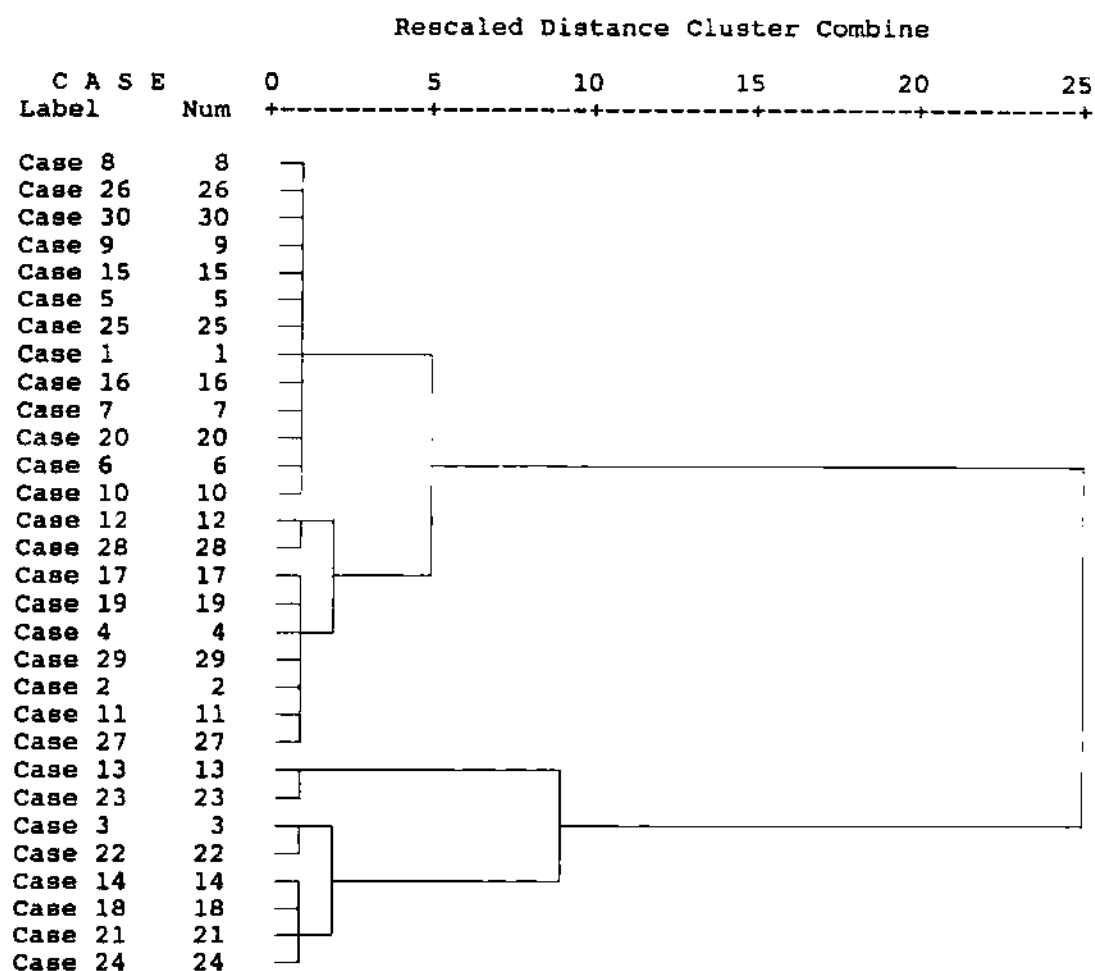
TABLEAU DES ECARTS

	GUIMARAES	STA EULALIA	VIZELA
INCLUSION	(+) 22.51	(-) 0.20	(-) 7.24
EXCLUSION	(-) 5.52	(-) 7.99	(+) 16.54
RESSEMBLANCE	(-) 5.47	(-) 1.41	(+) 6.71
DIFFERENCE	(+) 9.73	(-) 0.40	(-) 2.14
REL FONCT	(-) 8.10	(+) 2.97	(+) 0.10
REL FORM	(+) 0.15	(+) 4.13	(-) 4.32

CHI2 = 105.65

## \*\*\*\*\* H I E R A R C H I C A L C L U S T E R A N A L Y S I S \*\*\*\*\*

Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)



CLUSTER n° 4

	var00001
1	35.00
2	80.00
3	135.00
4	82.00
5	43.00
6	6.00
7	14.00
8	29.00
9	25.00
10	8.00
11	69.00
12	95.00
13	217.00
14	161.00
15	25.00
16	39.00
17	55.00
18	163.00
19	58.00
20	13.00
21	152.00
22	130.00
23	235.00
24	179.00
25	44.00
26	29.00
27	73.00
28	100.00
29	81.00
30	30.00

QUADRO Nº1 (CRUZAMENTO)

TRÊS LOCALIDADE - Totalidade dos temas (em bloco)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

The SPSS/PC+ system file is read from  
file \mena2\minhoca.sps  
The file was created on 5/21/93 at 18:30:39  
and is titled labels des variables  
The SPSS/PC+ system file contains  
1813 cases, each consisting of  
41 variables (including system variables).  
41 variables will be used in this session.

Região (três localid.)	cruzamento : temas/modos de espacialização			
	POPULATION	SOCIETE	ECONOMIE	HISTOIRE
INCLUSION	65 6.1% 10.1%	215 20.2% 16.7%	344 32.4% 14.2%	247 23.2% 15.2%
EXCLUSION	11 3.5% 1.7%	71 22.9% 5.5%	83 26.8% 3.4%	92 29.7% 5.7%
RESSEMBLANCE	157 9.5% 24.5%	276 16.7% 21.4%	666 40.3% 27.5%	441 26.7% 27.2%
DIFFERENCE	72 7.7% 11.2%	159 16.9% 12.3%	421 44.7% 17.4%	220 23.4% 13.6%
REL FONCTION	283 14.7% 44.1%	416 21.6% 32.3%	638 33.2% 26.3%	432 22.5% 26.7%
REL FORMEL	54 7.0% 8.4%	152 19.7% 11.8%	274 35.4% 11.3%	189 24.5% 11.7%
total colonne	642 9.6% 100.0%	1289 19.3% 100.0%	2426 36.4% 100.0%	1621 24.3% 100.0%

(continued)

Região (três localid.)		total ligne
	POLITIQUE	
INCLUSION	192 18.1% 28.1%	1063 100.0% 16.0%
EXCLUSION	53 17.1% 7.7%	310 100.0% 4.7%
RESSEMBLANCE	111 6.7% 16.2%	1651 100.0% 24.8%
DIFFERENCE	69 7.3% 10.1%	941 100.0% 14.1%
REL FONCTION	155 8.1% 22.7%	1924 100.0% 28.9%
REL FORMEL	104 13.5% 15.2%	773 100.0% 11.6%
total colonne	684 10.3% 100.0%	6662 100.0% 100.0%

QUADRO N°1 (CHI2)

TRÊS LOCALIDADES - Totalidade dos temas (em bloco)/totalidade dos modos de espacialização (em bloco)

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	65	215	344	247	192
exclusion	11	71	83	92	53
ressemblan	157	276	666	441	111
difference	72	159	421	220	69
rel foncti	283	416	638	432	155
rel formel	54	152	274	189	104

TABLEAU DES ECARTS

	population	société	economie	histoire	politique
inclusion	(-) 13.68	(+) 0.42	(-) 4.80	(-) 0.52	(+) 62.91
exclusion	(-) 11.92	(+) 2.02	(-) 7.91	(+) 3.64	(+) 14.08
ressemblan	(-) 0.03	(-) 5.91	(+) 6.98	(+) 3.84	(-) 20.20
difference	(-) 3.85	(-) 2.92	(+) 17.91	(-) 0.35	(-) 7.89
rel foncti	(+) 51.36	(+) 5.14	(-) 5.60	(-) 2.79	(-) 9.16
rel formel	(-) 5.64	(+) 0.04	(-) 0.20	(+) 0.00	(+) 7.65

CHI2 = 279.38



## ALDEIA DE SANTA EULÁLIA

### GÊNEROS DE VIDA E TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO

"Eu, vá lá, o mais aspecto que eu vejo é as pessoas ansiosas todas é por ter uma casinha para viver. Outros, outros só pensam mas é em ter um carrinho para passear. Também nesse aspecto, isso é uma coisa assim muito desenvolvida." (Sta Eulália2)

Santa Eulália é a localidade mais pequena do nosso terreno, a aldeia, ou, se quisermos, a representante do mundo rural. Paradoxalmente, é ela que manifesta os sinais mais evidentes de transformação social e o ponto de fixação dos entrevistados é, justamente, a representação da mudança. Lemos as entrevistas e temos a impressão de que já ouvimos falar daquilo nalgum lado. Talvez em escritos sobre os processos de modernização do século passado. Frases como *"l'urbanisation, au XIXe siècle, ne se limitait pas à la diffusion hors des villes des modes de vie urbains : il s'agissait de la diffusion, plus générale, des forces "modernes" et antitraditionnelles"* (Sennett 1979 : 108) parece aplicarem-se directamente

ao nosso estudo de caso.

Mas hoje sabemos que o processo é mais complexo e que se integra numa dinâmica de modernização não linear. Os *géneros de vida* urbanos difundem-se sem que a tradição desapareça ; os dois mundos compatibilizam-se em formas diversas da relação entre o local e o global. Nesse sentido, vários autores propõem metodologias de análise que articulam noções que a tradição académica nos habituou a colocar em oposição. A sugestão de Hannerz, avançada na obra colectiva intitulada "Global Culture", sintetiza esse tipo de propostas - "*We can envisage a range of responses between the polarities of localism (territorially anchored or "bounded" cultures involving face-to-face relations among people who do not move around a great deal) and cosmopolitanism (transnational cultural networks extended in space in which there is a good deal of overlapping and mingling which encourages an orientation to engage with the other)*" (Featherstone 1990 : 9). O nosso trabalho filia-se nas mesmas preocupações. Partimos de oposições clássicas para depois as colocar, através de uma metodologia de análise escalonada, em interacção. Este procedimento permite interpretar a forma como as representações do espaço dão conta da relação entre o local e o global.

A oposição, proposta por J. Remy (1988), entre *espaço território*, organizado por uma lógica de *enraizamento*, e *espaço urbano*, organizado por uma lógica de *mobilidade*, é particularmente útil no estudo da *espacialidade* de Santa Eulália. Nesta localidade, de forma mais evidente do que em Vizela ou em Guimarães, o processo de construção de uma nova *espacialidade* joga na articulação das duas lógicas, apresentando, cada

uma delas, uma significativa pertinência sociológica. O *enraizamento* começa por se revelar na forte relação emotiva que os entrevistados mantêm com a aldeia e na forte atracção ritual exercida pelo seu *centro*, e depois integra as localidades envolventes, numa extensão simbolicamente diferenciada e ancestralmente reconhecida. Simultaneamente, a *mobilidade* organiza as relações com pólos urbanos de diferentes níveis, situados não só no interior do vale de Vizela como também no seu exterior. A distinção das *escalas de representação* permite uma abordagem correcta dessa duplicidade : o espaço local é um espaço de transformação que, no interior do seu dinamismo, mantém uma significativa pertinência tradicional e o espaço regional é marcadamente funcional e hierarquizado. A transformação do espaço de Santa Eulália resulta da articulação destas lógicas, distintas, de organização do espaço.

Alguns autores contemporâneos têm-se referido à *mobilidade espacial* para salientar o seu papel de mediador entre configurações culturais distintas: "(...) *ces mouvements sont tous rupture par rapport à un modèle social de sédentarité selon lequel les divers actes de production et reproduction d'un groupe social (...) s'effectueraient normalement, naturellement, dans un même espace dont ce groupe serait l'occupant, et constituerait ainsi un territoire. Plus concrètement, la mobilité est franchissement de limites socialement signifiantes*" (Piolle 1994 : 136). Santa Eulália é, das três localidades em estudo, aquela que apresenta uma concepção mais centrífuga do espaço. Essa apetência para "ultrapassar os seus limites sociais" está intimamente associada ao processo de transformação da comunidade .

Nos discursos dos entrevistados podemos detectar as formas de representação colectiva das transformações recentes. Todos se referem às mudanças ocorridas na aldeia, em fragmentos de texto que se dispersam pelos vários temas da vida social. Por vezes concedem, e afirmam que tudo mudou para melhor, mas o passado é sempre recordado como um tempo de estabilidade, por contraponto com o desassossego do presente. As ciências sociais já demonstraram que a memória apazigua o real, limpando-o de muitos dos conflitos que realmente existiram, pelo que os entrevistados de Santa Eulália apenas confirmam essa observação mais geral (Zonabend 1980 e Connerton 1993).

"Aqui a maneira de ser na freguesia é muito religiosa (...). Eu às vezes, mais tarde, quando estava a estudar já no Porto, vinha aqui passar férias e à noite, naquelas noites lindas de luar que a gente passeava, toda a gente rezava o terço e nós víamos o pai, a mãe e os filhos, todos a rezar o terço. Todos em coro : Padre Nosso, Avé Maria ... Quer dizer, é uma comunidade. Nós fazemos os possíveis por viver em comunidade. As pessoas ... como era um meio só rural, era um meio diferente do que é agora, agora é um meio mais industrial. O industrial tomou conta do rural." ( Sta Eulália 4)

Mas a mudança nem sempre é representada através desse mecanismo de estabilização do passado. Na maioria das entrevistas fala-se mais do presente, e das novas formas de o viver, do que das formas de viver no passado. A necessidade de representar as novas formas sociais é

evidente e a capacidade para o fazer parece ser vital para a comunidade. É através dela que se refaz a *memória colectiva*, acrescentando-lhe, graças a um complicado trabalho de reinterpretação, os novos acontecimentos.

A noção de *géneros de vida* <sup>1</sup> é suficientemente aberta e abrangente para poder ser utilizada para definir o que mudou em Santa Eulália. Simplificando, pode dizer-se que mudaram as práticas quotidianas, nas suas dimensões subjectivas e objectivas (Caroux 1975). O que afinal não é pouco, porque se quisermos significa que mudou tudo : sistema económico, sistema de relações sociais, sistema de parentesco e sistema simbólico.

Pensamos que as transformações dos *géneros de vida* mantêm uma relação íntima com a transformação do espaço e, por isso, iniciámos o estudo de caso de Santa Eulália com a seguinte questão : serão os *géneros de vida* que catalisam a transformação do espaço ? Mais concretamente : será o sistema de economia mista que propicia a *mobilidade* e a *mobilidade* que propicia os novos espaços *privados-colectivos* <sup>2</sup>- cafés, discotecas, autocarros - e tudo isso e o muito mais que se lhe associa que transforma o *espaço de enraizamento*, levando-o progressivamente a tomar a forma de um *espaço rede* ?

Se considerarmos o estudo conjunto do nosso terreno, a *espacialidade* de Santa Eulália manifesta outra particularidade : revela um

---

<sup>1</sup> O conceito de *género de vida* é aqui utilizado no sentido que lhe deu Salvador Juan (1991), numa tentativa de articular as formas de intervenção do actor social (estilo de vida) e do sistema (modo de vida).

<sup>2</sup> Utilizamos aqui a noção de *privado colectivo* (que se pode aplicar aos mesmos espaços a que mais correntemente se chama semiprivados), porque nos parece ser adequada aos espaços em questão. Eles são de facto privados, mas o seu uso é colectivo, facto que os aproxima da dinâmica dos espaços públicos. (Neves e Silvano 1990; Silvano 1994)

fundo comum à *espacialidade* vizelense. Vamos iniciar o seu estudo de caso pela interpretação dessa coincidência espacial.

## **SANTA EULÁLIA E VIZELA - UMA INTERACÇÃO TERRITORIAL**

"Isto é o vale que vemos. É bonito. É em São Bento, é de lá que é bonito o Vale. (...) O Vale é exactamente o local onde as pessoas desta região vivem o dia-a-dia. Todos os dias estas gentes, que estão aqui, trabalham todos em Vizela.(...) É por isso que se considera que todas as pessoas deste Vale, que se conhecem e trabalham no dia-a-dia uns com os outros, fazem quase uma localidade única. Isto faz-me lembrar - embora isso não vos diga respeito - mas isto faz-me pensar na história do concelho de Vizela. As pessoas encontravam-se aqui, vinham de todos os lados, fazia-me lembrar quando foi a guerra. O povo deste Vale parecia que sentia que devia estar unido, e gostava que todo o povo ficasse no concelho de Vizela. Todos se conhecem. Aqui, no nosso caso, por exemplo Santa Eulália (...), reparem que nós para irmos ao nosso concelho devemos atravessar uma montanha (...); é pequena mas é uma montanha.(...) Lousada não justifica ser concelho. Não tem condições para ser concelho." (Sta Eulália1)

A citação é de 1982 e corresponde à entrevista do presidente da junta de freguesia de Santa Eulália. Os textos dos outros entrevistados

revelam, no essencial, a mesma organização do espaço, mas variam no que diz respeito ao grau de investimento afectivo que colocam na criação do concelho :

"Eu gostava, vá lá, só do concelho de Vizela por uma maneira : é por estar pertinho daqui, que eu num quarto de hora chego de minha casa a Vizela. E para Lousada, tenho de ir às oito da manhã e vir às onze e meia (...). Quanto ao resto, se tiver que seguir de Lousada, isso sou na mesma (...)" (Sta Eulália<sup>3</sup>)

Por vezes também revelam um maior cepticismo. A sobrevivente da maior casa senhorial da aldeia, descendente de Liberais e neta de um antigo presidente da Câmara de Lousada, mantém a distância de quem fala com a voz do tempo:

"Eu não digo nada, porque há 100 anos que ouço falar - há 100 anos não, que eu não tenho 100 anos, mas há 70 anos, que eu tenho 72 anos, também há 70, também não! - que oiço falar no concelho de Vizela, e nunca se andou nem para a frente nem para trás." (Sta Eulália<sup>4</sup>)

A representação do espaço regional, condensada na citação do presidente da junta de freguesia, resume-se a quatro componentes estruturais : 1. concepção de um *espaço de pertença* e de um *espaço de acção* que corresponde aos limites do vale de Vizela, 2. reconhecimento, no interior desse *território*, da *centralidade* da vila de Vizela, 3.

reconhecimento da legitimidade da formalização administrativa dessa realidade (*território + centro*), 4. projecção das vantagens decorrentes da constituição, e da consequente integração, no novo concelho. A este encadeamento lógico - que se traduz no *projecto de inclusão* num espaço administrativo que ainda não tem existência institucional - associa-se o *projecto de exclusão* do espaço administrativo existente, sustentado numa *representação funcional* negativa do concelho de Lousada (não promove o desenvolvimento desejado) e numa *representação formal* do *território* que coloca a sede do concelho à distância (não só fica longe - são 12 quilómetros - como ainda fica separado por uma montanha, tem cerca de 400 metros de altitude). A *colocação-à-distância* formal é dobrada por uma *colocação-à-distância* social e simbólica :

"Mas não é por a gente conviver muito com aquelas pessoas [da Região de Lousada] que a gente vê lá de longe a longe (...). Já são, é outra maneira de, enfim, de viver, a maneira deles da nossa. Quando eles vêm para aqui, já não é o nosso o viver deles; diferente uns dos outros."(Sta Eulália 2).

Tal como referimos na primeira parte, Santa Eulália organiza o espaço regional através de uma configuração muito próxima da de Vizela. As componentes estruturais do *espaço de pertença* de Santa Eulália coincidem com as componentes estruturais do *espaço de pertença* de Vizela (com as devidas alterações do ponto de vista, que passa da periferia para o centro, e da *escala*, que passa de regional a local). Essa coincidência



traduz-se no facto de ambas as localidades reconhecerem o Vale de Vizela como um espaço formalmente organizado, de integração social, económica e simbólica, e no facto de ambas projectarem um espaço de integração administrativa coincidente com os seus limites.

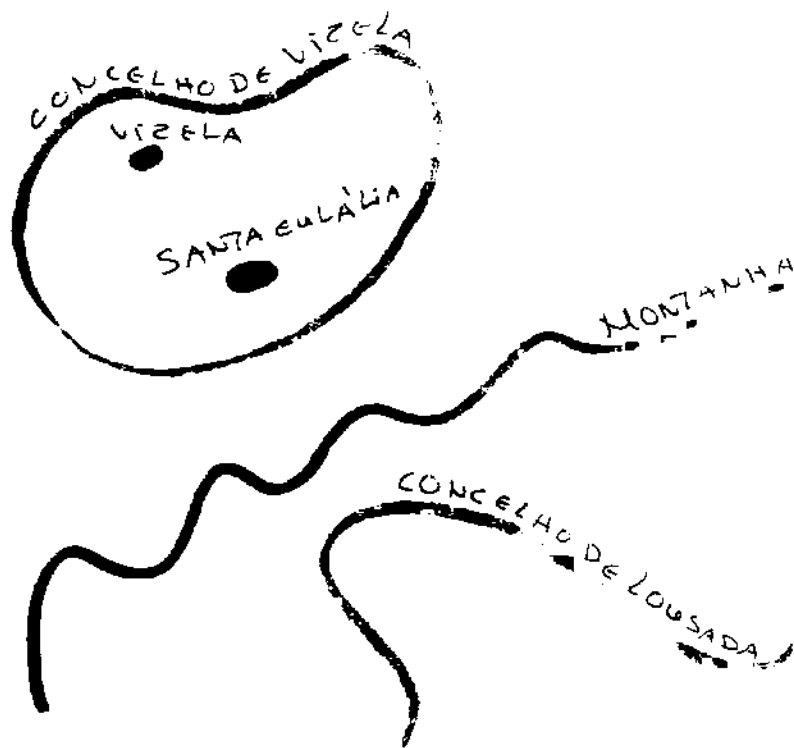


Figura 1.- *Espaço de contração* : organizado por uma inclusão no projectado concelho de Vizela (associada a uma relação de vizinhança) e por uma exclusão do concelho de Lousada (associada a uma colocação-à-distância) .

Como vimos na descrição da *espacialidade* vizelense, a representação formal do *território* encontra-se associada a um ponto de vista produtor de efeitos estéticos. A mesma operação, de unificação estética do *território* e, consequentemente, de unificação ética da

comunidade, aparece em Santa Eulália :

"Isto é o vale que vemos. É bonito. É em São Bento, é de lá que é bonito." (Sta Eulália2)

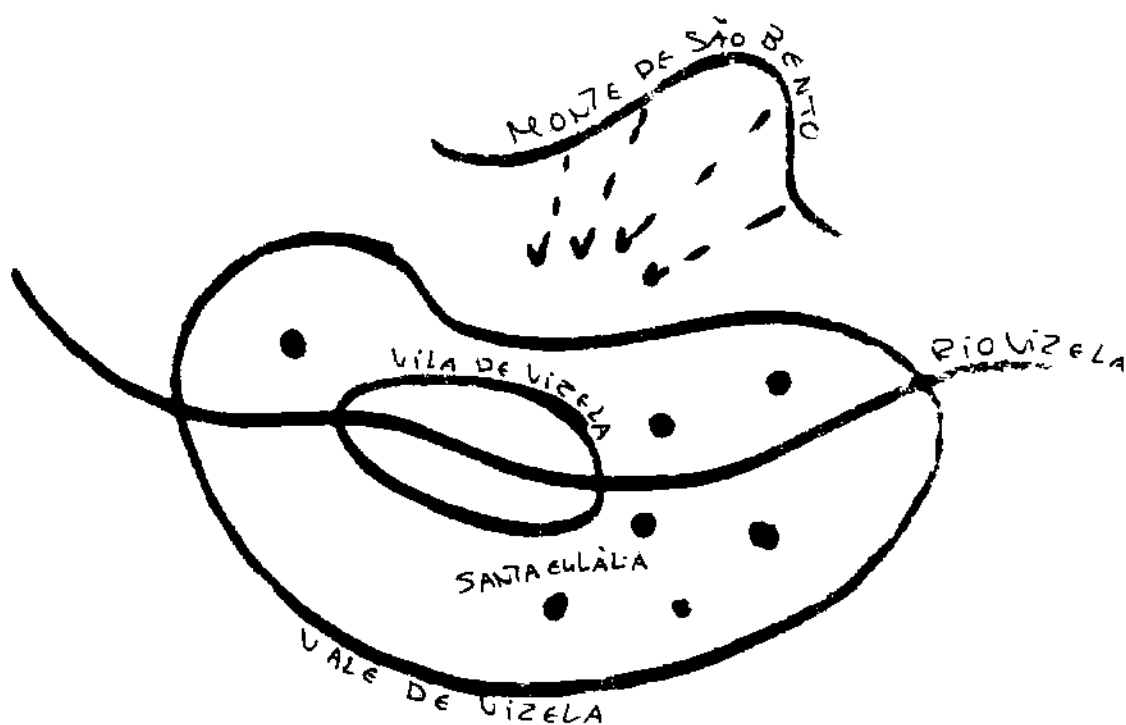


Figura 2.- Espaço de pertença em forma de paisagem.

O vale integra uma *escala supralocal*, que determina, para lá das suas especificidades, a posição específica de cada uma das duas localidades. É a lógica interna desse espaço global que dá forma a duas representações locais que se respondem mutuamente. Como veremos mais adiante, o Vale de Vizela não é, para Vizela e para Santa Eulália, exactamente a mesma coisa, mas existe um fundo de *espacialidade* comum

que permite a *interacção simbólica*. Esse fundo resume-se às componentes já referidas e, se nos colocarmos nos pontos de vista específicos das duas localidades, comporta ainda o reconhecimento mútuo das respectivas posições : Vizela no *centro* e Santa Eulália na *periferia*.

Partindo da ideia de que uma cultura é um sistema de significações colectivas, podemos afirmar que, no que diz respeito à *representação do espaço de conjunto*, as duas localidades partilham a mesma cultura. Ou, mais especificamente, que os habitantes de Santa Eulália e de Vizela partilham algumas categorias de interpretação do *território*. Mas, tal como refere Ulf Hannerz (1983), a questão mais pertinente não diz respeito ao facto de existir sobreposição de categorias, mas ao facto de essa coincidência resultar da comunicação e, ao mesmo tempo, permitir a comunicação, entre os actores que partilham a mesma cultura. Nesse sentido, a sobreposição parcial das configurações espaciais de Vizela e Santa Eulália indicia a existência de um fundo de comunicação entre as duas localidades : através de actos comunicacionais, ambas reproduzem e transformam uma configuração espacial que lhes é comum. Este facto tem, evidentemente, uma dimensão social : a existência de um *território* comum corresponde a uma dinâmica social de tipo integrador.

Como é que se formou esse fundo de *espacialidade* comum ? Que razões levaram duas comunidades a elaborar representações do espaço que se equivalem, até no que diz respeito às posições relativas de cada uma delas ? Podem elaborar-se dois tipos de resposta, fundamentadas em observações diversas, mas complementares. A primeira diz respeito às modalidades de constituição e reprodução das representações colectivas

ou, mais radicalmente, às modalidades de constituição da cultura em contextos urbanos. A segunda às condições materiais que podem, em parte, justificar a compatibilidade das duas representações.

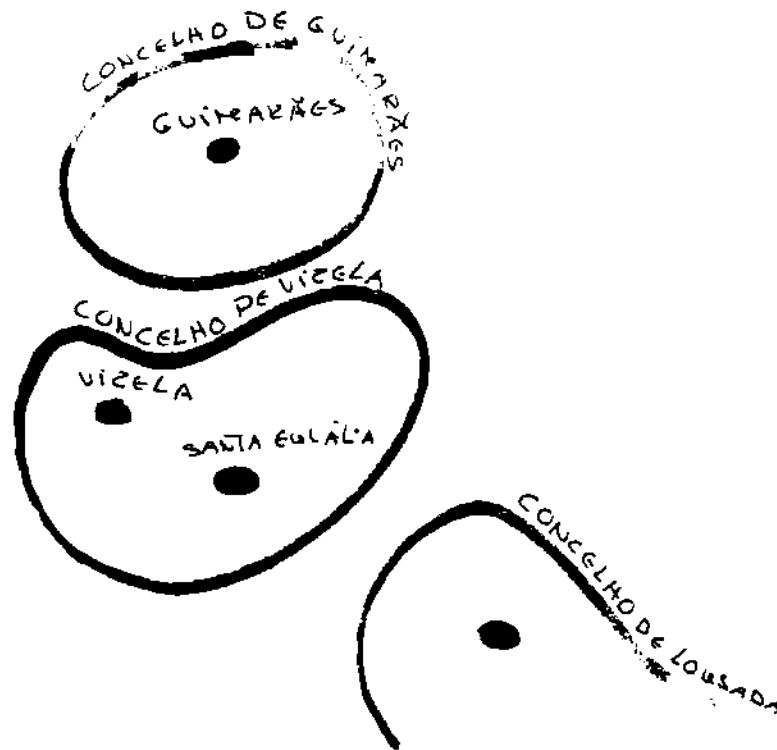


Figura 3.- O terreno : criação do concelho de Vizela.

Santa Eulália sofreu modificações significativas, que a colocaram numa nova situação periférica, relativamente à recente *centralidade* de Vizela. Essa relação, do tipo *periferia / centro*, constitui uma base objectiva para a existência de uma relação comunicacional e, conseqüentemente, para a formação de representações do espaço que se revelam estruturalmente equivalentes.

De uma economia exclusivamente agrária, a aldeia passou a uma

frágil economia mista. A estrutura industrial da região baseia-se em pequenas unidades fabris, dependentes de relações sociais tradicionais, que englobam os sistemas de parentesco, vizinhança e compadrio. Em 1982, ainda se pedia à representante da casa senhorial que negociasse com os industriais um lugar na fábrica para os desempregados, facto que revela que a relação entre os antigos detentores da propriedade e do poder e a nova classe industrial era perfeitamente operante. A representação do novo sistema económico da região joga na oposição *permanência da falta/liquidação da falta*, que dobra a oposição sector primário/sector secundário. A produção agrícola deixou de permitir a subsistência de pequenos proprietários, rendeiros e mesmo grandes proprietários e a população empobrecida acabou por procurar a solução na transferência de sector. No entanto, como na grande maioria os novos operários são antigos lavradores, ou filhos de antigos lavradores, manteve-se uma actividade agrícola de subsistência. Os entrevistados representam o sistema de economia mista como algo de estruturalmente frágil : relativamente à agricultura o discurso raramente ultrapassa a situação de *permanência da falta*, enquanto a indústria aparece sempre como o sector que *liquidou a falta* criada pelo declínio da agricultura, mas de uma forma precária e incerta.

Em relação directa com o actual sistema económico, desenha-se uma nova configuração do espaço : os operários de Santa Eulália deslocam-se diariamente para Vizela, dando forma, através dos seus movimentos pendulares, a um novo espaço funcional. Os movimentos esporádicos da população, relacionados com outras funções urbanas como o comércio,

serviços e lazer, completam essa nova operacionalidade do espaço. Pode afirmar-se que a funcionalidade de Vizela é a base objectiva da configuração do espaço regional, que, como vimos, é organizada pela relação *centro / periferia*, ocupando Vizela a primeira posição e as localidades envolventes, nas quais se inclui Santa Eulália, a segunda. A relação *centro / periferia* cria, neste caso, um terreno de comunicação (que, em termos espaciais, se materializa no *centro* histórico da vila) que justifica o aparecimento de representações espaciais compatíveis. Vejamos uma citação relativa à *centralidade* de Vizelense :

"Há em Vizela mais quantidade de indústria. Nós aqui a nossa freguesia é muito fraquinha, porque também em agricultura não temos grande coisa. Os próprios agricultores empregam os filhos nas fábricas, e muitos também estão nas fábricas, as quintas sendo feitas nas horas vagas (...). Aqui o caso de Santa Eulália, é quase um dormitório de Vizela. As pessoas passam lá a vida : trabalham, e inclusivamente os mais novos vão para lá distrair-se." (Sta Eulália<sup>3</sup>)

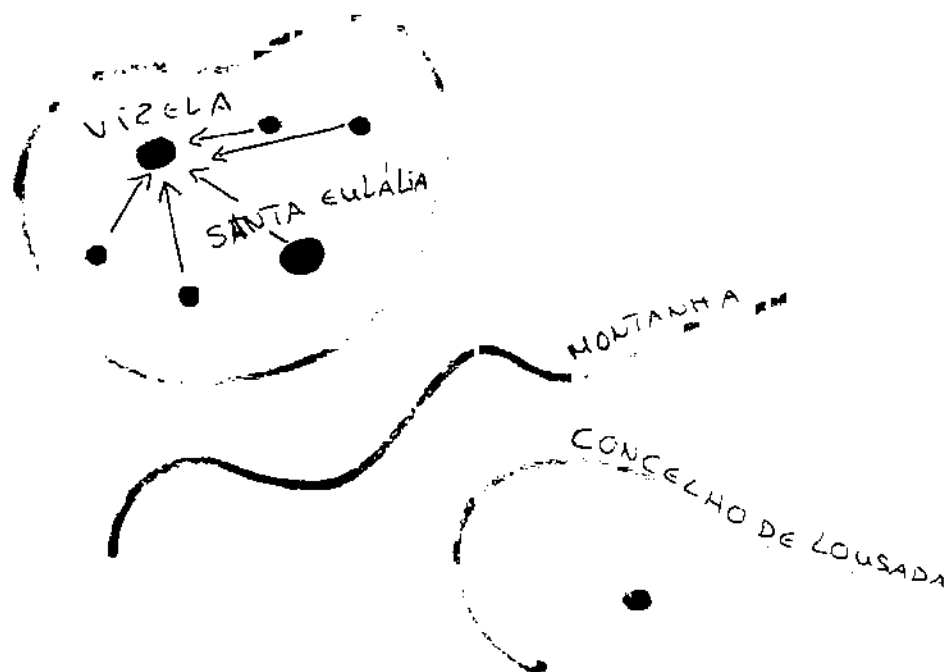


Figura 4.- O espaço de referência das relações funcionais organiza o jogo das inclusões e das exclusões regionais.

### ***UM ESPAÇO DE MOBILIDADE ORGANIZADO EM ESPIRAL***

No interior do nosso terreno, Santa Eulália é a localidade que manifesta mais claramente o processo de urbanização da região. Ainda rural, mas já claramente urbana, ela articula, não sem alguns conflitos, os dois mundos a que pertence. O espaço rural envolvente mantém alguma da sua pertinência económica, social e simbólica, enquanto o espaço urbano, organizado por várias *centralidades*, se vai constituindo a *escalas de*

*representação* cada vez mais alargadas.

De notar que as *escalas de representação* não se definem por uma métrica euclidiana. A vila de Vizela, que consideramos como o primeiro pólo urbano a organizar a *escala regional*, fica muito mais próxima de Santa Eulália do que algumas das localidades que integram a *escala local*. A proximidade e a não-proximidade definem-se por categorias diversas : do ponto de vista topológico, a proximidade espacial é uma proximidade de práticas e de representações. Nesse sentido, a vila de Vizela, que está euclidianamente próxima da aldeia de Santa Eulália, pode estar topologicamente mais distante do que uma localidade rural que, apesar de euclidianamente distante, mantenha com a aldeia uma proximidade cultural, social e simbólica.<sup>3</sup>

A representação do espaço de Santa Eulália caracteriza-se por organizar o *território* através de uma singular diversidade de *escalas*, que sobrepõe e relaciona, dando forma a um *espaço de conjunto* denso e complexo. Essa situação espacial tem o seu equivalente cultural. Santa Eulália organiza uma cultura híbrida, que articula categorias tradicionais com categorias modernas, sendo que a transformação do espaço aparece intimamente ligada à reconfiguração cultural. Para os entrevistados, os processos de articulação de categorias culturais de origem diversa traduzem-se num movimento global de transformação dos *géneros de vida*. A relação entre multiplicidade de *géneros de vida* e multiplicidade espacial é, no caso de Santa Eulália, tão evidente que nos leva a colocar a hipótese

---

<sup>3</sup> O conceito de *distância estrutural*, proposto por Evans-Pritchard (1968) na sua monografia sobre os Nuer, aproxima-se da ideia que tentamos desenvolver. A distância é contextual, ou seja, depende das categorias convocadas para a definir.



de estes serem um dos motores da transformação do espaço. Mas essa relação só pode ser apreendida se lhe associarmos outro factor : a *mobilidade* espacial, que é simultaneamente factor de estruturação e factor de transformação, tanto dos *géneros de vida* como do espaço : *"autrement la mobilité est associée à un champ de possibilités qui permet d'instituer socialement une capacité individuelle de sélection et de comparaison. Ce droit à la mobilité devient ainsi un principe d'évaluation et de critique sociale."* (Remy 1994c : 115)

Perante uma situação complexa de transformação do espaço e de difícil definição das *escalas de representação* - *"la nouvelle spatialisation amène, elle, à diminuer les clôtures et à rendre les limites indéfinies, tout en permettant à chacun d'occuper plusieurs lieux dans une même période de temps (...)"* (Supra : 116) -, procurámos uma figura que nos ajudasse a interpretá-la. A espiral pareceu-nos a mais indicada. Tem a vantagem de se organizar a partir de um *centro* (o *centro* da aldeia, que é também o *espaço de contração*) para depois se desenvolver em anéis sucessivos, que se geram num movimento de alargamento progressivo do espaço. O processo de urbanização de Santa Eulália parece corresponder à dinâmica dessa forma : a abertura do espaço local/tradicional faz-se por alargamento sucessivo do raio de acção dos habitantes de Santa Eulália, movimento que vai integrando, progressivamente, uma maior extensão de *território* e, logicamente, pólos urbanos mais afastados. Do ponto de vista das práticas sociais, o referido movimento vai integrando sucessivos níveis de *mobilidade* espacial. A espiral parece-nos uma forma interessante porque não delimita, fechando-os, os anéis (correspondentes aos nossos níveis de

*mobilidade*) que a constituem. Ficamos assim com a imagem de um *território* que vai progressivamente integrando espaços distantes, e diferentes, sem fazer uma clara delimitação entre eles. Do ponto de vista cultural é também disso que se trata : quando se alarga o *espaço de referência* alargam-se as referências culturais. Como o *espaço de referência* se articula sempre com o *espaço de acção*, essas referências/diferenças vão sendo integradas no ponto de partida do movimento, o *centro* da espiral, correspondente à aldeia.

Como já dissemos, quando falam da integração de novas referências culturais, os entrevistados referem o aparecimento de novos *géneros de vida*. Por esse motivo, ao longo da descrição interpretativa que se segue faremos, sempre que nos pareça útil, referência às transformações das práticas sociais e simbólicas, referidas pelos entrevistados.

## **A PARTIR DO CENTRO : UMA ALDEIA EM EXPANSÃO**

"R- Mas mais frequentado, portanto, é aqui esta zona do adro até Lamarão. Portanto, o adro tem ali um café, há outro café mais ali adiante e tal. As pessoas durante a noite, para passar um bocado, é onde as pessoas se juntam mais.

P- Então é o centro da freguesia onde é?

R- O centro da freguesia é aqui o adro." (Sta Eulália2)

A organização social e simbólica do espaço da aldeia obedece ainda às marcações tradicionais. Tudo se passa em torno do adro, o lugar onde se desenrola uma grande parte da vida colectiva da aldeia. As características do *espaço público* tradicional - lá se recria a *memória colectiva* (discurso simbólico) e lá se negociam as rupturas e as alianças organizadoras das redes de relações sociais (discurso negocial) - são hoje transferidas, em grande parte, para os novos *privados colectivos* - cafés e tascas - que se localizam em torno do adro. Substituem as antigas tabernas, num sinal de mudança recente dos *géneros de vida*. A taberna, lugar de expressão de uma cultura masculina marcada pela violência, foi substituída pelo café, espaço prioritariamente, mas não exclusivamente, masculino, de onde a violência se encontra excluída. A este respeito, o presidente da Junta compara a actualidade com a situação que conheceu há mais de 20 anos, antes de emigrar :

"difícilmente, caso curioso, dificilmente se dão facadas. O que nesta zona, nessa época, acontecia quase todas as semanas." (Sta Eulália I)

A valorização simbólica do *centro* vai determinar a orientação da extensão do espaço habitacional da aldeia, que se faz a partir do *centro* histórico, seguindo o eixo de ligação a Vizela. As novas construções preferem, quando o *centro* já não está disponível, a proximidade da estrada de Vizela.

"P- Qual é o sítio que estas pessoas que vão construindo preferem?

R- Preferem à beira da estrada, ou no centro da freguesia, ali perto da igreja, perto dos cafés.(...) E as pessoas de Vizela vêm para cá, e constroem cá. Santa Eulália é a continuação de Vizela. Num futuro mais ou menos próximo acaba por ser a continuação, já que Vizela não tem muito para onde alargar. Para um lado é monte, para o outro lado é o monte de São Bento, para outro lado é fábricas, só resta Santa Eulália. E muita gente está a fazer casas cá em cima.(...) e à noite vêm cá para cima, inclusive toda a população de Vizela, vêm dar o seu passeio ao domingo : passeio turístico, apanhar ar fresco." (Sta Eulália<sup>3</sup>)

Cabe fazer aqui um parêntese, relativo à escolha da estrada como eixo organizador da implantação urbana. A vontade de construir junto às estradas (lugares valorizados quando o objectivo é interferir, através da imponência do seu objecto arquitectónico, no *espaço público*, mas lugares desvalorizados quando o objectivo é atingir o conforto do isolamento face à comunidade) é recorrente no contexto português, e também noutros contextos de urbanização recente. Na década de 50, Marvin Harris encontrou em Minas Velhas, no Brasil, uma sociedade em pleno processo de diferenciação profissional e cultural. Referindo-se ao estudo de M. Harris, Hannerz conclui : *"De manière consciente ou inconsciente, abstraitement ou concrètement, les gens de Minas Velhas affichaient et renforçaient le caractère urbain de leur communauté. Ils aimaient le bruit, le mouvement, la foule et les maisons situées sur les artères les plus encombrées."*(Hannerz 1983 : 97)

Qualquer pacato cidadão, vindo de qualquer cidade europeia, fica aterrorizado com a localização das moradias recentemente construídas na província portuguesa. A pergunta é sempre a mesma : " Porque é que eles se voltam para as estradas, os sítios mais barulhentos e feios do País?" Qualquer pacato cidadão português responderá : " Não sei, é estranho. Se calhar é porque nunca tinham tido estradas assim!" E se calhar é mesmo. As estradas são o símbolo da modernidade recente, os lugares por onde passam todos os conhecidos, mas também os estranhos. São a possibilidade de ir à cidade mais próxima ou de partir para conhecer outros mundos. É claro que a segunda possibilidade é mais virtual do que real. Mas a possibilidade de expor o símbolo do seu êxito, através da casa recentemente construída, essa é bem real. A estrada permite a visibilidade desejada. Trata-se de um comportamento manifestamente pré-urbano, cuja lógica se funda na importância do reconhecimento colectivo (sendo aqui implicada a globalidade da comunidade) de uma ascensão social recente. Por isso é típico, no Vale de Vizela, de industriais e emigrantes. Num contexto menos tradicional a atitude seria diferente. Mesmo que o objectivo fosse o mesmo - marcar uma diferenciação social - as casas seriam tendencialmente isoladas e protegidas do olhar colectivo. A exposição far-se-ia, mas face a um grupo social demarcado. Essa fuga ao *espaço público* corresponderia também a outros *géneros de vida*, socialmente mais segmentados, e por isso valorizadores do isolamento, relativamente à comunidade global.

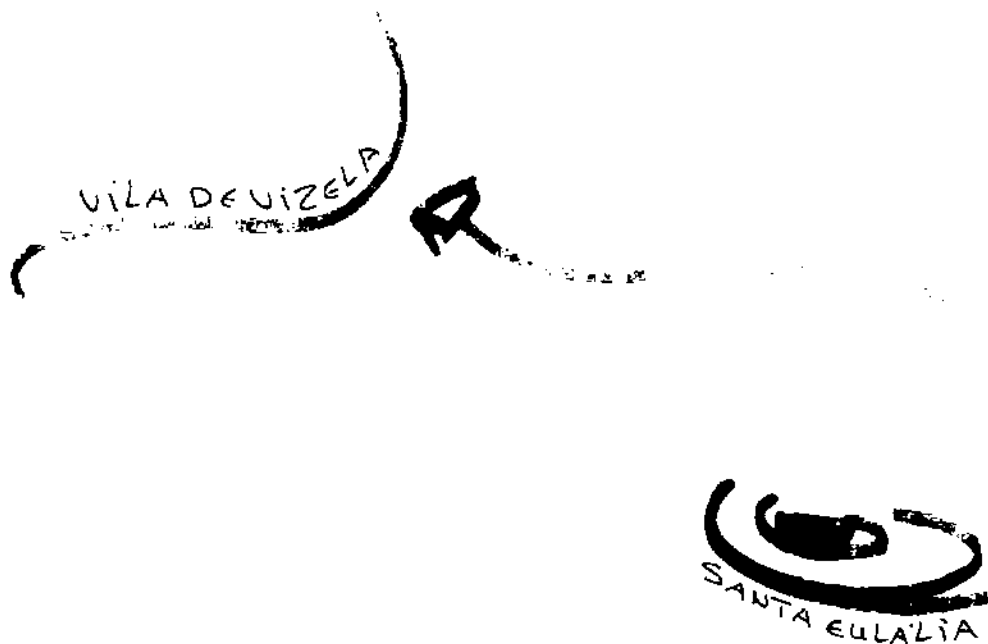


Figura 5.- Eixo de crescimento, orientado para a vila de Vizela.

Mas voltemos à questão da orientação espacial do crescimento da aldeia. O facto de o eixo Vizela/Santa Eulália ser escolhido para orientar o seu desenvolvimento urbano demonstra que a população projecta o seu espaço em direcção à vila, aceitando tacitamente o movimento inverso, de expansão do espaço da vila em direcção a Santa Eulália. Esta lógica de extensão territorial associa-se, numa representação de conjunto, a outras três operações : 1. representação de Vizela como *espaço de referência* para a funcionalidade, 2. projecção de um espaço contínuo que anule a distância entre as duas localidades, 3. projecção de uma reciprocidade social e ritual entre as duas localidades.

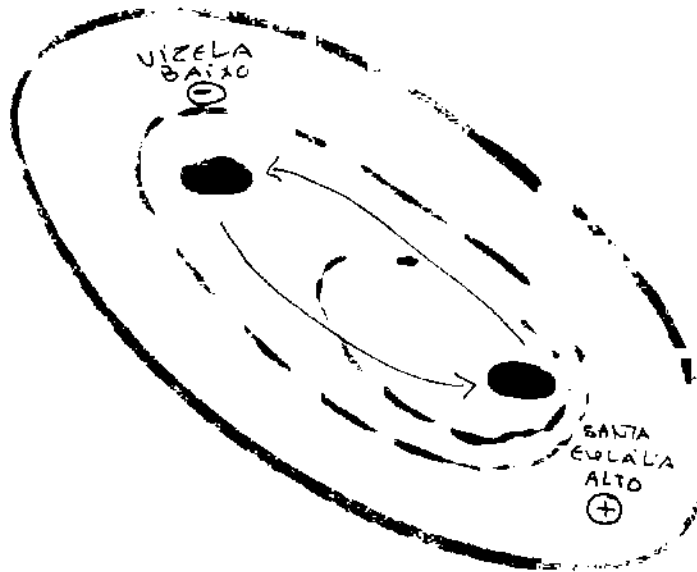


Figura 6.- Dupla extensão, organizadora de um espaço de fusão complementar.

A dinâmica do espaço local relaciona-se com o processo de urbanização em curso, que acabará por transformar uma aldeia recentemente isolada num quotidiano tradicional numa parte integrante da vila. Se o processo de reciprocidade social e ritual se mantiver ("nós vamos aos cafés da vila, mas eles vêm cá cima apanhar ar puro"), talvez essa integração não seja anuladora da *identidade* de Santa Eulália, mas antes valorizadora da sua especificidade : Santa Eulália poderá manter as suas características não-urbanas - o campo, o ar livre, a agricultura, o *espaço público* da aldeia - e integrá-las num sistema simbólico urbano que as revalorize. Com esse objectivo, a aldeia já desenvolveu um processo de

negociação das representações de conjunto (no contexto de comunicação com Vizela que já referimos), de forma a valorizar a sua posição no interior do projectado espaço de fusão.

Vejamos o que está em causa. No estudo de caso de Guimarães vimos que o espaço da região se organiza, a várias *escalas*, através da oposição (**alto** : não-irrigado, não-industrial, não-urbano) vs (**baixo** : irrigado, industrial, urbano). Numa *escala* de abordagem alargada, por exemplo à *escala* do Vale do Ave, Santa Eulália, enquanto periferia directa de Vizela, situa-se no pólo (**baixo** : irrigado, industrial, urbano) que, como vimos, é valorizado positivamente. No entanto, se reduzirmos a *escala* de abordagem, e colocarmos Santa Eulália em confronto com Vizela, a aldeia passa a estar no pólo (**alto** : não-irrigado, não-industrial, não-urbano), valorizado negativamente. Conhecendo e manipulando as operações que organizam o espaço regional, Santa Eulália evita a classificação negativa, introduzindo uma nova avaliação que, referindo-se exactamente às mesmas características - não-irrigado, não-industrial, não-urbano -, as revaloriza positivamente. Enquanto "dormitório" do pólo urbano, Santa Eulália rendibiliza as suas características não-urbanas, que passam a ser sinónimo de "ar puro, tranquilidade e lazer". Esta estratégia convoca uma representação já referida no estudo de caso de Guimarães, valorizadora, em contextos de desenvolvimento urbano, das características rurais da região.



## **O ESPAÇO TRADICIONAL ENVOLVENTE**

"R- Bem, nós aqui mantemos muito contacto com Lustosa. Lustosa, porque é donde é a nossa Casa do Povo. Temos aqui Vizela, portanto, é donde a gente vai fazer os nossos mercados. Vai lá às vezes quando é preciso comprar qualquer coisa : drogaria ... Vivemos muito com a freguesia de Santo Estevão de Barrosas, que é já aqui pegada; (...) temos aqui Santo Adrião de Vizela, pegado à nossa freguesia, mas vivemos muito com a gente de lá. Quer dizer, são umas freguesias onde a gente vive quase todos uns com os outros, não é? Regilde, Santa Comba de Regilde, também a gente convive muito com essas freguesias. Prolongamos até Idães, como tractoristas.

P- E para aqui para baixo?

R- Nós prolongamos portanto até Carquejal. Outeiro, por aí abaixo. Terra Nova, Salgueirinhos, Paradela, isso é aqui pegadinho. Aqui é Vilarinho, Flor do Campo. Ah bom, isto é tudo uma gente que nós sempre convivemos. Praticamente vivemos aqui neste meio de trabalho, e uns com os outros, com qualquer anedota. A gente sem exagerar, portanto dentro dessa área, em todas as aldeias que estão aqui, conheço muita gente, e muitas terras, e muito campo, e muitas coisas disso. Assim é. Moreira de Cónegos é bom sítio, vá lá, donde a gente vive muito. Enfia. Nespereira. Vamos muito a Nespereira. Como digo à senhora, é dentro desta área que as pessoas se sentem a conviver umas com as outras. A pé, portanto aqui do nosso centro da freguesia até donde temos visto, seria duas horas a pé. Mas os quilómetros não posso

assim de ideia dizer à senhora, não é ?" (Sta Eulália2)

Para a análise do espaço rural envolvente (o primeiro anel da espiral) privilegiámos um entrevistado. Baseámo-nos em dois motivos. Primeiro a sua história de vida - foi sempre rendeiro-agricultor e raramente saiu da região -, segundo, a riqueza da entrevista - noventa e uma páginas que revelam um conhecimento minucioso do *território*. O (talvez demasiado) longo extracto atrás citado pertence a uma sequência que actualiza um conhecimento preciso do *território* envolvente. Da sua morfologia, das suas orientações, dos limites de uma *mobilidade* tradicional ligada ao trabalho agrícola, ao comércio do gado e aos rituais. Nas suas linhas gerais, o texto deste entrevistado é equivalente ao dos outros inquiridos. No que diz respeito à *escala local* envolvente é interessante porque lhe acrescenta pormenor e minúcia descritivas. No seu conjunto, é a própria negação da ideia da imobilidade camponesa: demonstra que num raio de acção definido pelo tempo que leva a percorrer (duas horas a caminhar a pé) as comunidades camponesas interagem economicamente, socialmente e simbolicamente. No interior desse *território* desenham-se marcações precisas, associadas a vários factores distintivos. Tomemos o factor económico que, como vimos na primeira parte, é o mais utilizado pelos entrevistados para estabelecer diferenças e semelhanças. "Moreira de Cónegos está muito, muito avançada, ainda mais do que a nossa". Tal como Lustosa e Santa Comba, semelhantes a Santa Eulália "porque estão a desenvolver muito". Pelo seu lado, Revinhada, Santo Estevão de Barrosas, São Martinho de Penacova e Tagilde são diferentes "porque não estão a

fazer grande progresso". Se agora tomarmos por referência as interações sociais decorrentes de uma *mobilidade* ritual de fim de semana, teremos, como pólos de atracção, Santo Estevão, Tagilde, Felgueiras e Lousada (porque há lá "mais progresso : uns cafés e uns tascos") e Barrosas (que "é uma freguesia mais vistosa" e "mais aconchegada"). Revinhada e Lustosa são dadas como exemplo de freguesias onde se convive menos, "porque não têm mercado nem essa coisa toda". Quanto aos isolados : Requeixes e Ripas são sítios onde ninguém vai. As semelhanças e as diferenças integram-se na organização do *território* que coloca a oposição formal **alto** vs **baixo**. O **alto** corresponde às freguesias menos desenvolvidas e o **baixo** às mais desenvolvidas, onde estão localizadas as indústrias.

Santa Eulália não manifesta, ao contrário do que observámos em localidades rurais da região de Coimbra, uma organização do *território* que privilegie algumas, poucas, relações fortemente marcadas simbolicamente (Pellegrino 1986a, Silvano 1988). Pelo contrário, concebe um todo alargado, e diversificado nas suas características, estabelecendo no seu interior múltiplas relações, organizadas em torno de outras tantas zonas de interesse. A uma *escala* reduzida, e com meios técnicos tradicionais, o *território* é já organizado por uma *mobilidade* diversificada. Veremos a seguir que o aparecimento de novos meios técnicos e económicos veio permitir o alargamento e a sofisticação dessa lógica aberta e dispersiva.

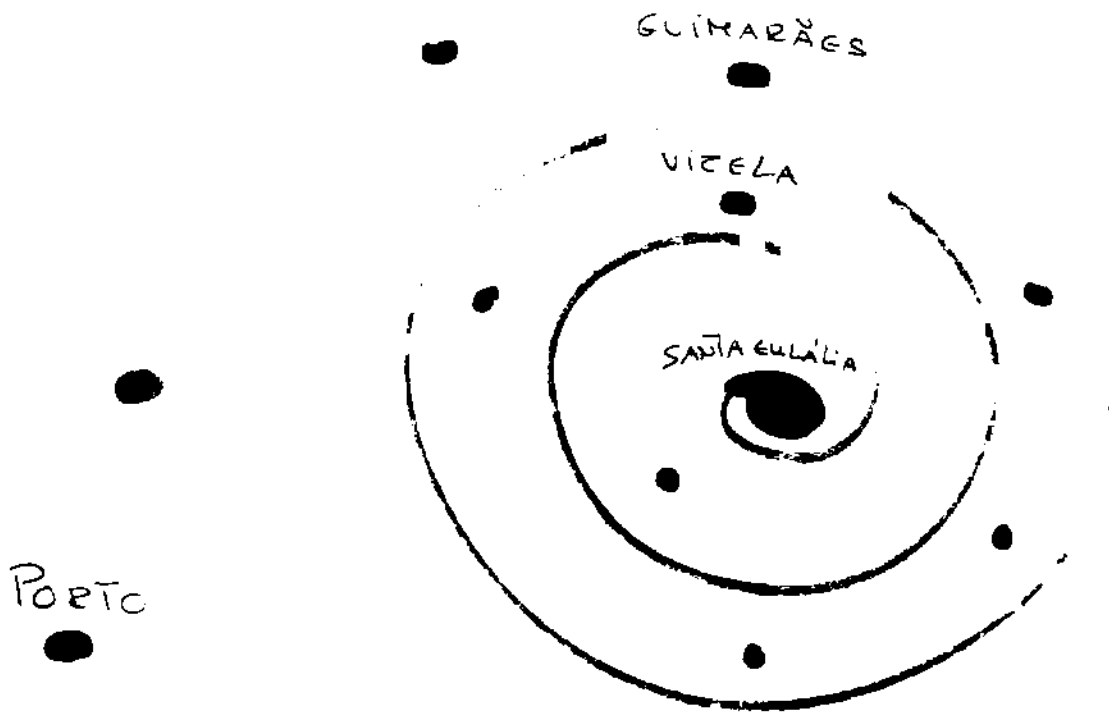


Figura 6.- Anéis de *movilidade* : abertura em espiral, com inclusão progressiva de centros urbanos.

## NOVAS PRÁTICAS LABORAIS

"P - Os pais, aqueles que se dedicaram à terra, agora gostariam que os filhos também se dedicassem à terra, ou não se importam que trabalhem nas fábricas?

R - Não, não se importam. Além disso, mesmo que eles quisessem, com certeza que não conseguiam. Os filhos gostam de sair da agricultura,

onde não têm um horário de trabalho. Depois basta ver os outros andar nas fábricas, vê-los no fim do trabalho no café, limpinhos. Inclusive pensam que arranjam mais casamentos se não trabalharem no campo. (Sta Eulália3)

"Porque se um rapaz que trabalha na lavoira tivesse os mesmos vencimentos que tem na fábrica, o rapaz trabalhava na lavoira. Assim, casa-se, portanto a senhora medite bem: casa-se a minha filha, recebe ali um subsídio bom, dinheiro, tem 15 dias - eu sei lá, ainda é mais - para estar em casa a gozar, e os patrões pagam isso tudo. Ora eles vão vendo isso, ninguém os quer amarrar à agricultura." (Sta Eulália 2)

A transformação que parece ter tido mais peso estrutural foi a passagem de uma economia predominantemente agrária para uma economia mista. A possibilidade de usufruir um salário fixo e algumas regalias sociais transformou radicalmente o quotidiano da aldeia. Podemos dizer que os novos *géneros de vida* estão directamente associados ao aparecimento de uma nova lógica económica. Foi a primeira geração de operários/camponeses que transformou significativamente os *géneros de vida* da comunidade, e mesmo aqueles que não estão, pela sua actividade, marcados por essa duplicidade, acabam, nas suas práticas quotidianas, por manifestar a influência de modelos construídos em íntima relação com ela.

Os entrevistados revelam que as alterações do sistema económico atingiram níveis profundos de organização da comunidade. Por exemplo, as duas citações anteriores revelam que o sistema de trocas matrimoniais foi

directamente atingido pelas referidas alterações. Hoje os conhecimentos fazem-se fora da aldeia e isso levou a um alargamento dos limites territoriais das trocas matrimoniais. Os jovens operários não só alargam o campo dos possíveis parceiros matrimoniais como dispõem de melhores condições materiais para iniciar uma vida de casados. Estão, obviamente, mais bem colocados do que os jovens camponeses para fazer uma boa escolha matrimonial. O investimento simbólico e ritual no casamento parece ter sido reforçado pelo aumento do poder de compra. Vários entrevistados referem o desaparecimento das festividades religiosas de carácter colectivo, paralelo do reforço das "*festividades individuais*". A este respeito, veja-se uma entrevistada que viveu grande parte da sua vida em Lisboa e que, por isso, está particularmente atenta às mudanças :

"Aquilo é que são umas grandes festas, em que eles gastam um dinheirão. Chegam a gastar 100 contos para um almoço. Aqui as festas grandes são os casamentos dos filhos." (Sta Eulália4)

Trata-se de um fenómeno logicamente integrado no processo de transformação social da aldeia. O reforço do individualismo, associado ao aparecimento de novas formas de sociabilidade festiva, poderá ter levado ao abandono de algumas das práticas festivas de carácter mais colectivo, mas a necessidade de marcar novas posições sociais pode justificar o reforço das práticas festivas de carácter mais individual. Estas permitem às famílias, e aos indivíduos, a afirmação colectiva dos seus novos estatutos.

## **NOVAS RELAÇÕES FAMILIARES**

"Infelizmente, os pais aqui preferem que eles estejam logo a trabalhar. Mesmo as raparigas : elas chegam aos 14 anos e em lugar de ir para ... começam logo a trabalhar, porque estando a ganhar é dinheiro que entra. Muitos fizeram a sua casa assim, à custa dos seus filhos. Só lhes dão o dinheiro quando eles casam. Até eles casarem o dinheiro é dos pais. É uma fonte de receita" (Sta Eulália4)

"Agora, ultimamente, eu vejo que os pais cada um tem a sua vida. O pai por um lado na fábrica, os filhos por outro. Só à noite ... as mulheres têm de arranjar a casa, hoje em dia o trabalho das mulheres é muito duro, é pior que o dos homens, porque têm o trabalho de casa além do seu emprego. (...) Todas a manhãs vem aqui uma pequena filha de um casal que trabalha. Às sete e meia ela está a bater-me à porta : "a minha mãe levanta-se às 6, para arrumar a casa, e o meu pai também, vai para Guimarães, que trabalha lá numa fábrica. A minha mãe foi para a fábrica para Vizela. Eu ainda fui levar uma maninha que tenho, de meses, ali à ama, e venho para aqui às 7 e meia". Quer dizer, é tudo uma vida..." (Sta Eulália4)

As citações escolhidas revelam modificações profundas da estrutura familiar. O núcleo familiar aldeão mantém-se coeso economicamente, visto que os filhos trabalham, até ao casamento, para ajudar a sustentar a casa paterna, mas sofre sérias fracturas no que diz respeito à coesão afectiva e

simbólica. O trabalho na fábrica obriga a longas ausências de todos os membros da família, que deixam assim de estar sujeitos a um controlo mútuo quase constante, como acontecia no sistema económico anterior. Apesar do controlo paternal dos salários, os entrevistados referem a nova (relativa) autonomia financeira dos jovens como um factor desestabilizador do núcleo familiar. O dinheiro permite mais liberdade de movimentos e, conseqüentemente, mais fugas ao controlo paternal, mais poder de compra e, por isso, mais proximidade com alguns objectos da cultura urbana. Em resumo, o dinheiro potencializa a identificação com outros *géneros de vida*, difundidos a partir de *centros* urbanos que por vezes são muito distantes. A vida das mulheres também se alterou significativamente. Trabalham nas fábricas, fora da aldeia, o que as aproxima mais dos *géneros de vida* urbanos (mesmo quanto à sobrecarga de um trabalho duplo).

O trabalho infantil é a componente mais emblemática, e também a mais mediática, do sistema de economia da região e das suas componentes pré-modernas. Quando ouvimos os mais velhos falar, percebemos que é uma situação que, embora obviamente inadmissível, e a combater (mesmo com a ajuda do saber dos antropólogos, mas isto levava-nos a outra discussão), se sustenta em representações tradicionais dos ciclos de vida humanos. Uma representação de origem rural não concebe a existência, na sucessão dos ciclos de vida, de "períodos mortos", em que os jovens se limitam a ir à escola. É evidente que a inexistência de alternativas de emprego pós-estudos básicos, assim como as dificuldades económicas a que estão sujeitas as famílias que dependem de uma economia agrária em declínio, também não facilitam o combate ao emprego infantil. Junte-se a



isso uma concepção catastrofista do mundo urbano, frequentemente transmitida pelos *centros* de difusão e criação da própria cultura urbana (a televisão e a imprensa escrita revelam, segundo os entrevistados, que droga, prostituição e violência são problemas que dizem respeito a jovens citadinos desocupados), e percebemos que é fácil, para os pais, organizar uma argumentação que legitima o emprego ilegal de filhos menores. O que é grave é que neste processo os empregadores acabam por também ficar ilibados. Vejamos um exemplo de raciocínio despenalizador:

"P- Normalmente as crianças vão estudar ou não?

R- Muitas ainda não vão, minha senhora, muitas não vão.

P- Porquê?

R- Claro, porque ... enfim, os pais precisam talvez delas para trabalhar em casa. Embora com matrículas mas não vão. Umas a trabalhar nos campos, outras vão-se logo empregar. Outras empregam-se logo.

P- Com que idade, mais ou menos?

R- Vá lá, os seus 12, 13 anos. Há muita criança em Santa Eulália, já com 12, 13 anos, empregada. (...) Lá aí há uma fábrica ou outra que tem pena. embora que não seja lá muito bom. lá tem pena e lá vão empregando, não é?" (Sta Eulália 2).

## **O ESPAÇO URBANO 1**

"Aqui na freguesia, se nos queremos encontrar com pessoas da freguesia, estamos no café, e estamos lá com as pessoas da freguesia com quem queremos conversar. Se queremos âmbito maior, vamos até Vizela. Claro, Felgueiras não tem as potencialidades que tem Vizela, só que é muito maior que Vizela, e até será mais rica, que tem mais freguesias. Mas quando chegamos a Vizela e vemos as pessoas, as ruas cheias de gente, os cafés cheios, e chegamos a Felgueiras e vemos sempre tudo vazio.(...) Que é o caso de Lousada, por exemplo, também é uma terra morta" (Sta Eulália3)

"Os jovens, esses estendem-se mais largos, lá vão. A gente, é claro, eles hoje em dia saem para fora de casa e não se sabe para que lado vão. Se for preciso, dizem que vão até Barrosas, e já estão mas é para Regilde ; se for preciso, vão a ver para Regilde, e já estão mas é para Moreira, ou até para Guimarães (...). Muitos estão cá, mas a maior parte deles anda na motorizada. Lá vão para longe" (Sta Eulália2)

O segundo anel desenvolve-se no interior de um espaço cujos limites correspondem ao Vale de Vizela e a mais algumas localidades dos concelhos vizinhos. A esta escala, o pólo urbano mais importante é claramente Vizela, visto que as outras vilas não possuem a mesma capacidade de atracção.

Para lá da funcionalidade operária já referida, a *centralidade* de

Vizela corresponde claramente a uma sociabilidade em transformação, que procura lugares de encontro que fiquem mais longe do que o adro da igreja. Trata-se de poder encontrar, longe do apertado controlo social da aldeia, não só as pessoas de outros lugares como algumas pessoas de Santa Eulália. Vizela funciona, relativamente ao espaço tradicional envolvente, como espaço de mediação. É o lugar que anula as distâncias, colocando lado a lado os habitantes de localidades diferentes.

Ao mesmo tempo, Vizela corresponde, para o migrante, ao primeiro nível de anonimato : é o lugar mais próximo onde já se pode sentir entre desconhecidos. Se nos referirmos à definição de Sennett - *"une ville est un milieu humain dans lequel des inconnus se rencontrent"* (Sennett 1979 : 42) - podemos dizer que Vizela é a primeira "cidade" a integrar a espiral de *mobilidade* que faz a abertura do espaço tradicional. No que diz respeito às actividades industriais, a abertura faz-se através de uma orientação espacial precisa, que termina em Guimarães :

"Vizela, Moreira de Cónegos. Portanto, ali para Vilarinho, porque são a maior parte das zonas de fábricas (...). O máximo até Moreira de Cónegos. Para lá, ainda há um ou outro, que vá lá para Guimarães (...)"(Sta Eulália2).

## **NOVAS FORMAS DE SOCIABILIDADE FESTIVA**

"Havia muito trabalho. Isso deve ter sido uma das causas que levou as pessoas a começar a movimentar mais dinheiro, e começaram talvez também a esquecer um pouco os actos religiosos." (Sta Eulália 1)

"Aqui em Santa Eulália havia uma festa em função de Santa Eulália, mas por umas maneiras ou por outras tudo vai acabando. (...) Esta rapaziada nova, o que querem mas é café e o catano. Não querem saber de festas. Festas, para eles, é só festas de noitadas. Festas de vilas : assim da vila de Vizela, festas de Guimarães. (...) Quando é de noitadas, há moças para eles andarem a bisbilhotar e essa coisa toda. Portanto, na aldeia é um sítio mais visto e tal." (Sta Eulália 2)

"Infelizmente, aqui à volta temos agora duas "boîtes" e uma discoteca (...). Isso é o que parece. Há pessoas aqui na freguesia que estão um bocadinho revoltadas com isso." (Sta Eulália4)

Propusemos que a abertura do espaço fosse relacionada com a abertura cultural a outras representações e a outras práticas, e dissemos que, do ponto de vista dos entrevistados, essa abertura cultural se traduz numa transformação dos *géneros de vida*. No entanto, a abertura aos *géneros de vida* urbanos não é homogénea, mas paralela de algumas clivagens no seio da comunidade. A primeira é profissional - os operários dirigem-se mais para as vilas e cidades do que os camponeses -; e a

segunda geracional - os jovens deslocam-se mais do que os velhos e adultos. Ao falar dos jovens, um entrevistado comenta, explicitamente, a função da *mobilidade* espacial : "portanto, na aldeia é um sítio mais visto, e tal". Ir mais longe é ser menos visto e por isso menos controlado.

A alteração da sociabilidade festiva está directamente relacionada com o alargamento da *mobilidade* espacial. As festas religiosas - "que chegaram a ser cinco por ano" - desapareceram e foram substituídas por "festas" que reproduzem modelos urbanos. Nesta conjuntura, os bares e discotecas surgem como o emblema da nova sociabilidade festiva. São *privados-colectivos* de origem claramente urbana, mas que nesta região, aliás como em toda a província portuguesa, se encontram frequentemente disseminados pelo campo. A procura da não-visibilidade justifica, em parte, a sua localização. Situados no exterior dos *centros* urbanos, em zonas que são uma espécie de "terra de ninguém", polarizam os movimentos de fim de semana de jovens de várias localidades, tanto urbanas como rurais. Mais do que o *espaço público* da cidade, ou do que as festas populares das aldeias, são estes lugares que servem, para os mais jovens, como espaços intersticiais de mediação. A fraca visibilidade que os caracteriza - fazem automaticamente uma exclusão etária, coisa que não acontece com as festas populares - permite o desenvolvimento de uma sociabilidade própria, que tem por referência modelos urbanos difundidos, por vários meios de comunicação, a partir dos *centros* internacionais de criação e difusão de uma cultura juvenil global.

Em alguns aspectos, os bares e discotecas podem ser aproximados da noção, proposta por Foucault (1984), de *heterotopia* : são organizados

por normas precisas, válidas apenas no seu interior, e capazes de gerir as relações sociais aí desenvolvidas. São ainda lugares de expressão da *communitas* (Turner 1974) - realidade social originária do sentimento colectivo de estar junto -, e neles toma forma uma "*experiência ética*" (Maffesoli 1990), resultante da proximidade que produz empatia e, consequentemente, comunidade de sentimentos e valores. O facto de comportarem um grau de abertura reduzido torna-os aptos a criar sociabilidades localizadas, pelo que são, potencialmente, lugares de contestação do que lhe é exterior. Por vezes estão na origem de alguns conflitos sociais (como pode deduzir-se da última citação), que têm origem na incompatibilidade entre os modos de vida tradicionais e modernos.

A intensificação e alargamento da *mobilidade* levou, por um lado, ao aparecimento de novos lugares de encontro e, por outro, ao aparecimento de novas possibilidades de desenvolver relações sociais com pessoas originárias de lugares mais distantes do que a própria aldeia. Em termos globais, o alargamento da *mobilidade* criou uma dinâmica regional que alterou profundamente as relações entre as localidades. Se nos mantivermos no interior dos espaços lúdicos observamos uma parte dos efeitos desse alargamento. Como vimos, os novos *privados-colectivos* - estejam eles situados nos *centros* urbanos ou no meio dos campos, longe dos agregados populacionais - caracterizam-se sempre por : 1. um menor grau de visibilidade, 2. um menor grau de controlo social, 3. um maior grau de anonimato. Estas três características fazem deles lugares privilegiados para estabelecer mediações entre os diferentes núcleos populacionais, por via do encontro, facilitado, dos seus jovens. Os novos encontros conduziram

ao aparecimento de novas redes de relação e, nomeadamente, de novos circuitos matrimoniais. Dessa forma, o espaço regional torna-se, progressivamente, mais próximo do modelo do *espaço rede* que do modelo do *espaço território*.

## **NOVAS FORMAS DE ESTAR EM PÚBLICO**

"Desde o momento em que começaram as fábricas, ficou tudo assim mais ... o que é, é uma freguesia em que agora certa gente nova está no pronto-a-vestir, de maneira que aquelas características antigas, que a pessoa usava, isso acabou tudo. Até digo mais, andam mais bem vestidas que em Lisboa. É mais barato, porque é das fábricas. Ai isso andam. Aos domingos, nem faz ideia! " (Sta Eulalia4)

"A gente nova é diferente. Coitadinha da juventude antiga. Coitados, muito mais humildes. E agora estão mais ... basta a televisão para estarem mais evoluídos, estão mais evoluídos.(...) A televisão foi um meio. É a única coisa que têm cá na freguesia. Todas as casas têm" (Sta Eulália4)

As transformações do sistema produtivo implicaram um aumento do poder de compra, que se associou ao aparecimento de novos hábitos. A produção de uma imagem pública a partir de referências urbanas (com o

que isso implica de investimento em roupas, produtos de beleza, etc) é um dos aspectos mais significativos deste processo. A condição de operário implica uma forma de apresentação de si que difere substancialmente da forma de apresentação de si de um camponês (Goffman 1973) . O contacto diário com desconhecidos é, provavelmente, o facto social mais relevante para explicar a clivagem nas formas de apresentação de si próprio : implica a elaboração de uma imagem pública que, contrariamente ao que se passava no sistema anterior, confinado, durante as actividades laborais, aos campos da aldeia, se actualiza diariamente e em diferentes situações. Por um lado porque é mais convocada e por outro porque é convocada face a gente desconhecida, a dimensão pública do actor social adensa-se e complexifica-se : "*...dans cet ensemble où se mêlent les vies des inconnus, le problème du publique ressemble à celui de l'acteur devant les spectateurs*" (Sennett 1979 : 42) <sup>4</sup>.

Podem ser descritas algumas das situações em que esse facto se verifica. Começemos pelo local de trabalho. Na fábrica, o trabalhador encontra-se face a um grupo de pessoas mais heterogéneo do que no campo. São originárias de várias localidades e encontram-se mais hierarquizadas. Além dos operários ainda existem secretárias, vendedores, clientes, patrões, etc. Fora do local de trabalho, os espaços que fazem a mediação entre a fábrica e a aldeia são frequentemente espaços públicos, ou privados-colectivos, urbanos. O café, a pastelaria, a praça pública, a paragem da camioneta e mesmo a própria camioneta são lugares onde se desenvolvem as chamadas relações em público (Goffman 1973). Em todos

---

<sup>4</sup> A ideia de Sennett refere-se às grandes metrópoles mas, com as devidas distâncias, também pode aplicar-se ao nosso estudo de caso.



eles, o confronto com desconhecidos, com o que isso implica de comunicação não verbal precodificada, está presente. A passagem diária pela cidade leva a desenvolver novos códigos de comportamento, novas posturas corporais e novas formas de constituição da imagem exterior. É claro que os modelos de identificação são encontrados noutra lugar: na televisão, que os difunde para, depois de reformulados e adaptados, surgirem a organizar as "performances" dos actores.

Um entrevistado estabelece uma distinção entre vilas da região, através de um critério que considera, justamente, os modos de estar em público. Ser tímido é sinal de não-urbanidade : de incapacidade para lidar com desconhecidos a partir de códigos de comportamento comuns:

"Lousada, Paços de Ferreira, Friamunde, essa zona assim aqui. As pessoas dali é muito boa gente, mas dá a impressão que têm complexos. São bastante tímidas. Nós chegamos à Vila e não vemos ... vemos os funcionários do Tribunal, da Câmara, os empregados nos cafés, são muito tímidos." (Sta Eulália3).

## ***O ESPAÇO URBANO 2***

"Só que as pessoas procuram Famalicão mais para comércio, embora lá haja muita indústria. (...) Há muitas coisas em Famalicão que não tem Guimarães. É muito comercial, a própria indústria hoteleira está muito

desenvolvida. (...) Nós aqui, quando vamos almoçar fora, normalmente vamos a Famalicão.(...) Não é que tenha muitos monumentos, que Santo Tirso é melhor, é mais bonito, tem mais jardins e zonas verdes.(...) Famalicão é mais bairrista, o povo tem outra maneira de se entregar. É mais competitivo. Em Santo Tirso vivem muito em casa. As pessoas são capazes de à noite, no café, não haver ninguém, e as pessoas estão em casa. Conversam umas com as outras. Isso até certo ponto pode ser benéfico, mas quando as pessoas frequentam o café, aprendem mais." (Sta Eulália 3)

Como se deduz da leitura das anteriores citações, são as actividades lúdicas e comerciais que aparecem, mais uma vez, a dar conteúdo à representação dos pólos urbanos. A comparação entre os textos relativos às deslocações em meio urbano (relativos aos diferentes níveis de *mobilidade*) permite uma aproximação à imagem de cidade dos habitantes de Santa Eulália : um *centro* urbano tem, antes de tudo o mais, cafés. Onde se conclui que a sociabilidade urbana se define, para os entrevistados, pelas relações sociais desenvolvidas nesses *privados-colectivos*. Depois, ainda tem movimento e gente que se comporta com desenvoltura no anonimato. Praças e jardins são espaços referidos como elementos constituintes de uma imagem agradável de cidade, mas nunca são referidas as práticas sociais que a eles poderiam estar associadas. Para os entrevistados de Santa Eulália, os espaços públicos são mais o cenário que constitui uma imagem do que um lugar para habitar.

É claro que, do ponto de vista da avaliação dos *centros*, os espaços

*públicos* por estes oferecidos revelam-se, no essencial, bastante tradicionais. O grau de anonimato é mínimo e não podemos falar, propriamente, na existência de "*multidões solitárias*" (Riesman 1964). A funcionalização, traduzida no enfraquecimento da vivência colectiva, ainda não os tornou em lugares de passagem percorridos por seres isolados (como vimos, Vizela e Guimarães apresentam as características positivas de um pólo urbano tradicional). No entanto, à *escala* da aldeia, elas surgem como lugares francamente diferentes, onde se desenvolvem formas de sociabilidade de tipo urbano.

Depois deste pequeno desvio, sugerido pelas citações, e relativo à construção de uma imagem de cidade, passamos à apresentação do espaço abrangido pelo terceiro nível de *mobilidade*. O terceiro anel integra vilas um pouco mais distantes do que Vizela, destacando-se, entre elas, Famalicão, Santo Tirso e Guimarães. Exterior a este círculo encontra-se o Porto, cidade limite, no que diz respeito a movimentos habituais :

"...há pessoas que se deslocam sempre, há pessoas que se deslocam ao Porto, vão comprar coisas." (Sta Eulália3)

No nosso terreno a questão da hierarquia dos *centros* urbanos é, tal como vimos nos anteriores estudos de caso, pertinente, sobretudo para as localidades que desenvolvam uma dinâmica centralizadora, como é o caso de Guimarães e Vizela. Para os habitantes das periferias essa questão relaciona-se, e decide-se, em função das práticas de *mobilidade*, visto estas reflectirem o poder de atracção dos *centros*. Santa Eulália é um caso de

localidade periférica, que organiza um espaço regional hierarquizado : associada aos diferentes níveis de *mobilidade*, a hierarquia é pouco organizada no que diz respeito aos *centros* médios, mas é absolutamente clara no posicionamento do Porto no cimo da pirâmide. Segundo os entrevistados, o Porto é a única localidade que possui legitimidade para constituir/centralizar uma futura Região administrativa. Abaixo deste nível, as possibilidades são múltiplas, não havendo uma cidade claramente colocada no degrau seguinte da pirâmide : Guimarães, Famalicão, Santo Tirso, e até Vizela, são apresentadas como possíveis candidatas. Tudo depende do critério de avaliação aplicado (administrativo, comercial, social, etc).

Se recordarmos o estudo de caso de Guimarães, e o compararmos com o de Santa Eulália, verificamos que existe uma diferença estrutural importante, relativa à representação alargada do espaço regional. Enquanto Guimarães pretende colocar, pelo menos do ponto de vista administrativo, o Porto à distância (contrapondo-lhe a reivindicação do novo recorte administrativo da Região do Vale do Ave), a localidade mais pequena do terreno aparece claramente a representar a *centralidade* do Porto, considerando-se uma das suas periferias. Embora de forma menos evidente, dado o seu investimento territorial num espaço delimitado, Vizela também reconhece a *centralidade* portuense. Provavelmente, esta distância entre as representações deve-se ao facto de Santa Eulália ser a única localidade que não se projecta em nenhuma posição central : paradoxalmente, a sua condição de periferia permite-lhe organizar um espaço regional mais alargado do que o das suas vizinhas de nível superior. Podemos dizer que o espaço regional é, para Santa Eulália, um *espaço de*

*referência* especificador. A localidade define-se, na sua especificidade, através de diferentes relações com localidades incluídas nesse espaço. As aldeias vizinhas, Vizela, Lousada, Guimarães ou o Porto, são localidades distintas, que se relacionam com Santa Eulália de forma também distinta. A especificidade da aldeia é dada pelo somatório de todas essas formas.

Trata-se de uma configuração radicalmente distinta da de Vizela, para quem o espaço regional é, à excepção do Vale de Vizela e da cidade de Guimarães, um espaço indiferenciado. Dada a sua *centralidade* obsessiva, Vizela acaba por possuir um *espaço de referência* mais pobre do que o da aldeia sua vizinha. (O facto de ter uma organização de sentido inverso - é centripeto, enquanto o de Santa Eulália é centrífugo - também não ajuda muito nem à sua abertura nem à sua diversificação.)

A comparação dos três estudos de caso indica ainda outra diferença significativa : enquanto Guimarães e Vizela representam, virtualmente e em relação com a actividade industrial, uma *mobilidade* de nível internacional, Santa Eulália limita-se a representar uma *mobilidade* real, mas regionalmente delimitada. Ao contrário da cidade e da vila, a aldeia não se socorre, para valorizar o *espaço de centração*, do mecanismo simbólico que utiliza a *mobilidade* virtual (a imagem da localidade conhecida no exterior). Pelo contrário, parece investir a sua energia no processo de alteração das representações do espaço regional (que como vimos significa também alterações dos *géneros de vida*), associado ao desenvolvimento de uma *mobilidade* regional crescente.

Para concluir, diremos que Santa Eulália revela, em três níveis de *mobilidade espacial*, um *espaço de referência* alargado, diversificado e

hierarquizado. A aldeia possui uma concepção centrífuga do espaço - característica típica de uma periferia -, sendo que neste caso particular o espaço centrífugo não se dirige apenas para *centros* urbanos. Tal como verificámos na apresentação do espaço tradicional envolvente, mantém-se um primeiro nível de *mobilidade*, ligada a práticas tradicionais e não dirigida para *centros* urbanos, mas para localidades rurais equivalentes a Santa Eulália. Esta dupla situação, de *mobilidade* rural e urbana, coloca-a numa posição particular, de articulação entre dois mundos.

---

## QUARTA PARTE

## ***O TERRENO***

---

### **UMA ABORDAGEM INTEGRADA**

As hipóteses de partida do nosso trabalho pressupõem que as *representações do espaço* - como qualquer outro sistema de representação - resultam de interacções simbólicas entre diferentes comunidades. Ou seja, a *representação do espaço* de uma comunidade é o resultado de um processo complexo de comunicação, que integra a negociação com as *representações do espaço* das comunidades vizinhas. Essa ideia, que havia sido proposta mas não havia sido desenvolvida em trabalhos anteriores, orientou os presentes estudos de caso. Pensámos que a noção de *comunicação* nos poderia ser útil para estudar os mecanismos que relacionam as representações de comunidades distintas e, por isso, avançámos com a sua utilização.

Lévi-Strauss demonstrou que o mito é um objecto comunicacional - em "*Histoire de Lynx*" demonstra mesmo que essa comunicação pode ser intercontinental, visto que a mitologia ameríndia integrou fragmentos de mitologia europeia (L.-Strauss 1991) - e nós propomo-nos demonstrar que



as *representações do espaço* seguem processos análogos. As representações por nós observadas são o resultado de uma dinâmica constante, que coloca em interacção (ou em diálogo) comunidades e, necessariamente, sistemas simbólicos. Essa interacção engendra tanto processos de integração como processos de recusa das representações (ou dos fragmentos de representações) exteriores. Concebidas deste ponto de vista, as *representações do espaço* revelam-se dinâmicas e em constante transformação.

Pode conceber-se dois tipos de situações que conduzem à transformação das representações do espaço : 1. a própria condição de existência das representações - actualizam-se nos processos de comunicação interindividuais - conduz à sua transformação, dado que as actualizações dinamizam e alteram a narrativa original, 2. as transformações da sociedade orientam, de forma diversa, as alterações das representações (por exemplo, razões internas ao funcionamento da comunidade - o espaço de referência altera-se depois de um surto de migração (Silvano 1988) -; ou razões com origem externa - o *espaço funcional* altera-se depois da implantação de uma fábrica de cimentos (Silvano 1988)). Para trabalhar a questão do dinamismo das representações do espaço propusemos dois cenários : o da alteração em continuidade (que aproximámos da noção de "*sistema de transformações*" (Lévi-Strauss 1962) e o da alteração por ruptura (que aproximámos da noção de "*catástrofe*" (Thom 1981, Perrin 1986).

O estudo empirico que já havíamos realizado, relativo ao terreno constituído por Coimbra, Portunhos, Souselas e Barcouço, sugeriu-nos a

necessidade de conceber, pelo menos enquanto referências abstractas, esses dois cenários (Pellegrino 1986a, Silvano 1988; 1990) : como vimos no capítulo a "construção de uma problemática", o estudo de caso da aldeia de Souselas sugeriu-nos a hipótese da catástrofe, enquanto o estudo de caso de Portunhos nos sugeriu a hipótese do sistema de transformações. Os dois terrenos, quando observados do ponto de vista da transformação das representações do espaço, levaram-nos a concluir que : 1. mesmo nos casos em que as transformações (neste caso económicas e sociais) conduzem à desestruturação da configuração espacial existente, as comunidades podem desencadear projectos de espaço alternativos, que levam à construção de uma nova configuração, 2. em casos de transformação social integrada, a configuração espacial de origem pode comportar as modificações que a adaptam à nova situação, 3. em ambos os casos, o processo envolve várias localidades, colocadas em interacção e, do ponto de vista específico das representações, em situação de comunicação, 4. a comunicação envolve várias *escalas de representação*.

Os estudos de caso agora apresentados sugeriram a hipótese de complexificar a ideia da existência de um processo de comunicação que envolve as diferentes localidades. Com esse objectivo, propomos uma abordagem que considera dois tipos de situação comunicacional : no primeiro, as representações são compatíveis, enquanto no segundo são incompatíveis <sup>1</sup>. Pretendemos dizer com isto que, enquanto no primeiro

---

<sup>1</sup> Tomamos por referência o princípio semiótico de compatibilidade : "*du point de vue opératoire, on peut se contenter d'entendre par compatibilité la possibilité qu'ont deux éléments sémiotiques de contracter une relation (d'être présents ensemble dans une unité hiérarchiquement supérieure ou en position de contiguïté sur l'axe syntagmatique*"(Greimas e Courtés 1986 : 52).

caso as representações podem estabelecer entre si uma relação que lhes permite integrar uma *representação de conjunto*, no segundo caso não podem. Um exemplo de *compatibilidade* seriam duas, ou mais, representações locais, que integrassem, sem necessitarem de ser alteradas, um espaço regional de conjunto. Nesse caso, os projectos de transformação do espaço seriam coincidentes (ou pelo menos conciliáveis) e as relações sociais positivas. No caso de *incompatibilidade*, as representações locais não integram um espaço regional de conjunto, os projectos de espaço são não-coincidentes e as relações sociais negativas.

Talvez seja útil precisar, no seguimento desta introdução à análise de conjunto, mais duas questões de carácter metodológico. A análise de conjunto, mais do que a análise individual, não pode desenvolver-se sem recurso à oposição estrutural *centro vs periferia*. Devemos descrever, no interior de um recorte territorial definido, as relações entre localidades de nível hierárquico diverso (mais concretamente três localidades e três níveis hierárquicos) e a forma espacial que melhor dá conta dessa variabilidade hierárquica é, exactamente, aquela que organiza a relação entre os *centros* e as *periferias* <sup>2</sup>. Mas a utilização dessa oposição resultaria incorrecta se não a associássemos a uma outra hipótese de trabalho, que implica outro preceito metodológico : visto as representações do espaço operarem a diferentes escalas, a análise espacial é realizada tendo em conta essa diversidade. É a análise escalonada que nos permite compreender a espessura do espaço, por vezes mesmo a reversibilidade das posições.

---

<sup>2</sup> Faremos referência às noções de *centro*, *centração*, *centralidade* e "*haut lieu*", apresentadas por Pierre Pellegrino (1983a) e por Jean Remy (1984).

Uma *periferia* à escala regional pode tornar-se *centro* à escala local, tal como um *centro* regional pode tornar-se uma *periferia*, quando colocada à escala nacional. Cada escala manifesta uma organização interna específica, mas uma abordagem de conjunto revela que as diferentes escalas estabelecem entre si relações de interdependência (Silvano 1987).

Uma vez apresentados os textos relativos a cada uma das localidades do nosso terreno, cabe agora fazer uma abordagem de conjunto que nos permita integrar a investigação nas hipóteses de trabalho avançadas. As configurações descritas nas análises individuais serão colocadas em interação, de forma a construir uma configuração de conjunto dinâmica e integrada, que dê conta dos movimentos que transformam a espacialidade da região. A análise será organizada por etapas : primeiro estudaremos a relação entre as representações de Guimarães e de Vizela, segundo a relação entre as representações de Vizela e Santa Eulália e, por fim, o espaço de conjunto. A abordagem da região terá em linha de conta a diversidade das relações espaciais que a constituem (incluindo-se nestas a possibilidade de criação de situações de *exclusão territorial*), assim como a complexificação do sistema de organização interna, associada ao processo de transformação em curso. Destacaremos a criação de novos espaços identitários e os mecanismos (de *diferenciação* e de *identificação*) associados a essa dinâmica.

## **GUIMARÃES E VIZELA - DUAS REPRESENTAÇÕES INCOMPATÍVEIS.**

O estudo de caso de Guimarães revelou um espaço de transformação problemático. O desenvolvimento recente dos centros urbanos incluídos no interior dos limites concelhios (que é o seu espaço de acção administrativa, e que considerámos, do ponto de vista de Guimarães, como *espaço local*) colocou a possibilidade de uma futura partição de um espaço que Guimarães pretende centralizar e unificar. A definição das hierarquias urbanas na região não é, hoje, estável e, num contexto de instabilidade, o nível hierárquico da cidade de Guimarães encontra-se também posto em causa. Trata-se de uma situação problemática, tanto mais que o mito de fundação, organizado a partir dos acontecimentos que deram origem à formação da nacionalidade, cristaliza uma *representação do espaço* fortemente autocentrada, que dificilmente se compatibiliza com alterações do espaço concelhio que ponham em causa a supremacia da cidade. Para a cidade de Guimarães, *centro*, *centração* e *centralidade* correspondem-se : o *centro* é o *espaço de centração* dos seus habitantes, e é suposto centralizar o espaço envolvente, definido pelos limites concelhios.

Mas acontece que essa correspondência não tem equivalente nas representações de todas as localidades incluídas no espaço que a cidade pretende organizar. Como vimos, Guimarães articula um *espaço de conjunto* constituído por diferenças, colocadas em tensão. Para os seus habitantes, o concelho é constituído por localidades que, embora diferentes, têm uma coisa em comum : a cidade de Guimarães e a relação que com ela

estabelecem. São essas relações que especificam o lugar de Guimarães, uma vez que a cidade se representa como o lugar comum de todos os habitantes do concelho. O *espaço de centração* surge, assim, a articular o encontro de vários lugares, por sobreposição e, sobretudo, por intersecção num ponto central. Apesar das diferenças, o *espaço de conjunto* é unificado pela *mobilidade* espacial, que dirige os habitantes para o *centro*, considerado o lugar comum de todas as localidades.

O problema surge quando as localidades que compõem o *espaço de conjunto* não se relacionam com Guimarães de forma a construírem a especificidade que a cidade pensa ser a sua (a de um *centro unificador*). Nesse caso, o *espaço de conjunto* decompõe-se, deixa de ser articulado pelo *centro* e põe em causa a operação de especificação (ser, para as localidades envolventes, o *lugar comum*) que constrói a *identidade* da cidade. Ao decompor-se, o *espaço de conjunto* passa a comportar novos recortes, articulados por outros *centros*, que mantêm com a cidade uma relação conflituosa e concorrencial.

Se nos socorrermos da terminologia de Durkheim (1979) e Mauss (1974), poderemos falar em constituição de novos *gêneros*. O *espaço de conjunto*, que mantém, por via do mito de fundação, uma relação simbólica de filiação com Guimarães, é unificado (apesar das diferenças) pela relação que mantém com a cidade, considerada não só como o *centro* mas ainda como o "*haut-lieu*" (lugar simbolicamente valorizado) da região. Nesse sentido, o *espaço de conjunto* pode ser considerado um *espaço genérico* (corresponde a um *gênero*) (Pellegrino 1983a). O aparecimento de novos recortes, organizados por outros *centros*, corresponderá, ainda por analogia

com a terminologia de Durkheim, a um processo de segmentação que culmina com a constituição de um novo *género* (neste caso, um *espaço de conjunto* organizado em torno de um novo *centro*). Do ponto de vista de Guimarães, uma transformação desse tipo aproximar-se-ia do modelo da *catástrofe* ; mas, como vimos, existe outra possibilidade, que podemos aproximar da ideia de *sistema de transformações*. Voltaremos a ela mais adiante.

Escolhemos estudar o caso da vila de Vizela por se tratar da *periferia* que coloca, de forma mais evidente, o problema da fragilidade da *centralidade* de Guimarães. Existe um conflito aberto entre as duas localidades, que se prende com a definição das respectivas *centralidades*, dos respectivos níveis hierárquicos e dos limites dos respectivos territórios. Esse conflito traduz-se num processo de segmentação do espaço que corresponde à criação de um novo *espaço genérico*.

Se colocadas numa situação de comunicação, as duas representações do espaço são operatorialmente *incompatíveis*, visto que não permitem a construção de um *espaço de conjunto* que as integre.

Vejamos a questão da *organização hierárquica* de um *espaço de conjunto* : Guimarães considera-se no topo e coloca Vizela numa posição equivalente à dos outros *centros* que fazem parte do concelho. Por sua vez, Vizela aceita a colocação de Guimarães no topo, mas recusa, em absoluto, a colocação de si própria ao nível dos outros pequenos *centros*, visto que se representa numa posição mais próxima de Guimarães. O que se passa é que a posição hierárquica que cada localidade atribui a si própria não é equivalente àquela que a outra localidade lhe atribui, tornando-se assim

impossível a formação de uma *representação* hierárquica de conjunto integrada.

Passemos à questão da definição das relações entre *centros* e *periferias* : Guimarães considera que Vizela é uma das suas *periferias* e não lhe reconhece a função de *centro*. Em contrapartida, Vizela não se reconhece na posição de *periferia* de Guimarães (embora reconheça a posição de *centro* de Guimarães, não lhe reconhece *centralidade*), mas reconhece-se a si própria enquanto *centro*, dotado de *centralidade*. Neste caso particular, o conflito social encontra-se associado à temática administrativa : como vimos, a vila de Vizela (que se encontra integrada no concelho de Guimarães) pretende constituir um novo concelho, de maneira a dar forma institucional a uma *centralidade* já existente (do ponto de vista económico, social e ritual) e a subir no sistema de hierarquias urbanas da região.

Coloca-se aqui o problema da interacção entre escalas de *representação do espaço*, visto que as duas *centralidades* em causa não se situam à mesma escala. O espaço que Vizela centraliza situa-se a uma escala reduzida, e está incluído no espaço mais alargado, e portanto situado a uma escala superior, que Guimarães centraliza. Embora os limites de actuação das duas *centralidades* se integrem em escalas espaciais distintas, o facto é que a *centralidade* de Vizela ameaça o conjunto da configuração espacial vimaranense. Apesar de existir uma disparidade entre as escalas de actuação das *centralidades* de Vizela e Guimarães, verificamos uma interdependência de escalas, que faz com que a *centralidade* de Vizela ponha em causa a *centralidade* de Guimarães.



Voltemos então à questão da interacção entre as duas representações em presença. Se ambas mantiverem a presente organização do espaço, não é possível conceber uma operacionalidade que as integre numa *representação de conjunto*, o que significa que as duas localidades possuem representações do espaço regional que são *incompatíveis*. Dito de outro modo : Vizela recusa-se a fazer parte do espaço global que Guimarães organiza e, ainda por cima, fragmenta-o, ao reivindicar uma especificidade e uma *centralidade*, também elas organizadoras de um espaço global. Este novo recorte exclui-se do *espaço global* que Guimarães centraliza, ou, para sermos mais precisos, participa nele, mas através de uma modalidade de *exclusão*. Essa especificação - ser um lugar de referência para a *exclusão territorial* - é recusada e, ao mesmo tempo, receada (porque possível) por Guimarães. Em resumo: o desejo de *exclusão* manifestado por Vizela é incompatível com a necessidade que Guimarães tem de manter um *espaço de inclusão*.

Do ponto de vista das relações sociais, a *incompatibilidade* das representações traduz-se numa situação conflitual, fortemente estruturadora das *identidades*, principalmente da vizelense. De certa maneira, podemos afirmar que a *identidade* de Guimarães se organiza em torno da negação da *representação espacial* que dá forma à *identidade* de Vizela, e que, por sua vez, a *identidade* de Vizela se organiza em torno da negação da *representação espacial* que dá forma à *identidade* de Guimarães. A *identidade* de Guimarães baseia-se na manutenção da unidade de um território que Vizela pretende fragmentar.

Como vimos, a situação administrativa actual está associada, no caso

de Vizela, a comportamentos colectivos reivindicativos, por vezes afirmativamente violentos, que se traduzem, quando interpretados de um ponto de vista pluridisciplinar, na organização de mecanismos culturais de defesa de um *território invadido* e de fuga de um *território hostil*. Enquanto estes dois mecanismos territoriais se mantiverem, não há qualquer possibilidade de compatibilizar os projectos de espaço de Vizela e Guimarães. Existe uma sobreposição das delimitações territoriais das duas localidades, e essa sobreposição, por si só, é um factor de *incompatibilidade espacial*.

No estudo de caso de Guimarães, verificámos que a possibilidade de organizar um sistema de conjunto que compatibilize as duas representações se coloca a uma escala mais alargada. Se tivermos o País por referência, podemos chamar-lhe *escala regional*. A *centralidade* de Guimarães teria de ser colocada num nível hierárquico superior (regional e não concelhio) para que a *centralidade* de Vizela (que se definiria a nível concelhio) não fosse concorrencial. Nesse caso, assistir-se-ia a uma multiplicação das escalas de *representação* em presença, que permitiria a introdução de novos *níveis hierárquicos* e, conseqüentemente, daria forma a um espaço mais complexo e com maior espessura. Concretamente, surgiriam mais dois recortes : o primeiro, situado a uma escala mais reduzida, corresponderia ao novo concelho de Vizela, e o segundo, situado a uma escala mais alargada, corresponderia à nova Região administrativa do Vale do Ave. Este cenário corresponderia ao modelo do *sistema de transformações*, portanto a uma evolução socialmente integrada.

É óbvio que, se alargássemos o nosso terreno a outras localidades,

iríamos deparar com uma complexidade de *representação* ainda maior, e provavelmente com outras situações, tanto de *compatibilidade* como de *incompatibilidade* entre representações. Mesmo sem possuímos esses dados podemos concluir que as possibilidades de transformação são múltiplas e vão depender, em grande parte, de factores exteriores à região em estudo. As decisões a tomar pelo Poder central, relativas à regionalização do País, serão obviamente decisivas. No pior dos casos - o da manutenção da organização administrativa existente - o conflito manter-se-á e tenderá a tomar-se, para Vizela, estruturante de uma *identidade* cristalizada em torno da negação de uma organização espacial imposta.

## **VIZELA E SANTA EULÁLIA - DUAS REPRESENTAÇÕES COMPATÍVEIS.**

O estudo conjunto das representações do espaço de Vizela e de Santa Eulália revela a modalidade da *compatibilidade* operatória. Como vimos no seu estudo de caso, Santa Eulália é uma pequena aldeia situada na *periferia* da vila de Vizela, que está integrada no recorte territorial proposto para a constituição do projectado concelho de Vizela. Actualmente, esse recorte corresponde ao espaço que Vizela centraliza socialmente e economicamente. É o *espaço de acção* da vila, que o considera como o "seu território".

Relativamente a Santa Eulália, coloca-se a questão de saber se a

*representação* que a aldeia faz do *espaço regional* comporta : 1. o reconhecimento do *espaço global* que Vizela pretende centralizar, 2. a inclusão nesse mesmo espaço, 3. o projecto do reconhecimento administrativo desse recorte territorial. De facto, quando comparamos as espacialidades de Vizela e Santa Eulália, verificamos que a aldeia se representa incluída no espaço que a vila centraliza e, consequentemente, se assume como uma *periferia* por ela polarizada. Como vimos, a coincidência das duas representações integra uma concepção estetizante e valorativa do território de conjunto : Santa Eulália, tal como Vizela, representa o vale a partir de um ponto de vista - o do monte de São Bento - e confere-lhe as propriedades unificadoras do conceito de *paisagem*.

Pode concluir-se pois que existe uma compatibilidade operacional entre as projecções de espaço das duas localidades. Vizela projecta um espaço concelhio, que centralizará, e Santa Eulália projecta o mesmo espaço concelhio, que integrará enquanto *periferia* com o estatuto de freguesia. Resumindo : no interior de um mesmo recorte espacial - o novo concelho - Vizela projecta-se na posição de *centro* e Santa Eulália na posição de *periferia*. Esse *espaço projectivo* tem uma base actual. Enquanto Vizela inclui Santa Eulália no seu *espaço de acção*, Santa Eulália representa Vizela como um *espaço de referência*, sobretudo para a *mobilidade* funcional, social e ritual.

A uma escala mais reduzida, Santa Eulália projecta mesmo uma progressiva integração no *espaço urbano* da futura sede de concelho. A *representação* de uma dupla extensão, da vila em direcção à aldeia e da aldeia em direcção à vila, prefigura essa futura integração no núcleo

urbano. Podemos dizer que o projecto de expansão da vila é compatível com o projecto de integração urbana da aldeia.

Em conclusão : Vizela e Santa Eulália revelam duas representações do espaço que se *compatibilizam* operatoriamente, visto que concebem um espaço global em que as posições relativas de cada localidade são mutuamente reconhecidas : Vizela como *centro* e Santa Eulália como *periferia*.

## ***A REGIÃO***

### **DINÂMICA E DIVERSIDADE**

O estudo comparativo das representações do espaço da cidade de Guimarães, da vila de Vizela e da aldeia de Santa Eulália demonstra que as representações do espaço integram um processo de *comunicação* dinâmico : embora possam ser estudadas individualmente, é o estudo das suas interacções que permite compreender, por um lado, a dinâmica desenvolvida por cada uma das localidades e, por outro, a dinâmica da Região tida como um todo.

No caso particular de Guimarães e Vizela, trata-se de uma *comunicação* que se desenvolve numa modalidade conflitual, visto que os espaços actuais e, sobretudo, os projectos de espaço das duas localidades apresentam *incompatibilidades* operatórias. As *identidades* de cada localidade são, prioritariamente, construídas a partir de modalidades

espaciais opostas. Enquanto Guimarães tenta dar continuidade a um espaço global de *inclusão* social, ritual e administrativa, que pressupõe a inclusão de Vizela no seu concelho, Vizela nega a legitimidade dessa inclusão e, ao mesmo tempo, desenvolve um projecto de exclusão espacial que tem por base a recusa da inclusão no concelho de Guimarães. Isto significa que a *identidade inclusiva* de Guimarães choca com a *identidade exclusiva* de Vizela. Do ponto de vista da relação *centro/periferia*, a questão da *incompatibilidade* também se coloca. Guimarães quer manter a sua *centralidade*, mas Vizela nega-lha, recusando-se a assumir a posição de *periferia*.

A uma escala mais reduzida, Vizela dá forma a uma *identidade inclusiva*, logicamente associada à modalidade exclusiva anteriormente descrita. Ao mesmo tempo que preconiza a exclusão do concelho de Guimarães, a vila pretende solidificar, através da constituição do seu próprio concelho, uma *identidade inclusiva* que integra várias localidades envolventes. A essa operacionalidade inclusiva associa-se uma funcionalidade organizadora da nova *centralidade* de Vizela : a vila pretende polarizar o recorte espacial definido pelos limites do futuro concelho. Trata-se de uma sequência operacional orientada, em que a exclusão do concelho de Guimarães precede logicamente a constituição de um espaço de inclusão e a negação da situação periférica precede logicamente a construção da *centralidade*. Isto porque existe uma incompatibilidade entre as primeiras e as segundas configurações espaciais e, conseqüentemente, dar forma às segundas implica anular as primeiras.

A modalidade inclusiva exige, para funcionar sem conflitos, a

aceitação daqueles que são incluídos. Não é o caso de Vizela em relação a Guimarães, mas, como vimos, é o caso de Santa Eulália em relação a Vizela. A modalidade inclusiva está presente na constituição da *identidade* de Santa Eulália, sendo Vizela a localidade reconhecida como pólo organizador do espaço global de inclusão territorial.

Se compararmos as duas interespecialidades (Guimarães/Vizela e Vizela/Santa Eulália) verificamos que se trata de duas modalidades opostas : enquanto a primeira coloca representações operatorialmente *incompatíveis*, a segunda coloca representações operatorialmente *compatíveis*.

No primeiro caso, a construção de uma espacialidade de conjunto de nível superior revela-se impossível, a não ser que as representações se transformem, de forma a criar uma situação de *compatibilidade* operatória. Essa transformação poderá ser provocada por factores exteriores. Como vimos, uma das possibilidades colocadas pelos entrevistados é a criação de um novo recorte espacial - a Região do Vale do Ave - situado à escala regional, com estatuto administrativo e centralizado por Guimarães.

No segundo caso, podemos observar a criação de uma espacialidade de conjunto, dado que a aldeia de Santa Eulália elaborou uma *representação* projectiva que integra parte da espacialidade de Vizela. Ao conceber a futura integração no concelho de Vizela, assim como a futura integração no perímetro urbano da vila, a aldeia vai progressivamente elaborando uma *representação* que integra o ponto de vista de Vizela. Santa Eulália complexifica assim a sua *representação*, de forma a articular as configurações específicas à sua ruralidade com as novas configurações, originárias de Vizela e de características mais urbanas. O alargamento da

escala de *representação* permite integrar outros pólos, nomeadamente Guimarães e Porto, também responsáveis pelo processo de transformação em curso.

Pensada no seu conjunto, a região integra, pelo menos, duas dinâmicas contrárias. Uma desenvolve-se em torno de um conflito entre duas localidades, enquanto a outra se desenvolve em torno do entendimento entre outras duas localidades. A criação de uma dinâmica global de entendimento está dependente da possibilidade de transformar, de forma substancial, a divisão administrativa do território. Por enquanto, essa possibilidade não parece ser real, o que nos leva a definir a região como um *espaço problemático*.

## **HIERARQUIA E EXCLUSÃO**

A problemática do nosso terreno está associada à problemática, mais geral, da urbanização do território, que, por sua vez, engloba a problemática da definição das hierarquias urbanas.

O processo de urbanização criou, nas suas formas mais recentes, uma realidade que foi já definida como a extensão à totalidade do território dos *géneros de vida* urbanos. Esse processo depende, basicamente, do acréscimo de *mobilidade*, facto que levou à abordagem da *urbanidade* a partir da ideia de *comunicação*. Como vimos, Guimarães e Vizela cumprem, a escalas diferentes, e de forma incipiente, essa função ; ambas surgem



como os lugares de encontro das localidades incluídas nas respectivas áreas de influência. Mas não são as únicas. Outras cidades, embora mais distantes, cumprem, ao difundirem os valores culturais que vão alterando a vida quotidiana, a mesma função mediadora.

Apesar de, em Portugal, a urbanidade se encontrar ainda em construção, manifesta já características diferentes dos países industrializados. O espaço do nosso terreno é exemplo disso, visto que se apresenta como uma espécie de *patchwork* que conjuga o rural, o industrial não-urbano e o urbano. A importância crescente dos meios de comunicação criou um desfasamento temporal que teve manifestações sociais precisas : a *mobilidade* fez com que os *géneros de vida* urbanos se difundissem sem que se verificasse a existência das condições materiais que noutros países acompanharam o seu aparecimento. Como vimos no estudo de caso de Santa Eulália, a par da aproximação dos jovens aos *géneros de vida* urbanos, surgem práticas laboriais pré-fordistas. O trabalho infantil, que não só existe como se revela integrado nas representações culturais locais, é um exemplo emblemático dessa situação.

Conclui-se que, no Vale do Ave, a pluralidade deriva do desfasamento temporal que coloca lado a lado configurações económicas, sociais e culturais excessivamente díspares. A região vive uma reorganização acelerada que evidencia já alguns problemas. Entre outras situações, tomam forma alguns fenómenos de *exclusão territorial* (e também social).

Como vimos, o conflito entre Guimarães e Vizela pode ser interpretado no interior da problemática da exclusão territorial. Guimarães

organiza o espaço correspondente aos seus limites concelhios (é o *centro* de encontro, real e simbólico, das localidades que o constituem), mas sofre a concorrência de Vizela, um *centro* urbano que encaixou a sua zona de influência no interior do concelho de Guimarães. Segundo as representações dos habitantes de Vizela, Guimarães, para manter a sua hegemonia territorial, exclui a vila de Vizela, impedindo-a de se desenvolver e, conseqüentemente, de se aproximar do nível hierárquico de Guimarães, pondo-o em risco. A proximidade que a cidade mantém com o Poder central e a utilização abusiva do poder autárquico são sempre indicadas como causas do atraso a que a vila está sujeita. No interior de um processo global de urbanização do território, Vizela surge, claramente, como um caso-tipo de desenvolvimento de sentimentos colectivos de exclusão territorial. Estes tomam duas formas : por um lado a vila sente-se excluída e, por outro, quer-se excluir. A imposição de uma malha administrativa, que neste caso significa também a imposição de um *centro*, resultou na elaboração de mecanismos de diferenciação, conducentes a uma reivindicação de tipo autonomista.

No início deste trabalho, referimo-nos a Alain Touraine : *"nous vivons en ce moment le passage d'une société verticale, que nous avons pris l'habitude d'appeler une société de classes avec des gens en haut et des gens en bas, à une société horizontale, où l'important est de savoir si on est au centre ou à la périphérie"* (Touraine 1991 : 166). Quando considerada a mesma questão sob o ponto de vista territorial observa-se que, face à criação de novas malhas administrativas, as localidades lutam pela sua colocação o mais próxima possível do *centro* (é o caso de Santa Eulália) ou

pela sua colocação ao *centro* ( é o caso de Vizela), pois sabem que as imagens difundidas pelos *centros* de nada valem enquanto a sua situação real for a de localidades isoladas e distantes. Aliás, valem, sobretudo para criar frustração e sentimentos de revolta.

## **COMPLEXIDADE E TRANSFORMAÇÃO**

Tentámos demonstrar que uma região é composta por um conjunto de representações do espaço que interagem em modalidades diversas. O nosso estudo de caso permitiu-nos observar algumas interacções espaciais, mas se o alargássemos a outras localidades verificaríamos, seguramente, que a região é algo de mais complexo ainda, visto que as interacções são, em teoria, infinitas.

O terreno agora em estudo coloca, no interior da negociação desenvolvida pelas localidades que o constituem, questões particulares (nomeadamente de exclusão territorial), relacionadas com o aparecimento de novos *centros* e com a necessária reorganização das hierarquias urbanas daí decorrente. A dinâmica da região deve-se, em parte, à concorrência entre os *centros* em presença. O facto de Vizela ter organizado uma nova *centralidade* obrigou a uma reorganização dos níveis hierárquicos estabelecidos, processo que provavelmente resultará na criação de novos níveis de organização do espaço. Multiplicam-se os *centros* e as *periferias*, complexifica-se a região e, conseqüentemente, a

vida social. Como vimos nos estudos de caso de Vizela e Santa Eulália e no estudo da *periferia rural* da cidade de Guimarães, o aparecimento de novos *centros urbanos* equivale à criação de mais espaços de mediação entre o *rural* e o *urbano*. De facto, são sobretudo os *centros* de nível médio que fazem as sínteses progressivas entre esses dois mundos (Vizela e Taipas cumprem, no interior do concelho de Guimarães, essa função).

O aparecimento de novos níveis de organização do espaço traduz-se num aumento da *mobilidade* (visto que há mais diversidade de pólos de atracção), o que, como vimos, produz transformações significativas nos *géneros de vida* da população. Podemos dizer que o processo de urbanização do território consiste nessa diversificação (paralela de uma densificação) do espaço regional.

As *identidades* são, tal como o espaço, realidades dinâmicas sujeitas a modalidades de transformação precisas e, dada a relação *espaço/identidade*, as formas de transformação do espaço conduzem à observação das formas de transformação da *identidade*. Nesse sentido, aquilo a que genericamente se chamou processo de *urbanização* significa, também, processo de transformação das *identidades locais e regionais*.

A difusão dos *géneros de vida* urbanos, que resulta da maior diversificação das relações *centro/periferia* e do aumento da *mobilidade*, altera significativamente as relações estabelecidas entre as localidades de uma região. No nosso terreno, a aldeia de Santa Eulália surge como um caso evidente de transformação social e cultural, sendo que as escalas onde esse fenómeno se revela de forma mais evidente são a local e a regional. Ao nível regional observámos uma transformação radical das

relações entre localidades rurais. Em vez de manterem relações directas entre si, as localidades rurais deixam-se mediar ou pelo novo *centro* urbano (Vizela) ou pelos novos *privados colectivos* disseminados pela região, espaços privilegiados para o desenvolvimento de relações sociais, particularmente as de carácter lúdico e ritual. Essa mediação traduz-se numa difusão dos *géneros de vida* urbanos, que progressivamente se vão instalar no interior do espaço rural (veja-se a importância dada ao aparecimento de cafés no centro das aldeias e de discotecas nas suas periferias). O espaço local acaba por sofrer também transformações significativas que, no caso particular de Santa Eulália, se traduzem numa progressiva aproximação ao espaço urbano da vila. A *identidade* da aldeia vai, dessa forma, sofrer um processo de transformação, que se desenvolve em torno de uma aproximação ao ponto de vista de Vizela. Mas essa identificação não anula, como vimos, uma valorização das marcas de ruralidade que ainda a distinguem. A criação de uma nova *identidade* opera, neste caso, por articulação entre as diferentes referências : a aldeia mantém os seus traços distintivos, e até os valoriza, ao mesmo tempo que se identifica, progressivamente, com a vila e com o seu projecto de futuro. Esta multiplicação dos pontos de vista (que só se compreende se isolarmos as escalas de *representação* que correspondem a cada fenómeno) está intimamente relacionada com a *mobilidade* da população. É ela que permite executar os movimentos que levam do local ao regional e do regional ao local, e são esses movimentos que permitem a alteração, e a complexificação, das *identidades*.

Como é que os indivíduos gerem as múltiplas possibilidades de

identificação? Através de mecanismos situacionistas, que convocam as diferentes figuras da *identidade* em função dos contextos comunicacionais : conforme o interlocutor, o indivíduo convocará a *identidade local*, de tipo *rural*, a *identidade regional*, de tipo *urbano*, ou mesmo a *identidade internacional* (eventualmente de referências mediáticas), de tipo *cosmopolita*. Como propõe Deborah Reed-Danahay (1991 : 42) : "*l'identité régionale n'est pas cohérente et statique, mais complexe, contradictoire, et susceptible de manipulation sociale.*"

## **NOVOS ESPAÇOS IDENTITÁRIOS**

A transformação do espaço está associada à transformação dos limites territoriais identitários e, como vimos, a processos complexos de negociação social. Num contexto de complexificação das *identidades*, e de segmentação do território, o caso de Vizela permite-nos observar o funcionamento de alguns mecanismos referidos em estudos recentes que abordam a questão do aparecimento de novos *espaços identitários* (Althabe 1992; Barbichon 1989; Bromberger, Centlivres e Collomb, 1989; Hobsbawm 1989; Morel e Thiesse 1989; Nora 1984, 1992; Reed-Danahay 1991). Ao longo do texto temos vindo a referir as noções de *identidade inclusiva* e de *identidade exclusiva* (Pellegrino 1983a). Escolhemo-las, porque comportam uma dimensão topológica que as torna úteis num estudo da *identidade* que privilegia a sua componente espacial. Correspondem, em termos sociais, a

mecanismos clássicos, que podemos chamar de *identificação* e de *diferenciação*.

O mecanismo de *diferenciação* leva os grupos a distinguirem-se, de forma pragmática e de forma expressiva, dos grupos vizinhos. Numa tentativa de o descrever, Gui Barbichon afirma : "*le groupe assume des actions pratiques collectives, identitaires, de singularisation, de nature défensive ou dominatrice et (souvent de manière simultanée) il se différencie par des opérations essentiellement symboliques, conscientes ou inexplicites*" (Barbichon 1989 : 168-169). Um mecanismo deste tipo implica uma reacção dos grupos mais próximos do grupo que se diferencia : "*il subit de la part de groupes coexistants, antagonistes ou adjacents, une pression à l'altérité, puisque ces formations tendent, pour continuer à s'individualiser, à lui assigner une image distinctive*" (Supra 1989 : 168-169).

O outro lado da moeda é o mecanismo de *identificação*. A unidade do grupo é mantida no confronto social com o exterior, e é correlativa do reforço das práticas e dos dispositivos simbólicos que constituem a particularidade do grupo. No caso de haver tensões territoriais que resultem do facto de vários grupos se considerarem detentores de um mesmo espaço, os dois mecanismos, de *diferenciação* e de *identificação*, tendem a reforçar-se e a sofisticar os seus meios operacionais.

O estudo interactivo das representações do espaço de Guimarães e de Vizela, localidades que se encontram na situação de tensão territorial acima descrita, mostra que os dois mecanismos operam no interior de um processo negocial. Enquanto Vizela se esforça, em simultâneo, por se diferenciar do espaço correspondente ao concelho de Guimarães e por se

identificar com o espaço correspondente ao concelho que pretende criar (o que implica fazer com que as localidades que o integram também se identifiquem com ele), Guimarães tenta, não sem dificuldade, inviabilizar este processo, negando a Vizela parte das características que sustentam os dois mecanismos. Os comportamentos autonomistas de Vizela acabam, no entanto, por fazer com que as localidades exteriores ao espaço vizelense (Guimarães incluída) exerçam sobre a vila a pressão "*à l'altérité*" de que fala Barbichom ("*Vizela é o exemplo da terra que quer ser concelho*").

Em termos de análise territorial, avançámos com a ideia de que estamos face a um movimento de fragmentação do espaço, resultante de um processo social de criação de novos *espaços genéricos*. Nessa perspectiva, o novo *espaço identitário* surge como um novo *género*, constituído a partir dos mecanismos de *diferenciação* e de *identificação*. A construção do *espaço identitário* de Vizela passa, no essencial, por dois procedimentos que conjugam os mecanismos referidos : 1. a valorização estética e simbólica do território (o efeito de paisagem), 2. a organização económica, social e ritual do território (a *centralidade* da vila).

Estes procedimentos surgem associados a uma relação, estabelecida entre Vizela e Guimarães, que podemos chamar, por sugestão de um entrevistado, "de filiação":

"Nós também criámos os filhos, e eles a partir de uma certa altura, quando ganham uma certa autonomia, pois com certeza, fazem a vida deles." (S.Miguel3).



A autonomia de Vizela constrói-se contra Guimarães, mas a cidade mantém-se, nesse processo, como a referência primordial. Como vimos, o modelo espacial que Vizela persegue é decalcado do modelo vimaranense (um vale dominado por uma cidade), tal como as práticas sociais emblemáticas, que rivalizam directamente com as da cidade (festas e futebol), e os sistemas simbólicos (mito de fundação). Estes factos levam-nos a completar a proposta inicial, relativa à fragmentação do espaço e à constituição de um novo *género*. Estamos face a um mecanismo social que se aproxima ainda mais da proposta de Durkheim que tomámos por referência. De facto, o processo de constituição de subclãs - autónomos, mas mantendo uma relação de filiação, de tipo segmentar, com os clãs originais - aproxima-se da transformação do espaço preconizada por Vizela. A vila constitui o seu território (*subgénero*) por referência à cidade de Guimarães, e aceita, uma vez que este seja reconhecido administrativamente, a manutenção de uma relação de filiação com a cidade. No caso de ser constituída a Região do Vale do Ave, liderada por Guimarães, Vizela pretende integrá-la.

Esta abordagem parece-nos interessante, porque permite ilustrar o duplo processo de complexificação/densificação a que o território foi sujeito. Não se trata tanto de fragmentação, mas mais de criação de novos patamares de organização do espaço, o que significa também novos patamares de organização da *identidade*. Esses patamares correspondem, na nossa metodologia da análise, a diferentes *escalas de representação*. Vejamos qual é o mecanismo em questão : 1. cria-se uma nova escala que, através do mecanismo de *distinção*, dá origem a uma zona de autonomia

(subescala), **2.** a escala preexistente mantém-se, mas passa a ser mais alargada, e a englobar a nova escala, **3.** o mecanismo de *identificação* resultante da proximidade económica, social e cultural, que dava forma ao *espaço de conjunto* inicial, continua a funcionar, no interior da escala preexistente, que agora é englobante.

Se excluirmos a questão da divisão administrativa, e tomarmos em linha de conta a organização económica, social e simbólica do território, concluímos que a transformação do espaço actual obedece a esse mecanismo. A vila de Vizela organiza, a uma escala intermédia, um novo *espaço de conjunto* (subgénero) - reconhecido como tal, mesmo por Guimarães -, facto que lhe confere o estatuto de pólo urbano de nível médio.

---

## CONCLUSÃO

**"A ADIÇÃO DO DIVERSO"**

Como dissemos no início, este trabalho coloca-se numa posição diferente daquela que a antropologia mais clássica adoptou, face ao mesmo tipo de questões. Os antropólogos procuraram sempre delimitar espaços que fossem solidários com cosmogonias, enraizassem a comunidade e lhe conferissem *identidade*. Marc Augé chamou-lhes *lugares antropológicos* e definiu-os como sendo identitários, relacionais e históricos (Augé 1992). Surgiram num contexto preciso de produção de saber, que pode caracterizar-se pela unidade de análise que definiu (o *lugar*), pela técnica de investigação que utilizou (a *observação participante*) e pela concepção de sociedade que produziu (o *isolado*).

Os *lugares antropológicos* correspondem a uma concepção de espaço que privilegiou o estudo das relações estabelecidas no interior das fronteiras de espaços delimitados, o que, consequentemente, levou à subvalorização do sistema de relações que esses mesmos lugares estabelecem com o exterior. Hoje, qualquer lugar se encontra em relação directa ou

mediatizada com o exterior e, por isso, a sociedade contemporânea não se adapta a uma hierarquia da análise desse tipo. Se é verdade que alguns fenómenos têm uma expressão local, podendo por isso ser estudados de um ponto de vista que privilegia os limites internos do lugar, também é verdade que muitos outros exigem o estudo das múltiplas relações que o lugar estabelece com o exterior. Estamos frente a uma sociedade complexa que solicita novas formas de abordagem. Como afirma Augé, "*changements d'échelle, changements de paramètres : il nous reste, comme au XIXe siècle, à entreprendre l'étude de civilisations et de cultures nouvelles*" (Augé 1992 : 49). Face a esta problemática, adoptámos uma metodologia que, ao delimitar as *escalas de observação*, nos permite distinguir as diversas eficácias espaciais, que coexistem e se inter-relacionam [("*les composantes s'additionnent sans se détruire*" (Supra : 56)], dando forma a configurações de organização complexa.

Relembremos, então, alguns pontos de partida. Através do estudo de terrenos propositadamente constituídos por localidades de nível diverso, mas geograficamente próximas e socialmente relacionadas, foi nosso objectivo demonstrar que : **1.** as *identidades colectivas* se encontram directamente relacionadas com as *representações do espaço*, **2.** as *representações do espaço* se organizam a diferentes *escalas*, **3.** esse procedimento permite a integração progressiva dos espaços exteriores e, em termos de lógica da *identidade*, a integração progressiva da *alteridade*, **4.** as *representações do espaço*, tal como a *identidade*, são uma realidade diacrónica e dinâmica, **5.** esse dinamismo deve-se, em parte, ao processo

de comunicação que envolve as representações de localidades socialmente relacionadas.

A análise das diferentes *escalas de representação* mostra que a *mobilidade* espacial (real ou simulada) é um importante factor de mediação cultural : através dela os actores passam do espaço local para os espaços globais, confrontam-se com a diferença e organizam a relação com o *outro*. O migrante surge então como uma figura emblemática da sociedade contemporânea : "*voyageur rempli de memoire autant que de projets, et qui se découvre et se construit lui-même dans cet effort de chaque jour pour nouer le passé à l'avenir, l'héritage culturel à l'insertion professionnelle et sociale*" (Touraine 1992 : 236). Nessa perspectiva propusemos, como hipótese de trabalho, considerar a *mobilidade* como um dos factores de constituição das *identidades colectivas*.

O nosso estudo de caso demonstra que a transformação do espaço contemporâneo conduz à sua complexificação. Como se processa essa transformação ? Basicamente a partir de dois mecanismos (aparentemente contraditórios), que devemos situar no interior das novas relações entre o local e o global. O primeiro consiste na multiplicação das relações com o exterior e resulta numa abertura dos espaços locais ao espaço global. Em termos culturais podemos dizer que se trata de um mecanismo de produção de uma cultura cosmopolita. O segundo consiste no investimento no local e resulta no aparecimento de novos espaços de enraizamento. Aproxima-se de mecanismos culturais de tipo tradicional. Actuam em complementaridade, conduzindo à criação de um espaço mais denso, que integra,

simultaneamente, novos limites territoriais e novas redes de relações espaciais.

Para interpretar esta nova realidade teremos, necessariamente, de proceder a alguns ajustamentos no pensamento antropológico mais tradicional. No essencial, colocam-se duas questões, que se revestem de alguma importância epistemológica : a questão do dinamismo e a questão da diversidade. A primeira exige abordagens que integrem a dimensão processual, facto que põe em causa as concepções mais fixistas da cultura, e a segunda exige abordagens de tipo integrativo, que abandonem algumas das oposições que organizaram o pensamento antropológico. "*The binary logic which seeks to comprehend culture via the mutually exclusive terms of homogeneity/heterogeneity, integration/disintegration, unity/diversity, must be discarded. At best, these conceptual pairs work on one face only of the complex prism which is culture*" (Featherstone 1990 : 2).

Para dar conta, em simultâneo, das transformações que decorrem dos dois mecanismos referidos, aplicámos aos nossos estudos de caso uma metodologia de análise que delimita diversas escalas de observação. Podemos assim estudar as múltiplas interacções entre o local e o global e demonstrar que o investimento no lugar pode ser correlativo da abertura ao exterior e das transformações daí decorrentes. Ao contrário das opiniões, demasiado rápidas e pouco atentas ao real, que anunciam um processo de globalização homogeneizante, o nosso estudo revela-nos que a abertura aos *géneros de vida* urbanos é correlativa da revalorização de alguns valores tradicionais. A paisagem, os vestígios do passado e as práticas

rituais são pontos de fixação de uma dinâmica que articula, de forma original, as referências locais e globais.

Além disso, o processo de urbanização não se traduz apenas na difusão de formas de vida modernas. A complexificação do espaço que lhe está associada leva ao aparecimento de novas escalas de pertinência (social, cultural e territorial) e, nesse sentido, a urbanização produz a diversidade e não a homogeneidade.

A situação de conflito justifica, mas só em parte, o investimento espacial da vila de Vizela, que aparece como um caso paradigmático de revalorização do local. Num contexto de urbanização, e consequentemente de abertura ao exterior, Vizela desenvolve uma dinâmica de revalorização do seu território. Para tal socorre-se de diferentes estratégias. A criação de um *imaginário* local, com o que isso implica de recuperação dos factos históricos e de investimento narrativo, parece ser um dos objectivos dos actores sociais culturalmente mais criativos. Outras estratégias implicam, directamente, as relações mantidas com o exterior. Por exemplo, a " projecção internacional" da indústria vizelense é um dos elementos utilizados na construção de uma retórica que reivindica o reconhecimento de um espaço que se define à escala local.

Mas se Vizela pode ser apresentada como um caso paradigmático, Guimarães e Santa Eulália não deixam por isso de revelar o funcionamento dos mesmos mecanismos. Porque se sente ameaçada, Guimarães, tal como Vizela, reactiva o imaginário local, ao mesmo tempo que reforça a importância das ligações com o exterior. Santa Eulália surge a exemplificar uma dinâmica algo diferente. Sendo a localidade mais radicalmente tocada



pela mudança, a aldeia organiza as novas referências urbanas, tendo o cuidado de, ao inserir-se num espaço alargado, iniciar um processo de revalorização das suas características rurais. Essa revalorização faz-se a partir de valores urbanos : a noção de "qualidade de vida" aparece num discurso positivo centrado na aldeia.

O nosso terreno permite ainda outro tipo de reflexão. Como vimos, é possível observar a génese de duas novas delimitações territoriais : o concelho de Vizela e a Região do Vale do Ave. Ambas se constroem através de processos longos e complexos, que implicam a negociação entre diferentes localidades e diferentes instâncias sociais. Apesar de se tratar de um movimento de reorganização do espaço local e regional, implica negociações com o exterior, nomeadamente com o poder local. Do ponto de vista da antropologia trata-se de um momento privilegiado, dado que observar a produção de novas realidades e os mecanismos associados a esse processo é, pensamos, um dos objectivos actuais da nossa disciplina.

Ao criar novas delimitações territoriais pertinentes a sociedade complexifica-se. Podemos dizer, independentemente de considerações valorativas, que também se enriquece. No entanto, tal como vimos, nem tudo é positivo : a reorganização do espaço pode conduzir ao aparecimento de zonas de exclusão. As novas delimitações são organizadas por *centros* e, conseqüentemente, são produtoras de *periferias*. Deixam algumas localidades de fora, ou, pelo menos, deixam algumas mais de fora do que outras. Nela vivem aqueles que, apesar de conhecerem o global, se vêem confinados ao local. São "*aqueles que vivem lá para cima, mais para trás das serras*". Quando saem vão directos aos *centros* internacionais, mais

atractivos do que os pequenos *centros* locais, que no entanto estão mesmo ali ao lado. Quando voltam trazem a diferença dos costumes urbanos, mas também são eles que dinamizam grande parte dos movimentos de revalorização do local (Silvano 1990, 1994). As festas, tanto em Guimarães como em Vizela, são hoje organizadas em função da vinda dos emigrantes (o momento de reunião da comunidade implica a presença daqueles que se encontram ausentes o resto do ano). Mais uma vez, a relação entre o local e o global parece ser estruturante da cultura contemporânea.

Desde o início do trabalho que propusemos considerar a articulação *espaço/identidade* como um dos elementos centrais da nossa proposta. Nesse sentido, a interpretação das representações do espaço das colectividades estudadas foi sempre acompanhada de uma reflexão sobre as suas *identidades colectivas*. Pensamos que, tal como aconteceu com a concepção do *espaço*, também a concepção tradicional da *identidade* deverá sofrer alguns ajustamentos. Como o *espaço*, a *identidade* complexifica-se e passa a exercer a sua eficácia a níveis diferentes. Tudo depende da colocação do sujeito. Ao nível local a configuração identitária é uma, mas ao nível regional ou nacional poderá já ser outra. Cada indivíduo manipula diversas referências que convoca em situações que considerámos negociais. Como vimos, a *identidade* dos habitantes de Guimarães é negociada com Vizela (que a põe em causa), tal como a dos habitantes de Vizela é negociada com Guimarães (que se lhe opõe) e com Santa Eulália (que a sustenta). Por sua vez, os habitantes de Santa Eulália negoceiam a sua *identidade* num contexto de transformação, tendo, paralelamente, dois

tipos de interlocutores : os habitantes do espaço rural envolvente e os habitantes dos pólos urbanos da região.

Pensamos que a proposta de abordar a *identidade* a partir de uma leitura que privilegia a noção de escala nos permitiu articular as referências locais e globais, fugindo assim à limitação das interpretações demasiado fixadas em oposições pouco operantes, como aquela que coloca o *local* e o *global*.

## **BIBLIOGRAFIA**

---

### **OBRAS SOBRE O CONTEXTO PORTUGUÊS**

**ALVARES, P.**

1986. *Portugal na CEE*, Lisboa, Europa América.

**A.M.A.V.E.**

1993. *Vale do Ave - plano estratégico*, Porto, AMAVE.

**BARROS, A. e MENDES, F.R.**

1987. "Formas de produção e estatutos do trabalho na agricultura portuguesa". in *Análise Social*, nº 75, Lisboa, ed. do ICS.

**BIROT, P.**

sd. *Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte.

**CABRAL, J.P.**

1983. "A observação participante na etnografia portuguesa", in *Análise Social*, nº 76, Lisboa, ed.do ICS.

1989. *Filhos de Adão, filhas de Eva - a visão do mundo no Alto Minho*, Lisboa, Dom Quixote.

1991. *Os contextos da antropologia*, Lisboa, Difel.

**CABRAL, M.V.**

1983. "A economia subterrânea vem ao de cima em Portugal". in *Análise Social*, nº 76, Lisboa, ed. do ICS.

**CARIA, H.**

1991. *Construção clandestina : reconhecimento de percursos*, Lisboa, UNL.

**CAVALEIRO, J.**

1991. *Mobilidade e integração : contributo para o estudo das complexidades de um processo*, Lisboa, UNL.

**CCRC.**

1983a. *A Região Centro em mapas e números*, Coimbra, CCRC.

1983b. *Potencialidades e perfis industriais da Região Centro*, Coimbra, CCRC.

1981. *A Região Centro, caracterização e perspectivas de desenvolvimento*, Coimbra, CCRC.

1980. *Níveis de acessibilidade na Região Centro*, Coimbra, CCRC.

**C.C.R.N.**

1991a. *Vale do Ave - Números chave*, Porto, CCRN.

1991b. *Vale do Ave - Guia de localização industrial para novos investimentos*, Porto, CCRN.

**COSTA, A.F.**

1985. "Espaços urbanos e espaços rurais : um xadrez em dois tabuleiros", in *Análise Social* nº 87-88-89, Lisboa, I.C.S..

**COSTA LOBO et al.**

1982. *Relatório sobre a proposta de criação do concelho de Vizela*, Lisboa, CPRU/CESUR

**DIAS, A.J.**

1990. *Estudos de Antropologia*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

1984. *Rio de Onor - Comunitarismo agro-pastoril*, Porto, Presença , (1ª ed. 1953).

1981. *Vilarinho da Furna - uma aldeia comunitária*, Vila da Maia, Imprensa Nacional-Casa da Moeda , (1ª ed. 1948).

**DOMINGUES, A. e MARQUES, T.**

1987. "Produção e reprodução", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 22, Abril, Coimbra.

**FIGUEIREDO, C. et al.**

1985. "Especialização internacional, regulação económica e regulação social - Portugal: 1973 - 1983", in *Análise Social*, nº 87-88-89, Lisboa.

**FERRÃO, J. e JENSEN-BUTLER, C.**

1987. "Existem Regiões Periféricas em Portugal?", in *Actas do colóquio internacional Espaço e periferia*, Lisboa, APDR e ASRLF.

1986. "Desenvolvimento industrial e diferenciações regionais em Portugal, durante a década de 70", in *Finisterra* nº 42, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.

**FERRÃO, J.**

1987. "Indústria e território : breve história de uma união feliz", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 22, Coimbra, Centro de Estudos Sociais.

**FONTES, A.L.**

1979. *Etnografia transmontana, I - crenças e tradições de Barroso*, Vilar de Perdizes-Montalegre, ed. de autor, (1ª ed. 1974).

1977. *Etnografia transmontana, II - o comunitarismo de Barroso*, Montalegre, ed. de autor.

**FERREIRA, J.M.C.**

1983. *Artesanato, Cultura e Desenvolvimento Regional*, Lisboa, INCM.

**FERREIRA, V.M.**

1987. *A cidade de Lisboa : de capital do império a centro da metrópole*, Lisboa, Dom Quixote.

**FONSECA FERREIRA, A., TEOTÓNIO PEREIRA, N. e GEORGE, P. (organizadores)**

1989. *Espaço : emigração e retorno*, Sociedade e território. nº 8, ano3/Fevereiro.

**FONSECA FERREIRA, A.**

1990. "Uso e apropriação do alojamento em Telheiras", in *Viver (n) a cidade*, Lisboa, LNEC-ISCTE.

**FRAGA, M.**

1991, *Arcozelo da serra : o espaço de uma dupla identidade*, Lisboa, UNL.

**GAMA, A.**

1987, "Indústria e Peri-urbanização", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 22, Abril, Coimbra.

**GAMA, F.**

1987, "Indústria e produção de um espaço peri-urbano", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 22, Coimbra, Centro de Estudos Sociais.

**GASPAR, J.**

1989, "Aspectos da urbanização ilegal nos países mediterrâneos da OCDE.", in *Clandestinos em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte.

**GILLY, J.-P.**

1987, "Espaços produtivos locais", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 22, Coimbra, Centro de Estudos Sociais.

**GODINHO, V.M.**

1971, *A estrutura na antiga sociedade portuguesa*, Lisboa, Arcádia.

**GUERRA, I. e MATIAS, N.**

1989, "Elementos para uma análise sociológica do movimento clandestino", in *Clandestinos em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte.

**GUERRA, I.**

1986, "Poder local - reprodução ou inovação?", in *Sociologia*, nº 1, Lisboa, CIES/RA.

**HESPANHA, P.**

1987, "Posse da terra e reprodução", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 22, Abril, Coimbra.

**INE - Direcção Regional do Norte**

1983, *Censos 1992*, INE - Direcção Regional do Norte.

1993, *Censos 1991*, INE - Direcção Regional do Norte.

**ITURRA, R.**

1989, A Etnografia, memória da História, in *Estudos em homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*, Lisboa, INIC - Centro de Estudos de Etnologia.

**JULIÃO, J.**

1991. *A distância da saudade*, Lisboa, UNL.

**LEAL, J.**

1994. *As festas do Espírito Santo nos Açores*, Lisboa, Dom Quixote.

**LEITE, C. e VILLANOVA, R.**

1990. "La maison et les projets immobiliers dans le trajet migratoire", in *Sociedade e território - Portugal, Enjeux sociaux et transformations du territoire*, nº especial, ano 5/Setembro.

**LOPES, A.S.**

1983. "L'espace dans la politique économique - le cas du Portugal", in *Révue d'économie régionale et urbaine*, nº 3

1981. "A pequena agricultura no desenvolvimento regional", in *Revista crítica de ciências sociais*, nº 7/8, Dezembro, Lisboa.

1980. *Desenvolvimento regional vol.I-problemática, teoria, modelos*, Lisboa, Fundação Gulbenkian.

1976. "Regional development : problems and guidelines for a development policy in Portugal", in *1ère conférence internationale sur l'Economie portugaise*, Lisboa, Fundação Gulbenkian.

1973. "Planeamento regional e urbano: concepção e operacionalidade numa óptica de sistema", in *Economia e Sociologia*, nº 14, Lisboa.

1971. *As funções económicas dos pequenos centros*, Lisboa, Instituto Gulbenkian de Ciência.

**LOURENÇO, E.**

1988. *O Labirinto da saudade*, Lisboa, Dom Quixote , (1ª ed. 1978).

**MARQUES, T.**

1988. Sistema produtivo industrial e território, um estudo da têxtil em Guimarães, in *Revista da Faculdade de Letras. série Geografia*, vol. IV-88.

**MARTINS, I.M.**

1991. *Mobilidade e fixação : vectores de representação do espaço*, Lisboa, UNL.



**MARTINS, J.S.**

1975, *Estruturas agrárias em Portugal continental*, Lisboa. Prelo.

**MENEZES, M.**

1994, Casal Ventoso - da fragmentação visual à segregação socio-espacial - in *Revista Mediterrâneo - Coexistência e exclusão urbanas*, Lisboa. UNL-Instituto Mediterrânico.

**MESQUITELA LIMA, A. G.**

1985, "A família e a mulher portuguesa alguns aspectos sócio-antropológicos", in *O futuro da educação nas novas condições sociais, económicas e tecnológicas*, Aveiro. Universidade de Aveiro.

**NAZARÉ, J.M.**

1979, *O envelhecimento da população portuguesa*, Lisboa, Presença/GIS.

**OLIVEIRA, E.V. e GALHANO F.**

1992, *Arquitectura tradicional portuguesa*, Lisboa, Dom Quixote.

**OLIVEIRA, E.V.**

1984, *Festividades cíclicas em Portugal*, Lisboa, Dom Quixote.

**O'NEILL, B. e BRITO, J.P. (organizadores)**

1991, *Lugares de aqui*, Lisboa, Dom Quixote.

**O'NEILL, B.**

1984, *Proprietários, lavradores e jornaleiras*, Lisboa, Dom Quixote.

**ORIOU, M.**

1985, "Du navigateur au prolétaire - L'Histoire comme ressource identitaire dans la diaspora portugaise", in *Peuples méditerranéens - Migrations et méditerranée*, nº 31-32 avril-sept.

**PACHECO, M.J.**

1984, *Avicella - antologia de textos sobre Vizela e seu termo*, Porto, Brasília editora (distribuído por).

**PARDAL, S.C.**

1988, *Planeamento do território - instrumentos para a análise física*, Lisboa, Livros Horizonte.

**PEIXOTO, J.**

1987, "Urbanização e Indústria", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 22, Abril, Coimbra.

**PELLEGRINO, P. et al.**

1988, "Société rurale, société urbaine : espaces en interaction", in *Actas do colóquio la sociologie et les nouveaux défis de la modernisation*, Porto, AISLF.

1987, "Espace régional et espace local entre centre et périphérie". in *Colóquio internacional espaço e periferia*, Lisboa, APDR e ASRLF.

1986a, *Espace et développement, Développement spatial et identités régionales au Portugal - tome I*, Genève, CRAAL -UNESCO.

**PINTO, J.M.**

1985, *Estruturas sociais e práticas simbólico-ideológicas nos campos*, Porto. Afrontamento.

1977, "A etnologia e a sociologia na análise de colectividades rurais", in *Análise social*, nº 52, Lisboa, GIS.

**PINTO, J.R.**

1989, *A viagem - memória e espaço*, Lisboa, Sá da Costa.

**PRATA, C. e CARVALHO, H.**

1986, "Plano geral de urbanização de Vizela", in *Sociedade e território - Planos sem poder/poder sem planos*, nº 4, Ano2/Maio.

**PRUDÊNCIO, I.**

1992, *Carcavelos - uma abordagem antropológica do espaço vivido*, Cascais, C.M.Cascais e J.F.Carcavelos.

**REIS, J.**

1987, "Os espaços da industrialização", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº22, Abril, Coimbra.

**REIS, M.**

1991, *Origens dos municípios portugueses*, Lisboa, Horizonte.

**RICO, A.**

1989, *A construção clandestina : produção do espaço e residência*, Lisboa, UNL.

**RIBEIRO, O.**

1986, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa, Sá da Costa.

sd, *Geografia e Civilização - Temas portugueses*, Lisboa, Livros Horizonte.

**RODRIGUES, C.**

1989. "Eficiência e equidade na produção de espaço clandestino". in *Clandestinos em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte.

**SALGUEIRO, T.B.**

1992, *A cidade em Portugal*, Porto, Afrontamento.

**SALVADOR, J.A.**

1977, *Camponeses de Barcouço, não vamos morrer agarrados à enxada*, Coimbra, Centelha.

**SANTOS, J.A.**

1986, *Regionalização. Processo histórico*, Lisboa, Livros Horizonte.

**SANTOS, P.S.**

1987, "Mobilité - Régions - Identité", in *Colóquio internacional espaço e periferia*, Lisboa, APDR e ASRLF

**SANTOS SILVA, A.**

1994, "Tradição, modernidade e desenvolvimento : Portugal na integração europeia, in *Revista crítica de ciências Sociais*, nº 39, Maio, Coimbra.

**SILVA, N. R.**

1989, "Esboço do quadro de oportunidades económicas que se oferecem em Portugal aos comportamentos de transgressão", in *Clandestinos em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte.

**SILVANO, F. e ZACARIAS A.P.**

1988, "Gravidez, Nascimento e Baptizado : rituais de passagem numa aldeia transmontana", in *Brigantia*, Jan.-Junho, Bragança.

1982, *Homens à forja mulheres ao lavadoro, contribuição para o estudo da oposição masculino feminino*, Lisboa, UNL.

**SILVANO, F.**

1994, "Mobilités : projets de vie et projets d'espace" , in *Figures architecturales formes urbaines*, Paris, Anthropos.

1994, "Exclusão territorial", in *Revista Mediterrâneo - Coexistência e exclusão urbanas*, Lisboa, UNL-Instituto Mediterrânico.

1994, "Gerir as Distâncias : Mobilidade e Recomposição Identitária". in *Antropologia Portuguesa*, Coimbra.

**1993**, "Sobre o efeito de composição da modernidade" e "A construção de uma casa", in *Antropologia Portuguesa, Práticas artísticas na modernidade*, vol.11, Coimbra.

**1990a**, "L'émigration en tant que processus de déplacement et de recomposition de l'habitat", in *Sociedade e Território - Enjeux sociaux et transformations du territoire*, nº especial, Setembro, Lisboa.

**1990b**, "Os lugares da cidade - multiplicidade de escalas de representação do espaço e papel da cidade nas estratégias de organização do espaço local", in *A Sociologia e a Sociedade portuguesa na viragem do século - actas do I congresso português de Sociologia*, vol. II, Lisboa, Editorial Fragmentos.

**1989**, "Tarefas de Hera", in *As mulheres a identidade cultural e a defesa nacional*, Lisboa, CCF.

**1988**, *Identidades regionais e representações colectivas do espaço*, Lisboa, UNL.

**1987**, "Coexistence et interaction des échelles de représentation de l'espace : contribution à l'étude de la genèse et dynamique des régions périphériques", in *Actas do colóquio internacional espaço e periferia*, Lisboa, APDR e ASRLF.

**SERRÃO, J.**

**1977**, *A emigração portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte.

**SOUSA SANTOS, B.**

**1994**, *Pela mão de Alice*, Porto, Afrontamento.

**1993**, *Portugal : um retrato singular*, Porto, Afrontamento.

**TORRES, C.**

**1989**, "Arqueologia, história local e Desenvolvimento", in *Estudos em homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*, Lisboa, INIC - Centro de Estudos de Etnologia.

**VASCONCELLOS, J.L.**

**1967**, *Etnografia Portuguesa. Tentame de sistematização - vol.V*, Lisboa, Imprensa Nacional.

## OBRAS GERAIS

**ACCARDO, A.**

1983, *Initiation a la sociologie de l'illusionnisme social*, Bordeaux, Mascaret.

**ALBERT, J.-P.**

1992, "Comment justifier une interprétation", in *Vers une ethnologie du présent*, Paris, ed. Maison des Sciences de l'Homme.

**ALTHABE, G.**

1992, "Vers une ethnologie du présent", in *Vers une ethnologie du présent*, Paris, ed. Maison des Sciences de l'Homme.

**ANSAY, P. e SCHOONBRODT, R. et al.**

1989, *Penser la ville*, Bruxelles, AAM, editions.

**APPADURAI, A. et al.**

1986, *The social life of things*, Cambridge, Cambridge University Press.

**ATLAN, H.**

1979, *La theorie des catastrophes*, Paris, Seuil.

**AUGÉ, M.**

1994, *Pour une anthropologie des mondes contemporains*, Paris, Aubier.

1994, *Le sens des autres*, Paris, Fayard.

1992, *Non-Lieux*, Paris, Seuil.

1989, *Domaines et châteaux*, Paris, Seuil.

1986, *Un ethnologue dans le métro*, Paris, Hachette.

1978, *A construção do mundo*, Lisboa, edições 70 , (1ª ed. 1974).

**AUGOYARD, J.-F.**

1979, *Pas à pas*, Paris, Seuil.

**BACHELARD, G.**

1957, *La Poétique de l'espace*, Paris, PUF.

**BAILLY, A.**

1988, "Qualité de la vie, bien-être, indicateurs sociaux territoriaux: l'homo géographique entre choix et contraintes", in *L'espace géographique*, n° 3, Paris.

1986, "La Région : de la territorialité vécue aux mythes collectif", in *Mélanges en l'honneur du Professeur Lajugie*, Presses de L'Université de Bordeaux.

1979, *La perception del espacio urbano*, Madrid, Instituto de estudios de administracion local.

**BALANDIER, G.**

1986, *Sens et puissance*, Paris, PUF, (1<sup>a</sup> ed. 1971).

1974, *Anthropologiques*, Paris, PUF.

**BALFET, H. et al.**

1976, *Pratiques et représentations de l'espace dans les communautés méditerranéennes*, Paris, CNRS.

**BARBICHON, G.**

1991, "Espaces partagés : variation et variété des cultures", in *Espace et sociétés - Espace public et complexité sociale*, n° 62-63, Paris, Anthropos.

1989, "Culture et universalité du particulier", in *L'Autre et le semblable*, Paris, Presses du CNRS.

**BARTHES, R.**

1984, *Elementos de semiologia*, Lisboa, edições 70, (1<sup>a</sup>ed. 1953).

1978, *Mitologias*, Lisboa, edições 70, (1<sup>a</sup>ed. 1957).

1967, *Système de la mode*, Paris, Seuil.

**BASSAND, M. e GUINDANI, S.**

1982, *Maldéveloppement Régional et Identité*, Lausanne, Presses polytechniques romandes.

**BASSAND, M.**

1982, *Villes Régions et Sociétés*, Lausanne, Presses polytechniques romandes.

**BATESON, G.**

1977, *Vers une écologie de l'esprit 1*, Paris, Seuil.

1980, *Vers une écologie de l'esprit 2*, Paris, Seuil.

**BAUDRILLARD, J.**

1991. "L'Amérique ou la pensée de l'espace", in *Citoyenneté et urbanité*, Paris, Esprit.

1986, *Amérique*, Paris, Grasset.

1982, *A l'ombre des majorités silencieuses*, Paris, Denoël/Gonthier. (1<sup>a</sup> ed. 1978).

1979, *De la séduction*, Paris, Denoël/Gonthier.

1976, *L'échange symbolique et la mort*, Paris, Gallimard.

1972, *Pour une critique de l'économie politique du signe*, Paris, Gallimard.

1968, *Le système des objets*, Paris, Gallimard.

**BENEDICT, R.**

sd, *Padrões de cultura*, Lisboa, Livros do Brasil.

**BENEVOLO, L.**

1983, *Histoire de la ville*, Paris, Parenthèses.

**BENJAMIN, W.**

1979, *Charles Baudelaire*, Paris, Payot, (1<sup>a</sup> ed. 1955).

1989, *Paris, capitale du XIXe siècle - le livre des passages*, Paris, Cerf, (1<sup>a</sup> ed. 1982).

**BERGER, P. e LUCKMANN, T.**

1976, *A construção social da realidade*, Petrópolis, editora Vozes, (1<sup>a</sup> ed. 1966).

**BERQUE, A.**

1982, *Vivre l'espace au Japon*, Paris, PUF.

**BOUDON, P.**

1994, "La déclinaison du paysage", in *Figures architecturales formes urbaines*, Paris, Anthropos.

1981, *Introduction à une sémiotique des lieux*, Montréal, Les presses de l'université de Montréal.

**BOURDIEU, P. et al.**

1993, *La misère du monde*, Paris, Seuil.

**BOURDIEU, P.**

1989, *O poder simbólico*, Lisboa, Difel.

1984, *Questions de sociologie*, Paris, Minuit.

- 1980, *Le sens pratique*, Paris, Minuit.
- 1972, *Esquisse d'une théorie de la pratique*, Paris, Droz.
- BOURDIN, A. e HIRSCHHORN M. et al.**
- 1985, *Figures de la ville*, Paris, Aubier.
- BORDREUIL, J.S.**
- 1981, "Privatisme et consommation : l'individualisme expressif", in *Espaces et Sociétés*, n° 38-39, Paris, Anthropos.
- BRACINHA VIEIRA, A.**
- 1991 "Pour um modèle éthologique des psychoses endogènes", in *Acta Psychiatrica*, 4-5 : 37-47, Belgica.
- 1983, *Etologia e ciências humanas*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- BROMBERGER, C., CENTLIVRES P. e COLLOMB, G.**
- 1989, "Entre le local et le global : les figures de l'identité", in *L'Autre et le semblable*, Paris, Presses du CNRS.
- CALABRESE, O.**
- 1988, *A idade neobarroca*, Lisboa, edições 70, (1ª ed.1987).
- CAROUX, J.**
- 1975, *Évolution des milieux ouvriers et habitat; Étude exploratoire des relations modes de vie/habitat*, Centre d'Ethnologie sociale et Psychologie.
- CASSIRER, E.**
- 1977, *La Philosophie des formes symboliques*, Paris, Minuit.
- CAUQUELIN, A.**
- 1977, *La ville la nuit*, Paris, PUF.
- CENTLIVRES, P., et al.**
- 1986, *Les sciences sociales face à l'identité régionale: cinq approches*, Berne, Haupt.
- CICOUREL, A.**
- 1979, *La sociologie cognitive*, Paris, PUF, (1ª ed.1972).
- COMAR, P.**
- 1992, *La perspective en jeu*, Paris, Gallimard.
- CONNERTON, P.**
- 1993, *Como as sociedades recordam*, Oeiras, Celta, (1ª ed. 1989).



**COSTÓDIO GONÇALVES, A.**

1992, *Questões de antropologia social e cultural*, Porto, Afrontamento.

**CUISENIER, J.**

1991, *La maison rustique : logique sociale et composition architecturale*, Paris, PUF.

**CURIE, J. et al.**

1986, "Comment saisir les modes de vie des familles ?", in *L'Esprit des lieux*, Paris, Presses du CNRS.

**DEITCH, J.**

1992, *Post human*, Lausanne, FAE.

**DETENNE, M.**

sd, "Qu'est-ce qu'un site?", in *Revue Critique*, Paris.

**DIBIE, P.**

1987, *Ethnologie de la chambre à coucher*, Paris, Grasset.

**DOUGLAS, M.**

1989, *Ainsi pensent les institutions*, Paris, Usher, (prefácio de Balandier) , (1ª ed. 1986).

sd, *De la souillure*, Paris, François Maspero, (1ª ed. 1966).

**DUMONT, L.**

1966, *Homo hierarchicus*, Paris, Gallimard.

1983, *Essais sur l'individualisme*, Paris, Seuil.

**DUPRAT, B., PAULIN, M. e TRAN, F.**

1993, *Du fil à retordre*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon.

**DURAND, G.**

1981, *Les Structures anthropologiques de l'imaginaire*, Paris, Bordas.

**DURKHEIM, E.**

1979, *Les formes élémentaires de la vie religieuse*, Paris, PUF, (1ª ed. 1912).

1970, *La science sociale et l'action*, Paris, PUF, (textos reunidos e apresentados por J.-C. Filloux).

1968, *Les règles de la méthode sociologique*, Paris, PUF, (1ª ed. 1895).

1960, *De la division du travail social*, Paris, PUF, (1ª ed. 1893).

**DUVIGNAUD, J.**

1990. *La genèse des passions dans la vie sociale*, Paris, PUF.

1977. *Lieux et non lieux*, Paris, Galilée.

**EGENTER, N.**

1992. *Anthropologie architecturale*, Lausanne, Structura mundi.

**ELIADE, M.**

1979. *Traité d'histoire des religions*, Paris, Payot.

sd, *O sagrado e o profano - a essência das religiões*, Lisboa, Livros do Brasil.

**ELIAS, N.**

1992. *A busca da excitação*, Lisboa, Difel.

**EVANS-PRITCHARD**

1978. *Antropologia social*, Lisboa, Edições 70, (1ª ed. 1972).

1968. *Les Nuer*, Paris, Gallimard, (1ª ed. 1937).

**FABRE, D.**

1992. "L'ethnologue et ses sources", in *vers une ethnologie du présent*, Paris, ed. Maison des sciences de l'homme.

**FAUQUE, R.**

1975. "Perception de la ville et imaginaire urbain", in *Espaces et Sociétés*. Novembre, Paris, Anthropos.

**FEATHERSTONE, M.**

1990. *Global culture - nationalism, globalization and modernity*, London, Sage publications.

**FENTRESS, J. e WICKHAM, C.**

1994. *Memória Social*, Lisboa, Teorema, (1ª ed. 1992).

**FERREIRA, V.M.**

1992. "Problematização e pedagogia do território", in *Sociologia - Problemas e práticas*, nº12, Lisboa.

**FOUCAULT, M.**

1966. *Les mots et les choses*, Paris, Gallimard.

1975. *Surveiller et punir*, Paris, Gallimard.

1984. "Des espaces autres", in *Archi Bref* 48, Genève, École d'architecture.

**FRÉMOND, A.**

1976. *La région espace vécu*, Paris, PUF.

**FREUND, J.**

1975, "La ville selon Max Weber", in *Espaces et Sociétés*. Novembre, Paris, Anthropos.

**GEERTZ, C.**

1986, *Savoir local savoir global*, Paris, PUF, (1ª ed. 1983).

**GELLNER, E.**

1993. *Nações e nacionalismo*, Lisboa, Gradiva, (1ª ed. 1983).

1992, *Postmodernism, reason and religion*, London, Routledge.

**GIDDENS, A.**

1994, *Modernidade e identidade pessoal*, Lisboa, Celta.

1984. *Capitalismo e moderna teoria social*, Lisboa, Presença.

**GIL, J.**

1988. *Corpo, espaço e poder*, Lisboa. Litoral.

**GOFFMAN, E.**

1987, *Façons de parler*, Paris, Minuit, (1ª ed. 1981).

1973, *La mise en scène de la vie quotidienne 1. e 2.*, Paris, Minuit.

**Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira**

Volume XIX, Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia.

**GRAFMEYER, Y. e JOSEPH, I. (organizadores)**

1990. *L'École de Chicago*, Paris, Aubier.

**GREIMAS, A.J. e COURTÉS, J.**

1979, *Sémiotique - dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, Tome 1, Paris, Hachette.

1986, *Sémiotique - dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, Tome 2, Paris, Hachette.

**GREIMAS, A.J.**

1976, *Sémiotique et sciences sociales*, Paris, Seuil.

1970, *Du sens*, Paris, Seuil.

**GUTWIRTH, J. e PÉTONNET, C.**

1987, *Chemins de la ville*, Paris, Editions du CTHS.

**HALBAWACHS, M.**

1968. *La mémoire collective*. Paris, PUF, (1<sup>a</sup> ed. 1950).

1970. *Morphologie sociale*, Paris, A. Colin. (1<sup>a</sup> ed. 1938).

**HALL, E.**

1978. *La dimension cachée*, Paris, Seuil , (1<sup>a</sup> ed. 1966).

1979. *Au-delà de la culture*, Paris, Seuil.

**HAMMAND, M.**

1989. "La privatisation de l'espace", in *Nouveaux actes sémiotiques* n°4-5, Trames, Université de Limoges.

**HANNERZ, U.**

1983. *Explorer la ville*, Paris, Minuit , (1<sup>a</sup> ed. 1980).

**HOBSBAWM, E.**

1989. *The invention of tradition*, Cambridge. Cambridge University Press.

**JAULIN, J.-P.**

1970. *La paix blanche*, Paris, Seuil.

**JUAN, S.**

1991. *Sociologie des genres de vie, morphologie culturelle et dynamique des positions sociales*, Paris, PUF.

1994. "Les niveaux d'analyse sociologique des systèmes de représentation et de pratiques", in *Espaces et sociétés - espaces et styles de vie*, n° 73, Paris, Harmattan.

**JOSEPH, I.**

1979. "Éléments pour l'analyse de l'expérience de la vie publique", in *Espaces et Sociétés*, n° 28-29. Paris, Anthropos.

**LAQUEUR, T.**

1992. *La fabrique du sexe*, Paris, Gallimard, (1<sup>a</sup> ed.1990).

**LAGOPOULOS, A.**

1994. "Groupes sociaux, structure régionale et codes culturels", in *Figures architecturales formes urbaines*, Paris, Anthropos.

**LAJUGIE, J. et al.**

1979. *Espace régional et aménagement du territoire*, Paris, Dalloz.

**LALIVE D'EPINAY, C.**

1987, "La représentation de soi - études de sociologie et d'ethnologie", in *Actes du colloque de Genève*, septembre, Genève, Université de Genève.

**LAPLANTINE, F.**

1987, *L'Anthropologie*, Paris, Seghers.

**LARSEN, E.**

1984, "Déspatialisation et respatialisation", in *Figures architecturales formes urbaines*, Paris, Anthropos.

**LE BRETON, D.**

1990, *Anthropologie du corps et modernité*, Paris, PUF.

**LE CORBUSIER**

1957, *La charte d'Athènes*, Paris, Minuit.

**LEDRUT, R.**

1990, "L'homme et l'espace", in *Histoire des moeurs I, Encyclopédie de la Pléiade*, Paris, Gallimard.

1987, "L'espace et la dialectique de l'action", in *Espaces et Sociétés* n°48-49, Paris, Privat.

1984, *La forme et le sens dans la Société*, Paris, Méridiens.

1981, "La réciprocité du public et du privé", in *Espaces et Sociétés*, n°28-29, Paris, Anthropos.

1980, "Espace et Sociétés", in *Espaces et Sociétés*, n° 34-35, Paris, Anthropos.

1979, *La révolution cachée*, Paris, Casterman.

1976, *L'espace en question*, Paris, Anthropos.

1973a, *Les images de la ville*, Paris, Anthropos.

1973b, "Anthropologie et sémiologie urbaine I", in *Espaces et Sociétés*, n° 9-juillet, Paris, Anthropos.

1971, *Sociologia Urbana*, Rio de Janeiro, Forense.

**LEFEBVRE, H.**

1986, *La production de l'espace*, Paris, Anthropos, (1<sup>a</sup> ed.1974).

1972, *Le droit à la ville*, Paris, Anthropos, (1<sup>a</sup> ed.1968).

1971, "La ville et l'urbain", in *Espaces et Sociétés*, n° 2-mars, Paris, Anthropos.

**LEROI-GOURHAN, A.**

1985. *O gesto e a palavra, 1- Técnica e linguagem*. Lisboa, Edições 70.

**LÉVI-STRAUSS, C. et al.**

1983. *L'identité*, Paris, PUF.

**LÉVI-STRAUSS, C.**

1991. *Histoire de Lynx*, Paris, Plon.

1989. *Des symboles et leurs doubles*, Paris, Plon.

1985. *La potière jalouse*, Paris, Plon.

1983. *Le regard éloigné*, Paris, Plon.

1979. *Tristes trópicos*, Lisboa, Edições 70, (1ª ed. 1955).

1974. *Anthropologie structurale*, Paris, Plon, (1ª ed. 1958).

sd. *Antropologia estrutural dois*, Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, (1ª ed. 1973).

1971. *Mythologiques - L'homme nu*, Paris, Plon.

1964. *Mythologiques - Le cru et le cuit*, Paris, Plon.

1962. *La pensée sauvage*, Paris, Plon.

**LINTON, R.**

1976. *Cultura y personalidad*, Madrid, Fondo de cultura económica , (1ª ed.1945).

**LIPOVETSKY, G.**

1987. *L'Empire de l'éphémère*, Paris, Gallimard.

**LAUWE, C.**

1982. *La fin des villes*, Paris, Calmann-Lévy.

**LYNCH, K.**

1982. *A imagem da cidade*, Lisboa, Edições 70.

**LYOTARD, J-F.**

1979. *La condition postmoderne*, Paris, Minuit.

**MAFFESOLI, M.**

1992. *La transfiguration du politique*, Paris, Grasset.

1990. *Au creux des apparences*, Paris, Plon.

1985. *La connaissance ordinaire*, Paris, Librairie des Méridiens.

1985. *L'ombre de dionysos*, Paris, Librairie des Méridiens, (1ª ed. 1982).

**MARK, V.**

1991, "Représentations de l'ethnicité dans une fête gasconne" in *Ethnologie française - Anthropologues américains, regards sur la France*, 1991/1.

**MAUSS, M. e DURKHEIM, E.**

1974, *Oeuvres* 2, Paris, Les Editions de Minuit.

**MAUSS, M.**

1971, *Institucion y culto - representaciones colectivas y diversidad de civilizaciones*, Barcelona, Barral editores, (1ª ed. 1969).

1974, *Sociologia e Antropologia*, vol. 2, São Paulo, EPU, (1ª ed. 1950).

**MESQUITEIRA LIMA, A.G.**

1988, *Os kyaka de Angola, 1º vol. (História, parentesco, organização política e territorial)*, Lisboa, Távol.a Redonda.

1987, "Dimensões da alteridade nas culturas de língua portuguesa - o outro", in *Actas do 1º simpósio interdisciplinar de estudos portugueses*, Lisboa, UNL/FCSH.

1983, *Antropologia do simbólico (ou o simbólico da Antropologia)*, Lisboa, Presença.

1979, *Antropologia ou Entropologia*, Lisboa, col. Estudos portugueses.

**MOLES, A. e ROHMER, E.**

1982, *Labyrinthes du vecu*, Paris, Méridiens.

**MONDADA, L.**

1985, "Manifestation textuelle de l'espace et narration: Un exemple chez C.-F. Ramuz", in *Espaces et Sociétés*, nº 47, Paris, Anthropos.

**MOREL e THIESSE**

1989, "Les cultures populaires dans les sociétés contemporaines", in *L'Autre et le semblable*, Paris, Presses du CNRS.

**MOUTSOPOULOS, E.**

sd, *La conscience de l'espace*, Aix-en-Provence, Ophrys.

**MUMFORD, L.**

1964, *La cité através l'histoire*, Paris, Seuil.

**MUSIL, R.**

1956, *L'homme sans qualités*, tome1, Paris. Seuil.

**NEVES, J. e SILVANO, S.**

1990. "Enraizamento e cosmopolitismo : contributo para uma análise da recomposição urbana", in *Viver (n) a cidade*, Lisboa. LNEC-ISCTE.

**NOEL, E. et al.**

1983, *L'espace et le temps aujourd'hui*, Paris, Seuil.

**NORA, P.**

1992, "Comment écrire l'histoire de France", in *Les lieux de mémoire*, vol. III - *Les France*, Paris, Gallimard.

1984, "Entre mémoire et histoire", in *Les lieux de mémoire*, vol. I - *La République*, Paris, Gallimard.

**OEPR/ROREP**

sd. Les enjeux de l'urbanisation : agglomerationsprobleme in *der Schweiz*, Suisse, Peter Lang.

**OSTROWETSKY, S.**

1987, "Composition", in *Espaces et Sociétés*, nº 48-49, Paris, Privat.

1985, "Recherches sur l'imaginaire batisseur", in *Espaces et Sociétés*, nº 47, Paris, Anthropos.

1983, *L'Imaginaire bâtisseur - les villes nouvelles françaises*, Paris, Méridiens.

1980, "Figure de l'être urbain", in *Espaces et Sociétés*, nº 34-35, Paris, Anthropos.

**PANOFF, M. e PANOFF, F.**

1966, *L'Ethnologue et son ombre*, Paris, Payot.

**PANOFF, M.**

1977, *Ethnologie le deuxième souffle*, Paris, Payot.

**PAUL-LÉVY, F. e SEGAUD, M.**

1983, *Anthropologie de l'espace*, Paris, Centre Georges Pompidou/CCI.

**PAUL-LÉVY, F.**

1994, "A propos de la croix de fondation, des Bororos à Rome : allers et retours" in *Figures architecturales formes urbaines*, Paris, Anthropos.



**PAYOT, D.**

1992. *Des villes refuges*, Paris, éditions de l'aube.

**PÉLICIER, Y. et al.**

1983. *Espace et psychopathologie*, Paris, Economica.

**PEREC, G.**

1989. *A vida modo de usar*, Lisboa, Presença. (1<sup>a</sup> ed. 1978).

1965. *Les choses*, Paris, René Julliard.

1976. *Espèces d'espaces*, Paris, Denoel-Gonthier.

**PERRIN, J-C.**

1974. *Le développement régional*, Paris, PUF.

**PERRIN, M.**

1986. *Une interprétation morphogénétique de l'initiation chamanique*, Paris, Navarin.

**PETITDEMANGE, G.**

1991. "Avant le monumental, les passages : Walter Benjamin", in *Citoyenneté et urbanité*, Paris, Esprit.

**PETILLON, P.-Y.**

1991. "O! Chicago : images de la ville en chantier" in *Citoyenneté et urbanité*, Paris, Esprit.

**PETONNET, C.**

1982. *Espaces habités, ethnologie des banlieues*, Paris, Galilée.

**PIAGET, J. e INHELDER, B.**

1981. *La représentation de l'espace chez l'enfant*, Paris. PUF.

**PIAGET, J.**

1977. *Etudes sociologiques*, Genève-Paris, Droz.

sd, *Essai de logique opératoire*, Paris, Dunod.

**PIOLLE, X.**

1994. "Mobilité et territoires, le sens de l'espace en question?" in *Figures architecturales formes urbaines*, Paris, Anthropos.

**PÉLICIER, Y. et al.**

1983. *Espace et psychopathologie*, Paris, Economica.

**PELLEGRINO, P. et al.**

**1994a.** "Types, modèles et emblèmes. Interfaces de la (re)présentation de soi, les styles de l'espace habité", in *Espaces et sociétés - espaces et styles de vie*, n° 73, Paris, Harmattan.

**1994b.** "Les styles d'habiter et les modèles d'habitat : interfaces, emblèmes, types", in *Figures architecturales formes urbaines*, Paris, Anthropos.

**1991.** "Espace public et figures du lien social", in *Espaces et sociétés - espace public et complexité sociale*, n° 62-63, Paris, Harmattan,

**1986b.** *La théorie de l'espace humain, transformations globales et structures locales*, Genève, CRAAL-UNESCO.

**1986c.** "Architecture du territoire et problèmes régionaux", in *Les sciences sociales face à l'identité régionale ; cinq approches*, Berne, AUPT.

**1984** "Spatialité des découpages territoriaux", in *Territorialités*, n° 3-4, Bruxelles, Ed. de l'Université de Bruxelles.

**1983a.** *Identité régionale et représentations collectives de l'espace*, Genève, CRAAL-FNSRS.

**1983b.** *Espaces et culture*, Berne, Ed. Georgi Saint-Saphorin.

**1983c.** "Perception de l'espace, identité culturelle et conception architecturale. Découpage et mesure des formes. Notes sémiologiques", in *Degrés*, n° 35-36, Bruxelles, Helbo.

**1980.** "Transformations de l'espace et identité culturelle : l'échelle régionale.(Présentation de l'objet d'une recherche)", in *Espaces et sociétés*, n° 34-35, Paris, Anthropos.

**sd.** "Vers une notion architecturale de paysage", in *Techniques & architecture*.

**1976.** *Paysages et pertinence architecturale*, Genève, CRAAL-CORDA.

**PELLEGRINO, P. e MONDADA, L.**

**1987a.** "Espace médiatique et espace national", in *Espaces et sociétés - espaces médiatiques*, n° 50, Paris, Privat.

**PELLEGRINO, P. e NEVES, J.**

1994c, "L'architecture et la projection des rapports sociaux sur le sol : effet, représentation ou production de l'espace?", in *Espaces et sociétés - actualités de Henri Lefebvre*, n° 76, Paris, Harmattan.

**PELLEGRINO, P. e SILVANO, F.**

1986d, "El territorio de la identidad y la figura del árbitro", in *Revista de Occidente - deporte y modernidad*, Julio-Agosto, Madrid.

**PELLEGRINO, P. e TRAN, F.**

1986e, "De la dimension sociale du langage architectural", in *Semiotik*.

**PELLEGRINO, P.**

sd, "Transformations globales et structures locales", in *Anthropologie sociale et Ethnologie de la France*.

1994d, "Sémiologie générale et sémiotique de l'espace", in *Figures architecturales formes urbaines*, Paris, Anthropos.

1994e, "Formes contenues, formes exprimées", in *Figures architecturales formes urbaines*, Paris, Anthropos.

1994f, "Styles de vie et modes d'habiter", in *Espaces et sociétés - espaces et styles de vie*, n° 73, Paris, Harmattan.

1990, *O espaço, a identidade e as representações dos factos*, entrevista de Tereza Coelho, *Jornal o Público*, 18.Set.90.

1989, "Socité rurale?", in *Recherches sociologiques*, vol.XX, n° 3, Louvain-la-Neuve.

1987b, "Epistémologie de l'espace et sociologie des lieux. Espace social, représentation des lieux et transformations contemporaines de l'espace", in *Espaces et Sociétés*, n° 48-49, Paris, Privat.

1985, "L'Espace comme système de virtualités et ses transformations: Espace sociale, représentations et transformations de l'espace", in *Espaces et Sociétés*, n° 47, Paris, Anthropos.

**PROPP, V.**

1978, *Morfologia do conto*. Lisboa, Vega.

**RAPOPPORT, A.**

1972, *Pour une Anthropologie de la maison*, Paris, Dunod , (1<sup>a</sup> ed. 1969).

**RAFFESTIN, C.**

1980, *Pour une géographie du pouvoir*, Paris, LITEC.

**RAYMOND, H.**

1984, *L'Architecture, les aventures spatiales de la raison*, Paris, Centre Georges Pompidou/CCI.

**REED-DANAHAY, D.**

1991, La production de l'identité régionale : l' dans le Puy-de-Dôme rural in *Anthropologues américains, regards sur la France*, Ethnologie française, 1991/1.

**REMY, J. e VOYÉ, L.**

1981, *Ville, ordre et violence*, Paris, PUF.

**REMY, J.**

1994a, "Vie sociale, réseau et métropole", in *Les faces cachées de l'urbain*, Berne, P. Lang.

1994b, "La mode, les positions moyennes et les spatialisations du social", in *Espaces et sociétés - espaces et styles de vie*, n° 73, Paris, Harmattan.

1994c, "La ville : réseau alvéolaire et mobilité spatiale", in *Figures architecturales formes urbaines*, Paris, Anthropos.

1993a, "Le poids social des positions moyennes - analyse à partir d'une problématique de morphologie sociale", in *Recherches sociologiques*, vol. XXIV - n° 3.

1993b, "Conflit et urbanité - la morphologie de l'habitat comme ressource sociale", in *Revue des sciences sociales de la France de l'Est*.

1993c, "Le rural et l'urbain entre la coupure et la différence : la métamorphose des relations villes/campagne", in *Espaces et sociétés*, n° 72, Paris, Harmattan.

1991, "Morphologie sociale et représentations collectives - le statut de l'espace dans la problématique durkheimienne", in *Recherches sociologiques*, vol. XXII - n° 3.

1990, "La ville cosmopolite et la coexistence inter-ethnique", in *Immigrations et nouveaux pluralismes?*, Albert Bastenier/Felice Dassetto.

- 1988.** *O espaço e a Sociologia*, entrevista de Filomena Silvano, in *Jornal de Letras*, 15.08.88.
- 1984.** "Centration, centralité et haut lieu : dialectique entre une pensée représentative et une pensée opératoire", in *Territorialités*, n° 3-4, Bruxelles, Ed.de l'Université de Bruxelles.
- 1966.** *La ville phénomène économique*, Bruxelles, Vie ouvrière.
- RICOEUR, P.**
- 1984.** *La configuration dans le récit de fiction*, Paris, Seuil.
- RIESMAN, D.**
- 1964.** *La foule solitaire*. Paris, Arthaud.
- ROBIN, C. et al.**
- 1987.** *Espaces des autres, lectures anthropologiques de l'architectures*, Paris, Editions de Laviilette.
- RODRIGUES, W.**
- 1990.** "«Gentrification» e emergência de novos modos de vida na cidade", in *Viver (n) a cidade*, Lisboa, LNEC-ISCTE.
- RONCAYOLO, M. e THIERRY, P. et al.**
- 1992.** *Villes & civilisation urbaine XVIII-XX siècle*, Paris, Larousse.
- RONCAYOLO, M**
- 1990.** *La ville et ses territoires*, Paris, Gallimard.
- ROSSI, A.**
- 1977.** *A arquitectura da cidade*, Lisboa, Cosmos.
- ROWLAND, R.**
- 1987.** *Antropologia, história e diferença*, Porto, Afrontamento.
- SAMI-ALI**
- 1974.** *L'Espace imaginaire*, Paris, Gallimard.
- SANSOT, P.**
- 1994.** "Villes moyennes, villes médiocres? Le charme des petites villes", in *Figures architecturales formes urbaines*, Paris, Anthropos.
- 1988.** *Poétique de la ville*. Paris, Meridiens klincksieck.
- SATTI, E.**
- 1993.** *Essere e Abitare*, Firenze, Print & Service.
- 1991.** *Sociologia dello spazio - testi e documenti*, Firenze, Università degli studi di Firenze.

**SCARPETTA, G.**

1988. *Elogio do cosmopolitismo*, Lisboa, João Azevedo editor.

**SEGAUD, M.**

1973, "Anthropologie de l'espace catalogue ou projet?" in *Espaces et Sociétés*, nº 9-juillet, Paris, Anthropos.

**SEGALEN, V.**

1978, *Essai sur l'exotisme*, Paris, Fata Morgana.

**SHILS, E.**

1992, *Centro e periferia*, Lisboa. Difel, (1ª ed. 1974).

**SIMMEL, G.**

1988, *La tragédie de la culture et autres essais*, Paris, Rivages.

1989, *Philosophie de la modernité*, Paris, Payot.

1990, *Philosophie de la modernité/II*, Paris, Payot.

**SENNETT, R.**

1979, *Les tyrannies de l'intimité*, Paris, Seuil, (1ª ed. 1974).

1992, *La ville à vue d'oeil*, Paris, Plon, (1ª ed. 1990).

**THOM, R.**

1981, *Modèles mathématiques de la morphogénèse*, Paris, C. Bourgois.

**TOURAINÉ, A.**

1992, *Critique de la modernité*, Paris, Fayard.

1991, "Face à l'exclusion", in *Citoyenneté et urbanité*, Paris, Esprit.

1978, *La voix et le regard*, Paris, Seuil.

**TURNER, V.**

1974, *O processo ritual*, Petrópolis, Editora Vozes, (1ª ed. 1969).

**TYAR, A-F.**

1987, "La communication à distance ou la fantasie du réel", in *Espaces et sociétés - espaces médiatiques*, nº 50, Paris, Privat.

**VERDIER, Y.**

1979, *Façons de dire, façons de faire*, Paris, Gallimard.

**VERPRA, G. e VILLANOVA, R.**

1984, "Territoires et migrations". in *Espaces et Sociétés*, nº 45 juillet-décembre 1984, Paris, Anthropos.

**VIRILIO, P.**

1984, *L'Espace critique*, Paris, Christian Bourgois.

1980, *Esthétique de la disparition*, Paris, Balland.

**WEBER, M.**

1994, *La ville*, Paris, Aubier, (1<sup>a</sup> ed. 1947).

**WÓDZ JACEK et al.**

1990, *Haute-Silésie - l'espace déchiré*, Katowice, Université de Silésie.

1987, *Problèmes de la sociologie qualitative*, Katowice, Université de Silésie.

**WIRTH, L.**

1980, *Le Ghetto*, Grenoble, Presse universitaire de Grenoble.

**YOUNG, M. e WILLMOTT, P.**

1983, *Le village dans la ville*, Paris, Centre Georges Pompidou/CCI.

**ZAFIROPOULOS, S.**

1994, "Echelle humaine; niveaux révélateurs des identités individuelles et collectives", in *Figures architecturales formes urbaines*, Paris, Anthropos.

**ZEMPLÉNI, A.**

1987, "Secret et sujétion", in *Traverses/le secret*, Paris, Centre Georges Pompidou/CCI.

**ZONABEND, F.**

1980, *La mémoire longue*, Paris, PUF.

**ZYLBERBERG, J. et al.**

1986, *Masses et postmodernité*, Paris, Meridiens Klincksieck.

